

ISSN 1677-5953

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2006 - 2007



Governo do Estado de Santa Catarina  
Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural  
Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A.



---

*Síntese Anual da Agricultura  
de Santa Catarina*

*2006/2007*

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A.

Centro de Estudos de Safras e Mercados - Epagri/Cepa

---

---

## Estado de Santa Catarina

### Governador do Estado

Luiz Henrique da Silveira

### Secretário de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural

Antonio Ceron

### Diretor Geral da Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural

Gelson Sorgato

### Presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A. - Epagri

Murilo Xavier Flores

### Chefe do Centro de Estudos de Safras e Mercados - Epagri/Cepa

Airton Spies

#### Coordenação

Econ. Luiz Marcelino Vieira

#### Elaboração

Eng. Agr. Admir Tadeo de Souza

Téc. Pesca Alfredo Nagib Filomeno

Eng. Agr. Cesar A. Freyesleben Silva

Oceanóg. Fernando Soares Silveira

Econ. Francisco Assis de Brito

Oceanóg. Francisco Manuel de Oliveira Neto

Eng. Agr. Guido Boeing

Eng. Agr. Horst Kalvelage

Econ. Luiz Marcelino Vieira

Eng. Agr. Luiz Toresan

Econ. Márcia Janice Freitas da Cunha Varaschin

Biól. Mauro Roczanski

Assist. Social Salete Maria Cardoso Pereira

Oceanóg. Sérgio Winckler da Costa

Eng. Agr. Simão Brugnago Neto

Eng. Agr. Tabajara Marcondes

#### Apoio

#### Editoração

Sidaura Lessa Graciosa

Zélia Alves Silvestrini

#### Revisão Técnica

Geraldo Buôgo

#### Capa

Marisa Terezinha Martins

#### Colaboração

Ilmar Bochartt - Epagri/Cepa

Francisco Heiden - Epagri/Cepa

Gilmar Germano Jacobowski - Epagri/Ger. Reg. Joinville

Pedro Nicolau Serpa - Epagri/EE de Itajaí

Telmelita Senna - Epagri/Cepa

Terezinha Catarina Heck - Epagri/EE de Itajaí

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina. v.1 1976 -  
Florianópolis: Epagri/Cepa, 1976-  
Anual

Título anterior: Síntese Informativa sobre a Agricultura  
Catarinense, 1976-1981.

Publicada em 2 volumes de 1984 a 1991.

Publicação interrompida em 1992.

Editada pela Epagri (2005 - )

1. Agropecuária Brasil SC Periódico. I. Instituto de Planejamento e  
Economia Agrícola de Santa Catarina, Florianópolis, SC. II Empresa de  
Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A./Centro de  
Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa, Florianópolis, SC.

ISSN 1677-5953

---

A Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina é publicada desde 1976. Apesar dos avanços nos sistemas de comunicação e da necessidade de cada vez mais se disponibilizarem informações em tempo real, este documento se tornou uma referência para consultas sobre o setor e continua sendo demandado por muitos interessados.

Assim, neste ano de 2007, temos a satisfação de apresentar a 28ª edição deste importante documento, que contempla uma significativa quantidade de informações e está dividida em três partes.

A parte I contempla informações de caráter mais conjuntural e está subdividida em cinco segmentos: 1) desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio; 2) desempenho da produção vegetal, contemplando quinze produtos; 3) desempenho da produção animal, com informações sobre cinco produtos; 4) desempenho da pesca e aquicultura; 5) desempenho do setor florestal. A parte II apresenta informações sobre os municípios, população, domicílios, distribuição dos trabalhadores, exportações, valor da produção, entre outros aspectos. A parte III é composta de anexos que explicitam algumas diferentes divisões territoriais de Santa Catarina e alguns conceitos, listas e índice remissivo, que, além de servirem como informações, ajudam na consulta às demais partes do documento.

A safra agrícola catarinense de 2006/2007 em termos gerais foi boa, com aumentos nas produtividades e expansão na produção, pois o clima foi bastante favorável, sem estiagens prolongadas e geograficamente abrangentes como as que afetaram as safras anteriores. A produção de leite foi um dos destaques neste último ano agrícola, com um aumento significativo de produção. Apesar das dificuldades de rentabilidade decorrentes de baixos preços recebidos pelos produtores, como o caso da suinocultura, a comercialização da safra foi normal.

A exemplo do que vem ocorrendo nos últimos anos, a capa da Síntese 2006/2007 está sendo utilizada para dar destaque a algum aspecto de relevância para o agronegócio catarinense. Nesta edição foram escolhidas imagens relacionadas à cadeia produtiva do leite, que vem ocupando uma importância cada vez maior para o desenvolvimento socioeconômico catarinense.

Esta é mais uma edição que está sendo divulgada também no formato CD-ROM e disponibilizada para livre consulta no site <http://cepa.epagri.sc.gov.br/Publicacoes/>, o que permitiu reduzir substancialmente os seus custos e ampliar o número de usuários de suas informações.

Aproveitamos para agradecer a todas as pessoas e instituições que tornaram possível a presente edição e esperamos que continue sendo uma fonte de informações para contribuir com a promoção do desenvolvimento de Santa Catarina.

Murilo Xavier Flores

---

---

## Parte I

### Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

Conjuntura econômica nacional e internacional .....	9
---	---

### Desempenho da produção vegetal

Alho .....	35
Arroz .....	40
Banana .....	50
Batata .....	62
Cebola .....	66
Feijão .....	71
Fumo .....	78
Maçã .....	84
Mandioca .....	92
Milho .....	100
Soja .....	109
Tomate .....	116
Trigo .....	126
Uva e vinho .....	133
Flores e plantas ornamentais .....	139
Calendário agrícola .....	149

### Desempenho da produção animal

Carne bovina .....	150
Carne de frango .....	153
Carne suína .....	156
Leite .....	161
Mel .....	170

### Desempenho da pesca e aquicultura .....

181

### Desempenho do setor florestal .....

190

# Sumário

---

## Parte II

Divisão política do território e informações climáticas .....	219
Caracterização socioeconômica .....	225
Estrutura de produção e comercialização .....	235
Informações econômicas da agropecuária .....	238
Preços agrícolas .....	243

## Parte III

Anexo I - Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, com indicação das Mesorregiões, Microrregiões Geográficas e Municípios .....	250
Anexo II - Divisão territorial do estado de Santa Catarina, segundo as Secretaria de Desenvolvimento Rural .....	254
Anexo III - Associações de municípios do estado de Santa Catarina .....	258
Anexo IV - Divisão territorial do estado de Santa Catarina, com indicação das regiões hidrográficas e municípios .....	262
Anexo V - Conceitos .....	269
Lista de fontes .....	271
Lista de figuras e tabelas .....	272
Lista de tabelas .....	274
Índice remissivo .....	281

### Convenções

= números entre parênteses em tabela, tão somente, não em texto, significam números negativos.

... o dado é desconhecido, podendo o fenômeno existir ou não existir.

– o fenômeno não existe.

0; 0,0; 0,00: o dado existe, mas seu valor é inferior à metade da unidade adotada na tabela.

Nota: As diferenças porventura apresentadas entre soma de parcelas e totais são provenientes de arredondamento de dados.

### Siglas utilizadas

**Abef** - Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frango

**Abimci** - Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada

**Abimóvel** – Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário

**Abipa** - Associação Brasileira da Indústria de Painéis de Madeira

**Abipecs** – Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína

**Abraf** - Associação Brasileira de Produtos de Florestas Plantadas

**Afubra** – Associação dos Fumicultores do Brasil

**Anda** – Associação Nacional para Difusão de Adubos e Corretivos Agrícolas

**Anfavea** – Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores

**Apinco** - Associação Brasileira de Produtores de Pinto de Corte

**Bracelpa** – Associação Brasileira de Celulose e Papel

**Ceagesp** - Companhia de Entrepósito e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo

**Conab** – Companhia Nacional de Abastecimento

**Embrapa** - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

**Epagri/Cepa** - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A./Centro de Estudos de Safras e Mercados

**Epagri/Cedap** - Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina S.A./Centro de Desenvolvimento em Aqüicultura e Pesca

**Epagri/Cepea** – Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina S.A./Centro de Referência em Pesquisa e Extensão Apícola

**Epagri/Ciram** – Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina S.A./Centro de Informações de Recursos Ambientais e de Hidrometeorologia

**FAASC** – Federação das Associações de Apicultores de Santa Catarina

**FAO** – Food and Agriculture Organization of the United Nations

**Fecam** - Federação Catarinense de Municípios

**FGV** - Fundação Getúlio Vargas

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## Convenções e siglas

---

**Ibraflor** – Instituto Brasileiro de Flores e Plantas Ornamentais

**Ipea** - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

**MAPA** – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

**MDIC/Secex** - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior/Secretaria de Comércio Exterior

**Ocesc** – Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina

**Sebrae** - Serviço brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

**Sindicarne** – Sindicato da Indústria de Carnes e Derivados

**SIPS** - Sindicato das Indústria de Produtos Suínos

**UBA** - União Brasileira de Avicultura

**Usda** – United States Department of Agriculture

## **Conjuntura econômica nacional e internacional**

O ano de 2006 continuou a excepcional trajetória de crescimento da economia mundial, iniciada em 2003. Neste período, o produto mundial cresceu em média 4,9% ao ano (a.a.). Este crescimento só foi equiparado ao ocorrido entre 1950-1973, que foi exatamente o mesmo, salientando que neste período o crescimento anual da renda *per capita* girava em torno de 2,9%. Nos anos atuais, a renda *per capita* cresceu ao redor de 3,9% a.a., ou seja, nos encontramos numa situação muito mais favorável, do ponto de vista econômico.

Os Estados Unidos, maior economia mundial, cresceram 3,3% em 2006, ligeiramente acima dos 3,2% registrados no ano anterior (2005). Para 2007, espera-se uma melhoria no cenário econômico daquele país, sobretudo na indústria da construção civil. Outro fator que contribuirá para uma recuperação do crescimento americano é a desvalorização do dólar em relação às principais moedas, o que vem acontecendo desde 2006 e que servirá para estimular as exportações daquele país, bem como para reduzir suas importações. Segundo estudos recentes da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), o PIB americano deve crescer 2,4% em 2007 e 2,7% em 2008.

Na área do Euro, em 2006, o PIB cresceu 2,7%. Os países que obtiveram maiores taxas de crescimento nesse ano foram a Alemanha (3,7%), Espanha (4%) e Eslováquia (9,5%). O Reino Unido cresceu um pouco abaixo da média da região: 3%. No primeiro trimestre de 2007, o PIB cresceu um pouco menos do que no período anterior: a taxa caiu de 0,9% para 0,6% respectivamente. Essa desaceleração resulta principalmente de uma queda na atividade econômica em duas importantes economias: Itália e Alemanha. Contudo as pesquisas atuais demonstram que as projeções em relação à economia alemã são positivas. Além disso, países do Leste Europeu, como a República Checa, Hungria e Polônia, tiveram crescimentos bem superiores aos demais países nos últimos dois anos. A OCDE projeta um crescimento de 2,2% no PIB da União Européia em 2007 e de 2,3% em 2008.

O crescimento do PIB no Japão, em 2006, foi de 2,2% acima da marca de 1,9% do ano anterior, continuando o crescimento sucessivo iniciado em 2000. Entretanto, no primeiro trimestre de 2007 (em relação ao período anterior), desacelerou significativamente, crescendo apenas 0,6%, ou seja, bem menos do que 1,2% do quarto trimestre de 2006. O principal fator que levou a este fraco desempenho foi a redução dos investimentos priva-

<sup>1</sup> Para este artigo foram consultadas as seguintes fontes:

BNDES. Visão do Desenvolvimento. Exportações brasileiras crescem com mudança de mercados. Jorge Antônio B. Pasin. nº 23, 25 jan 2007.

BNDES. Visão de Desenvolvimento. Câmbio afeta exportadores de forma diferenciada. Fernando Pimentel Puga. nº 9, 18 ago 2006.

IPEA. Boletim de Conjuntura. no. 76. Março 2007.

IPEA. Boletim de Conjuntura. no. 77. Junho 2007.

## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

dos. Ainda que o resultado do primeiro trimestre de 2007 tenha sido fraco, mesmo assim é superior à média dos últimos quatro trimestres.

Em 2006, a China cresceu a uma taxa assombrosa de 11,1% acima dos 10,4% em 2005 e dos 10,1% em 2004. Na verdade, foi o maior dos últimos doze anos. Isto significa que a China está em vias de ocupar o terceiro lugar no ranking das maiores economias do mundo, ocupando o lugar atual da Alemanha. Segundo dados do Birô Nacional de Estatística da China, o volume do PIB daquele país alcançou os US\$ 2,79 trilhões em 2006. Só para comparar, o PIB da Alemanha foi de US\$ 3 trilhões, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e do Japão.

Um dos fatores que contribuíram para tal crescimento foi o aumento das exportações em 2006. Desde 2002, as exportações têm crescido entre 20% e 30% ao ano. O saldo da balança comercial chinesa saiu de uma faixa de US\$ 15-20 bilhões por ano até 2004 para US\$ 177 bilhões em 2006. Se continuarem a existir as condições que estão permitindo o vigoroso crescimento da economia chinesa, ela deve manter o atual ritmo de expansão nos próximos anos. No primeiro trimestre de 2007 (em comparação com o mesmo período do ano anterior), o PIB chinês cresceu 11,1%, como resultado ainda do excelente desempenho do setor industrial, que cresceu 13,2% no primeiro trimestre de 2007.

Outros fatores que contribuíram para o crescimento do PIB em 2007 foram o desempenho extremamente favorável da balança comercial (até abril 2007 o saldo era US\$ 63 bilhões, contra os US\$ 34 bilhões no mesmo período de 2006), devido principalmente à diversificação de seus mercados (aumentando a participação da União Européia e de países em desenvolvimento), e a manutenção dos investimentos, que cresceram 21% no primeiro trimestre deste ano. Por tudo isso, o Banco Mundial e a entidade monetária chinesa projetam para 2007 um crescimento de 10,8% no PIB chinês.

A Argentina continua mantendo o forte crescimento econômico iniciado há cinco anos, sendo o país latino americano continental cuja economia mais cresceu nesse período. Os resultados desse período já superaram largamente a recessão pela qual o país passou entre 1999 e 2002. Em 2006, o crescimento no PIB foi de 8,5% inferior aos 9,3% de 2005. Este resultado foi influenciado principalmente pelo crescimento de 19% nos investimentos, mas, em contrapartida, o consumo pessoal cresceu 7%. O saldo de sua balança comercial, em 2006, alcançou US\$ 12,4 bilhões.

Suas exportações foram 15% maiores do que as do ano anterior, atingindo US\$ 46,5 bilhões em 2006 e US\$ 15,3 bilhões nos primeiros quatro meses de 2007 (um crescimento de 10% em relação ao mesmo período do ano anterior). Este aumento nas exportações se

## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

deve quase que totalmente ao aumento de preços dos produtos primários e das manufaturas do setor agropecuário. Os veículos de transporte de pessoas e mercadorias foram os produtos mais exportados em 2006 para o Brasil.

As importações também aumentaram 19% em relação a 2005, chegando a US\$ 34,1 bilhões, resultado principalmente do crescimento das importações de bens de capital, peças e acessórios de bens de capital e bens de consumo, com destaque para os automóveis de passageiros.

Embora a economia mundial esteja numa situação até agora extremamente favorável, em 2006 o Brasil obteve novamente, como nos últimos quatro anos, um crescimento bem abaixo da média mundial: 3,7% contra 4,9% no mundo. Nos últimos vinte anos, o crescimento médio do PIB brasileiro foi pouco mais de 2% ao ano, enquanto o PIB *per capita* cresceu apenas 0,5%, o que denota uma estagnação virtual. Além disso, esse crescimento foi oscilante, com momentos de expansão e outros de estagnação e recessão. Contudo, nos últimos anos, esta volatilidade diminuiu.

Ainda assim, o crescimento de 2006 foi superior aos 2,9% de 2005 e, para 2007, é projetado um crescimento de 4,5% e de 4,4% para 2008. Esta elevação na taxa de crescimento, segundo a CNI, será graças à expansão dos serviços e ao aumento da arrecadação de impostos. Cabe ressaltar que estes números já consideram as alterações que o IBGE fez no cálculo das contas nacionais anuais de 1995 a 2005, e que foram divulgadas em março de 2007.

No Brasil, a participação das exportações no PIB, em 2006, foi de 12,88%. Nos países desenvolvidos, este percentual chega a 30/35%.

O próprio governo, através do IPEA, reconhece que o desempenho atual da economia brasileira contrasta não apenas com o cenário externo atual favorável, mas também com o que se espera de um país que conseguiu, além de uma estabilidade política (no contexto da América Latina), um ajuste expressivo, nos últimos anos, na conta corrente de seu balanço de pagamentos e implementou políticas macroeconômicas que têm garantido estabilidade nos preços (taxas de inflação baixas) e déficits fiscais coerentes com o declínio da dívida pública medida em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), além de uma significativa redução no risco-país, que caiu abaixo daquele dos demais países emergentes.

Nosso déficit público em relação ao PIB está em vias de desaparecer. Em meados dos anos 90, ele girava em torno dos 7%. A partir deste ano, até 2010, estipula-se que vai ficar em torno de 1% a 2%, podendo chegar ao tão almejado déficit zero, bastando para isso que os juros continuem caindo. E mais, a dívida externa líquida brasileira é um “animal em

## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

extinção”. Ela já representou 40% de nosso PIB, mas atualmente é a menor dos últimos 50 anos, devendo desaparecer ainda neste Governo.

Está ocorrendo também uma melhora nas condições para expansão da demanda doméstica que, impulsionada por uma melhoria na qualidade dos empregos, bem como por um aumento no número de trabalhadores formais - o que acaba gerando uma maior sensação de estabilidade para os mesmos – passa a ser o motor do crescimento.

Por tudo isso, acredita-se que o Brasil tem possibilidade de implementar as condições necessárias para que a economia cresça, na próxima década, em torno de 4,5% e 5% ao ano. Para tal, entretanto, é necessário aprovar diversas reformas (previdenciária, tributária, trabalhista) que venham a diminuir o peso das despesas correntes na composição do PIB, uma vez que estabilidade econômica, robustez externa e equilíbrio fiscal garantem uma inflação controlada, mas não devem retirar o foco do problema maior, que é o do crescimento da economia.

Um crescimento como o alcançado por outros países só é viável quando a taxa de investimento estiver entre 24% e 25% do PIB (na China o investimento é 40% do PIB). Nosso atual nível de investimento é insuficiente para garantir o crescimento sustentado. Para tanto, nos próximos anos deve-se conter os gastos correntes, o que viabilizará um aumento dos investimentos públicos e, ao mesmo tempo, buscar a melhoria do ambiente regulatório (licenças ambientais, superposição de órgãos etc.), possibilitando assim uma maior expansão do investimento privado.

Também é crucial aumentar a taxa de poupança doméstica, tanto privada como pública, a qual hoje é inexistente. O aumento da poupança pública requer uma redução nas despesas de custeio, que deve ser alcançada através da reforma do Estado e da racionalização e maior produtividade das despesas públicas, incluindo aqui os gastos assistenciais e com a previdência. Segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI), o tamanho do gasto público, bem como da carga tributária é que nos colocam em desvantagem em relação às outras economias emergentes.

Ainda que o Brasil apresente “sinais” de um crescimento sustentável e menos oscilante (como ocorrido no início dos anos 90), não se pode perder a melhor oportunidade que já houve em relação aos últimos quarenta anos, para se alcançar uma taxa de crescimento sustentável mais elevada no contexto de uma economia internacional em situação excepcional. O mundo nunca esteve tão bem do ponto de vista econômico. Até agora nosso país tem se limitado a “surfear nas boas ondas” da economia internacional. Precisamos - e podemos - fazer mais e melhor.

## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

De qualquer modo, acredita-se que o presente estado de confiança em relação à situação econômica atual e futura, tanto do lado dos consumidores como dos empresários, coloca o mercado doméstico - em oposição ao mercado externo - como a base do crescimento para 2007 e 2008, assim como já o foi em 2006.

Os indicadores econômicos, desde o início do ano, mostram que o País está em expansão, particularmente no primeiro trimestre deste ano, quando o PIB cresceu 4,3%, se comparado com o mesmo período de 2006. E mais, o PIB vem se expandindo há três trimestres consecutivos, representando uma variação acumulada de 4,6% desde o terceiro trimestre de 2006.

O setor agropecuário foi o setor produtivo que obteve a menor taxa de crescimento no primeiro semestre de 2007: 2,1%. Tal resultado, contudo, não reflete o bom desempenho das lavouras, nem da pecuária, cujas demandas da agroindústria das carnes estão aumentando, nem das exportações. Por tudo isso, somado às projeções favoráveis dos preços dos produtos agrícolas, acredita-se que 2007 marcará o fim da crise que afetou o setor nos últimos dois anos. Assim, estima-se que este setor cresça 4,5% em 2007 e 5% em 2008, como resultado dos ganhos de produtividade, já que a área plantada deverá ser a mesma.

A queda da renda dos produtores agropecuários nos últimos dois anos, sobretudo os ligados ao setor da pecuária, desestimulou sobremaneira sua produção. Para se ter uma idéia, neste período, o Índice de Preços por Atacado de produtos agrícolas caiu 6%, sendo que seus custos de produção subiram.

### Comportamento das *commodities*

Com relação aos preços das *commodities*, verifica-se que flutuaram bastante nas primeiras semanas de 2007. Se por um lado os preços dos produtos agrícolas estiveram em alta, por outro, o dos metais variou. Na tabela 1 pode-se verificar a evolução nos preços de exportação de algumas *commodities* no período 1995-2006. O preço base é o de 1995; a partir daí tem-se o índice de evolução nos preços.

Como existe uma perspectiva de que a economia mundial continuará crescendo, com o comércio em ritmo acelerado, gerando uma forte demanda por *commodities*, estima-se que pelo menos até o final deste ano os preços destas *commodities* continuarão em alta.

Segundo o IPEA, as declarações do Presidente dos Estados Unidos propondo a redução de 20% no consumo de gasolina até 2017, através do uso de etanol e de outros biocombustíveis, deve levar a uma alta nos preços de produtos como o milho – para produção de etanol – e a soja e seus derivados. Isto porque se espera uma substituição da

## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

área plantada para a produção do milho. Os preços deste cereal já subiram cerca de 80% desde o final de 2005.

*Tabela 1/I. Evolução dos preços de exportação de commodities primárias - 1995-006*

(Índices 1995=100)

Discriminação	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	
												1º quadrim.	2º quadrim.
Alimentos e bebidas	100	105	100	89	77	77	77	80	84	95	96	101	105
Alimentos	100	108	99	88	78	79	81	82	86	98	98	103	108
Cereais	100	119	93	79	69	67	70	80	81	87	85	93	99
Trigo	100	117	90	71	63	64	72	84	83	89	86	98	107
Milho	100	133	95	82	73	71	73	81	85	91	80	85	89
Arroz	100	105	94	95	78	64	54	60	62	77	90	91	94
Cevada	100	115	93	82	73	74	90	105	101	95	91	98	101
Óleos vegetais e farinhas de proteína	100	110	110	97	77	74	71	83	98	114	102	99	99
Carne	100	116	109	93	93	101	109	103	106	129	129	119	121
Bovina	100	94	97	91	96	101	112	110	104	132	137	131	130
Ovina	100	128	133	102	102	100	115	129	141	146	142	128	130
Suína	100	147	116	73	71	94	98	75	85	113	108	92	104
Aves	100	112	110	114	108	107	115	114	119	137	133	125	123
Frutos do mar	100	90	88	86	85	88	77	66	66	69	78	80	105
Peixe	100	86	78	78	75	76	61	62	63	70	85	88	123
Camarão	100	97	109	105	108	113	113	77	73	66	63	62	64
Açúcar	100	92	87	73	58	66	67	57	62	68	81	120	118
Banana	100	106	117	111	84	95	131	119	84	118	130	178	175
Laranja	100	93	86	83	82	68	112	106	129	161	159	152	142
Bebidas	100	85	112	97	76	65	54	63	67	69	83	89	85
Café	100	76	106	82	64	50	35	35	39	46	66	71	66
Cacau	100	102	113	117	79	63	76	124	122	108	108	109	111
Chá	100	108	144	145	142	151	121	109	118	121	132	155	146
Matéria-prima agrícola	100	96	92	76	77	81	77	78	81	86	87	91	94
Madeira	100	102	95	80	89	88	80	80	84	94	98	99	98
Algodão	100	82	81	67	54	60	49	47	65	63	56	61	57
Lã	100	85	94	70	70	79	75	96	108	100	96	95	97
Borracha	100	89	64	46	40	44	38	48	69	83	95	128	155

Nota: Os índices são médias do período baseadas nos preços em dólar.

Fonte: Organização Mundial do Comércio (WTO).

Nesta linha de raciocínio, a FAO (Food and Agriculture Organization das Nações Unidas) prevê que a produção mundial de cereais baterá recorde em 2007, mas será pressionada por uma forte demanda proveniente da indústria de biocombustíveis e, assim sendo, com as reservas de grãos em seu menor nível das duas últimas décadas, as provisões mal conseguirão cobrir a crescente demanda, o que acabará acarretando em aumento nos preços.

# Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

## Evolução do comércio mundial, nacional e estadual e de produtos do agronegócio

### Comércio mundial e nacional

As exportações mundiais cresceram com mais rapidez que o PIB, nos últimos cinquenta anos, sendo que na última década este crescimento foi ainda mais significativo. Segundo um estudo do BNDES, entre 1996 e 2006 as exportações mundiais cresceram 8,1% ao ano, enquanto a economia mundial foi elevada a 4,7% ao ano. Em função disso, nesse período o coeficiente de exportação (medido pela relação entre as exportações e o PIB) global evoluiu de 22,1% para 30,3%.

Quando se considera o Brasil particularmente, verifica-se que o comportamento do coeficiente de exportação foi diferente, haja vista que ele não cresceu ao longo do tempo. Contudo, nos últimos dez anos, esta situação foi alterada com as exportações crescendo em média 11% ao ano (23% ao ano entre 2002 e 2006) acima da média internacional, e o PIB crescendo a taxa de 1,8% ao ano. Assim, o coeficiente de exportações do Brasil subiu para 16,8% (era 6,2% em 1996). Desse modo, a participação do País nas exportações mundiais passou de 0,88% em 1996 para 1,16% em 2006, a maior participação em quatro décadas.

O mais importante é que este crescimento das exportações não se deve à desvalorização cambial, mas sim ao aumento no volume exportado, quer seja via diversificação de mercados (novos mercados) ou incremento de venda nos mercados já existentes. Em 1990 quase dois terços das exportações brasileiras tinham como destino os Estados Unidos, a União Européia e o Japão (64,2%). Em 2006 a participação desses países caiu para 42%.

O início da década de 90, em função da abertura comercial do Brasil aliada à consolidação do Mercosul, marcou o início do processo de diversificação de mercados para os produtos brasileiros. Entre os principais novos mercados brasileiros estão os países latino-americanos - cuja participação no total exportado passou de 10,4% em 1990 para 22,8% em 2006 – e a China, cujas importações passaram de 1,2% em 1990 para 6,1% em 2006. E, por fim, outros países da África e do Oriente Médio também passaram a ser compradores mais significativos de nossos produtos.

Em um ambiente de crescimento acelerado do comércio internacional, nos últimos anos o Brasil está ganhando “market share” nas pautas de importação de seus parceiros comerciais relevantes (União Européia, México, Estados Unidos, Japão, Venezuela, China, Argentina, Chile e África do Sul), com exceção da Rússia, muito provavelmente em decorrência da suspensão das importações de carne suína por aquele país.

## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

Através da tabela 2, retirada de um estudo do BNDES, verifica-se que esses ganhos de participação em mercados externos se devem, sobretudo, ao aumento nas quantidades exportadas (*quantum*), e não a elevação nos preços. Entre 1996 e 2005 o aumento de *quantum* é responsável por praticamente todo o crescimento que houve nas exportações brasileiras. Em quase todos os mercados compradores de nossos produtos, o nível de preços praticados em 2005 é apenas um pouco superior ao de 1996. Apenas nos Estados Unidos houve um aumento maior nos preços.

Tabela 2/I. Índices de *quantum* e de preços das exportações brasileiras segundo os principais mercados de destino - 1996-2006

(1996=100)

Índices	Ano	Total	União Européia <sup>(1)</sup>	Estados Unidos	Mercosul	China	México	Japão
Preços	1996	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	2002	77,9	71,0	87,7	74,7	72,5	85,7	74,6
	2005	101,3	93,0	108,9	94,1	102,0	94,9	104,8
	2006	110,8	98,5	118,1	103,1	109,7	101,2	115,3
Quantum	1996	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	2002	162,3	165,8	190,6	60,7	312,3	402,4	92,3
	2005	244,7	222,4	224,9	178,3	634,6	630,4	108,9
	2006	250,1	219,6	223,4	177,9	696,4	639,4	108,1

<sup>(1)</sup> 15 países.

Nota: Os dados para 2006 são de outubro de 2005 a setembro de 2006, os demais são médias anuais.

Fonte: BNDES. Visão do Desenvolvimento. Exportações brasileiras crescem com mudança de mercados. Jorge Antônio B. Pasin. nº 23, 25 jan 2007.

Em contrapartida, os ganhos de *quantum* foram bastante significativos. Nesse período de dez anos, foram em média 185%. Tal aumento se deve principalmente aos novos mercados que o Brasil conquistou, China e México, que aumentaram em mais de cinco vezes suas importações.

Segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI), nos últimos meses, entretanto, a expansão das exportações segue devido ao efeito preço, mas já existe queda no *quantum* de exportação de manufaturados. As exportações das indústrias se mantêm para preservar os mercados já conquistados por meio de muito esforço, na expectativa de reversão da tendência de câmbio e devido a ganhos de produtividade.

Na tabela 3 têm-se as exportações mundiais de mercadorias no período 1996-2005, segundo alguns países e regiões (dados da Organização Mundial do Comércio - OMC). Como se pode observar, embora o Brasil tenha tido um crescimento de 148% em suas exportações nesse período, sua participação no total mundial ainda é insignificante: 1,13% em 2005. Para uma economia que, dependendo das variáveis consideradas, situa-se entre a 8ª. e a 10ª.

# Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

Tabela 3/1. Exportações mundiais de mercadorias segundo regiões e países selecionados - 1996-005

(US\$ milhões)

País	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
<b>Mundo<sup>(1)</sup></b>	<b>5.401.000</b>	<b>5.589.000</b>	<b>5.499.000</b>	<b>5.709.000</b>	<b>6.452.000</b>	<b>6.186.000</b>	<b>6.486.000</b>	<b>7.578.000</b>	<b>9.203.000</b>	<b>10.431.000</b>
<b>América do Norte</b>	<b>922.775</b>	<b>1.014.095</b>	<b>1.013.975</b>	<b>1.070.690</b>	<b>1.224.975</b>	<b>1.147.545</b>	<b>1.106.240</b>	<b>1.162.965</b>	<b>1.323.360</b>	<b>1.477.530</b>
Canadá	201.633	214.422	214.327	238.446	276.635	259.858	252.394	272.739	316.547	359.399
México	96.000	110.431	117.460	136.391	166.367	158.547	160.682	165.396	187.999	213.711
Estados Unidos	625.073	689.182	682.138	695.797	781.918	729.100	693.103	724.771	818.775	904.383
<b>América Central e do Sul</b>	<b>160.700</b>	<b>175.900</b>	<b>164.400</b>	<b>164.300</b>	<b>195.800</b>	<b>188.600</b>	<b>190.700</b>	<b>219.000</b>	<b>283.800</b>	<b>354.900</b>
Argentina	23.811	26.370	26.441	23.333	26.341	26.543	25.650	29.566	34.550	40.044
Bolívia	1.137	1.167	1.104	1.051	1.230	1.285	1.299	1.598	2.146	2.671
Brasil	47.747	52.994	51.140	48.011	55.086	58.223	60.362	73.084	96.475	118.308
Chile	16.627	17.902	16.323	17.162	19.210	18.272	18.180	21.664	32.215	40.574
Colômbia	10.587	11.522	10.852	11.576	13.040	12.290	11.911	13.080	16.224	21.146
Paraguai	1.044	1.089	1.014	741	869	990	951	1.242	1.626	1.688
Peru	5.897	6.841	5.757	6.113	7.028	7.013	7.714	9.091	12.617	17.206
Uruguai	2.397	2.726	2.771	2.237	2.295	2.060	1.861	2.198	2.950	3.405
Venezuela	23.060	23.871	17.707	20.963	33.529	26.667	26.781	27.170	38.748	55.487
<b>Europa<sup>(2)</sup></b>	<b>2.421.095</b>	<b>2.413.005</b>	<b>2.513.200</b>	<b>2.521.695</b>	<b>2.633.930</b>	<b>2.654.555</b>	<b>2.839.440</b>	<b>3.386.495</b>	<b>4.050.855</b>	<b>4.371.915</b>
Alemanha	524.649	512.891	543.752	543.529	551.818	571.645	615.831	751.560	909.887	969.858
Áustria	58.222	59.784	64.085	66.060	67.711	70.751	78.673	97.146	118.376	123.987
Bélgica-Luxemburgo	177.337	174.531	181.910	179.148	188.374	190.349	216.127	255.617	306.866	334.298
Dinamarca	51.415	49.273	49.013	50.295	51.293	51.705	57.495	66.512	77.079	85.137
Espanha	107.243	100.756	111.973	104.431	115.252	116.660	125.687	156.147	182.623	187.182
Finlândia	41.124	41.471	43.752	42.243	46.103	43.237	45.145	53.171	61.520	66.016
França	305.509	302.144	320.631	325.520	327.616	323.379	331.719	392.039	452.106	460.157
Irlanda	48.339	53.348	64.330	71.238	77.414	82.835	88.265	92.755	104.788	109.853
Noruega	49.645	48.541	40.402	45.479	60.058	59.191	59.662	68.321	82.527	103.780
Países Baixos	208.999	207.832	213.977	218.575	233.133	230.855	244.058	296.012	357.417	402.407
Reino Unido	258.527	280.406	273.949	272.161	285.429	272.715	280.195	305.627	347.493	382.761
Suécia	84.916	82.757	84.767	84.888	87.134	75.645	81.499	102.104	123.267	130.104
Suíça	79.747	76.150	78.856	80.300	80.500	82.144	91.699	104.822	122.844	130.898
<b>Comun.Estados Independentes (CEI)</b>	<b>123.660</b>	<b>124.860</b>	<b>106.800</b>	<b>106.460</b>	<b>145.725</b>	<b>144.315</b>	<b>153.200</b>	<b>194.595</b>	<b>265.485</b>	<b>340.205</b>
Rússia	88.600	88.330	74.884	75.665	105.565	101.884	107.301	135.929	183.207	243.569
<b>África</b>	<b>125.400</b>	<b>127.500</b>	<b>106.000</b>	<b>116.700</b>	<b>147.800</b>	<b>137.400</b>	<b>141.100</b>	<b>176.700</b>	<b>230.000</b>	<b>297.700</b>
<b>África do Sul<sup>(3)</sup></b>	<b>29.221</b>	<b>31.027</b>	<b>26.362</b>	<b>26.707</b>	<b>29.983</b>	<b>29.258</b>	<b>29.723</b>	<b>36.482</b>	<b>46.029</b>	<b>51.876</b>
Argélia	13.220	13.894	10.209	12.525	22.031	19.133	18.799	23.163	31.304	46.001
Líbia	9.903	9.656	6.659	7.947	13.380	10.892	9.717	14.525	20.600	30.110
Nigéria	16.153	15.207	9.855	13.856	20.975	17.261	15.107	22.605	31.148	42.277
<b>Oriente Médio</b>	<b>182.700</b>	<b>187.300</b>	<b>144.500</b>	<b>182.300</b>	<b>268.000</b>	<b>239.800</b>	<b>248.200</b>	<b>302.500</b>	<b>399.100</b>	<b>538.000</b>
Irã	22.391	18.381	13.118	17.128	28.739	25.689	24.440	33.750	41.697	56.252
Israel	20.610	22.503	22.993	25.794	31.404	29.048	29.347	31.784	38.618	42.659
Kuwait	14.889	14.224	9.554	12.164	19.436	16.203	15.369	20.678	28.599	45.011
Arábia Saudita	60.729	60.732	38.822	50.761	77.583	68.064	72.453	93.245	125.997	181.440
Emirados Árabes Unidos	37.334	40.423	33.837	36.474	49.835	48.414	52.163	67.135	90.638	115.453
<b>Ásia<sup>(1)</sup></b>	<b>1.464.900</b>	<b>1.546.500</b>	<b>1.450.000</b>	<b>1.547.200</b>	<b>1.836.200</b>	<b>1.673.500</b>	<b>1.806.800</b>	<b>2.136.100</b>	<b>2.650.500</b>	<b>3.050.900</b>
Austrália	60.301	62.910	55.893	56.080	63.870	63.387	65.033	70.342	86.564	105.825
China	151.048	182.792	158.712	194.931	249.203	266.098	325.596	438.228	593.326	761.954
Hong Kong, China	180.914	188.195	174.864	174.403	202.683	191.066	201.928	228.708	265.543	292.119
Índia	33.105	35.008	33.437	35.667	42.379	43.361	49.250	57.085	75.562	95.096
Indonésia	49.814	56.298	50.370	51.243	65.403	57.361	59.166	64.108	70.768	86.226
Japão	410.901	420.957	387.927	417.610	479.249	403.496	416.726	471.817	565.675	594.905
República da Coreia	129.715	136.164	132.313	143.686	172.267	150.439	162.471	193.817	253.845	284.419
Malásia	78.327	78.740	73.305	84.455	98.229	88.005	94.058	104.705	126.511	140.949
Nova Zelândia	14.360	14.221	12.070	12.455	13.272	13.730	14.383	16.527	20.344	21.729
Filipinas	20.408	24.882	29.414	36.576	39.783	32.664	35.208	36.231	39.681	41.255
Cingapura	125.014	124.985	109.895	114.680	137.804	121.751	125.177	159.902	198.637	229.649
Taiwan	117.331	123.159	112.467	123.626	151.357	125.900	135.080	150.600	182.424	197.776
Tailândia	55.721	57.374	54.456	58.440	69.057	64.968	68.108	80.324	96.248	110.110

<sup>(1)</sup> Inclui re-exportações significativas.

<sup>(2)</sup> Antes de 2004, os dados de países individuais da União Europeia (25) não foram acrescentados ao agregado colocado devido a uso de diferentes metodologias no Eurostat para Chipros, Estônia e Lituânia.

<sup>(3)</sup> A partir de 1998, os dados referem-se à África do Sul somente e não mais a União de Consumidores da África do Sul.

Nota: Deve-se observar que os totais Mundiais e da Ásia contém um elemento significativo de dupla contagem devido ao uso sistema de registro de estatísticas de comércio de mercadorias que inclui as re-exportação. Dados recentes para alguns países foram estimados pelo Secretariado.

Fonte: Organização Mundial do Comércio (WTO).

## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

do mundo, este é um valor irrisório. Temos muito para crescer. Países como Espanha, Áustria, Suécia, Suíça, Malásia, Taiwan e Arábia Saudita são mais exportadores do que nós.

Com relação às importações mundiais, entre 1996 e 2005 o Brasil incrementou sua participação em 36,6%, conforme pode ser visto na tabela 4. Nossas importações têm crescido menos do que as importações mundiais. Em 2005 o País participou com 0,72% do total importado pelo mundo. Estamos no nível de importação de países como a República Checa e Dinamarca. Importamos mais do que os demais países da América do Sul, Finlândia, Grécia, Irlanda e de Portugal do que os países da África e os do Oriente Médio (com exceção dos Emirados Árabes). Na Ásia, só importamos mais do que as Filipinas e a Indonésia.

A tabela 5 traz o resultado da balança comercial (exportações menos importações) de alguns países selecionados. Pode-se verificar que em termos de comércio internacional os Estados Unidos (-US\$ 68,17 bilhões em 2006) são os maiores deficitários no mundo. Com déficit muito menor estão a Espanha (-US\$ 9,25 bilhões) e o Reino Unido (-US\$ 9,15 bilhões). Os maiores superavitários são a Alemanha (US\$ 16,94 bilhões em 2006), a China (US\$ 14,79 bilhões) e a Rússia (US\$ 11,60 bilhões).

O Brasil encontra-se num período de elevação de seu superávit comercial, saindo de US\$ 2,81 bilhões em 2004 para US\$ 3,84 em 2006. Desde 2003 as exportações brasileiras estão crescendo de forma sustentável, e isto acontece apesar (e provavelmente em função) da contínua valorização cambial, até porque o câmbio não afeta os exportadores igualmente.

### A questão cambial

A valorização cambial é um problema para alguns setores, sobretudo aqueles que não conseguem obter bons preços no mercado internacional para seus produtos, como, por exemplo, os exportadores de manufaturados tradicionais (têxtil, calçados, madeira, móveis). Outros, entretanto, são beneficiados largamente com o câmbio atual. Este benefício se dá diretamente, por um lado, pela possibilidade de entrar em novos mercados, visto que os preços estão mais competitivos e, por outro, na possibilidade de adquirir insumos importados a preços menores.

Além disso, existem os benefícios indiretos que um câmbio valorizado viabiliza: inflação baixa, redução do risco-país, aumento do investimento estrangeiro, queda nos juros e, como conseqüência, aumento no consumo interno, que para alguns analistas econômicos está girando em torno de 12% ao ano. Acredita-se que a taxa de câmbio de R\$2,00 por dólar veio para ficar por um bom tempo. Alguns economistas já mencionam até mesmo a possibilidade de rompimento do suporte de R\$1,90 por dólar.

# Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

Tabela 4/I. Importações mundiais de mercadorias segundo regiões e países selecionados - 1996-005

(US\$ milhões)

	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
<b>Mundo<sup>(1)</sup></b>	<b>5.545.000</b>	<b>5.738.000</b>	<b>5.681.000</b>	<b>5.920.000</b>	<b>6.724.000</b>	<b>6.481.000</b>	<b>6.740.000</b>	<b>7.857.000</b>	<b>9.556.000</b>	<b>10.783.000</b>
<b>América do Norte</b>	<b>1.091.500</b>	<b>1.215.425</b>	<b>1.282.060</b>	<b>1.426.495</b>	<b>1.687.580</b>	<b>1.583.440</b>	<b>1.605.140</b>	<b>1.727.465</b>	<b>2.011.405</b>	<b>2.284.735</b>
Canadá	175.158	200.873	206.066	220.183	244.786	227.291	227.499	245.021	278.785	319.686
México <sup>(2)</sup>	93.674	114.846	130.948	146.084	182.702	176.185	176.607	178.503	206.060	231.670
Estados Unidos	822.025	899.020	944.353	1.059.440	1.259.300	1.179.180	1.200.230	1.303.050	1.525.516	1.732.348
<b>América do Sul e Central</b>	<b>183.300</b>	<b>212.400</b>	<b>215.600</b>	<b>186.500</b>	<b>206.300</b>	<b>204.200</b>	<b>179.500</b>	<b>189.700</b>	<b>242.700</b>	<b>297.600</b>
Argentina	23.762	30.450	31.404	25.508	25.154	20.320	8.990	13.834	22.445	28.692
Venezuela	9.880	14.606	15.817	14.064	16.213	18.323	12.963	9.256	16.828	24.249
Brasil	56.792	63.291	61.135	51.909	59.053	58.640	49.716	50.845	66.433	77.585
Chile	19.199	20.822	19.880	15.988	18.507	17.429	17.091	19.381	24.871	32.542
<b>Europa</b>	<b>2.415.465</b>	<b>2.418.600</b>	<b>2.559.180</b>	<b>2.596.400</b>	<b>2.774.755</b>	<b>2.732.435</b>	<b>2.876.095</b>	<b>3.461.555</b>	<b>4.160.880</b>	<b>4.542.675</b>
Alemanha	459.098	445.731	471.474	474.038	497.204	486.119	490.283	604.612	715.742	773.804
Áustria	68.505	65.739	69.504	71.319	72.395	74.633	78.299	99.532	119.905	126.179
Bélgica-Luxemburgo	167.914	161.930	168.995	164.807	177.514	178.664	198.311	234.945	285.621	318.658
República Checa <sup>(2)</sup>	27.800	27.105	28.340	28.463	31.974	36.297	40.656	51.728	69.967	76.707
Dinamarca	45.291	44.902	46.873	45.753	45.558	45.322	50.320	57.429	68.157	76.018
Espanha	121.221	115.670	136.662	135.343	156.145	154.650	165.105	208.602	258.331	278.825
Finlândia	31.422	31.611	32.960	32.114	34.443	32.639	34.218	42.513	51.443	58.999
França	294.560	285.027	307.771	315.743	338.944	328.608	329.262	398.840	470.945	497.853
Grécia	28.238	26.919	30.293	30.528	33.480	28.419	31.570	44.852	52.760	53.965
Hungria	18.145	21.235	25.705	28.015	32.172	33.617	37.755	47.808	60.538	66.045
Irlanda	34.320	37.748	43.191	46.768	51.042	50.556	52.399	53.886	61.814	68.007
Itália	208.263	210.132	218.465	220.633	238.760	236.220	247.015	297.519	355.301	379.772
Noruega	35.615	35.708	37.478	34.173	34.392	32.955	34.873	40.055	48.534	55.495
Países Baixos	190.923	190.731	195.639	206.158	218.270	208.638	219.265	264.704	319.669	359.055
Polónia	37.135	42.310	47.055	45.883	49.029	50.184	55.299	68.272	89.696	100.951
Portugal	35.202	35.055	38.435	39.973	39.953	39.490	40.156	47.200	54.948	61.126
Reino Unido	287.332	307.518	321.231	324.893	343.781	333.003	346.317	391.964	470.633	510.237
Suécia	66.930	65.596	68.403	68.579	72.881	63.200	66.955	83.540	100.433	111.228
Suíça	78.224	75.960	80.094	79.857	82.521	84.102	87.189	100.239	115.799	126.524
Turquia	43.627	48.559	45.921	40.671	54.503	41.399	51.554	69.340	97.540	116.553
<b>Comun. Estados Independentes (CEI)</b>	<b>108.720</b>	<b>114.405</b>	<b>95.260</b>	<b>70.570</b>	<b>81.555</b>	<b>94.440</b>	<b>103.960</b>	<b>132.280</b>	<b>172.980</b>	<b>215.960</b>
Rússia <sup>(3)</sup>	68.830	73.615	58.015	39.537	44.659	53.764	60.966	76.070	97.382	125.303
Ucrânia	17.603	17.128	14.676	11.846	13.956	15.775	16.977	23.020	28.996	36.141
<b>África</b>	<b>125.600</b>	<b>132.400</b>	<b>132.900</b>	<b>128.200</b>	<b>129.400</b>	<b>134.300</b>	<b>136.000</b>	<b>163.100</b>	<b>210.200</b>	<b>249.300</b>
Argélia	9.090	8.688	9.400	9.162	9.171	9.940	11.969	12.380	18.169	20.357
Marrocos	9.704	9.525	10.290	9.925	11.534	11.038	11.864	14.250	17.822	20.332
África do Sul <sup>(2)</sup>	30.182	32.998	29.242	26.696	29.695	28.248	29.267	39.748	55.210	62.304
<b>Oriente Médio</b>	<b>146.700</b>	<b>150.200</b>	<b>149.000</b>	<b>147.500</b>	<b>167.400</b>	<b>175.100</b>	<b>184.300</b>	<b>210.200</b>	<b>275.700</b>	<b>322.100</b>
Irã	16.274	14.196	14.323	13.324	13.898	16.709	20.617	24.798	31.976	35.859
Israel	31.620	30.781	29.342	33.166	37.686	35.449	35.517	36.303	42.864	47.142
Arábia Saudita	27.744	28.732	30.013	28.011	30.238	31.223	32.293	36.915	44.744	59.409
Emir. Árabes Unidos	30.563	34.107	32.588	31.721	35.009	37.293	42.652	52.074	72.082	80.744
<b>Ásia</b>	<b>1.473.800</b>	<b>1.494.600</b>	<b>1.247.400</b>	<b>1.364.000</b>	<b>1.677.100</b>	<b>1.557.200</b>	<b>1.654.800</b>	<b>1.972.300</b>	<b>2.481.800</b>	<b>2.871.000</b>
Austrália <sup>(2)</sup>	65.427	65.892	64.630	69.158	71.529	63.888	72.690	89.084	109.384	125.280
China	138.833	142.370	140.237	165.699	225.094	243.553	295.170	412.760	561.229	660.003
Hong Kong	201.284	213.297	186.759	180.711	214.042	202.008	207.969	233.249	272.893	300.160
Índia	37.942	41.432	42.980	46.979	51.523	50.392	56.517	71.238	97.331	134.831
Indonésia	42.929	51.304	35.280	33.321	43.595	37.534	38.340	42.246	54.877	69.498
Japão	349.152	338.754	280.484	309.995	379.511	349.089	337.194	382.930	454.542	514.922
República da Coreia	150.339	144.616	93.282	119.752	160.481	141.098	152.126	178.827	224.463	261.238
Malásia	78.418	79.030	58.319	64.966	81.963	73.866	79.869	83.300	105.283	114.602
Filipinas	34.126	38.622	31.496	32.568	37.027	34.921	39.236	40.470	44.039	47.418
Cingapura	131.338	132.437	101.732	111.060	134.545	116.000	116.441	136.218	173.585	200.047
Taiwan	103.079	114.446	105.442	111.449	140.642	107.944	113.331	128.130	169.322	182.569
Tailândia	72.332	62.854	42.971	50.342	61.924	61.962	64.645	75.824	94.410	118.191

<sup>(1)</sup> Inclui importações significativas para re-exportação.

<sup>(2)</sup> Importações estão em FOB.

<sup>(3)</sup> A partir de 1998 as importações estão em FOB.

Nota: Deve-se observar que os totais Mundiais e da Ásia contém um elemento significativo de dupla contagem devido ao uso do sistema de registro de estatísticas de comércio de mercadorias que inclui as re-exportações. Dados recentes para alguns países foram estimados pelo Secretariado.

Fonte: Organização Mundial do Comércio (WTO).

## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

Tabela 5/1. Saldo da balança comercial de países selecionados 2004-06

(US\$ bilhões - FOB)

País	2004	2005	2006
Canadá	3,62	3,81	3,17
Estados Unidos	-54,24	-63,96	-68,17
México	-0,73	-0,63	-0,51
Austrália	-1,44	-1,06	-0,78
Japão	9,21	6,63	5,79
Coréia	2,45	1,93	1,34
Nova Zelândia	-0,23	-0,38	-0,33
Áustria	-0,13	-0,18	0,01
Bélgica	1,77	1,31	1,29
Dinamarca	0,81	0,79	0,58
Espanha	-6,30	-8,00	-9,25
Finlândia	0,84	0,58	0,68
França	-1,57	-3,39	-3,73
Alemanha	16,16	16,14	16,94
Itália	-0,13	-0,97	-2,23
Noruega	2,83	4,03	4,78
Países Baixos	3,14	3,54	3,83
Reino Unido	-9,49	-9,19	-9,15
Suécia	1,88	1,54	1,70
Suíça	0,62	0,39	0,63
Brasil	2,81	3,73	3,84
China	2,66	8,49	14,79
Índia	-1,82	-3,39	-4,42
Indonésia	1,93	2,30	3,32
Rússia	7,15	9,86	11,60
África do Sul	-0,12	-0,24	-0,79

Fonte: Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Segundo a Federação das Indústrias de Santa Catarina, (FIESC), os setores mais prejudicados pela valorização da moeda americana no Estado foram: madeireiro, mobiliário, cerâmico, metal-mecânico, agropecuário e têxtil. No caso do setor madeireiro, cerca de 25 empresas já pararam as atividades no Planalto Serrano Catarinense. Isto porque as exportações respondiam por até 70% do faturamento do setor na região, que já caiu R\$ 20 milhões desde setembro de 2004.

O impacto da taxa de câmbio nas empresas, do ponto de vista comercial, depende da composição de suas exportações e importações. Segundo o BNDES, as empresas que se beneficiam de uma valorização cambial são aquelas onde o ganho com o barateamento das importações supera o valor da perda com suas exportações, ou seja, são empresas cuja queda no valor de suas exportações é mais do que compensada pela redução dos custos de importação de insumos por ela utilizados. Exemplos destas empresas são as que atuam no setor químico, as fabricantes de materiais eletrônicos e de comunicação e as de máquinas para escritório e informática.

## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

No lado oposto encontram-se as empresas onde o valor de suas importações é inferior ao valor de suas exportações. Estas perdem quando o real se aprecia internacionalmente, porque se beneficiam muito pouco com a economia de gastos para importação de insumos. Neste caso, destacam-se os setores de papel e celulose, alimentos e bebidas, couro e calçados e madeira.

Este raciocínio ajuda a explicar o comportamento das exportações brasileiras nos últimos anos, em que se verifica que setores como o de material eletrônico, de comunicações e de máquinas para escritório e informática obtiveram ganhos superiores (em termos de valor exportado) em relação às indústrias de couro, calçados e madeira. Estas últimas foram as que mais sentiram, negativamente, os efeitos da valorização de nossa moeda no mercado internacional.

### Exportações e importações brasileiras

As exportações brasileiras, em 2006, alcançaram US\$ 137,5 bilhões, e as importações, US\$ 91,4 bilhões. Comparando 2006 com 2005, verifica-se que houve um aumento de 16,2% no total exportado e de 24,2% nas importações. Tal resultado mostra uma reversão no que vinha acontecendo nos últimos anos, quando as exportações cresciam mais do que as importações.

O crescimento das exportações no ano passado (2006) deveu-se mais à elevação nos preços e menos ao aumento nas quantidades exportadas. Nos três anos anteriores foi o contrário: o aumento do volume das exportações foi o principal responsável pelo aumento das exportações.

Já o aumento das importações não pode ser visto como um problema, pois grande parte dos produtos importados está sendo utilizada na modernização do parque industrial e da economia do País.

A CNI projeta para 2007 uma elevação de 5% nas exportações de bens e serviços frente ao crescimento de 21% nas importações. Alegam que a forte valorização do real (a maior dos últimos sete anos em relação ao dólar) reduziu não só os preços dos produtos importados, mas também a competitividade dos produtos brasileiros no exterior. Para eles o setor que mais elevará suas exportações será o agropecuário, com 4,5% de crescimento, incentivado pelo aumento das exportações de carnes e grãos. Só para comparar, a previsão de crescimento das exportações da indústria de transformação é de 3,7%.

## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

Ao que tudo indica, tais previsões têm tudo para se concretizar, isto porque somente no primeiro semestre de 2007 as exportações brasileiras já alcançaram US\$ 73 bilhões, 20% acima do registrado no mesmo período de 2006.

A balança comercial brasileira chegou a US\$ 46 milhões em 2006, um aumento de 3% em relação ao saldo do ano anterior (tabela 6). O principal setor que contribuiu para este resultado foi o agronegócio, responsável por 84,8% do saldo comercial brasileiro, ou seja, US\$ 39 milhões. Somente as exportações de produtos vegetais e seus derivados tiveram um saldo de US\$ 23 milhões, ou seja, metade do saldo comercial do País.

Tabela 6/I. Saldo da balança comercial do agronegócio catarinense - 1996-006 e Brasil - 2003-06

(US\$ FOB 1.000)

Grupo de produtos	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Prod. animal e derivados	499.663	556.351	436.937	486.821	537.093	893.049	876.249	934.126
Prod. vegetal e derivados	136.361	97.827	163.506	162.616	70.393	29.877	17.060	115.613
Ind. da madeira, papel e papelão	453.790	494.134	438.252	554.817	597.352	637.635	771.933	845.708
<b>Total geral do agronegócio</b>	<b>1.089.814</b>	<b>1.148.312</b>	<b>1.038.694</b>	<b>1.204.254</b>	<b>1.204.838</b>	<b>1.560.560</b>	<b>1.665.242</b>	<b>1.895.447</b>
<b>Total Santa Catarina</b>	<b>1.388.303</b>	<b>1.397.912</b>	<b>1.334.612</b>	<b>1.683.899</b>	<b>1.754.570</b>	<b>2.168.159</b>	<b>2.225.635</b>	<b>2.702.151</b>
% Agro/total	78,50	82,14	77,83	71,52	68,67	71,98	74,82	70,15
Evolução anual agronegócio (%)	...	5,37	-9,55	15,94	0,05	29,52	6,71	13,82
Evolução anual total (%)	...	0,69	-4,53	26,17	4,20	23,57	2,65	21,41

(Continua)

(Continuação)

Grupo de produtos	2004	2005	2006	BR 2003	BR 2004	BR 2005	BR 2006
Prod. animal e derivados	1.359.408	1.832.075	1.517.230	4.502.942	6.649.675	8.599.876	8.994.004
Prod. vegetal e derivados	109.608	93.900	235.926	13.473.159	18.113.861	19.853.333	23.457.866
Ind. da madeira, papel e papelão	1.114.384	1.112.769	1.143.254	4.823.100	5.843.704	6.237.448	6.625.038
<b>Total geral do agronegócio</b>	<b>2.583.401</b>	<b>3.038.744</b>	<b>2.896.409</b>	<b>22.799.201</b>	<b>30.607.240</b>	<b>34.690.657</b>	<b>39.076.908</b>
<b>Total Santa Catarina</b>	<b>3.344.521</b>	<b>3.395.587</b>	<b>2.493.342</b>	<b>24.793.464</b>	<b>33.693.424</b>	<b>44.702.878</b>	<b>46.074.080</b>
% Agro/total	77,24	89,49	116,17	91,96	90,84	77,60	84,81
Evolução anual agronegócio (%)	36,30	17,63	-4,68	...	34,25	13,34	12,64
Evolução anual total (%)	23,77	1,53	-26,57	...	35,90	32,68	3,06

Fonte: MDIC/Secex.

Na tabela 7 encontram-se as exportações do agronegócio brasileiro do período 2003 a 2007. As exportações de produtos do agronegócio correspondem a cerca de um terço das exportações totais do País. O complexo soja é o principal item exportado do agronegócio, totalizando US\$ 9,3 milhões em 2006, praticamente igual ao ano anterior. Outros itens, em ordem de importância, foram: açúcar, cacau e produtos de confeitaria (US\$ 6,7 milhões e 49% a mais do que 2005), papel e papelão (US\$ 4 milhões, um crescimento de 17% em relação a 2005), carne bovina (US\$ 4 milhões e 27% a mais do que 2005), carne de frango (3,2 milhões, uma queda de 0,08% em relação a 2005), madeira e obras de madeira (US\$ 3,1 milhões e 4% a mais que 2005), fumo (US\$ 1,7 milhões, um crescimento de 2% em

## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

relação a 2005), bebidas fermentadas e destiladas (US\$ 1,6 milhões, um crescimento espantoso de 101% em relação a 2005), sucos de frutas (US\$ 1,5 milhões e 32% a mais que 2005) e carne suína (US\$ 1 milhão, 11% a menos que 2005).

Tabela 7/1. Exportações - Santa Catarina - 2000-06 e Brasil - 2003-06

(US\$ FOB 1.000)

Produto exportado	Santa Catarina						
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
<b>Produção animal e derivados</b>	<b>575.612</b>	<b>923.882</b>	<b>906.245</b>	<b>967.024</b>	<b>1.388.391</b>	<b>1.862.084</b>	<b>1.570.003</b>
Carne suína	99.940	237.407	256.338	196.705	339.306	504.677	311.317
Carnes de frangos	366.359	557.671	536.513	609.433	844.610	1.062.992	966.430
Outras carnes de aves	69.777	67.998	48.041	63.701	67.525	74.970	60.507
Carne bovina	711	2.258	1.281	2.490	6.538	16.562	7.225
Outras carnes	12.486	24.752	33.121	57.315	88.497	158.151	182.999
Pescados e crustáceos	20.699	23.563	20.647	22.180	28.071	32.242	27.598
Mel natural	262	2.042	4.634	9.511	8.518	2.926	3.110
Outros produtos origem animal	5.378	8.191	5.671	5.690	5.327	9.564	10.816
<b>Produção vegetal e derivados</b>	<b>214.183</b>	<b>193.518</b>	<b>204.553</b>	<b>351.029</b>	<b>326.541</b>	<b>384.361</b>	<b>659.346</b>
Soja - óleo	23.006	28.947	39.676	120.799	49.803	34.837	39.393
Soja - em grão, para semeadura e outros	542	5.382	640	9.877	25.098	32.498	47.110
Soja - farelos e farinhas	31.837	11.680	1.476	49.990	13.701	6.201	10.394
Milho	624	7.288	959	12.115	6.203	1.302	6.383
Arroz	574	498	215	274	314	282	356
Banana	4.284	6.621	17.155	11.992	10.478	12.111	9.051
Maçã	18.865	9.942	16.291	20.392	40.144	29.207	20.526
Outras frutas frescas ou secas	657	535	739	1.071	1.876	2.040	1.465
Frutas em conserva e doces	4.098	3.236	2.462	2.094	2.520	2.045	1.980
Sucos de frutas	15.390	5.119	7.808	10.789	15.007	19.656	17.788
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	8.567	7.433	13.798	7.382	7.055	5.921	7.384
Produtos hortícolas	455	382	176	625	1.551	1.137	365
Fecula de mandioca	394	1.335	1.736	1.836	1.636	698	623
Erva mate	2.638	2.913	1.935	1.304	1.048	1.100	3.487
Plantas ornamentais	619	655	545	483	825	1.172	1.034
Gomas e resinas	682	1.195	1.610	1.050	1.121	1.079	1.353
Fumo	88.697	90.579	88.211	88.232	133.424	213.366	465.898
Bebidas fermentadas e destiladas	6.156	3.111	782	650	710	731	1.116
Outros prod. vegetais e da agroindústria	6.098	6.667	8.341	10.076	14.028	18.978	23.641
<b>Indústria da madeira, papel e papelão</b>	<b>617.481</b>	<b>648.955</b>	<b>782.229</b>	<b>859.036</b>	<b>1.142.562</b>	<b>1.157.663</b>	<b>1.192.464</b>
Madeira e obras de madeiras	298.908	321.959	386.719	401.069	569.538	566.358	646.717
Móveis de madeira	214.352	216.170	274.172	319.968	408.867	414.919	344.967
Papel e papelão	104.221	110.827	121.338	137.999	164.157	176.386	200.779
<b>Total geral do agronegócio</b>	<b>1.407.276</b>	<b>1.766.355</b>	<b>1.893.027</b>	<b>2.177.089</b>	<b>2.857.494</b>	<b>3.404.108</b>	<b>3.421.812</b>
<b>Total geral</b>	<b>2.711.703</b>	<b>3.028.399</b>	<b>3.157.065</b>	<b>3.695.786</b>	<b>4.853.506</b>	<b>5.584.125</b>	<b>5.965.687</b>

(Continua)

## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

(Continuação)

Produto exportado	Brasil			
	2003	2004	2005	2006
<b>Produção animal e derivados</b>	<b>4.951.796</b>	<b>7.146.826</b>	<b>9.205.221</b>	<b>9.772.471</b>
Carne suína	552.596	777.664	1.168.494	1.038.507
Carnes de frangos	1.798.953	2.594.883	3.508.548	3.203.414
Outras carnes de aves	154.559	218.221	261.009	268.554
Carne bovina	1.642.615	2.614.630	3.146.309	4.017.292
Outras carnes	140.019	190.610	324.495	418.322
Pescados e crustáceos	418.719	425.864	403.899	366.798
Mel natural	45.545	42.374	18.940	23.359
Outros produtos origem animal	198.791	282.580	373.527	436.225
<b>Produção vegetal e derivados</b>	<b>16.526.263</b>	<b>20.794.075</b>	<b>22.609.296</b>	<b>26.951.551</b>
Soja - óleo	1.232.550	1.382.094	1.266.638	1.228.638
Soja - em grão, para semeadura e outros	4.290.443	5.394.907	5.345.047	5.663.424
Soja - farelos e farinhas	2.602.521	3.270.961	2.865.657	2.419.813
Milho	379.517	601.362	126.996	493.055
Arroz	4.838	7.611	56.705	59.782
Banana	30.013	26.983	33.027	38.460
Maçã	37.848	72.563	45.772	31.958
Outras frutas frescas ou secas	436.453	492.538	598.037	624.002
Frutas em conserva e doces	24.980	32.848	41.804	53.061
Sucos de frutas	1.249.506	1.141.359	1.184.887	1.569.530
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	2.612.444	3.141.683	4.489.166	6.709.620
Produtos hortícolas	13.715	14.153	15.587	17.407
Fecula de mandioca	4.744	4.359	4.773	4.799
Erva mate	15.947	18.104	25.674	32.276
Plantas ornamentais	51.050	71.780	72.008	90.031
Gomas e resinas	38.632	38.694	46.015	46.322
Fumo	1.090.259	1.425.763	1.706.520	1.751.726
Bebidas fermentadas e destiladas	204.815	548.911	833.809	1.679.405
Outros prod. vegetais e da agroindústria	2.205.989	3.107.402	3.851.174	4.438.241
<b>Indústria da madeira, papel e papelão</b>	<b>5.445.953</b>	<b>6.681.337</b>	<b>7.185.667</b>	<b>7.864.545</b>
Madeira e obras de madeiras	2.081.317	3.043.934	3.031.543	3.159.304
Móveis de madeira	533.478	728.272	749.311	700.205
Papel e papelão	2.831.158	2.909.131	3.404.813	4.005.036
<b>Total geral do agronegócio</b>	<b>26.924.012</b>	<b>34.622.238</b>	<b>39.000.184</b>	<b>44.588.567</b>
<b>Total geral</b>	<b>73.084.140</b>	<b>96.475.220</b>	<b>118.308.387</b>	<b>137.469.700</b>

Fonte: MDIC/Secex.

Felizmente, ao que tudo indica, as exportações brasileiras de frango, importante item da pauta exportadora, estão se recuperando. No primeiro semestre de 2007 elas atingiram volume (1,5 milhão de toneladas), receita (US\$ 2 bilhões) e preços recordes (US\$ 1,51/kg do corte de frango contra US\$ 1,36 em Janeiro/2006). O preço do frango industrializado passou de US\$ 2,31 para US\$ 2,56. Em receita cresceram 46%, totalizando US\$ 2 bilhões. Santa Catarina é um dos principais responsáveis pelo recorde, pois um terço do que é exportado pelo País vem deste Estado. O recorde de preço é resultado do aquecimento da demanda no mercado internacional, além do aumento dos preços do milho, um dos principais insumos de produção, repassado para o preço final do produto. E o melhor ainda está por vir, pois em geral as vendas do segundo semestre superam as do primeiro.

## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

Os embarques para a União Européia (aumento de 54% em relação ao mesmo período de 2006) e o Oriente Médio foram determinantes para este resultado, bem como compensaram a queda nas vendas à Rússia, quarto maior comprador de carne de frango do Brasil.

Outros produtos importantes em nossa pauta exportadora do agronegócio também tiveram crescimento em suas vendas no primeiro semestre de 2007: carne bovina (32%), complexo soja (27%) e sucos de frutas (83%). Apenas alguns produtos – não expressivos em termos de receita – tiveram queda em suas exportações: pescados e crustáceos (-31%) e arroz (-24%). Todos os demais tiveram aumento em suas vendas.

Com relação à carne bovina, o Brasil vendeu, em 2006, 220 mil toneladas para a União Européia, tornando-se o maior fornecedor mundial do produto.

As importações brasileiras cresceram 24% em 2006 em relação ao ano anterior, alcançando US\$ 91,3 bilhões, e no primeiro semestre de 2007 cresceram um pouco mais: 27%, totalizando US\$ 53 bilhões (tabela 8).

As importações de produtos do agronegócio cresceram 28% em 2006, chegando a US\$ 5,5 bilhões. Ainda assim estes produtos representam apenas 6% das importações brasileiras. Os produtos do agronegócio, cujas importações tiveram os maiores aumentos foram: preparações e conservas de carnes e pescados (66%), trigo (55%), pescados e crustáceos (48%), uva e pêra (45% cada). Em contrapartida, aqueles cujas importações tiveram as maiores quedas foram: soja e derivados (-65%) e animais vivos (-43%).

No primeiro semestre de 2007, as importações já atingiram US\$ 3,2 bilhões, ou seja, 33% a mais do que no mesmo período do ano anterior. Quase todos os produtos tiveram aumento em suas importações (com exceção da soja, maçã e de leveduras), mas o principal responsável por este desempenho foi o crescimento nas compras de pescados e crustáceos (27%), trigo (79%), óleos e gorduras vegetais (35%).

Na tabela 9 pode-se verificar a evolução das exportações brasileiras (totais), no período 1998-2006, segundo os Estados da Federação. São Paulo mantém-se, ao longo dos anos, como o maior exportador brasileiro, participando com cerca de um terço de tudo que o País exporta.

O segundo e o terceiro lugar se alternam entre os estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Nos últimos três anos, o segundo lugar tem sido de Minas Gerais.

Santa Catarina deteve a posição de 5º maior exportador do Brasil por vários anos. De 2002 a 2004 caiu uma posição, passando a ocupar o 6º lugar, sendo que o Rio de Janeiro passou a ocupar o lugar de 5º maior exportador do País. Em 2006 Santa Catarina caiu

## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

para a 9ª posição, sendo ultrapassado pelo Rio de Janeiro, que é atualmente o 4º exportador brasileiro, e também pelo Paraná (5º), pela Bahia (6º) e pelo Espírito Santo (7º) e Pará (8º).

Tabela 8/I. Importações - Santa Catarina - 2000-006 e Brasil - 2003-06

(US\$ FOB 1.000)

Produto importado	Santa Catarina						
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
<b>Produção animal e derivados</b>	<b>38.519</b>	<b>30.833</b>	<b>29.996</b>	<b>32.899</b>	<b>28.983</b>	<b>30.009</b>	<b>52.773</b>
Animais vivos	4.268	1.187	1.881	1.008	79	24	176
Carnes de animais	9.375	3.463	1.661	933	2.677	2.691	4.359
Pescados e crustáceos	15.596	17.151	15.417	19.385	17.350	17.054	32.336
Laticínios e ovos	2.478	1.272	1.738	1.134	1.427	1.882	2.771
Preparações e conservas de carnes e pescados	576	331	570	893	659	982	1.697
Outros produtos origem animal não comestíveis	6.226	7.430	8.729	9.545	6.791	7.376	11.434
<b>Produção vegetal e derivados</b>	<b>143.790</b>	<b>163.641</b>	<b>187.493</b>	<b>235.415</b>	<b>216.933</b>	<b>290.461</b>	<b>423.420</b>
Soja e derivados	29.146	65.620	80.657	84.966	56.855	57.533	33.359
Milho	20.097	7.054	19.342	38.698	13.861	17.893	35.611
Trigo	39.431	46.212	45.654	52.646	18.227	23.813	75.382
Arroz	854	695	390	6.412	5.385	322	1.025
Malte	2.102	2.573	1.508	12.327	44.449	54.822	66.116
Outros cereais, grãos e prod. de moagem	15.941	1.461	969	3.521	18.135	20.082	28.352
Oleos e gorduras vegetais	3.735	4.152	6.004	7.379	7.742	21.636	28.779
Fumo	2.169	4.556	5.048	1.362	1.232	1.214	1.536
Uva	362	498	333	329	484	3.292	5.850
Maçã	982	3.011	630	334	608	2.763	4.633
Pêra	2.061	1.799	1.373	665	1.311	4.211	10.144
Ameixa	1.418	1.198	838	569	645	4.716	7.873
Outras frutas frescas ou secas	1.775	1.533	892	440	1.361	5.046	8.253
Gomas e resinas	2.242	1.722	1.352	1.480	2.091	5.424	6.952
Cebola	1.168	510	646	2.391	3.908	2.435	3.078
Alho	1.142	253	262	866	1.231	3.121	2.687
Outros produtos hortícolas	459	2.694	1.935	1.768	6.723	8.353	9.060
Batatas preparadas ou conservadas	4.105	3.840	3.274	2.100	3.939	5.986	8.034
Leveduras	1.988	1.829	2.229	2.147	2.417	2.383	2.221
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	2.433	1.352	719	988	1.335	1.465	1.405
Outros prod. vegetais e da agroindústria	10.181	11.077	13.438	14.026	24.994	43.950	83.070
<b>Indústria da madeira, papel e papelão</b>	<b>20.128</b>	<b>11.321</b>	<b>10.296</b>	<b>13.328</b>	<b>28.178</b>	<b>44.894</b>	<b>49.210</b>
Madeira e obras de madeiras	3.830	3.001	5.051	5.102	7.288	9.182	10.504
Papel e papelão	16.298	8.320	5.245	8.226	20.890	35.712	38.706
<b>Total geral do agronegócio</b>	<b>202.438</b>	<b>205.795</b>	<b>227.785</b>	<b>281.642</b>	<b>274.093</b>	<b>365.364</b>	<b>525.403</b>
<b>Total Santa Catarina</b>	<b>957.133</b>	<b>860.240</b>	<b>931.430</b>	<b>993.635</b>	<b>1.508.986</b>	<b>2.188.537</b>	<b>3.472.345</b>

(Continua)

## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

(Continuação)

Produto importado	Brasil			
	2003	2004	2005	2006
Produção animal e derivados	<b>448.854</b>	<b>497.151</b>	<b>605.345</b>	<b>778.467</b>
Animais vivos	8.924	5.085	6.492	3.695
Carnes de animais	72.413	83.922	98.099	84.937
Pescados e crustáceos	189.391	241.089	287.570	427.423
Laticínios e ovos	119.713	95.991	137.588	170.875
Preparações e conservas de carnes e pescados	14.189	11.987	11.175	18.564
Outros produtos origem animal não comestíveis	44.224	59.077	64.421	72.973
<b>Produção vegetal e derivados</b>	<b>3.053.104</b>	<b>2.680.214</b>	<b>2.755.963</b>	<b>3.493.685</b>
Soja e derivados	286.506	110.005	100.842	35.213
Milho	71.720	35.273	59.187	81.286
Trigo	1.019.313	742.065	659.803	1.023.723
Arroz	299.752	235.738	129.459	174.621
Malte	157.146	190.557	194.215	218.312
Outros cereais, grãos e prod. de moagem	112.054	121.624	114.536	123.612
Oleos e gorduras vegetais	154.681	191.789	211.541	297.499
Fumo	24.758	19.825	22.227	30.130
Uva	18.636	23.021	24.817	36.137
Maçã	15.764	17.641	30.044	41.404
Pêra	29.321	38.740	54.071	78.452
Ameixa	17.778	21.157	30.451	37.718
Outras frutas frescas ou secas	36.466	51.770	80.068	94.131
Gomas e resinas	41.975	45.928	53.635	62.023
Cebola	20.888	26.563	22.750	31.186
Alho	43.229	48.166	73.483	80.399
Outros produtos hortícolas	84.619	105.593	100.363	76.372
Batatas preparadas ou conservadas	39.900	51.383	55.081	70.466
Leveduras	21.249	26.563	28.839	35.744
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	158.028	109.599	138.812	159.606
Outros prod. vegetais e da agroindústria	399.320	467.215	571.738	705.651
<b>Indústria da madeira, papel e papelão</b>	<b>622.853</b>	<b>837.633</b>	<b>948.219</b>	<b>1.239.507</b>
Madeira e obras de madeiras	61.400	79.787	83.693	114.891
Papel e papelão	561.453	757.846	864.527	1.124.617
<b>Total geral do agronegócio</b>	<b>4.124.811</b>	<b>4.014.998</b>	<b>4.309.527</b>	<b>5.511.659</b>
<b>Total Brasil</b>	<b>48.290.675</b>	<b>62.781.796</b>	<b>73.605.509</b>	<b>91.395.621</b>

Fonte: MDIC/Secex.

A figura 1 mostra a posição do Estado (9<sup>a</sup>.) no ranking nacional dos exportadores, em 2006, que é a pior desde 1991, quando ocupava a 8<sup>a</sup> posição. Um fato que contribuiu para isto foi a redução relativa no comércio de frango e suínos - itens que possuem grande peso na pauta catarinense de exportação - por conta de barreiras fito-sanitárias impostas, nos dois últimos anos, sobretudo pela Rússia.

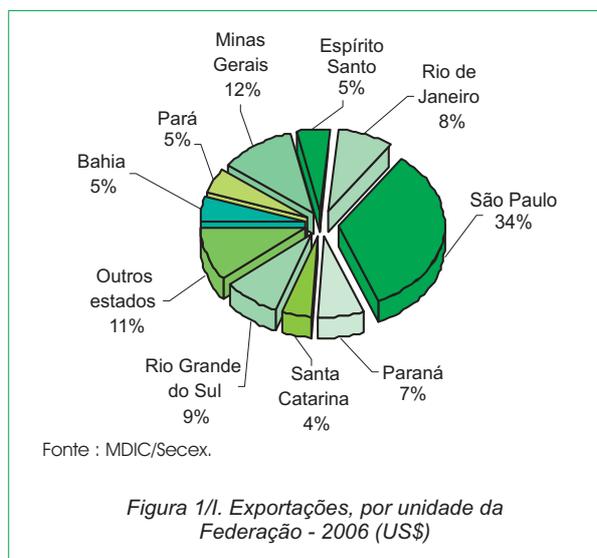
## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

Tabela 9/I. Exportações por Unidade da Federação - 1998-006

(US\$ 1.000)

Unidade da Federação	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Roraima	2.482	1.713	2.586	4.378	6.022	3.831	5.273	8.483	15.358
Pará	2.209.014	2.135.947	2.441.181	2.289.061	2.266.833	2.677.521	3.804.690	4.807.638	6.707.603
Amapá	62.352	45.028	35.999	30.466	16.367	19.563	46.874	76.511	127.980
Tocantins	13.419	8.024	8.311	3.919	16.208	45.581	116.466	158.736	203.887
Maranhão	635.918	662.962	758.245	544.329	652.375	739.798	1.231.085	1.501.034	1.712.701
Piauí	58.809	49.138	63.355	40.087	48.063	58.682	73.333	58.661	47.127
Ceará	355.246	371.206	495.098	527.051	543.902	760.927	859.369	930.451	957.045
Rio Grande do Norte	101.748	115.473	149.392	187.585	223.602	310.446	573.603	413.317	371.503
Paraíba	54.084	62.685	77.577	105.315	117.642	168.437	213.965	228.007	208.589
Pernambuco	362.257	265.878	283.947	334.964	319.826	410.707	516.810	784.888	780.340
Alagoas	291.756	224.948	224.351	304.418	298.647	360.912	457.658	583.790	692.543
Sergipe	31.210	21.958	29.761	20.771	37.604	38.813	47.702	66.424	78.939
Bahia	1.829.457	1.581.146	1.942.968	2.119.651	2.410.037	3.258.772	4.062.916	5.987.744	6.771.981
Minas Gerais	7.590.667	6.382.001	6.710.829	6.055.288	6.348.898	7.434.162	9.997.164	13.500.769	15.638.137
Espírito Santo	2.408.534	2.447.098	2.791.275	2.429.076	2.596.759	3.534.564	4.054.552	5.591.454	6.720.018
Rio de Janeiro	1.782.305	1.640.815	1.839.494	2.403.626	3.655.835	4.844.113	7.025.189	8.191.295	11.469.574
São Paulo	18.226.059	17.541.838	19.787.863	20.623.858	20.105.998	23.074.439	31.038.788	38.007.693	45.929.528
Paraná	4.227.995	3.932.564	4.392.091	5.317.509	5.700.199	7.153.235	9.396.534	10.022.669	10.001.941
Santa Catarina	2.605.306	2.567.364	2.711.703	3.028.399	3.157.065	3.695.786	4.853.506	5.584.125	5.965.687
Rio Grande do Sul	5.628.516	4.998.720	5.779.942	6.345.359	6.375.446	8.013.263	9.878.602	10.453.684	11.774.412
Mato Grosso	652.661	741.095	1.033.354	1.395.758	1.795.792	2.186.158	3.101.887	4.151.611	4.333.376
Goiás	381.669	325.885	544.767	595.070	649.081	1.102.202	1.411.773	1.816.294	2.092.028
Distrito Federal	4.890	9.012	1.610	6.681	27.156	14.840	28.973	59.683	65.750
Mato Grosso do Sul	175.388	218.323	253.145	473.679	384.159	498.108	644.479	1.149.018	1.004.204
Não declarada	807.380	754.141	809.153	1.101.452	738.049	884.699	1.294.056	1.077.832	1.047.868
Mercadoria nacionaliz.	308.255	371.697	660.684	470.631	327.277	312.641	333.321	434.663	533.877
Re-exportação	27.889	48.390	423.157	550.453	401.329	78.939	108.071	303.779	369.037
<b>Total Brasil</b>	<b>51.139.862</b>	<b>48.011.444</b>	<b>55.085.595</b>	<b>58.222.642</b>	<b>60.361.786</b>	<b>73.084.140</b>	<b>96.475.238</b>	<b>118.308.269</b>	<b>137.471.706</b>

Fonte: MDIC/Secex - Sistema Alice.



# Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

## Exportações e importações catarinenses

As exportações catarinenses no período 2003-2007 estão na tabela 7. Em 2006 elas chegaram a quase US\$ 6 bilhões. O acumulado no primeiro semestre de 2007 foi US\$ 3,4 bilhões, enquanto que no mesmo período de 2006 este valor chegou a US\$ 2,8 bilhões, ou seja, mesmo com a valorização do Real, ainda houve um aumento de 21% em nossas exportações. A indústria vem driblando a desvalorização cambial através de medidas, como reajuste de preços, redução de custos e venda de novos produtos com maior valor agregado.

As exportações de produtos do agronegócio representam mais da metade de tudo que Santa Catarina exporta (US\$ 3,4 bilhões em 2006). No ano de 2006 elas cresceram apenas 6,8%, o que é pouco quando se compara a evolução entre os anos anteriores, por exemplo, entre 2004 e 2005 o crescimento foi de 15%. No primeiro semestre de 2007 elas já alcançaram US\$ 2 bilhões, o que equivale a um incremento de cerca de 30% em relação ao mesmo período de 2006. Ao que tudo indica, este ano teremos uma melhora em nossas vendas para o mercado internacional.

Em 2006 o fraco desempenho nas exportações de carnes (suína e de frango) foi determinante para o resultado das exportações. Neste período as exportações catarinenses de carne suína caíram 38%, as de carne de frango, 9%, as de carne bovina, 56%, e de outras aves, 19%. A carne de frango é o principal item da pauta exportadora do Estado - representando cerca de um terço das exportações do agronegócio - por isso a queda na exportação deste item foi tão importante. Os móveis de madeira, que também são um item importante, tiveram uma queda nas vendas de 17%.

A queda nas exportações do agronegócio em 2006 só não foi maior porque houve aumento nas vendas de alguns itens, como o milho (390%), a erva mate (216%), o fumo (118%), as bebidas fermentadas e os destilados (53%) e do complexo soja (32%), este último tem um valor significativo nas exportações.

Em compensação, em 2007 as exportações estão em franca recuperação. Só no primeiro semestre houve um incremento de 30% (em relação ao mesmo período de 2006) nas vendas de produtos do agronegócio. Os principais responsáveis por este resultado positivo foram: carne de frango (42% de aumento), soja em grão (636%), milho (358%), sucos de frutas (71%), produtos hortícolas (793%), erva mate (273%) e gomas e resinas (250%). Em contrapartida, alguns produtos tiveram queda em suas exportações: mel (-33%), farelo e farinha de soja (-97%), frutas em conserva e doces (-39%) e fécula de mandioca (-77%), mas felizmente não são produtos expressivos na nossa pauta exportadora.

## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

Dois produtos que tradicionalmente figuram entre os mais vendidos para o mercado internacional ficaram praticamente estáveis no primeiro semestre de 2007: móveis de madeira, cujas vendas cresceram apenas 1,9%, e a carne suína, com crescimento de 0,5%.

Na tabela 10 estão as exportações dos principais produtos do agronegócio, segundo os países de destino, em 2006. No figura 2 estão os principais países de destino destes produtos como um todo. Os Estados Unidos permanecem sendo o principal destino dos produtos de Santa Catarina, com 18% das exportações. Em seguida, por ordem de importância, estão: Países Baixos e Rússia (8% cada), Japão (7%), Reino Unido (6%), Alemanha (4%), Argentina e Ucrânia (3% cada). Os demais países respondem pelo restante das exportações (43%).

Tabela 10/I. Principais exportações catarinenses, de produtos do agronegócio, segundo os países de destino - 2006

(US\$ FOB)

País de destino	Carne suína	Carne de aves	Complexo soja	Fumo	Madeira e obras de madeira	Móveis de madeira	Papel e papelão	Total
África do Sul	178.778	54.855.430	1.211.325	16.484.292	745.320	372.399	852.492	74.700.036
Albania	4.380.362	355.085	-	-	-	-	-	4.735.447
Alemanha	-	34.533.982	1.556.581	55.847.037	16.521.556	18.713.288	1.972.887	129.145.331
Angola	3.690.549	2.546.816	880.826	-	561.208	159.969	416.834	8.256.202
Antilhas Holandesas	1.156.940	1.641.579	-	-	1.186.594	125.783	-	4.110.896
Arábia Saudita	-	69.260.892	-	-	61.014	147	2.640.516	71.962.569
Argentina	26.959.213	4.376.373	-	1.786.284	2.392.014	342.617	60.586.564	96.443.065
Armênia	1.758.846	854.187	-	1.463.418	-	-	-	4.076.451
Austrália	-	-	-	9.073.503	314.816	823.774	21.973	10.234.066
Bangladesh	-	11.109	1.092.301	4.233.034	-	-	-	5.336.444
Bélgica	26.591	1.908.040	54.007	20.202.513	15.136.515	3.255.966	14.613.152	55.196.784
Bulgária	8.635.828	2.013.935	-	1.161.546	-	-	-	11.811.309
Canadá	-	16.002.151	-	3.566.230	20.216.762	6.228.232	333	46.013.708
Cazaquistão	4.659.958	1.260.788	-	3.718.335	-	-	-	9.639.081
Chile	358.704	1.593.335	-	341.127	2.905.567	1.324.253	19.130.204	25.653.190
China	47.536	2.843.235	28.633.401	946.440	5.289.081	-	211.954	37.971.647
Cingapura	26.324.273	50.911.431	-	3.845.754	31.212	136.874	43.034	81.292.578
Coréia, República da (Sul)	-	-	12.440.070	9.069.288	4.254.541	2.054	46.667	25.812.620
Coveite	-	14.354.587	-	-	12.675	208	48.412	14.415.882
Cuba	-	3.108.467	-	459.688	395.116	-	327.365	4.290.636
Dinamarca	-	298.183	-	9.057.146	950.888	1.137.030	184	11.443.431
Egito	-	5.151.406	-	-	121.772	-	116.526	5.389.704
Emirados Árabes Unidos	6.584.856	20.672.021	87.315	1.178.496	1.443.619	108.975	59.615	30.134.897
Equador	167.536	-	174.125	666.363	-	103.501	9.742.262	10.853.787
Espanha	-	18.637.383	2.892.182	1.728.639	17.839.885	21.318.633	1.807.177	64.223.899
Estados Unidos	171.292	397.975	-	33.141.972	352.013.191	138.534.167	16.083.826	540.342.423
Filipinas	-	851.270	-	16.816.217	-	-	35.758	17.703.245
França	125.985	2.976.984	369.054	2.122.919	13.063.043	68.862.413	92.714	87.613.112
Gana	-	1.534.655	365.679	494.160	39.964	-	1.839.313	4.273.771
Georgia	3.146.574	1.753.190	212.525	77.220	25.381	6.137	-	5.221.027
Grécia	231.128	479.682	-	5.582.991	324.201	64.009	117.085	6.799.096
Haiti	350.745	337.287	-	-	2.468.700	6.421	1.111.298	4.274.451
Honduras	-	-	-	8.735.038	365.974	52.403	1	9.153.416

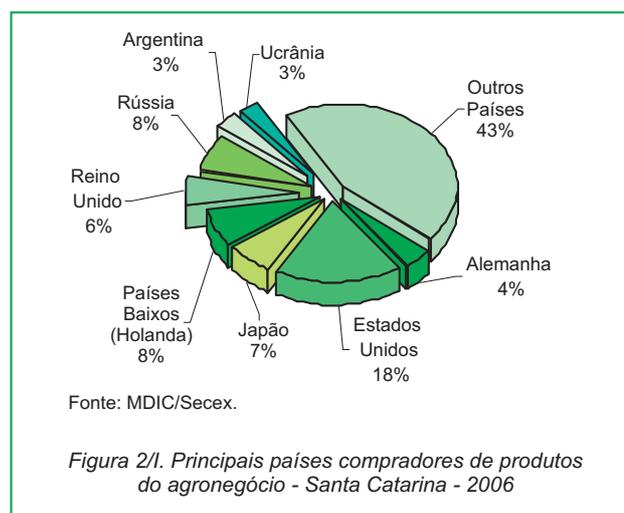
(Continua)

# Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

(Continuação)

País de destino	Carne suína	Carne de aves	Complexo soja	Fumo	Madeira e obras de madeira	Móveis de madeira	Papel e papelão	Total
Hong Kong	23.146.163	56.007.308	1.899.583	-	924.515	253.331	12.520	82.243.420
Iemen	-	5.668.816	-	-	54.454	-	-	5.723.270
Indonésia	-	-	-	11.629.833	34.679	-	120.968	11.785.480
Irã, República Islâmica	-	23.982	10.104.201	-	4.814	-	-	10.132.997
Irlanda	-	3.912.007	-	58.648	17.711.279	9.007.446	97	30.689.477
Itália	-	2.175.927	1.189.888	10.952.851	17.339.781	-	22.993.049	54.651.496
Jamaica	-	-	-	-	6.692.294	148.422	-	6.840.716
Japão	510.814	200.608.460	-	18.517	1.680.814	265.649	3.122	203.087.376
Malásia	-	3.667.261	611.205	2.053.901	77.811	-	252.316	6.662.494
México	-	-	-	12.085.922	6.196.772	881.515	5.426.849	24.591.058
Moldova, República da	36.027.580	3.885.922	-	-	-	-	-	39.913.502
Nigéria	-	-	-	4.075.342	-	-	1.306.072	5.381.414
Países Baixos (Holanda)	444.257	160.638.983	13.274.044	31.597.622	2.923.531	21.942.328	110.644	230.931.409
Paquistão	-	120.262	-	4.062.040	-	-	177.237	4.359.539
Paraguai	686.588	535.294	1.243.351	3.000	256.561	390.865	4.256.102	7.371.761
Peru	-	1.393.507	1.490.594	-	1.269	45.995	1.415.304	4.346.669
Polónia	-	-	-	22.039.901	157.352	-	-	22.197.253
Porto Rico	-	-	-	-	21.167.530	4.248.971	329.368	25.745.869
Portugal	-	3.495.371	1.734.103	1.112.698	3.146.083	2.301.855	396.826	12.186.936
Reino Unido	-	43.750.481	178.116	9.877.486	80.646.606	30.949.653	2.890.046	168.292.388
Romênia	44.200	17.195.215	369.054	10.224.764	2	-	14.072	27.847.307
Rússia, Federação da	72.885.444	90.724.097	-	64.460.485	83.900	20.109	-	228.174.035
Suíça	-	7.350.823	-	7.176.088	208.155	623.764	272	15.359.102
Tcheca, República	-	538.973	-	4.082.028	-	1.841.791	-	6.462.792
Trinidad e Tobago	88.890	28.549	-	5.218.653	4.592.042	24.924	426.844	10.379.902
Turquia	514.943	299.986	125.168	13.706.939	75.295	-	1.900.775	16.623.106
Ucrânia	73.402.116	3.618.577	-	12.047.081	39.042	-	-	89.106.816
Uruguai	10.548.577	1.037.678	4.255.245	-	1.162.090	396.279	2.497.963	19.897.832
Venezuela	-	6.708.365	4.122.306	-	560.623	33.287	9.295.601	20.720.182
Vietnã	-	705.280	-	5.214.132	2.064.948	-	-	7.984.360
<b>Sub-total</b>	<b>307.255.266</b>	<b>929.612.582</b>	<b>90.566.249</b>	<b>443.497.581</b>	<b>626.482.851</b>	<b>335.055.437</b>	<b>185.744.193</b>	<b>2.918.214.159</b>
<b>Outros países</b>	<b>4.061.529</b>	<b>35.314.447</b>	<b>6.331.136</b>	<b>22.399.953</b>	<b>20.234.228</b>	<b>8.798.456</b>	<b>15.035.009</b>	<b>112.174.758</b>
<b>Total</b>	<b>311.316.795</b>	<b>964.927.029</b>	<b>96.897.385</b>	<b>465.897.534</b>	<b>646.717.079</b>	<b>343.853.893</b>	<b>200.779.202</b>	<b>3.030.388.917</b>

Fonte: MDIC/Secex- Sistema Alice.



## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

Espera-se que Santa Catarina passe a exportar suínos e bovinos para a União Européia, pois o Estado obteve em maio/2007 o certificado de Zona Livre de Aftosa Sem Vacinação, que foi concedido pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). O Japão também é outro importante mercado potencial para a carne suína do Estado, pois os asiáticos são os que pagam os melhores preços. A tendência de abertura de mercados também se deve a uma melhoria da genética e da qualidade dos rebanhos, principalmente nas regiões Oeste e da Serra Catarinense.

As importações catarinenses cresceram 59% em 2006 com relação a 2005, e as importações de produtos do agronegócio, 44% (tabela 8). Contudo os produtos do agronegócio representam apenas 15% de tudo que o Estado importa. Destes produtos, a maioria teve aumento em suas importações, mas aqueles que tiveram maior aumento, neste período, foram: carne de animais (62%), pescados e crustáceos (90%), trigo (216%), milho (99%) e pêra (141%).

Outros produtos tiveram incremento muito significativo em suas importações, mas por serem produtos cujo valor das importações é baixo, tal incremento não teve muito impacto no valor total das importações do Estado. Exemplos destes produtos e seus respectivos incrementos nas importações foram: animais vivos (640% resultante da importação de cavalos vivos) e arroz (218%).

Poucos produtos do agronegócio tiveram queda nas importações entre 2005 e 2006. Os principais foram: soja e derivados (-42%) e alho (-14%).

Em 2007 (primeiro semestre) as importações catarinenses tiveram um aumento significativo: 50% em relação ao mesmo período de 2006, totalizando US\$ 2 bilhões. As importações de produtos do agronegócio cresceram bem menos, 20%, chegando a US\$ 259 milhões. Os produtos cujas importações mais cresceram foram: preparações e conservas de carnes e pescados (163%), pescados e crustáceos (22%), milho (72%), trigo (91%), arroz (105%), óleos e gorduras vegetais (59%), uva (66%), alho (122%), madeira e obras de madeira (71%). Outros, entretanto, tiveram queda: carnes de animais (-43%), fumo (-42%), gomas e resinas (-47%) e cebola (-45%).

A tabela 11 traz as importações catarinenses de produtos do agronegócio, em 2006, segundo os principais países de origem, e o gráfico 3 mostra um resumo destes países. Os principais fornecedores de produtos do agronegócio para o nosso Estado são os países do Mercosul, responsáveis por 77% de nossas importações (Argentina, 31%, Paraguai, 25% e Uruguai, 21%). Os Estados Unidos detêm 5% de nossas importações (principalmente papel e papelão), o Marrocos, 5% (exclusivamente pescado e crustáceos), e a Bélgica, 4% (dividido entre papel/papelão e malte). O restante (9%) vem de outros lugares do mundo.

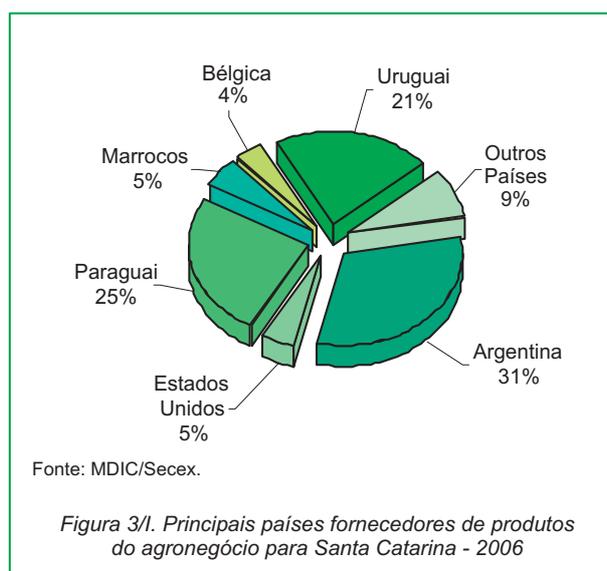
# Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

Tabela 11/I. Principais importações catarinenses, de produtos do agronegócio, segundo os países de origem - 2006

(US\$ FOB)

País de origem	Pescados e crustáceos	Malte	Milho e derivados	Papel e papelão	Soja e derivados	Trigo e derivados	Total do País
Alemanha	-	-	-	3.871.976	-	-	3.871.976
Argentina	6.555.828	8.440.756	2.116.787	4.088.056	-	67.161.131	88.362.558
Áustria	-	-	-	1.672.824	-	-	1.672.824
Bélgica	-	4.795.278	-	6.000.495	-	-	10.795.773
Chile	4.025.086	-	-	477.938	-	-	4.503.024
China	392.216	-	-	888.198	-	-	1.280.414
Equador	1.545.630	-	-	-	-	-	1.545.630
Estados Unidos	64.572	7.273	171.925	12.541.752	-	-	12.785.522
Finlândia	-	-	-	2.481.148	-	-	2.481.148
Marrocos	14.090.493	-	-	-	-	-	14.090.493
Paraguai	-	-	33.322.679	5.000	33.358.625	4.563.578	71.249.882
Suécia	-	-	-	1.774.197	-	-	1.774.197
Tailândia	2.162.442	-	-	5.845	-	-	2.168.287
Uruguai	2.215.755	52.872.966	-	1.300.705	-	3.657.274	60.046.700
Venezuela	54.637	-	-	-	-	-	54.637
Sub-total	31.106.659	66.116.273	35.611.391	35.108.134	33.358.625	75.381.983	276.683.065
Outros países	1.229.613	0	0	3.598.118	0	0	4.827.731
<b>Total do produto</b>	<b>32.336.272</b>	<b>66.116.273</b>	<b>35.611.391</b>	<b>38.706.252</b>	<b>33.358.625</b>	<b>75.381.983</b>	<b>281.510.796</b>

Fonte: MDIC/Secex.



## Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

O saldo da balança comercial do Estado, em 2006, foi de US\$ 2,5 bilhões, uma queda de 27% em relação ao saldo do ano anterior (tabela 6). O saldo da balança comercial dos produtos do agronegócio foi de US\$ 2,9 bilhões, o que representa uma queda de 5% em relação ao ano anterior, de onde se pode deduzir que o impacto da valorização do câmbio, neste caso, teve um impacto menor nos produtos do agronegócio em relação aos demais produtos.

Na seqüência deste documento está disponível para o leitor uma análise específica de cada um dos principais produtos agrícolas de Santa Catarina. Tal análise trata de questões de produção e mercado nas esferas regionais, nacional e internacional, conforme as características do produto em questão. Outros produtos como flores e plantas ornamentais, aqüicultura e pesca, produtos florestais e uva também serão analisados. <sup>2</sup>

*Márcia Janice Freitas da Cunha Varaschin*

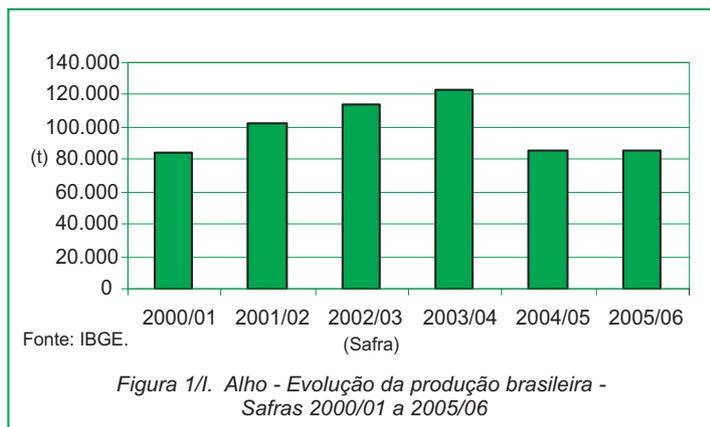
---

<sup>2</sup> Este artigo foi escrito em Julho de 2007.

### Elevado nível das importações continua interferindo na evolução da produção nacional

Nos primeiros anos desta década, a produção brasileira de alhos apresentou resultados altamente satisfatórios.

Os níveis da oferta interna do produto, conforme pode melhor ser observado na figura 1, foram sempre crescentes; chegaram a superar 100 mil toneladas anuais (101,9 mil toneladas na safra 2001/02, 114,4 mil toneladas na safra 2002/03 e 123,1 mil toneladas na safra 2003/04) e contribuíram de forma marcante para a garantia do abastecimento nacional com bulbos de excelente padrão de qualidade.



O crescimento da produção nacional, de outra parte, contribuiu também de forma decisiva para manter os índices de importação em patamar inferior a 100,0 toneladas anuais do produto.

O excelente desempenho da cultura no País foi impulsionado por um forte incremento do plantio nos principais estados produtores, particularmente em importantes áreas produtivas das Regiões Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste do País, quais sejam, áreas cultivadas nos Estados de Minas Gerais, Goiás e Bahia.

Contribuíram também de forma decisiva para esse cenário produtivo os extraordinários ganhos de produtividade verificados em praticamente todos os principais estados produtores, os quais foram resultantes da constante adoção de novas e mais modernas tecnologias produtivas por parte da grande maioria dos agricultores de alho do País.

A partir dos dois últimos anos, entretanto, o quadro da produção nacional de alho, conforme já demonstrado, alterou-se consideravelmente.

A evolução das importações, de outra parte, também registrou mudanças importantes. Registrou-se, por assim dizer, um cenário de certa forma oposto ao do início dos anos 2000. O que se verificou foi um considerável aumento dos volumes de alhos importados, especialmente de alhos provenientes da China, e uma significativa diminuição da oferta interna brasileira. Os motivos desta mudança são mais que evidentes: o crescimento das importações da China, a preços substancialmente reduzidos, inviabiliza qualquer tentativa de investimentos na atividade em território nacional, especialmente nos Estados produtores da Região Sul do Brasil, haja vista as remotas probabilidades de retorno do capital investido.

A propósito do tema importação, acima referido, o comportamento das aquisições externas do produto pelo Brasil, assim como o comparativo e a evolução das compras provenientes da Argentina e da China, nesta década, se apresentaram conforme exposto na figura 2.

No ano de 2006, de acordo com informações disponibilizadas pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o total das importações brasileiras de alho somou aproximadamente 120,6 mil toneladas do produto, representando uma evasão de divisas ao País da ordem de US\$ 80,4 milhões/FOB.

Do montante em questão, cerca de 62,9 mil toneladas provieram da China e 56,7 mil toneladas foram adquiridas na Argentina, representando, respectivamente, 52,2% e 47,0% do total das compras externas de alho realizadas pelo Brasil. O conteúdo restante das compras foi proveniente, em ordem decrescente de importância, dos seguintes países: Bolívia, Chile, Paraguai, Taiwan, México, Hong Kong e Espanha.

O valor médio pago pelo alho importado ficou em US\$ 0,66/quilo/Fob.

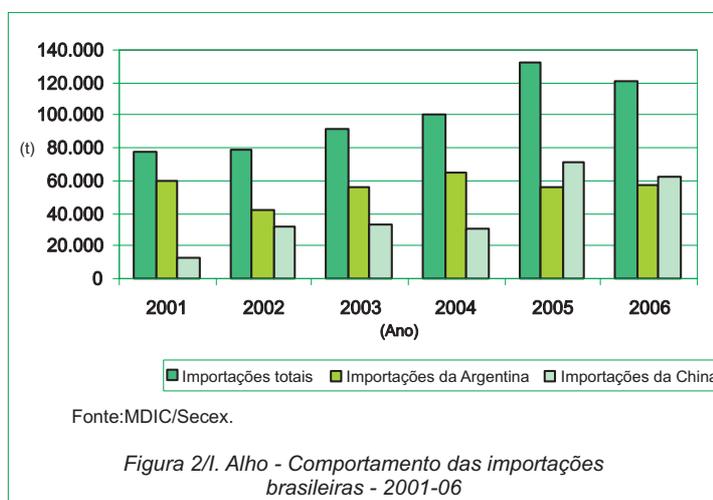
Conforme destacado na figura 2, as aquisições de alho da China apresentaram-se fortemente evoluídas nos dois últimos anos e foram determinantes para as mudanças ocorridas no comportamento da produção brasileira, que se apresentou em recuo por conta exclusivamente da drástica redução ocorrida no total da área cultivada no País, que registrou diminuição superior a 30,0%, se comparada à plantada nos primeiros anos desta década.

Na safra recém-finda, os números da atividade, no País, novamente deixaram a desejar.

De acordo com informações disponibilizadas pelo IBGE, a produção nacional de alho, correspondente à campanha agrícola 2005/06, totalizou aproximadamente 86,2 mil toneladas e praticamente não se modificou em relação ao volume colhido na safra anterior.

O total da área cultivada somou 10.362 hectares, e a produtividade média colhida foi de 8.319 kg/ha.

O Estado de Minas Gerais continua se destacando como o principal produtor nacional de alho. Na safra em questão, foram ofertadas aproximadamente 25,8 mil toneladas, ou seja, cerca de 30,0% da produção brasileira. Seguem, em ordem decrescente de participação,



## Desempenho da produção vegetal

Alho

os Estados do Rio Grande do Sul, Goiás e Santa Catarina, com ofertas que representaram 23,3%, 14,6% e 14,4%, respectivamente.

O desempenho da cultura nesta safra, por grande região produtora do País, de acordo com dados disponibilizados pelo IBGE, apresentou-se conforme a tabela 1.

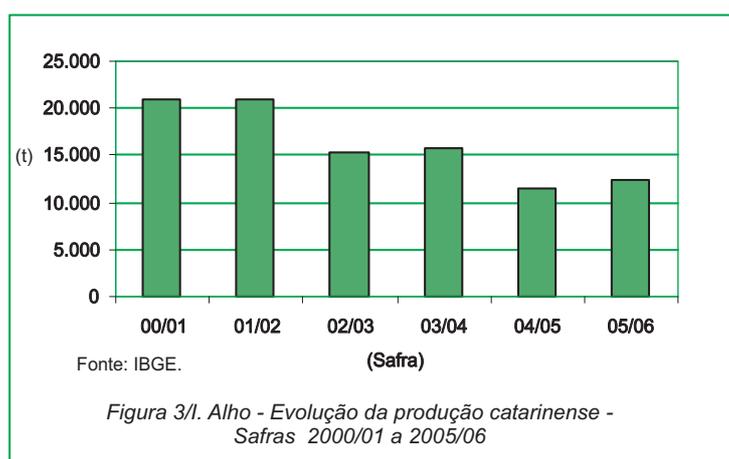
Em Santa Catarina, o resultado produtivo da safra de alho da campanha 2005/06, não obstante revelar um pequeno incremento de colheita, não apresentou uma grande diferenciação de comportamento relativamente ao verificado na safra imediatamente anterior. Os valores desta campanha mostraram-se, todavia, significativamente alterados comparativamente aos registrados no início dos anos 2000, quando a oferta estadual superou 20,0 mil toneladas do bulbo e o Estado Catarinense destacava-se no cenário nacional como um dos mais importantes fornecedores internos do produto.

Tabela 1/I. Alho – Área plantada, produção e rendimento obtido – Brasil – Safra 2005/06<sup>(1)</sup>

Região	Área plantada (ha)	Produção colhida (t)	Rendimento obtido (kg/ha)
Sul	5.438	35.422	6.513
Sudeste	2.530	28.768	11.371
Centro-Oeste	1.338	14.504	10.840
Nordeste	1.056	7.505	7.107
<b>Brasil</b>	<b>10.362</b>	<b>86.199</b>	<b>8.319</b>

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos à modificações.  
Fonte: IBGE.

O desempenho produtivo da cultura do alho no Estado de Santa Catarina, nos últimos anos, de acordo com informações do IBGE, apresentou-se conforme mostrado na figura 3.



Os dados conclusivos da cultura nesta safra, em Santa Catarina, revelaram os seguintes valores, de acordo com informações disponibilizadas pelo IBGE: área plantada, 1.501 hectares; produção bruta colhida, 12.370 toneladas; rendimento médio obtido, 8.241 kg/ha.

Comparativamente aos registrados na campanha 2004/05, os atuais mostram-se evoluídos em 0,2%, 8,2% e 8,0%, respectivamente.

Os bons índices de aumento verificados no total da produção colhida e na produtividade média dos campos catarinenses deverão ser creditados, de modo particular, às boas condições de clima verificadas durante praticamente todo o ciclo da cultura no ano de 2005.

Do montante da oferta estadual desta campanha, aproximadamente 87,0% originou-se da microrregião de Curitibanos - tradicionalmente a mais importante produtora de alhos nobres do Estado – onde se destaca a colheita do município de Curitibanos, com uma produção de 7.650 toneladas, ou seja, cerca de 61,8% do total de alho colhido no Estado.

O desempenho da cultura do alho nesta safra, em algumas microrregiões produtoras de Santa Catarina, de acordo com o IBGE, é mostrado na tabela 2.

*Tabela 2/I. Alho – Área plantada, produção e rendimento obtido nas principais microrregiões geográficas – Santa Catarina – Safra 2005/06*

Microrregião geográfica	Área plantada (ha)	Produção colhida (t)	Rendimento obtido (kg/ha)
Curitibanos	1.241	10.720	8.638
Lages	83	734	8.843
Joaçaba	133	684	5.143
Outras	44	232	5.273
<b>Total</b>	<b>1.501</b>	<b>12.370</b>	<b>8.241</b>

Fonte: IBGE.

Apesar de os montantes produtivos terem se mantido praticamente inalterados, tanto em nível local como em nível nacional, comparativamente aos observados na safra anterior, os valores de comercialização recebidos pelos produtores não registraram crescimento, como se poderia supor. Na grande maioria dos estados, muito pelo contrário, mostraram-se em declínio.

Em Santa Catarina, particularmente, os preços médios mensais acusaram diminuição da ordem de 20,0%, relativamente aos da campanha anterior. Esse comportamento de mercado foi determinado basicamente pelo elevado montante de produto importado da China, o qual é internalizado no País a valores substancialmente baixos e, por conseguinte, exercendo forte pressão baixista sobre as cotações do alho produzido internamente.

O comparativo dos valores médios mensais recebidos pelos produtores catarinenses para os alhos de melhor calibre, tipos 6 e 7, nos três últimos anos, é mostrado na figura 4.

Para o novo cultivo relativo à safra 2006/07, os últimos indicativos oficiais para Santa Catarina revelam um plantio de 1.530 hectares e produção bruta de 12,9 mil toneladas.

No cenário nacional, esta campanha apresenta como valores estimativos uma área plantada de aproximadamente 10,5 mil hectares. O total da produção brasileira é avaliado em torno de 87,7 mil toneladas. Isto permite concluir que o País necessitará importar novamente um volume superior a 100,0 mil toneladas anuais do produto, a fim de garantir a normalidade do abastecimento interno.

# Desempenho da produção vegetal

Alho

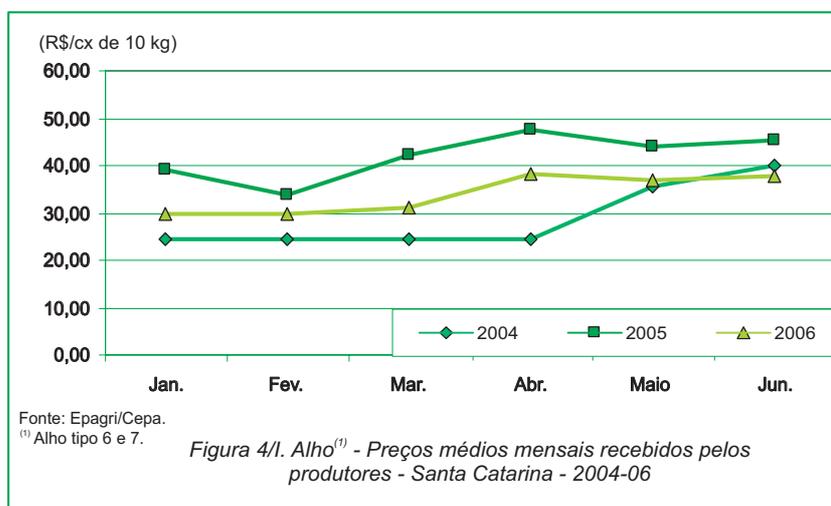


Tabela 3/I. Alho - Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras 2003/04 a 2005/06

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2003/04	2004/05	2005/06 <sup>(1)</sup>	2003/04	2004/05	2005/06 <sup>(1)</sup>	2003/04	2004/05	2005/06 <sup>(1)</sup>
Distrito Federal	300	204	184	2.700	1.528	1.911	9.000	7.490	10.386
Goiás	2.393	1.155	1.154	24.272	12.820	12.593	10.143	11.100	10.912
Bahia	1.674	1.045	1.014	13.963	6.867	7.353	8.341	6.571	7.251
Ceará	26	23	18	81	74	65	3.115	3.217	3.611
Paraíba	10	8	8	46	25	29	4.600	3.125	3.625
Piauí	23	20	16	88	76	58	3.826	3.800	3.625
Espírito Santo	272	209	189	1.834	1.384	1.304	6.743	6.622	6.899
Minas Gerais	3.293	2.366	2.161	33.830	26.927	25.834	10.273	11.381	11.955
São Paulo	150	180	180	1.365	1.630	1.630	9.100	9.056	9.056
Paraná	816	709	688	3.692	3.280	3.006	4.525	4.626	4.369
Rio Grande do Sul	3.997	3.100	3.249	25.572	19.558	20.046	6.398	6.309	6.170
<b>Santa Catarina</b>	<b>2.145</b>	<b>1.498</b>	<b>1.501</b>	<b>15.656</b>	<b>11.428</b>	<b>12.370</b>	<b>7.299</b>	<b>7.629</b>	<b>8.241</b>
<b>Brasil</b>	<b>15.099</b>	<b>10.517</b>	<b>10.362</b>	<b>123.099</b>	<b>85.597</b>	<b>86.199</b>	<b>8.153</b>	<b>8.139</b>	<b>8.319</b>

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a modificações.

Fonte: IBGE/PAM.

Guido Boeing

## Produção mundial em 2005 é novo recorde

A produção mundial de arroz, em 2005, segundo relatório da FAO de junho de 2007, foi a maior de todos os tempos, totalizando 625,7 milhões de toneladas e superando em 3,0% o recorde anterior de 607 milhões de toneladas, que ocorreu na safra de 1999, como mostra a tabela 1, onde estão identificadas a quantidade produzida, a área cultivada e o rendimento médio mundial.

Em volume, a safra 2005 superou a de 2004 em 4,6% e a de 2003 em 7,9%. A área ocupada com arroz também apresentou evolução nos últimos anos, não superando somente a safra de 1999, quando foi 3,3% menor. No entanto, superou o ano de 2003 em 3,6% e o ano de 2004 em 0,5%. O rendimento médio das lavouras tem sido o maior destaque nos últimos anos. O crescimento é gradativo e 2005 superou em 6,5% a safra de 1999 e em 4,1% as safras imediatamente anteriores, ou seja, 2004 e 2003 (Tabela 1).

Tabela 1/I. Arroz – Evolução mundial da produção, área cultivada e rendimento médio – Safras 1998/99-2004/05

Discriminação	1998/99	2002/03	2003/04	2004/05
Quantidade produzida (mil t)	607.218,12	580.047,90	598.017,63	625.717,57
Área cultivada (mil ha)	155.402,20	145.106,94	149.552,34	150.314,00
Rendimento (kg/ha)	3.907,40	3.997,38	3.998,72	4.162,74

Fonte: FAO.

A maior produção individualmente entre os países produtores, ao longo dos tempos, tem sido registrada na China que, em 2005, somou 182 milhões de toneladas, contabilizando um aumento de 0,8% sobre a safra 2004 e de 12,2% sobre a safra 2003. Na seqüência, aparece a Índia que também apresenta evolução a cada ano e que em 2005 superou as 137 milhões de toneladas do ano anterior. Juntas, a China e a Índia participaram, em 2005, com 51% da produção mundial e os dez principais países produtores foram responsáveis, na safra 2005, por 86,8% do volume de arroz ofertado no mundo. O Brasil foi o 9º produtor mundial com participação de 2,1% da produção (Tabela 2).

Tabela 2/I. Arroz – Quantidade produzida nos dez principais países produtores – Evolução e participação - Safras 2002/03 a 2004/05

Discriminação	Quantidade produzida (mil t)			Evolução %		Part % Países
	2002/03	2003/04	2004/05	2003-05	2004-05	2004/05
China	162.304,28	180.522,60	182.055,14	12,2	0,8	29,1
Índia	132.789,00	124.697,55	137.620,00	3,6	10,4	22,0
Indonésia	52.137,60	54.088,47	53.984,59	3,5	-0,2	8,6
Bangladesh	38.361,42	36.235,98	39.795,62	3,7	9,8	6,4
Vietnam	34.568,80	36.148,90	35.790,80	3,5	-1,0	5,7
Tailândia	27.038,00	23.860,00	29.427,54	8,8	23,3	4,7
Mianmar	23.146,27	24.718,00	25.364,00	9,6	2,6	4,1
Filipinas	13.499,90	14.496,80	14.603,01	8,2	0,7	2,3
Brasil	10.334,60	13.277,01	13.192,00	27,6	-0,6	2,1
Japão	9.740,00	10.912,00	11.342,00	16,4	3,9	1,8
Principais países	503.919,87	518.957,31	543.174,70	7,8	4,7	86,8
% principais países	86,9	86,8	86,8	-	-	-
<b>Mundo</b>	<b>580.047,90</b>	<b>598.017,63</b>	<b>625.717,57</b>	<b>7,9</b>	<b>4,6</b>	<b>100,0</b>

Fonte: FAO.

Mesmo com redução de 1,6% em relação à safra anterior, a Índia apresentou em 2005 a maior área plantada, atingindo o total de 41,9 milhões de hectares, seguida pela China, que plantou 29,1 milhões de hectares. Os dez principais países produtores participaram com 84,8% de toda a área plantada no mundo, incluindo a Índia e a China que, juntas, plantaram 47,3% do total mundial.

Assim como na produção obtida, o Brasil também foi o 9º em área plantada, cultivando 3,9 milhões de hectares e participando com 2,6% do total mundial (Tabela 3).

Tabela 3/I. Arroz – Área plantada nos dez principais países produtores - Safras 2002/03 a 2004/05

Discriminação	Área plantada (mil ha)			Evolução %		Part % Países
	2002/03	2003/04	2004/05	2003-05	2004-05	2004/05
Índia	41.176,10	42.592,50	41.906,70	1,8	(1,6)	27,9
China	26.780,12	28.615,72	29.087,00	8,6	1,6	19,4
Indonésia	11.477,36	11.922,97	11.800,90	2,8	(1,0)	7,9
Bangladesh	10.725,04	10.248,10	10.524,07	(1,9)	2,7	7,0
Tailândia	10.193,44	10.085,29	10.041,95	(1,5)	(0,4)	6,7
Vietnam	7.452,20	7.445,30	7.329,20	(1,7)	(1,6)	4,9
Mianmar	6.527,98	6.858,00	7.008,00	7,4	2,2	4,7
Filipinas	4.006,40	4.126,65	4.200,00	4,8	1,8	2,8
Brasil	3.180,86	3.733,15	3.915,86	23,1	4,9	2,6
Japão	1.665,00	1.701,00	1.706,00	2,5	0,3	1,1
Principais países	123.184,50	127.328,68	127.519,68	3,5	0,2	84,8
% principais países	84,9	85,1	84,8	-	-	-
<b>Mundo</b>	<b>145.106,94</b>	<b>149.552,34</b>	<b>150.314,00</b>	<b>3,6</b>	<b>0,5</b>	<b>100,0</b>

Fonte: FAO.

O rendimento médio mundial em 2005, foi de 4.163 kg/ha. Nota-se crescimento a cada safra, sendo, nos últimos anos, 4,2% maior que o rendimento alcançado em 2003 e 4,1% superior ao rendimento de 2004. O maior rendimento médio, entre os dez países que mais produzem no mundo, aconteceu no Japão, que em 2005 obteve 6.648 kg/ha. A produtividade das lavouras japonesas, da mesma forma que a produtividade mundial, tem apresentado crescimento gradativo, tendo evoluído 13,6% em relação a safra de 2003 e 3,6% em relação a safra 2004. Na seqüência, os maiores rendimentos aconteceram na China com 6.259 kg/ha e no Vietnã que conseguiu 4.883 kg/ha (Tabela 4).

Tabela 4/I. Arroz – Rendimento médio nos dez principais países produtores - Mundo - Safras 2002/03 a 2004/05

Discriminação	Rendimento médio (kg/ha)			Evolução %	
	2002/03	2003/04	2004/05	2003-05	2004-05
China	6.061	6.309	6.259	3,3	-0,8
Índia	3.225	2.928	3.284	1,8	12,2
Indonésia	4.543	4.537	4.575	0,7	0,8
Bangladesh	3.577	3.536	3.781	5,7	6,9
Vietnam	4.639	4.855	4.883	5,3	0,6
Tailândia	2.653	2.366	2.931	10,5	23,9
Mianmar	3.546	3.604	3.619	2,1	0,4
Filipinas	3.370	3.513	3.477	3,2	-1,0
Brasil	3.249	3.557	3.369	3,7	-5,3
Japão	5.850	6.415	6.648	13,6	3,6
Principais países	4.091	4.076	4.260	4,1	4,5
<b>Mundo</b>	<b>3.997</b>	<b>3.999</b>	<b>4.163</b>	<b>4,2</b>	<b>4,1</b>

Fonte: FAO.

## Brasil é líder de produção e consumo no âmbito do Mercosul

A produção de arroz nos países que compõem o bloco econômico do Mercosul, na safra 2005, foi de 15.536 toneladas e representou 2,5% da produção mundial do cereal. Este volume foi apenas 1,2% menor que o conseguido na safra 2004 e 28,7% maior que o da temporada de 2003, como podemos observar na tabela 5. A maior produção do bloco foi a do Brasil com 13,2 milhões de toneladas e participação de 84,9%. A seguir aparecem o Uruguai (1,2 milhão de toneladas e participação de 7,8% no total do Mercosul), a Argentina (que produziu 1,0 milhão de toneladas, contribuindo com 6,6% do total do bloco) e, por fim, o Paraguai, que produziu 102 mil toneladas, tendo, portanto, pequena participação no total da região. A cultura está em expansão na região; tem havido crescimento gradativo, apesar do pequeno recuo (1,2%) em relação ao ano de 2004.

Tabela 5/l. Arroz – Quantidade produzida – Mercosul – Safras 2002/03 a 2004/05

Discriminação	Produção (mil t)			Evolução %		Part. % países 2004/05	
	2002/03	2003/04	2004/05	2003-05	2004-05	Mundo	Mercosul
Mundo	580.048	598.018	625.718	7,9	4,6	-	-
Mercosul	12.068	15.725	15.536	28,7	(1,2)	2,48	
Brasil	10.335	13.277	13.193	27,7	(0,6)	2,11	84,9
Uruguai	906	1.263	1.215	34,1	(3,8)	0,19	7,8
Argentina	718	1.060	1.027	43,0	(3,1)	0,16	6,6
Paraguai	110	125	102	(7,3)	(18,4)	0,02	0,7

Fonte: FAO

Grande parte do arroz produzido no âmbito do Mercosul tem como destino o mercado brasileiro. Nos últimos três anos, mais de 70 % da produção, especialmente, do Uruguai e da Argentina, teve esse destino. Neste período, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, 100% das importações brasileiras de arroz em casca e mais de 60% do arroz beneficiado, importados pelo Brasil, vieram dos vizinhos países.

O Mercosul participa com 2,86% da área cultivada com arroz no mundo. Dos quatro países que participam do bloco, o Brasil é quem apresenta a maior área cultivada com o cereal. Os rizicultores brasileiros plantaram 3,9 milhões de hectares na safra 2005, o equivalente a 91,2% do total da área cultivada no Mercosul. O Uruguai com a área plantada de 184 mil hectares foi o segundo com 4,3% de participação. A seguir, aparecem a Argentina com 3,8% e o Paraguai com 0,8% de participação na área plantada do bloco.

Os quatro estados-membros estão evoluindo de maneira diferenciada em termos de área plantada, muito embora, em relação a safra 2003, tenha havido crescimento mais uniforme (Tabela 6).

A produtividade média dos países que compõem o bloco do Mercosul foi de 3.617 kg/ha em 2005. Comparativamente às safras imediatamente anteriores, ela foi 4,8% maior que a de 2003 e 5,2% menor que a de 2004. Entre os quatro países componentes do bloco, a

rizicultura do Uruguai foi quem apresentou a melhor performance, colhendo em média 6.603 kg/ha, seguido pela Argentina que colheu 6.340 kg/ha. A evolução da produtividade média nos países do bloco, tanto individual quanto coletiva, foi negativa no comparativo entre as safras 2005 e 2004, apesar do excelente desempenho quando comparadas as safras 2005 e 2003. As exceções foram o Paraguai, que apresentou queda do rendimento médio em relação a 2003, e a Argentina, que teve 1,1% de aumento no comparativo com 2004 (Tabela 7).

Tabela 6/1. Arroz – Área cultivada – Mercosul – 2002/03-2004/05

Discriminação	Área cultivada (mil ha)			Evolução %		2005 - Part. % países	
	2002/03	2003/04	2004/05	2003-05	2004-05	Mundo	Mercosul
<b>Mundo</b>	145.107	149.552	150.314	-	-	-	-
<b>Mercosul</b>	3.498	4.120	4.295	22,8	4,2	2,86	-
Brasil	3.181	3.733	3.916	23,1	4,9	2,61	91,2
Uruguai	153	186	184	20,3	(1,1)	0,12	4,3
Argentina	133	169	162	21,8	(4,1)	0,11	3,8
Paraguai	30	31	34	13,3	9,7	0,02	0,8

Fonte: FAO

As importações brasileiras de arroz em 2006 totalizaram 653 mil toneladas, sendo 2,5% maior que as importações realizadas em 2005 e 29,5% menor se comparada ao ano de 2004, como se pode observar na tabela 8, onde são apresentados os números relativos às importações brasileiras do cereal nos anos de 2004 a 2006. Observa-se que, do

total importado neste último ano, 622 mil toneladas foram de arroz beneficiado, categoria do produto que vem crescendo mês a mês de maneira bastante significativa, preocupando principalmente o setor industrial brasileiro por se tratar de produto que, em grande parte, está sendo destinado ao mercado varejista.

Os maiores parceiros do Brasil no mercado internacional do arroz têm sido o Uruguai, a Argentina e o Paraguai que, juntos, foram responsáveis pela venda ao mercado brasileiro de 100% do arroz em casca nos três últimos anos e 100% do arroz beneficiado nas duas últimas temporadas (Tabela 8).

## Brasil: Substituição de área por soja, determina queda na produção nacional de arroz

A produção brasileira de arroz na safra 2006 apresentou redução de 12,8%, principalmente em razão da diminuição de 25% na área plantada, mesmo porque a produtividade das

Tabela 7/1. Arroz – Produtividade – Mercosul - Safras 2002/03 a 2004/05

Discriminação	Produtividade (kg/ha)			Evolução %	
	2002/03	2003/04	2004/05	2003-05	2004-05
<b>Mundo</b>	3.997	3.999	4.163	4,1	4,1
<b>Mercosul</b>	3.450	3.817	3.617	4,8	(5,2)
Brasil	3.249	3.557	3.369	3,7	(5,3)
Uruguai	5.922	6.790	6.603	11,5	(2,8)
Argentina	5.398	6.272	6.340	17,4	1,1
Paraguai	3.667	4.032	3.000	(18,2)	(25,6)

Fonte: FAO

Tabela 8/I. Arroz – Importações brasileiras, por país de origem – Safras 2003/04 a 2005/06

Safra	Tipo de Arroz	Uruguai	Argentina	Paraguai	Outros	Mercosul	Total importado	(%) Mercosul
2003/04	C/ casca	92.773	47.824	11.595	62.105	214.297	214.297	100,0
	Beneficiado	324.389	213.643	3.840	-	541.872	706.869	76,7
	Partido	5.401	150	-	40	5.551	5.591	99,3
	Subtotal	422.563	261.617	15.435	227.142	761.720	926.757	82,2
2004/05	C/ casca	9.671	4.965	29.588	122	44.346	44.346	100,0
	Beneficiado	250.204	223.438	11.856	1.979	487.477	487.477	100,0
	Partido	280	400	-	0	680	680	100,0
	Subtotal	260.155	228.803	41.444	0	532.503	532.503	100,0
2005/06	C/ casca	3.262	1.171	26.374	0	30.807	30.807	100,0
	Beneficiado	302.420	293.473	22.203	3.770	621.866	621.866	100,0
	Partido	92	-	-	160	92	252	36,5
	Subtotal	305.774	294.644	48.577	3.930	652.765	652.925	100,0

Fonte: Conab.

lavouras cresceu 14,8% na média do País. Contribuíram para isto, além dos preços pouco remuneradores recebidos pelos produtores, a concorrência com a implantação de lavouras de soja, principalmente nas regiões norte e centro-oeste do País. A tabela 9, mostra a evolução da produção e da área plantada e a vertiginosa queda na última temporada, tanto da área como da produção.

Tabela 9/I. Arroz – Evolução da produção, área cultivada e rendimento no Brasil – Safras 2001/02 a 2005/06

Discriminação	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06
Quantidade produzida (mil t)	10.457	10.335	13.277	13.193	11.505
Área cultivada (mil ha)	3.176	3.194	3.774	3.999	3.003
Rendimento (kg/ha)	3.324	3.249	3.557	3.369	3.868

Fonte: FAO.

As maiores produções por unidade da Federação em 2006, foram, pela ordem, a do Rio Grande do Sul, com 6,8 milhões de toneladas e participação de 59,0% no total nacional. Em segundo lugar, aparece Santa Catarina que reconquistou a posição com produção de 1,1 milhão de toneladas e 9,3% em participação, seguida pelo Mato Grosso, com 721 mil toneladas e participação de 6,3% do total, e pelo estado do Maranhão, que produziu 700 mil toneladas e contribuiu com 6,1% da produção nacional, como nos mostra a tabela 10.

Foi extraordinária a participação do Rio Grande do Sul no processo produtivo, apresentando evolução de 7% em relação a safra 2004 e de 11,2% em relação a safra 2005, assim como foi positivo, embora pequeno, mas gradativo, o crescimento apresentado por Santa Catarina em 2005.

Influíram decisivamente para a redução da produção, a queda de 68,1% em relação a 2005 no estado do Mato Grosso, 42,8% no estado de Tocantins, 38,7% no estado de Goiás e 36,9% no estado do Pará, unidades da Federação que juntas, em 2005, produziram 3,7 milhões de toneladas e participaram com 28% do total produzido no País (Tabela 10).

Tabela 10/I. Arroz – Produção brasileira e nos principais estados – Safras 2003/04 a 2005/06

Discriminação	Quantidade produzida (t)			Evolução %		Part. % Estados
	2003/04	2004/05	2005/06	2003-05	2004-05	2005/06
Rio Grande do Sul	6.338.117	6.103.289	6.784.231	7,0	11,2	59,0
Mato Grosso	2.177.125	2.262.863	720.834	(66,9)	(68,1)	6,3
Maranhão	733.484	684.676	700.109	(4,6)	2,3	6,1
Pará	636.645	631.724	398.620	(37,4)	(36,9)	3,5
Goiás	369.513	374.627	229.716	(37,8)	(38,7)	2,0
Tocantins	417.139	463.528	265.360	(36,4)	(42,8)	2,3
Santa Catarina	1.011.592	1.055.613	1.071.559	5,9	1,5	9,3
Piauí	169.485	228.192	192.403	13,5	(15,7)	1,7
Minas Gerais	214.192	247.680	176.114	(17,8)	(28,9)	1,5
Mato Grosso do Sul	241.177	224.831	187.768	(22,1)	(16,5)	1,6
Demais estados	968.392	916.640	778.613	(19,6)	(15,1)	6,8

Fonte: IBGE.

A área plantada surpreendeu negativamente no ano de 2006 pelo fato de que, entre os dez estados que mais produzem no País, somente em Santa Catarina houve incremento na área plantada e mesmo assim com um percentual muito baixo, 0,1% em relação a safra anterior, como mostra a tabela 11. Santa Catarina participou com 5,1% da área cultivada em 2006.

A maior redução aconteceu no Mato Grosso, onde a área colhida foi 66,3% menor, passando a representar 9,6% do total plantado no País. A seguir, o estado de Goiás com área 37,8% menor que em 2005, Tocantins com menos 37% e Pará com 29,8%, entre as maiores reduções. O Rio Grande do Sul contabilizou 3,0% de redução em relação a 2005, participando com 34,1% do total plantado no Brasil (Tabela 11).

Tabela 11/I. Arroz – Área colhida nos principais estados brasileiros – Safras 2003/04 a 2005/06

Discriminação	Área colhida (ha)			Evolução %		Part. % Estados
	2003/04	2004/05	2005/06	2004-06	2005-06	2005/06
Rio Grande do Sul	1.056.098	1.055.232	1.023.330	(3,1)	(3,0)	34,1
Mato Grosso	739.012	855.067	287.974	(61,0)	(66,3)	9,6
Maranhão	517.147	536.573	503.816	(2,6)	(6,1)	16,8
Pará	297.429	298.552	209.603	(29,5)	(29,8)	7,0
Goiás	165.627	187.002	116.290	(29,8)	(37,8)	3,9
Tocantins	164.225	199.168	125.397	(23,6)	(37,0)	4,2
Santa Catarina	151.598	154.459	154.566	2,0	0,1	5,1
Piauí	165.436	180.105	148.226	(10,4)	(17,7)	4,9
Minas Gerais	95.893	110.169	86.798	(9,5)	(21,2)	2,9
Mato Grosso do Sul	56.592	54.630	42.947	(24,1)	(21,4)	1,4
Demais estados	365.164	367.793	304.551	(16,6)	(17,2)	10,1

Fonte: IBGE.

O rendimento médio dos arrozais brasileiros cresceu significativamente na última safra, reflexo da extraordinária recuperação, no último ano, da produtividade nas lavouras gaúchas. O Rio Grande do Sul apresentou evolução de 9,3% em relação a 2005, elevando para 6.631 kg/ha o rendimento médio da cultura. Por isto e por deter a maior área plantada, faz elevar o índice médio da produtividade das plantações do País. Individualmente, na maioria dos estados, além da significativa redução na área plantada, houve queda não menos significativa na produtividade das lavouras. O estado do Pará com redução de

9,8%, Tocantins com 8,2% e Mato Grosso com 5,6% são os mais representativos e estão na tabela 12.

Tabela 12/I. Arroz – Rendimento médio nos principais estados brasileiros – Safras 2003/04 a 2005/06

Discriminação	Rendimento médio (kg/ha)			Evolução %	
	2003/04	2004/05	2005/06	2004-05	2005-06
Rio Grande do Sul	6.070	6.068	6.631	9,2	9,3
Mato Grosso	2.949	2.651	2.503	(15,1)	(5,6)
Maranhão	1.419	1.294	1.400	(1,3)	8,2
Pará	2.143	2.116	1.909	(10,9)	(9,8)
Goiás	2.234	2.026	2.000	(10,5)	(1,3)
Tocantins	2.580	2.341	2.150	(16,7)	(8,2)
Santa Catarina	6.705	6.985	6.943	3,5	(0,6)
Piauí	1.128	1.294	1.418	25,7	9,6
Minas Gerais	2.280	2.265	2.161	(5,2)	(4,6)
Mato Grosso do Sul	4.477	4.362	4.454	(0,5)	2,1
<b>Brasil</b>	<b>3.557</b>	<b>3.369</b>	<b>3.868</b>	<b>8,7</b>	<b>14,8</b>

Fonte: IBGE.

## Santa Catarina: Produção aumenta lenta e gradativamente

A produção arrozeira catarinense está vindo em ritmo de crescimento a cada ano, tendo atingido, na última safra, 1,7 milhão de toneladas. Este volume é 1,2% maior que o alcançado em 2005 e 6,3% maior que o obtido em 2004. As maiores contribuições para a formação da oferta estadual do grão no ano de 2006 vieram das microrregiões de Araranguá (31,9%), Joinville (14,5%), Criciúma (13,9%), Tubarão (13,1%) e Rio do Sul (9,3%). Individualmente, entre as mais expressivas microrregiões geográficas do estado, a evolução da produção estadual em relação ao ano anterior, foi destaque nas de Itajaí (8,0% de aumento), Araranguá (5,4%) e Rio do Sul (4,9%). As microrregiões de Joinville e de Tubarão apresentaram em 2006, produção inferior a 2004 e 2005 (Tabela 13).

Tabela 13/I. Arroz – Quantidade produzida nas microrregiões geográficas – Santa Catarina – Safras 2003/04 a 2005/06

Discriminação	Quantidade produzida (t)			Evolução %		Part. % Estado
	2003/04	2004/05	2005/06	2004-06	2005-06	2005/06
Araranguá	292.826	322.035	339.508	15,9	5,4	31,9
Blumenau	72.141	71.747	72.714	0,8	1,3	6,8
Canoinhas	695	735	735	5,8	0,0	0,1
Criciúma	133.978	148.961	148.352	10,7	(0,4)	13,9
Florianópolis	12.967	12.967	15.167	17,0	17,0	1,4
Itajaí	75.385	67.358	72.768	(3,5)	8,0	6,8
Ituporanga	1.807	1.983	2.136	18,2	7,7	0,2
Joinville	161.286	169.166	154.162	(4,4)	(8,9)	14,5
Rio do Sul	86.894	94.361	98.970	13,9	4,9	9,3
Tabuleiro	638	638	1.050	64,6	64,6	0,1
Tijucas	16.100	19.750	20.375	26,6	3,2	1,9
Tubarão	147.003	142.966	139.109	(5,4)	(2,7)	13,1
<b>Santa Catarina</b>	<b>1.001.720</b>	<b>1.052.667</b>	<b>1.065.046</b>	<b>6,3</b>	<b>1,2</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE.

Da mesma forma que a produção, a área plantada em Santa Catarina apresentou crescimento gradativo nos últimos anos, apesar das dificuldades encontradas para a ampliação das áreas em função da pouca disponibilidade de terras e pelo alto custo do empreendimento. Mesmo assim, a safra 2006 foi 1,3% maior que a de 2005 e 4,3% maior que a de 2004.

O aumento foi registrado em quase todas as microrregiões. As exceções foram as de Joinville e de Tubarão, onde foram registradas quedas de 3,4% e 0,8% respectivamente (Tabela 14).

Tabela 14/I. Arroz – Área colhida nas microrregiões geográficas – Santa Catarina - Safras 2003/04 a 2005/06

Discriminação	Área colhida (ha)			Evolução %		Part. % Estado
	2003/04	2004/05	2005/06	2004-06	2005-06	2005/06
Araranguá	49.200	49.140	50.030	1,7	1,8	33,5
Blumenau	8.797	8.885	8.950	1,7	0,7	6,0
Canoinhas	113	121	121	7,1	0,0	0,1
Criciúma	19.743	20.715	20.835	5,5	0,6	13,9
Florianópolis	2.440	2.440	2840	16,4	16,4	1,9
Itajaí	8.744	9.989	10.729	22,7	7,4	7,2
Ituporanga	227	248	271	19,4	8,8	0,2
Joinville	20.298	20.681	19.982	(1,5)	(3,4)	13,4
Rio do Sul	10.940	11.638	12.033	10,0	3,4	8,1
Tabuleiro	85	85	140	64,7	64,7	0,1
Tijucas	2.280	2.800	2.950	29,4	5,4	2,0
Tubarão	20.322	20.672	20.502	0,9	(0,8)	13,7
<b>Santa Catarina</b>	<b>143.187</b>	<b>147.415</b>	<b>149.383</b>	<b>4,3</b>	<b>1,3</b>	<b>-</b>

Fonte: IBGE.

Graças a um sistema implantado com sucesso no meio agrícola catarinense, os produtores têm conseguido, a cada ano, aumentar o rendimento médio das lavouras. Além da adoção das novas tecnologias, o sucesso é garantido pelo trabalho, dedicação efetiva e empreendedorismo dos agricultores. No último ano, o rendimento médio das lavouras arrozeiras de Santa Catarina foi de 7.130 kg/ha, sendo 0,2% menor que a safra anterior, mas 1,9% maior que a obtida em 2004, como mostra a tabela 15. As microrregiões geográficas que mais se destacaram foram as de Araranguá (aumento de 14% em relação a 2004 e 3,6% em relação a 2005) e Rio do Sul, com aumentos de 3,6% e 1,4% em relação as safras 2004 e 2005, respectivamente (Tabela 15).

A tabela 16 mostra os vinte municípios que mais produziram o cereal em Santa Catarina, a área plantada, a produção e o rendimento médio das lavouras. Mostra, também, o comparativo entre as duas últimas safras.

Destaque nas duas últimas temporadas para o município de Forquilha, no sul do estado, que detém a maior área plantada e a maior produção do estado. Santa Catarina apresenta os melhores índices de produtividade do País e o município de Agronômica, no Alto Vale do Itajaí, com rendimento médio de 11.249 kg/ha, está entre os melhores índices de produtividade do mundo.

Tabela 15/I. Arroz irrigado – Rendimento médio nas principais microrregiões geográficas – Santa Catarina - Safras 2003/04 a 2005/06

Discriminação	Rendimento médio (kg/ha)			Evolução %	
	2003/04	2004/05	2005/06	2004-05	2005-06
Araranguá	5.952	6.553	6.786	14,0	3,6
Blumenau	8.201	8.075	8.124	(0,9)	0,6
Canoinhas	6.150	6.074	6.074	(1,2)	0,0
Criciúma	6.786	7.191	7.120	4,9	(1,0)
Florianópolis	5.314	5.314	5.340	0,5	0,5
Itajaí	8.621	6.743	6.782	(21,3)	0,6
Ituporanga	7.980	7.964	7.882	(1,0)	(1,0)
Joinville	7.947	8.180	7.715	(2,9)	(5,7)
Rio do Sul	7.943	8.108	8.225	3,6	1,4
Tabuleiro	7.506	7.506	7.500	(0,1)	(0,1)
Tijucas	7.061	7.054	6.907	(2,2)	(2,1)
Tubarão	7.234	6.916	6.785	(6,2)	(1,9)
<b>Santa Catarina</b>	<b>6.996</b>	<b>7.141</b>	<b>7.130</b>	<b>1,9</b>	<b>(0,2)</b>

Fonte: IBGE.

Tabela 16/I. Arroz irrigado – Produção, área plantada e rendimento médio nos principais municípios – Santa Catarina – Safras 2004/05 a 2005/06

Município	Produção (t)		Área plantada (ha)		Rendimento (kg/ha)	
	2004/05	2005/06	2004/05	2005/06	2004/05	2005/06
Forquilha	9.750	9.850	73.125	73.875	7.500	7.500
Turvo	8.710	9.550	63.148	69.238	7.250	7.250
Meleiro	9.260	9.400	64.820	65.800	7.000	7.000
Nova Veneza	7.700	7.700	55.440	53.900	7.200	7.000
Guaramirim	6.400	6.400	57.242	52.800	8.944	8.250
Massaranduba	5.700	5.700	51.300	47.242	9.000	8.288
Jacinto Machado	6.630	6.630	38.122	43.095	5.750	6.500
Tubarão	5.200	5.200	36.400	34.580	7.000	6.650
Gaspar	3.200	3.400	31.200	33.320	9.750	9.800
Jaguaruna	4.790	4.750	28.740	30.162	6.000	6.350
Araranguá	4.600	4.500	29.900	27.000	6.500	6.000
Pouso Redondo	3.020	3.020	24.000	25.500	7.947	8.444
São João do Sul	3.900	3.900	24.375	25.350	6.250	6.500
Imarui	3.680	3.680	25.208	23.920	6.850	6.500
Morro Grande	3.080	3.150	21.560	22.050	7.000	7.000
Ermo	3.100	3.100	21.700	21.700	7.000	7.000
Praia Grande	3.300	3.300	21.450	21.450	6.500	6.500
Joinville	3.000	3.000	22.500	21.000	7.500	7.000
Taió	2.500	2.450	20.500	20.500	8.200	8.367
Ilhota	3.000	3.000	19.500	19.500	6.500	6.500
<b>Total</b>	<b>154.459</b>	<b>154.571</b>	<b>1.055.613</b>	<b>1.071.619</b>	<b>6.834</b>	<b>6.933</b>

Fonte: IBGE.

Os produtores, principalmente aqueles dos estados que mais produziam o cereal, tiveram os preços recebidos relativamente estabilizados na última temporada. Em Santa Catarina, a média anual dos preços nominais recebidos pelos produtores em 2006, foram exatamente os mesmos da safra 2005, R\$19,05/sc de 50kg, variando de R\$17,29 a R\$23,00 por saca de 50kg, com crescimento a cada mês, excetuando-se o período de fevereiro a maio quando ocorreu uma pequena retração, recuperada a partir do mês de junho, como

## Desempenho da produção vegetal

## Arroz

podemos observar na figura 1. Observa-se também que o ano de 2005 apresentou um comportamento contrário ao do ano 2006, diminuindo os preços a cada mês. O ano de 2004, apresentou-se como um ano em que a remuneração dos produtores se deu de maneira muito satisfatória, pagando 47% mais que as safras 2005 e 2006. Na oportunidade, os produtores receberam na média R\$ 30,01/sc de 50kg.

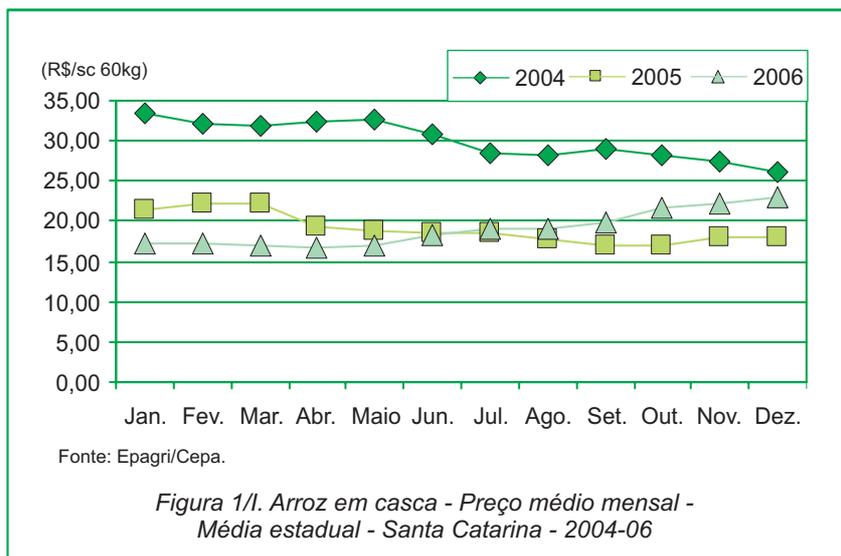


Figura 1/I. Arroz em casca - Preço médio mensal - Média estadual - Santa Catarina - 2004-06

No segmento atacadista, a situação se apresentou bastante parecida, como se pode observar na figura 2. A cotação média para o arroz beneficiado em Santa Catarina chegou em R\$ 46,28 por fardo de 30kg em 2004, R\$ 31,78 em 2005 e R\$ 31,88 em 2006.

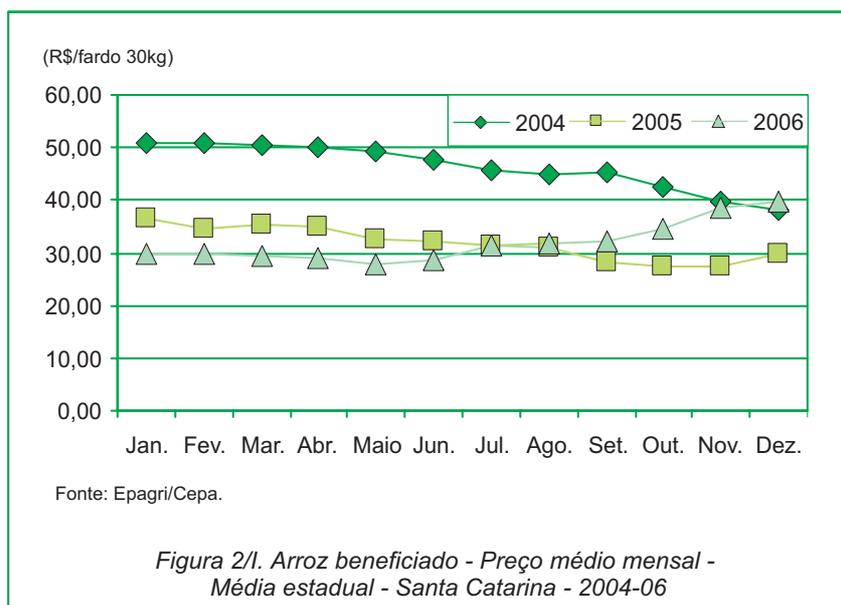


Figura 2/I. Arroz beneficiado - Preço médio mensal - Média estadual - Santa Catarina - 2004-06

As expectativas de dinamização do mercado brasileiro do arroz vêm-se postergando. Enquanto a ação do setor vare-

jista é de que os preços sejam menores para recuperar a queda da demanda, os segmentos produtivos e de beneficiamento, tentam diminuir o volume ofertado, para pelo menos atenuarem a queda da curva de preços. Esta reação, por parte do setor produtivo tem sido, ano após ano, de difícil realização, pois muitos produtores necessitam um volume de capital de giro que lhes permita não só saldarem mais uma parcela do crédito de custeio da safra anterior, como também custearem as operações de plantio da nova safra.

**Admir Tadeo de Souza**

## Importância econômica

A banana é a mais importante das frutas nos países tropicais. Dentre todas as frutíferas cultivadas no mundo, é ela que apresenta o maior volume de produção, sendo, por isso, uma das mais consumidas. A bananicultura é tida como cultura de subsistência, pois a maioria dos agricultores a produzem para consumo próprio e venda a mercados locais.

A banana, por seu alto valor nutritivo e por estar disponível durante todo o ano, é de suma importância para qualquer sistema sustentado na luta contra a fome.

Ela constitui o quarto produto alimentar mais produzido no mundo, precedido pelo arroz, trigo e milho, e em muitos países ela é a principal fonte de arrecadação e geradora de emprego e renda para a maioria da população.

A banana, no último ano, apresentou aumento significativo na produção, sendo superada apenas pela melancia, conforme dados da FAO, divulgados em julho de 2007: foram produzidas 72,6 milhões de toneladas, enquanto a melancia atingiu o volume de 97,5 milhões de toneladas. Na seqüência, foram produzidas 66,2 milhões de toneladas de uva, 62,2 milhões de toneladas de maçã e 61,6 milhões de toneladas de laranja, entre as mais importantes.

## Produção mundial

A banana é originária do Sudeste da Ásia, sendo atualmente cultivada em praticamente todas as regiões tropicais do planeta. No ano de 2005, o cultivo da bananeira ocupou 4,04 milhões de hectares no mundo, superando em 0,5% a área cultivada no ano anterior. A produção alcançou 72,6 milhões de toneladas, sendo 0,04% maior que o volume de 2004, enquanto a produtividade média foi 0,5% menor, passando de 18.062 kg/ha para 17.972 kg/ha.

Na tabela 1, a seguir, é destaque a evolução da cultura nos últimos cinco anos. Neste período, constatou-se aumento significativo na produção, basicamente em razão do aumento do uso de tecnologia que garantiram a elevação do rendimento médio dos bananais, e pequena participação do aumento da área cultivada. De 2001 a 2005, a bananicultura mundial aumentou 9,8% sua produção, 8,2% a produtividade média e somente 1,5% a área plantada.

Tabela 1/I. Banana – Evolução da cultura no mundo - 2001-05

Discriminação	2001	2002	2003	2004	2005
Área (mil ha)	3.983	4.139	4.026	4.019	4.041
Produção (mil t)	66.149	69.138	70.665	72.593	72.625
Rendimento (kg/ha)	16.608	16.704	17.552	18.062	17.972

Fonte: FAO.

Em 2005, conforme dados da Fao, a Índia liderou o processo produtivo de bananas, sendo responsável por 16,1% da produção mundial, com um total de 11.710.300 toneladas. O Brasil foi o segundo em volume produzido com 9,2%, seguido pela China com 9,1%,

Filipinas com 8,7% e pelo Equador, com 8,4%. A maior área plantada foi a do Brasil, que totalizou 491.180 hectares, representando 12,1% da área plantada no mundo, enquanto a maior produtividade foi conseguida na Guatemala, com rendimento médio de 55.400 kg/ha, quase quatro vezes maior que a média mundial. Na tabela 2, estão relacionados os vinte países com maior produção, as respectivas áreas plantadas, o rendimento médio das plantações e ainda o comparativo entre as duas últimas safras.

*Tabela 2/I. Banana – Área plantada, produção e rendimento médio nos vinte principais países produtores - 2004-05*

País	Produção (t)		Área plantada (ha)		Rendimento médio (kg/ha)	
	2004	2005	2004	2005	2004	2005
Índia	11.388.000	11.710.300	390.500	404.200	29.163	28.972
Brasil	6.606.830	6.703.400	491.040	504.666	13.407	13.290
China	6.246.050	6.666.720	273.650	274.200	22.825	24.313
Equador	6.132.280	6.118.430	226.520	221.090	27.072	27.674
Filipinas	5.631.200	6.298.230	415.427	417.800	13.555	15.075
Indonésia	4.874.439	4.503.467	314.708	315.000	15.489	14.297
Costa Rica	2.249.210	2.352.620	46.710	48.880	48.153	48.131
México	2.361.140	2.250.040	78.730	76.970	29.990	29.233
Tailândia	1.859.440	1.864.850	141.450	140.940	13.146	13.232
Burundi	1.556.860	1.538.680	301.810	303.420	5.158	5.071
Colômbia	1.577.400	1.764.500	62.730	64.790	25.146	27.234
Vietnam	1.329.400	1.344.200	92.500	93.900	14.372	14.315
Guatemala	1.028.470	1.070.540	19.240	19.310	53.455	55.440
Honduras	811.232	887.072	19.210	20.533	42.230	43.202
Egito	875.123	880.000	21.270	21.000	41.144	41.905
Uganda	615.000	623.910	135.000	138.230	4.556	4.514
Kênia	600.000	600.000	40.000	39.380	15.000	15.236
Camarões	797.739	855.970	82.113	84.510	9.715	10.129
República Dominicana	468.320	547.430	14.980	17.590	31.263	31.122
Bangladesh	706.590	898.710	49.280	53.860	14.338	16.686

Fonte: FAO.

## Produção brasileira

A bananeira é uma das principais fruteiras em exploração no Brasil. O volume de banana produzido no País só é superado pela laranja, como se pode ver na tabela 3, que apresenta os volumes produzidos e a evolução da produção das principais frutas cultivadas no Brasil no quinquênio 2001/2005. Todas as frutíferas mais cultivadas no País apresentaram evolução no período, algumas muito significativas, outras nem tanto. As exceções foram as culturas de abacaxi, pêssego e figo que tiveram produção reduzida, conforme foi divulgado pela FAO no boletim de julho de 2007.

Além do grande volume produzido e da expressiva área ocupada, a banana também é de grande importância no cenário nacional por ser o Brasil o maior consumidor mundial da fruta. O consumo per capita de bananas vem avançando gradativamente nos últimos anos, embora haja crescimento significativo, também, do consumo de outras espécies frutíferas. Esta atitude da população brasileira em comer mais frutas está sendo atribuída ao

conceito atual de alimentação mais saudável, que inclui no cardápio maior quantidade e diversidade de frutas.

Tabela 3/1. Principais Frutas – Quantidade produzida - Brasil – 2001-05

Fruta	2001	2002	2003	2004	2005
Laranja	16.983.248	18.530.600	16.917.600	18.270.500	17.804.600
Banana	6.176.960	6.422.860	6.800.990	6.606.830	6.703.400
Côco	2.130.821	2.892.350	2.978.490	2.942.630	3.033.830
Mamão	1.489.324	1.597.700	1.714.590	1.650.000	1.650.000
Abacaxi	1.430.020	1.433.230	1.440.010	1.435.660	1.418.420
Tangerina	1.124.980	1.262.740	1.304.740	1.270.000	1.270.000
Uva	1.058.490	1.148.650	1.067.420	1.283.200	1.208.680
Lima e limão	964.817	984.551	981.339	1.000.000	1.000.000
Manga	782.308	842.349	925.018	850.000	850.000
Maçã	716.030	857.388	841.821	973.325	843.919
Melância	600.000	1.491.130	1.905.800	622.000	622.000
Cajú	124.073	164.539	183.094	182.632	251.268
Pêssego e nectarina	222.616	218.292	220.364	216.000	216.000
Abacate	154.206	173.930	156.661	175.000	175.000
Pomelo	66.000	67.000	67.000	67.500	67.500
Caqui	65.000	65.500	66.000	67.000	67.000
Figo	25.981	23.921	25.586	25.000	25.000
Pêra	21.502	19.696	19.790	22.000	22.000
Marmelo	4.600	4.700	4.700	4.800	4.800
Morango	2.600	2.700	2.700	2.750	2.750

Fonte:FAO.

Segundo a FAO, em relatório do mês de julho de 2007, no ano de 2005 o consumo nacional de banana foi de 29,2 kg/habitante/ano, superando todas as outras frutas, exceto a laranja, como está apresentado na tabela 4, na qual se observa a evolução, de 2001 a 2005, do consumo per cápita das frutas mais consumidas no Brasil.

Tabela 4/1. Consumo per capita das frutas mais consumidas no Brasil - 2001-05

Fruta	2001	2002	2003	2004	2005
Laranja	56,5	50,4	46,4	42,8	39,2
Banana	28,1	29,2	29,5	29,2	29,2
Abacaxi	7,6	7,6	7,6	7,9	8,3
Uva	6,5	6,8	6,8	6,5	6,1
Lima e limão	3,2	3,6	4,0	4,0	4,0
Manga	25	2,9	3,2	3,2	3,6
Maçã	4,0	3,6	3,2	2,9	2,9

Fonte: FAO.

O consumo mundial da fruta também tem evoluído significativamente a cada ano, graças ao empenho do setor produtivo na qualificação da produção e do setor mercadológico nos aspectos que envolvem a apresentação do produto e a divulgação dos benefícios para quem o consome. Dados da FAO relatam que o consumo mundial de banana, em 2005, foi de 9,1 kg/habitante/ano.

A bananeira é cultivada em todos os estados do Brasil. Nos últimos anos, a atividade vem enfrentando problemas de mercado, sobretudo os de qualificação da produção. A exigência do consumidor, em especial, traz alguns problemas aos produtores, notadamente problemas relativos à qualidade e apresentação da fruta. Esta deficiência, já constatada, só poderá ser solucionada com o aumento do uso da tecnologia disponível e com o empenho e maior dedi-

cação dos produtores, permitindo o aprimoramento na fase de produção e beneficiamento da fruta, diminuindo as perdas que ocorrem ao longo do processo produtivo.

Em 2006, a produção nacional foi 3,0% maior que a da safra anterior, totalizando 6.802.991 toneladas nos 516.778 hectares cultivados, como foi divulgado pelo IBGE em relatório do mês de maio de 2007, conforme tabela 5, em que se comparam as safras dos últimos dois anos em cada estado. O rendimento médio dos bananais em 2006 foi de 13.507 kg/ha, contra 13.290 kg/ha conseguidos no ano anterior.

*Tabela 5/I. Banana. Área plantada e quantidade produzida no Brasil e nos estados – 2005-06*

Estado	Área plantada (ha)		Quantidade produzida (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2005	2006	2005	2006	2005	2006
Rondonia	6.851	6.781	56.117	57.571	8.191	8.490
Acre	7.654	8.926	62.503	55.480	8.166	6.215
Amazonas	32.357	32.357	354.433	354.433	10.954	10.442
Roraima	5.670	5.670	36.454	36.454	6.429	6.429
Pará	42.314	41.855	540.312	537.900	12.724	12.852
Amapá	875	700	2.072	2.635	3.542	3.764
Tocantins	5.290	5.370	4.515	35.368	7.451	7.544
Maranhão	12.907	11.837	127.407	126.827	10.850	10.709
Piauí	2.247	1.933	28.965	25.203	12.891	13.038
Ceará	42.847	42.120	42.261	363.025	8.700	8.619
Rio G. do Norte	6.362	6.643	199.033	201.048	31.271	30.350
Paraíba	16.542	16.077	284.896	257.447	17.223	16.013
Pernambuco	39.118	35.572	350.716	356.188	9.894	9.975
Alagoas	4.255	4.033	51.799	48.799	12.174	12.026
Sergipe	4.332	4.267	64.936	64.547	14.990	15.127
Bahia	61.148	70.011	844.739	971.057	13.858	13.721
Minas Gerais	40.235	39.430	561.721	550.503	14.580	14.605
Espírito Santo	21.383	21.185	170.509	180.207	8.531	8.809
Rio de Janeiro	24.295	24.077	160.916	162.327	6.623	6.742
São Paulo	48.820	61.300	1.060.520	1.178.140	21.723	22.356
Paraná	10.970	9.849	247.835	229.493	20.283	23.301
Santa Catarina	30.069	31.164	655.680	668.003	21.806	21.435
Rio G. do Sul	10.764	10.501	94.964	108.187	8.857	10.303
Mato G. do Sul	2.043	1.714	19.799	16.449	9.691	9.597
Mato Grosso	10.914	8.425	66.978	60.528	6.137	7.184
Goiás	14.263	14.818	159.669	153.018	11.906	11.530
Dist. Federal	141	163	1.957	2.154	13.879	13.215
<b>Total</b>	<b>504.666</b>	<b>516.778</b>	<b>6.606.834</b>	<b>6.802.991</b>	<b>13.290</b>	<b>13.507</b>

Fonte: IBGE.

Os significativos alcances dos estados da Bahia e de São Paulo, foram essenciais para o aumento da produção nacional no ano de 2006. Os produtores baianos aumentaram em 14,5% a área plantada e em 15,0% a produção estadual, enquanto os bananicultores paulistas incrementaram em 25,6% a área plantada e em 11% o volume produzido no estado. Na maioria dos outros estados, houve pequena queda no rendimento médio. Em boa parte deles houve redução na área plantada, registrando um aumento não tão significativo no País.

São Paulo continua o primeiro em participação na produção, o primeiro em área plantada do País e o terceiro em produtividade, superado pelos estados do Rio Grande do Norte e do Paraná, apesar de o rendimento médio das plantações paulistas ter aumentado de 21.723 kg/ha para 22.356 kg/ha, superando a média nacional, em 66%.

### Produção catarinense

A bananeira é a principal frutífera em área cultivada em Santa Catarina. Economicamente alterna-se com a macieira em importância a cada ano e o valor da produção é estimado em R\$ 110 milhões anuais. A cultura tem grande importância social, pois, segundo o último censo agrícola do IBGE, são 25.778 os produtores rurais que exploram a cultura no estado. Além disso, em cerca de 5.000 estabelecimentos agrícolas, a banana é a principal fonte de renda. A cultura da banana se notabiliza em Santa Catarina como geradora de emprego, em especial no comércio da fruta.

A produção catarinense atende aos diversos mercados. Normalmente, cerca de 18% do total é absorvido pelas indústrias instaladas no estado; 20% é destinado ao consumo *in natura* no próprio estado; 22% é registrado como perdas que ocorrem desde a colheita até a mesa do consumidor, e a maioria, ou seja, 40%, destina-se a outros mercados. Em 2006, as exportações absorveram 14% do total produzido, sendo a maioria destinada ao Mercosul, restando, portanto, 26%, estes destinados aos mercados dos outros estados brasileiros.

A tabela 6 mostra a área plantada, a produção obtida, o rendimento médio dos bananais e o comparativo das duas últimas safras nas microrregiões geográficas, nas quais se destaca a queda no rendimento médio dos bananais nas microrregiões de Itajaí e Joinville. Nota-se também a recuperação, embora discreta, dos bananais do sul do estado.

Merece destaque a microrregião de Joinville, que continua obtendo os melhores resultados do estado, sendo responsável por 54,3% do montante produzido no ano de 2006, seguida pelas microrregiões de Blumenau e Itajaí, que produziram, respectivamente, 21,6% e 14,8% do total estadual. Portanto, a região nordeste do estado é responsável pela produção de 90,7% da banana catarinense.

Na tabela 7 estão identificados, por ordem de produção, os vinte principais municípios do estado, as respectivas áreas plantadas e o rendimento médio alcançado por cada um deles no ano de 2006. Observa-se, nestes municípios, que a maioria apresentou estabilidade no rendimento médio, com exceção dos municípios de Ilhota, Corupá e Santa Rosa do Sul, que apresentaram, respectivamente, 38%, 18% e 6% de redução. Ao contrário, apresentaram aumento na produtividade média, os produtores de Criciúma, com 33%, de Massaranduba, com 12%, e de Jacinto Machado, com 7%.

Tabela 6/1. Banana - Área, produção e rendimento médio nas microrregiões geográficas- Santa Catarina – 2004-05

Microrregião geográfica	Área (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2004	2005	2004	2005	2004	2005
Araranguá	5.661	5.761	22.495	24.015	3.974	4.619
Blumenau	5.033	4.994	144.792	144.233	28.769	28.881
Canoinhas	30	30	210	210	7.000	7.000
Chapecó	14	0	112	0	8.000	0
Concórdia	20	10	310	200	15.500	20.000
Criciúma	1.937	1.706	15.688	15.799	8.099	9.261
Florianópolis	668	668	8.471	8.471	12.681	12.681
Itajaí	3.031	3.304	96.350	99.070	31.788	29.985
Joinville	12.854	13.902	353.537	362.372	27.504	26.066
São Bento	286	286	5.720	5.720	20.000	20.000
Tabuleiro	16	16	186	186	11.625	11.625
Tijucas	305	305	5.290	5.440	17.344	17.836
Tubarão	214	182	2.519	2.287	11.771	12.566
<b>Total</b>	<b>30.069</b>	<b>31.164</b>	<b>655.680</b>	<b>668.003</b>	<b>21.806</b>	<b>21.435</b>

Fonte: IBGE.

Tabela 7/1. Banana - Área, produção e rendimento médio nos vinte principais municípios produtores de Santa Catarina – 2005-06

Município	Área (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2005	2006	2005	2006	2005	2006
Corupá	4.395	5.384	148.130	147.992	33.704	27.487
Luis Alves	4.200	4.200	130.200	130.200	31.000	31.000
Massaranduba	1.720	1.850	41.656	50.300	24.219	27.189
Jaraguá do Sul	1.880	1.900	45.600	46.100	24.255	24.263
S. João Itaperiú	1.360	1.480	37.750	41.110	27.757	27.777
Schoereder	900	982	29.800	32.670	33.111	33.269
Garuva	1.303	1.333	28.546	28.926	21.908	21.700
Barra Velha	840	945	25.200	28.350	30.000	30.000
Guaramirim	936	936	27.620	27.620	29.509	29.509
Piçarras	400	400	16.000	16.000	40.000	40.000
Joinville	1.250	1.047	21.385	17.964	17.108	17.158
Jacinto Machado	3.540	3.540	12.601	13.492	3.560	3.811
Criciúma	800	800	6.384	8.480	7.980	10.600
Araquari	280	280	7.390	7.390	26.393	26.393
Ilhota	180	250	7.200	6.250	40.000	25.000
Rio dos Cedros	272	272	5.984	5.984	22.000	22.000
São Bento do Sul	286	286	5.720	5.720	20.000	20.000
Rodeio	230	230	4.600	4.600	20.000	20.000
Antônio Carlos	300	300	4.500	4.500	15.000	15.000
Santa Rosa do Sul	900	1.000	4.120	4.320	4.578	4.320
<b>Total estadual</b>	<b>30.069</b>	<b>31.164</b>	<b>655.680</b>	<b>668.003</b>	<b>21.806</b>	<b>21.435</b>

Fonte: IBGE.

O volume da produção somente foi negativo nos municípios de Joinville (16%) e Ilhota (13%). No primeiro, porque a área destinada à colheita foi 16% menor que em 2005 e no segundo, porque o rendimento médio dos bananais apresentou queda de 37%, sendo em parte compensada pelo aumento na área plantada. Os municípios com maior aumento de produção foram Criciúma (32,8%), Massaranduba (20,8%) e Barra Velha (12,5%).

O município de Corupá, na microrregião de Joinville, foi o que mais produziu em 2006, sendo responsável por 22,2% da produção estadual, seguido bem de perto pelo município de Luis Alves, na microrregião de Itajaí, com 19,5%, e de Massaranduba, na microrregião de Blumenau, com 7,5%.

A maior área plantada em 2006 também foi a do município de Corupá, com participação de 17,3% do total plantado, seguido por Luis Alves, com 13,5%, e Jacinto Machado, com 11,4%. A maior produtividade foi das plantações do município de Piçarras, com 40.000 kg/ha, sendo 86,6% maior que a média estadual.

## Comércio mundial

As exportações mundiais de bananas em 2005 (últimos dados divulgados pela FAO) apresentaram cifras que totalizaram 5,5 bilhões de dólares, movimentando 14,4 milhões de toneladas. Esses números significam o maior volume e os maiores valores negociados nos últimos cinco anos, como se pode observar nas tabelas 8 e 9, nas quais está

caracterizada a evolução do comércio mundial. O aumento das exportações, no período, foi bastante significativo, tanto em volume como e valores negociados. Os preços

do produto apresentaram oscilação, com significativa recuperação no último ano. De 2001 a 2005 houve crescimento de 24,7% no preço por tonelada da fruta.

Alguns aspectos fazem com que a banana seja a fruta mais comercializada no mundo: a facilidade de propagação, o grande rendimento por hectare, o fato de ser uma cultura de ciclo curto, de produção contínua, e de fácil manipulação quando verde, além de fácil armazenamento e maturação acelerada.

O consumo de bananas é relativamente alto em diversos países e tem aumentado com a expansão do conhecimento do seu valor nutritivo, além de seu excelente sabor.

As tabelas 10 e 11 apresentam os onze países que mais importaram e exportaram banana em 2005, bem como o percentual de participação em volume e valores em relação ao total comercializado e, ainda, a evolução do mercado de cada país nos dois últimos anos. Os Estados Unidos são, há muitos anos, o maior país importador da fruta, com mais de um quarto do total importado e o Equador sempre liderou as exportações de banana.

Tabela 8/I. Banana – Comportamento das exportações mundiais – 2001-05

Exportação	2001	2002	2003	2004	2005
Volume (mil t)	12.807	13.043	13.759	14.097	14.352
Valor (milhões US\$)	3.911	3.960	4.529	4.841	5.466
Preço (US\$/t)	305,38	303,61	329,17	343,41	380,85

Fonte: FAO.

Tabela 9/I. Banana - Comportamento das importações mundiais - 2001-05

Importação	2001	2002	2003	2004	2005
Volume (mil t)	12.687	12.874	13.585	14.125	14.452
Valor (milhões US\$)	6.268	6.354	7.096	7.560	8.222
Preço (US\$/t)	494,05	493,55	522,34	535,22	568,92

Fonte: FAO.

Tabela 10/I. Banana – Principais países importadores -  
Comparativo e evolução - 2004-05

País	2004		2005		Evolução 2004/2005
	Volume (t)	Participação (%)	Volume (t)	Participação (%)	
Estados Unidos	4.071.054,20	26,9	4.084.630,82	26,1	0,3
Alemanha	1.440.622,97	9,4	1.431.092,10	9,2	-0,7
Japão	1.128.604,50	7,2	1.093.498,96	7,2	-3,1
Bélgica	1.035.472,76	7,1	1.079.098,44	6,6	4,2
Rússia	1.019.975,83	6,4	972.041,28	6,5	-4,7
Itália	939.168,00	6,3	960.246,50	6,0	2,2
Reino Unido	750.301,39	4,9	739.398,72	4,8	-1,5
China	470.551,25	3,2	489.047,50	3,0	3,9
França	440.931,17	2,9	442.350,86	2,8	0,3
Irã	424.718,93	2,3	346.493,83	2,7	-18,4
Argentina	301.950,27	2,0	303.249,19	1,9	0,4
<b>Total mundial</b>	<b>15.580.622,6</b>	<b>100,0</b>	<b>15.186.866,81</b>	<b>100,0</b>	<b>-2,5</b>

Fonte: FAO.

Tabela 11/I. Banana - Principais países exportadores -  
Comparativo e evolução - 2004-05

País	2004		2005		Evolução 2004/2005
	Volume (t)	Participação (%)	Volume (t)	Participação (%)	
Estados Unidos	4.071.054,20	26,9	4.084.630,82	26,1	0,3
Equador	4.023.309,48	28,5	4.085.349,24	28,5	1,5
Costa Rica	1.834.437,85	13,0	1.597.081,75	11,1	-12,9
Filipinas	1.771.648,01	12,6	1.964.396,65	13,7	10,9
Colômbia	1.254.421,22	8,9	1.381.258,10	9,6	10,1
Guatemala	847.016,25	7,6	1.125.603,18	7,8	5,3
Bélgica	847.016,25	6,0	878.753,70	6,1	3,7
Honduras	554.916,31	3,9	501.890,86	3,5	-9,6
Panamá	383.288,47	2,7	323.153,58	2,3	-15,7
Alemanha	270.150,94	1,9	290.057,89	2,0	7,4
Camarões	244.165,87	1,7	245.770,51	1,7	0,7
Brasil	188.092,00	1,3	212.205,00	1,5	12,0
<b>Total mundial</b>	<b>14.096.527,60</b>	<b>100,0</b>	<b>14.351.623,16</b>	<b>100,0</b>	<b>1,8</b>

Fonte: FAO.

Em 2005, a nação norte americana importou 26,1% do total mundial, seguida pela Alemanha com 9,2% e pelo Japão com 7,2%. A Argentina, principal comprador de banana brasileira, é o 11º no ranking, com 1,9% de participação. Os maiores exportadores foram o Equador com 28,5%, as Filipinas com 13,7% e a Costa Rica com 11,1% do total mundial. O Brasil figura como 11º nas exportações, participando com 1,5% do total.

## Mercado brasileiro

As exportações brasileiras em 2006 registraram volumes 8,4% inferiores ao contabilizados em 2005. Os valores das negociações em 2006, no entanto, foram 27,3% maiores que as do ano de 2005, como se pode observar na tabela 12. Nela estão registrados os valores e

os volumes comercializados, bem como o preço obtido por tonelada do produto nos últimos nove anos. Considerando que a oferta da fruta não apresentou nível satisfatório, o ano não foi favorável para o bom desempenho da atividade, apesar de, na média, ter gerado resultado financeiro compensador.

Santa Catarina continua sendo o estado que mais se destaca nas exportações da fruta, participando com 48,3 % do volume e 23,7% do valor das exportações brasileiras no último ano. Outra performance interessante tem sido a do Rio Grande do Norte que a cada ano aumenta a sua participação nas exportações, para os países da Europa. Na última temporada, o estado nordestino contribuiu com 43,3% no volume e 63,8% dos valores das exportações. Crescem também as exportações do estado do Ceará. Além destes, tiveram participação importante, porém menos intensa, no processo de exportação, os estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rondônia, Goiás, Pernambuco e Sergipe.

As vendas para a Europa estão favorecendo significativamente o aumento do valor unitário do produto, como pode ser visto na tabela 13.

Os países que mais importaram a fruta em 2006 podem ser acompanhados na tabela 14, juntamente com os volumes e os valores negociados. Destaque para a Argentina que tem sido, ao longo do tempo, o maior importador da fruta brasileira, participando, neste último ano, com 28,9% do volume total. Destaque também para o Reino Unido, que além

de aumentar gradativamente o volume importado, comprando 28,1% do total nacional, teve a maior participação financeira, (43,1% do montante em dólares) sendo, também o País que apresentou o maior valor unitário de compra.

Tabela 12/I. Banana – Exportações brasileiras – 1998-006

Ano	Valor (milhões US\$)	Volume (t)	US\$/t
1998	11,628	68.555	169,62
1999	12,518	81.226	154,11
2000	12,359	71.812	172,10
2001	16,036	105.112	152,56
2002	33,574	241.038	139,29
2003	30,013	220.771	135,95
2004	27,001	188.092	143,55
2005	33,063	212.205	155,81
2006	38,555	194.349	198,38

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 13/I. Banana – Evolução das exportações nos principais estados - Valores, quantidades e preços médios - Brasil - 2000-06

Ano	Unidade	SC	RN	CE	SP	MG	PR
2000	(mil US\$)	4.284	5.537	0	1.334	19	596
	(t)	32.090	22.421	0	8.739	144	4.102
2001	(US\$/ t)	133,50	246,96	0	152,65	131,94	145,29
	(mil US\$)	16.404	6.655	165	1.239	280	427
2002	(t)	108.347	28.330	523	9.695	2.179	3.163
	(US\$/ t)	151,40	234,91	315,49	127,80	128,50	135,00
2003	(mil US\$)	17.213	13.673	343	1.058	432	258
	(t)	163.383	55.076	1.118	10.295	3.730	1.692
2004	(US\$/ t)	105,35	248,26	306,80	102,77	115,82	152,48
	(mil US\$)	11.997	14.760	57	1.650	405	147
2005	(t)	129.035	57.673	80	16.283	4.114	724
	(US\$/ t)	92,97	255,93	712,50	101,33	98,44	203,04
2006	(mil US\$)	27.001	14.813	39	1.064	276	78
	(t)	188.092	54.837	175	8.965	3.678	52
2005	(US\$/ t)	143,55	270,13	222,86	118,68	75,04	1.500,00
	(mil US\$)	12.143	19.545	88	896	198	66
2006	(t)	135.513	66.678	44	6.443	2.633	19
	(US\$/ t)	89,61	293,13	2.000,00	139,07	75,20	3.473,68
2006	(mil US\$)	9.141	24.583	4.115	522	0	45
	(t)	93.792	84.108	11.996	3.707	0	37
	(US\$/ t)	97,46	292,28	343,03	140,81	0	1.216,22

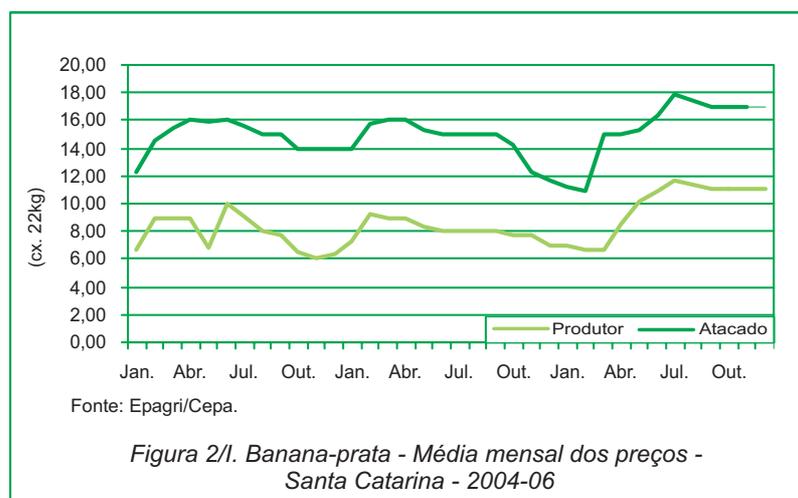
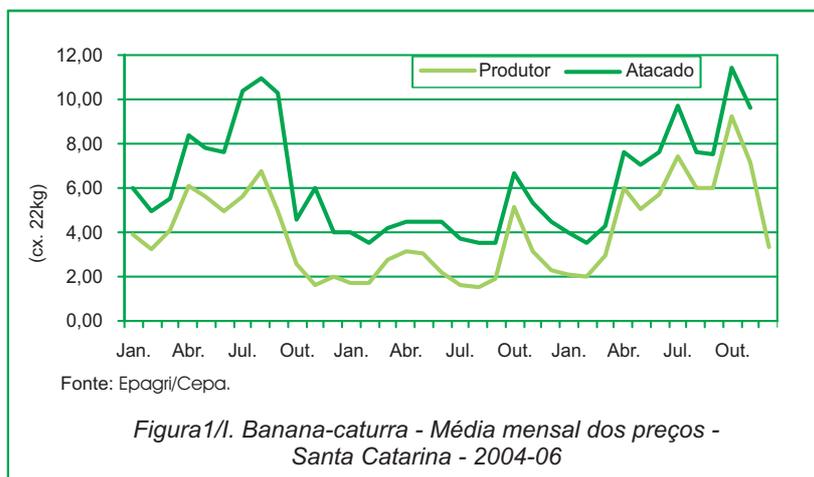
Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 14/I. Banana – Evolução das importações de banana brasileira pelos principais países compradores - Valores, quantidades e preços médios - 2000-06

Ano	Unidade	Argentina	Uruguai	Alemanha	Italia	Reino Unido	Holanda
2000	(mil US\$)	5.489	3.210	10	0	2.647	780
	(t)	35.005	23.537	4	0	9.846	2.892
	(US\$/ t)	35.005	23.537	4	0	9.846	2.892
2001	(mil US\$)	8.022	3.536	17	0	4.526	242
	(t)	61.727	29.728	7	0	15.972	801
	(US\$/ t)	129,96	118,95	2.428,57	0	283,37	302,12
2002	(mil US\$)	18.108	4.278	19	2.217	9.214	46
	(t)	163.985	42.754	3	8.218	30.094	16
	(US\$/ t)	110,42	100,06	6.333,33	269,77	306,17	2.875,00
2003	(mil US\$)	11.723	3.799	842	6.053	7.490	4
	(t)	130.119	40.568	3.074	21.857	25.897	19
	(US\$/ t)	90,09	93,65	273,91	276,94	289,22	210,53
2004	(mil US\$)	7.594	4.340	693	5.706	8.325	166
	(t)	91.372	42.293	2.543	20.762	30.631	401
	(US\$/ t)	83,11	102,62	272,51	274,83	271,78	413,97
2005	(mil US\$)	8.201	4.925	900	6.898	10.690	1.059
	(t)	97.903	47.790	2.795	23.351	36.137	3.525
	(US\$/ t)	83,77	103,06	322,00	295,40	295,82	300,43
2006	(mil US\$)	5.059	4.657	2.749	5.034	16.606	3.376
	(t)	56.116	42.900	9.216	17.125	54.557	11.271
	(US\$/ t)	90,15	108,55	298,29	293,96	304,38	299,53

Fonte: MDIC/Secex.

Em Santa Catarina são explorados dois tipos de banana em duas principais zonas de produção do estado. Os preços médios recebidos pelos produtores e os preços praticados no atacado apresentam situações diferenciadas quando se trata de um ou outro tipo de banana e, ainda, de uma ou outra região produtora. Em 2006, os preços médios praticados no mercado de banana foram os melhores de todos os tempos. As figuras 1 e 2, mostram a evolução dos preços da banana prata e da banana caturra nos três últimos anos, nos segmentos atacadista e ao produtor, considerando-se, a banana prata produzida no sul do estado e a banana caturra oriunda da região nordeste do estado. Enquanto os produtores do norte do estado receberam R\$ 5,26/caixa de 22kg da banana caturra, preço 110% maior que o conseguido na safra 2005 e 22,7% maior que o praticado em 2004, os produtores do sul receberam em média R\$ 9,75 pela caixa de 22 kg da banana prata, sendo 20,1% maior que o de 2005 e 24,0% maior que o obtido em 2004. O comportamento dos preços no mercado atacadista também foi mais favorável em 2006. A banana prata, na região sul, foi comercializada, na média, a R\$15,75/cx de 22kg, sendo 6,6% maior que o preço do ano anterior e 5,1% maior que o preço conseguido em 2004, enquanto a banana caturra alcançou preço médio de R\$7,16/cx de 22 kg na região de Joinville, sendo 0,8 % menor que a média das vendas de 2005 e 63,8% maior que as vendas de 2004.



*Admir Tadeu de Souza*

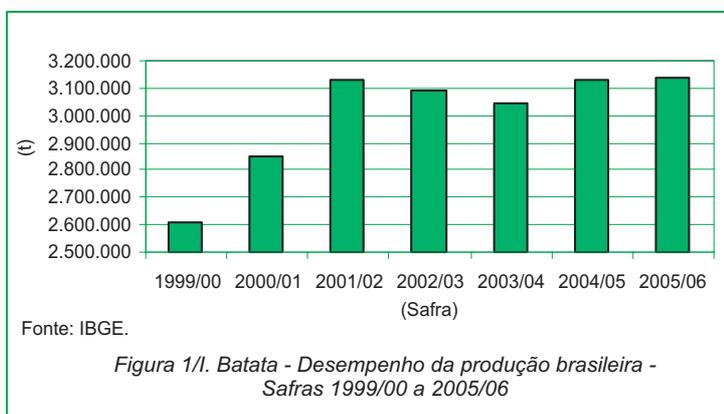
## Produção nacional registra novo recorde

A produção brasileira de batatas colhida na campanha correspondente ao ano agrícola 2006/07, de acordo com informações disponibilizadas pelo IBGE, totalizou aproximadamente 3.137,8 mil toneladas do tubérculo. Este valor representa um novo marco na história da bataticultura nacional, de vez que se constitui em recorde de produção interna do tubérculo.

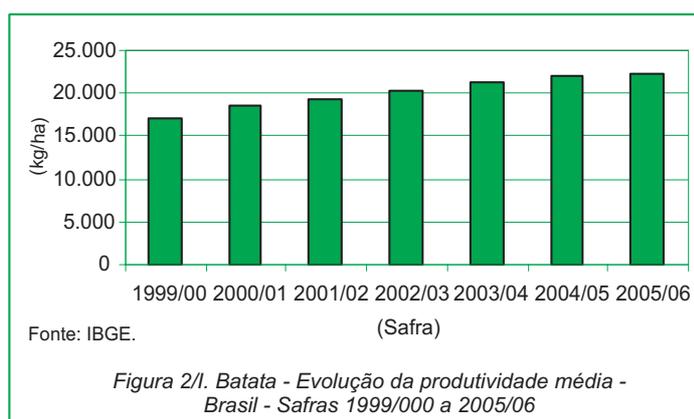
Comparativamente ao resultado verificado na safra imediatamente precedente, o atual, não obstante mostrar-se praticamente inalterado, reveste-se, todavia, de singular importância, de vez que nesta campanha se registrou uma diminuição de quase 2,0% no montante da área cultivada com a cultura.

A evolução da produção brasileira de batatas nos últimos anos, segundo dados do IBGE, apresentou-se conforme demonstrado na figura 1.

A propósito, o total da área de plantio desta safra, segundo a fonte citada, alcançou 140,7 mil hectares; a produtividade média obtida foi de 22.294 kg/ha, também um novo recorde verificado na atividade.



O tema produtividade merece ser mencionado na atividade não apenas porque nesta safra se mostrou evoluído em 1,6%, comparativamente ao rendimento do ano anterior, mas, principalmente, conforme pode melhor ser observado na figura 2, pelos sucessivos ganhos físicos alcançados nos últimos anos, os quais são reflexos diretos da preocupação dos agricultores com relação à adoção sempre constante de melhores e mais modernas tecnologias produtivas.



Na primeira safra, ou das águas, o total da produção colhida somou ao redor de 1.334,2 mil toneladas e representou cerca de 42,5% do montante da oferta bruta nacional obtida na campanha agrícola 2005/06. A área plantada, de acordo com o IBGE, alcançou em média 70,5 mil hectares, e a produtividade média foi de 20.123 kg/ha.

Na segunda safra, ou das secas, os levantamentos do IBGE revelaram uma área cultivada de aproximadamente 44,6 mil hectares. A produção colhida totalizou 994,6 mil toneladas e contribuiu com 31,7% da colheita nacional obtida em 2006. O rendimento médio observado nesse cultivo foi de 22.287 kg/ha.

A terceira safra, ou de inverno, registrou uma colheita de 809,0 mil toneladas, ou seja, cerca de 25,8% do total da produção de batata do País. De acordo com os dados oficiais do IBGE, nesse cultivo foram plantados 28,3 mil hectares, e a produtividade média registrada foi de 28.631 kg/ha.

Os principais destaques produtivos desta safra foram, novamente, os estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, tradicionalmente os principais estados produtores de batata do Brasil.

O Estado de Minas Gerais, nesta campanha, ofertou ao redor de 994,0 mil toneladas do tubérculo, ou seja, isoladamente contribuiu com aproximadamente 32,0% da oferta batateira do País.

Seguem em ordem decrescente de importância produtiva o Estado de São Paulo, com uma produção de 727,0 mil toneladas e o do Paraná, com colheita ao redor de 579,6 mil toneladas, ou seja, ofertas que representaram 23,2% e 18,5%, respectivamente, do total da produção nacional.

O desempenho da cultura da batata no Brasil na safra correspondente ao ano agrícola 2005/06, por estado produtor, de acordo com informações do IBGE, apresentou-se conforme a tabela 1.

*Tabela 1/I. Batata – Área plantada, produção e rendimento, por estado – Brasil – Safra 2005/06<sup>(1)</sup>*

Estado	Área plantada (ha)	Produção estimada (t)	Rendimento previsto (kg/ha)
Minas Gerais	36.748	994.131	27.053
São Paulo	32.070	726.960	22.668
Paraná	28.384	579.631	20.421
Rio G. do Sul	24.160	335.209	13.875
Goiás	5.270	214.500	40.702
Bahia	4.950	165.650	33.465
Santa Catarina	7.979	105.126	13.176
Espírito Santo	482	7.322	15.191
Distrito Federal	212	5.307	25.033
Paraíba	493	3.946	8.004
<b>Brasil</b>	<b>140.748</b>	<b>3.137.782</b>	<b>22.294</b>

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a modificações.

Fonte: IBGE.

Em Santa Catarina, o resultado final da atividade, na campanha correspondente ao ano agrícola 05/06, novamente deixou a desejar; acusou decréscimo produtivo e, por conseqüência, distanciou ainda mais o Estado Catarinense do rol dos principais produtores nacionais de batata.

Com efeito, de acordo com informações recentemente disponibilizadas pelo IBGE, esta safra apresentou, como dado de produção conclusivo da atividade, uma oferta bruta de aproximadamente 105,1 mil toneladas, montante 7,3% menor que o colhido no ano passado.

O total de área plantada somou ao redor de 8,0 mil hectares, e a produtividade média colhida, 13.175 kg/ha, números que também se apresentaram menores em 2,6% e 5,0%, respectivamente, em comparação aos registrados na campanha anterior.

A primeira safra, ou das águas, apresentou como dados oficiais os seguintes valores: área plantada, 6.290 hectares; produção colhida, 83,3 mil toneladas; rendimento obtido, 13.241 kg/ha.

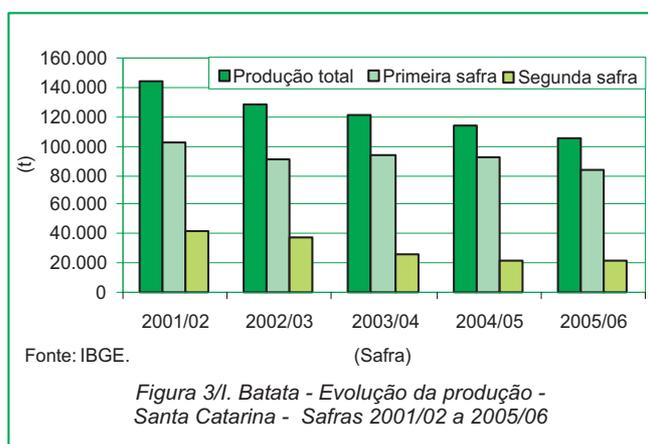
A segunda, ou das secas mais a do inverno, registrou uma colheita bruta de 21,8 mil toneladas de batatas. A área cultivada foi de apenas 1.689 hectares, e a produtividade da colheita, de 12.932 kg/ha.

Diante dos atuais resultados, a contribuição catarinense no total da produção brasileira desta campanha passa a ser de apenas 3,4%; Santa Catarina passa a ocupar a sétima posição entre os principais estados brasileiros que produzem o tubérculo.

No Estado Catarinense, conforme destacado em análises anteriores, nos últimos anos a atividade vem perdendo parte do importante espaço que ocupava no cenário agrícola estadual, haja vista a forte competição imposta pela maioria dos demais estados grandes produtores de batata, por fatores diversos, como tecnologias produtivas, infra-estrutura de pós-colheita, comercialização da produção e proximidade dos grandes centros consumidores.

A evolução do total da produção estadual catarinense do montante colhido na primeira e na segunda safra estadual, nos últimos anos, de acordo com informações disponibilizadas pelo IBGE, apresentou-se conforme a figura 3.

O desempenho da cultura da batata em Santa Catarina, nesta safra 2005/06, por microrregião produtora, de acordo com dados levantados pelo IBGE, apresentou-se conforme a tabela 2.



Como conseqüência do pequeno crescimento verificado no montante da produção nacional, permitindo dessa forma uma razoável distribuição e manutenção da oferta ao longo do ano, em termos de volumes mensais e de uma suposta redução do consumo, determinada pela perda do poder de compra e do crescimento cada vez maior de refeições efetuadas fora do domicílio, os valores médios mensais de comercialização verificados no decorrer deste ano nos diferentes segmentos do mercado apresentaram-se, normalmente, em patamar consideravelmente baixo e bastante menor que o registrado no ano passado.

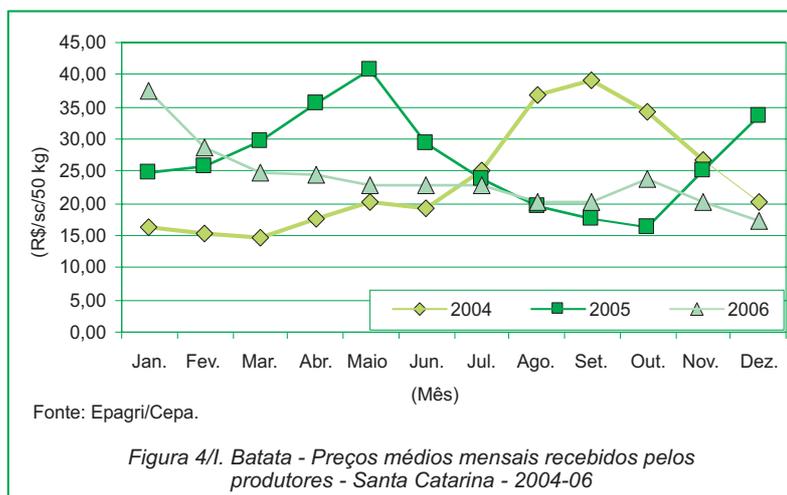
Tabela 2/I. Batata – Área plantada, produção e rendimento médio por microrregião produtora – Santa Catarina – Safra 2005/06<sup>(1)</sup>

Microrregião geográfica	Área plantada (ha)	Produção colhida (kg/ha)	Rendimento obtido (kg/ha)
Joaçaba	1.165	25.895	22.227
Campos de Lages	2.275	21.366	9.392
Tabuleiro	815	10.550	12.945
Tubarão	516	9.267	17.959
Canoinhas	498	8.880	17.831
Rio do Sul	519	5.037	9.705
Criciúma	364	5.016	13.780
Ituporanga	315	3.590	11.397
Tijucas	300	3.198	10.660
São Bento do Sul	245	2.415	9.857
Chapecó	275	2.348	8.538
Curitibanos	151	2.295	15.199
Florianópolis	174	2.046	11.759
Concórdia	222	2.019	9.095
Xanxerê	95	826	8.695
São Miguel Oeste	30	210	7.000
Blumenau	20	168	8.400
<b>Total</b>	<b>7.979</b>	<b>105.126</b>	<b>13.175</b>

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a modificações.

Fonte: IBGE.

Em nível de produtor de Santa Catarina, os preços médios mensais recebidos no decorrer deste ano e o comparativo em relação às cotações registradas nos dois últimos anos apresentaram-se conforme a figura 4.



Com relação à nova campanha batateira, correspondente ao ano agrícola 2006/07, as informações do IBGE, relativamente à primeira safra, ou das águas, em Santa Catarina, revelam expectativas de um ligeiro crescimento da oferta e situam o total da produção a ser colhida em 84,7 mil toneladas. A área plantada é estimada ao redor de 6,1 mil hectares.

Em nível nacional, as últimas pesquisas oficiais de avaliação de desempenho da cultura no primeiro cultivo, ou das águas, projetam uma oferta de aproximadamente 1.621,5 mil toneladas, ou seja, um montante 21,5% superior ao registrado nesta mesma safra no ano passado. Este aumento está sendo determinado exclusivamente pelo crescimento verificado na área de plantio, principalmente nos Estados de Minas Gerais e do Paraná.

As condições climáticas nos diferentes estados produtores têm-se mostrado extremamente satisfatórias à cultura e proporcionado excepcionais índices de produtividade nas áreas já colhidas.

*Tabela 3/I. Batata - Área plantada, produção e rendimento por estado - Brasil - Safras 2003/04 a 2005/06*

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2003/04	2004/05	2005/06 <sup>(1)</sup>	2003/04	2004/05	2005/06 <sup>(1)</sup>	2003/04	2004/05	2005/06 <sup>(1)</sup>
Distrito Federal	25	215	212	650	5.408	5.307	26.000	25.153	25.033
Goiás	2.710	3.800	5.270	114.650	154.400	214.500	42.306	40.632	40.702
Bahia	5.600	5.610	4.950	177.000	177.150	165.650	31.607	31.578	33.465
Mato Grosso do Sul	-	29	-	-	716	-	-	24.690	-
Paraíba	441	439	493	3.390	3.194	3.946	7.687	7.276	8.004
Pernambuco	30	-	-	240	-	-	8.000	-	-
Espírito Santo	562	526	482	8.998	7.953	7.322	16.011	15.120	15.191
Minas Gerais	37.364	38.064	36.748	966.008	1.003.621	994.131	25.854	26.367	27.053
Rio de Janeiro	81	79	-	1.010	970	-	12.469	12.278	-
São Paulo	31.930	34.154	32.070	779.320	831.965	726.960	24.407	24.359	22.668
Paraná	29.336	27.502	28.384	580.350	547.183	579.631	19.783	19.896	20.421
Rio Grande do Sul	26.036	24.016	24.160	294.912	284.137	335.209	11.327	11.831	13.875
Santa Catarina	8.666	8.189	7.979	120.555	113.477	105.126	13.911	13.857	13.175
<b>Brasil</b>	<b>142.781</b>	<b>142.623</b>	<b>140.748</b>	<b>3.047.083</b>	<b>3.130.174</b>	<b>3.137.782</b>	<b>21.341</b>	<b>21.947</b>	<b>22.29</b>

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a modificações.

Fonte: IBGE/PAM.

**Guido Boeing**

## Um ano para ser lembrado

O montante da produção brasileira de cebola colhido na campanha 2005/06, de acordo com dados disponibilizados pelo IBGE, somou aproximadamente 1.174,7 mil toneladas. O total da área plantada, segundo a mesma fonte, alcançou ao redor de 57,2 mil hectares, resultando, portanto, em uma produtividade média dos campos nacionais de 20.527 kg/ha.

Diante deste resultado, esta safra nacional de cebola passa a se constituir na sétima campanha a apresentar montante produtivo superior a 1 milhão de toneladas anuais do bulbo, performance produtiva que teve início nesta década.

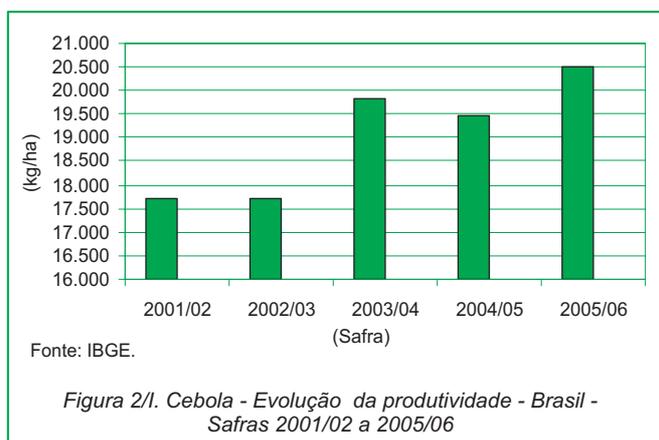
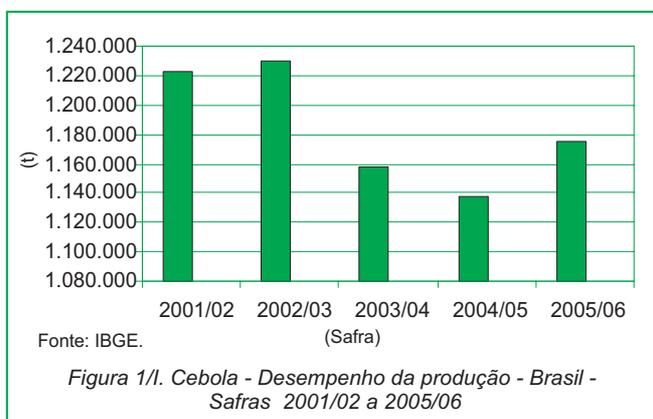
O desempenho produtivo mostrado pela atividade ceboleira no Brasil, nos últimos anos, de acordo com dados fornecidos pelo IBGE, apresentou-se conforme a figura 1.

Os valores verificados nesta campanha, comparativamente aos registrados na safra do ano passado, mostram algumas alterações que podem ser consideradas substanciais, como o índice de 5,5% de crescimento registrado no ganho de produtividade média, haja vista, principalmente, conforme pode melhor ser observado na figura 2, o já elevado rendimento que a cultura tem revelado em nível nacional nos últimos anos.

O total da área de plantio desta safra mostrou uma redução de 2,2%, enquanto a produção bruta colhida apresentou um crescimento de 3,3%, respectivamente.

As maiores alterações positivas de resultados de produção desta safra, relativamente aos verificados no cultivo do ano passado, foram registradas em Minas Gerais (16,8%) - Estado que responde por apenas 6,8% do total da oferta brasileira – e nos três estados da Região Sul do Brasil.

A evolução da oferta no conjunto dos estados sulinos alcançou de 11,9%, sendo que o total da oferta, de 645,7 mil toneladas, contribuiu com aproximadamente 55,0% do montante da produ-



ção brasileira estimada para esta campanha. O crescimento de cada Estado, individualmente, mostrou o seguinte panorama frente ao resultado observado na campanha imediatamente anterior: Paraná, 18,1%; Santa Catarina, 12,0% e Rio Grande do Sul, 7,4%.

A produção estimada para o Estado de São Paulo, de 197,6 mil toneladas, praticamente não se diferencia do montante de 196,3 mil toneladas colhidas na safra do ano passado.

Nos estados nordestinos de Pernambuco e Bahia, a atividade ceboleira, nesta safra, apresentou-se em declínio. A produção registrada na Bahia foi 11,8% menor, enquanto a de Pernambuco se manteve inalterada em relação à alcançada no cultivo anterior.

O comportamento revelado pela cultura da cebola no Brasil nesta safra, por estado produtor, de acordo com informações do IBGE, apresentou-se conforme a tabela 1.

Em Santa Catarina, os números da cultura na campanha correspondente ao ano agrícola 05/06 podem ser considerados extraordinários.

De acordo com a pesquisa final de avaliação e acompanhamento da safra de cebola no Estado Catarinense, promovida pelo IBGE em todos os municípios produtores, os números conclusivos desta campanha revelaram os seguintes valores para a cultura: área de plantio, 19.568 hectares; produção bruta colhida, 395.439 toneladas; rendimento médio obtido, 20.208 kg/ha.

O total da produção estadual colhido nesta safra apresentou-se evoluído em cerca de 12,0% comparativamente ao montante da oferta alcançado na campanha do ano passado. De certa forma, surpreendeu alguns segmentos do setor, seja pela pequena diminuição registrada na área de plantio da cultura, seja pelas adversidades climáticas (excesso de chuva e frio) verificadas principalmente nos meses de setembro e outubro/05, um dos mais críticos períodos para a cultura por coincidir com a fase de formação e crescimento dos bulbos. A partir do início do mês de novembro, entretanto, as condições de clima na principal região produtora do Estado apresentaram-se extraordinariamente satisfatórias e foram determinantes para a obtenção do resultado final desta campanha.

A evolução da produção estadual nos últimos anos, segundo dados do IBGE, apresentou-se conforme a figura 3.

A área cultivada com cebolas nesta safra, em Santa Catarina, foi 1,2% menor que a anterior; a produtividade alcançada foi 13,4% superior à da safra 2004/05 e se traduziu em um dos mais elevados rendimentos já registrados pela cultura em solo catarinense.

Tabela 1/I. Cebola – Área plantada, produção e rendimento obtido – Brasil – Safra 2005/06 <sup>(1)</sup>

Região	Área plantada (ha)	Produção colhida (t)	Rendimento obtido (kg/ha)
Santa Catarina	19.568	395.439	20.208
São Paulo	6.690	197.620	29.540
Bahia	6.175	153.009	24.779
Rio G. do Sul	10.894	146.325	13.432
Paraná	6.762	103.976	15.377
Pernambuco	5.247	98.957	18.860
Minas Gerais	1.893	79.420	41.955
<b>Brasil</b>	<b>57.229</b>	<b>1.174.746</b>	<b>20.527</b>

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a modificações.

Fonte: IBGE.

A produção catarinense desta campanha representou 33,7% do total da colheita nacional de cebola e manteve para o Estado a continuidade de principal produtor brasileiro do bulbo.

Do montante da oferta bruta colhida no Estado – de 395,4 mil toneladas -, estima-se que 320,0 mil toneladas tenham sido o total da oferta líquida direcionada ao mercado atacadista nacional. O restante (75,4 mil toneladas)

acredita-se que tenha sido perdido, como tradicionalmente ocorre, no processo de pós-colheita e de comercialização da produção.

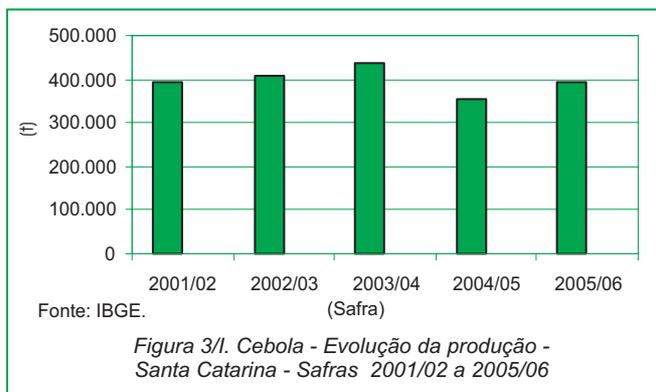
O resultado financeiro final da comercialização da produção catarinense desta safra, comparativamente ao registrado em anos anteriores, pode ser considerado extraordinário.

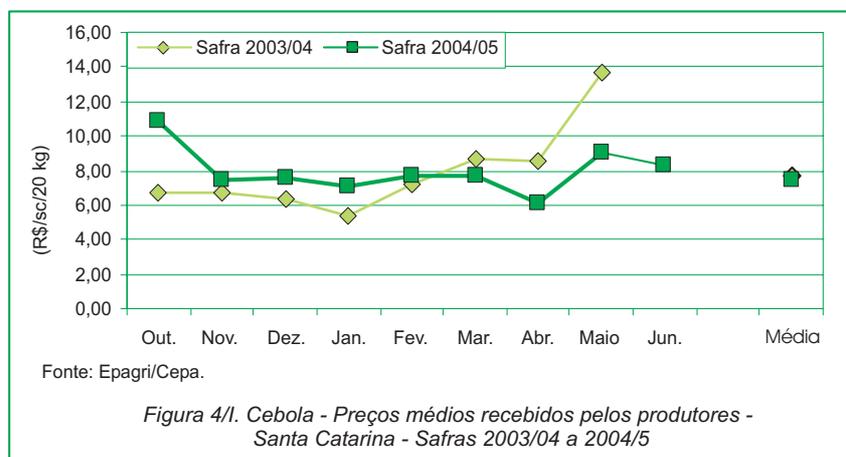
Com efeito, não obstante o elevado montante de produto catarinense disponibilizado para venda, os números alcançados foram excepcionais, a começar pelo elevado percentual, na faixa de 85,0% do total ofertado, de bulbos de melhor padrão comercial (da classe 3 a 5), enquanto os bulbos menores (da classe 2), representaram somente 15,0%.

Em relação aos preços recebidos pelos produtores, a ponderação final da campanha revelou os melhores valores da última década. O cenário de comercialização registrado foi o seguinte: as cebolas da classe 2 receberam uma cotação média de R\$ 5,05/saca de 20 quilos e resultaram num movimento financeiro de R\$ 12,1 milhões; as cebolas das classes 3 a 5 foram cotadas, na média, a R\$ 9,02/saca, representando um giro financeiro de R\$ 122,7 milhões.

O preço médio final de venda da produção catarinense alcançou R\$ 8,43/saca, tendo aumentado 13,5% em comparação ao valor médio registrado na safra passada. Representou um movimento de recursos, apenas no segmento produtor, de aproximadamente R\$ 134,85 milhões, ou seja, um montante 45,2% maior que o giro financeiro verificado na comercialização da safra passada. Em valores dolarizados, a campanha catarinense apresentou como dados finais movimentados no segmento produtor um valor aproximado de US\$ 60.262 milhões. O preço médio ponderado de venda final recebido pelo agricultor situou-se ao redor de US\$ 0,19/quilo.

O comparativo dos preços médios mensais pagos aos produtores de Santa Catarina nas duas últimas safras é mostrado na figura 4.





O comércio internacional brasileiro do produto manteve o mesmo comportamento verificado em anos anteriores, ou seja, as operações de exportação continuam insignificantes, enquanto os níveis de importação alcançam um patamar bastante elevado.

Com efeito, durante o ano de 2006 as vendas externas de cebola somaram apenas 1,0 mil toneladas, direcionadas em sua totalidade para os Estados Unidos.

As compras externas realizadas pelo Brasil, de outra parte, mantiveram-se bastante elevadas e foram substancialmente maiores que as verificadas durante o ano de 2005.

De acordo com informações geradas pela Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, as importações efetivadas durante esse ano, oriundas em sua quase totalidade da Argentina, tradicionalmente o principal país exportador de cebolas para o Brasil, totalizaram aproximadamente 198,8 mil toneladas do bulbo, com um crescimento da ordem de 17,0%, relativamente às compras de 2005. O produto foi importado a um valor médio de US\$ 0,16/quilo e representou uma evasão de divisas ao Brasil da ordem de US\$ 31,2 milhões/FOB.

Em razão do extraordinário resultado comercial revelado pela atividade nesse ano em Santa Catarina e considerando-se ainda o descontentamento de muitos agricultores no que concerne aos preços recebidos na comercialização do fumo, a nova campanha estadual relativa à safra 2006/07 apresenta expectativa de crescimento, se comparada à safra imediatamente anterior.

De acordo com as últimas avaliações do IBGE, a produção catarinense deverá oscilar em torno de 430,0 mil toneladas. A área de plantio somou ao redor de 21,0 mil hectares.

Por conta do aumento projetado para a cultura em nível estadual e também pela possibilidade de incremento da oferta nos demais Estados da Região Sul, a nova campanha ceboleira nacional deverá revelar números em crescimento em relação aos registrados na safra anterior. Os mais recentes indicativos do IBGE projetam uma oferta bruta de aproximadamente 1.200,0 mil toneladas do bulbo. A área a ser plantada é avaliada em 58,0 mil hectares.

As atividades culturais desta safra já foram definitivamente concluídas em todos os estados sulinos. Nas demais Unidades produtivas da Federação, a cultura apresenta-se em diversas fases, desde o preparo do solo e plantio até as atividades de colheita e comercialização da produção.

Tabela 2/I. Cebola - Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras 2003/04 a 2005/06

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2003/04	2004/05	2005/06 <sup>(1)</sup>	2003/04	2004/05	2005/06 <sup>(1)</sup>	2003/04	2004/05	2005/06 <sup>(1)</sup>
Distrito Federal	94	93	-	4.136	4.086	-	44.000	43.935	-
Goiás	330	280	-	17.100	13.650	-	51.818	48.750	-
Rio Grande do Norte	-	48	-	-	1.120	-	-	23.333	-
Bahia	6.187	7.215	6.175	131.524	173.558	153.009	21.258	24.055	24.779
Paraíba	17	11	-	233	143	-	13.706	13.000	-
Pernambuco	4.210	5.622	5.247	74.205	98.776	98.957	17.626	17.570	18.860
Piauí	7	7	-	30	30	-	4.286	4.286	-
Espírito Santo	123	148	-	3.075	4.792	-	25.000	32.378	-
Minas Gerais	2.207	1.642	1.893	66.122	67.981	79.420	29.960	41.401	41.955
São Paulo	6.590	6.642	6.690	186.120	196.251	197.620	28.243	29.547	29.540
Paraná	5.927	6.390	6.762	80.326	88.009	103.976	13.553	13.773	15.377
Rio Grande do Sul	11.252	10.591	10.894	158.094	136.211	146.325	14.050	12.861	13.432
<b>Santa Catarina</b>	<b>21.417</b>	<b>19.810</b>	<b>19.568</b>	<b>436.597</b>	<b>353.077</b>	<b>395.439</b>	<b>20.386</b>	<b>17.823</b>	<b>20.208</b>
<b>Brasil</b>	<b>58.361</b>	<b>58.499</b>	<b>57.229</b>	<b>1.157.562</b>	<b>1.137.684</b>	<b>1.174.746</b>	<b>19.835</b>	<b>19.448</b>	<b>20.527</b>

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a modificações.

Fonte: IBGE/PAM.

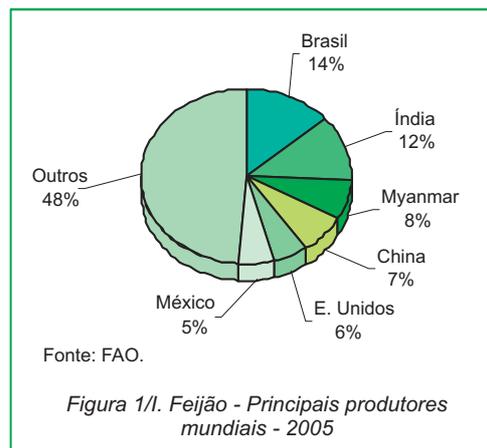
**Guido Boeing**

## Panorama internacional

Segundo a FAO, em 2005 (a última estimativa disponível até de julho de 2007) a produção mundial das diversas variedades de feijão situou-se em 22,9 milhões de toneladas, apresentando avanço de 1,4% em relação à do ano anterior.

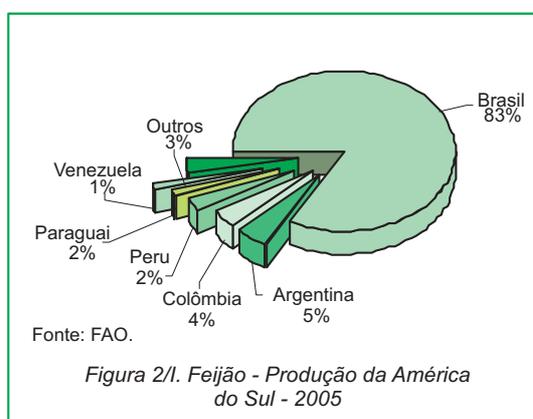
Dentre os principais produtores mundiais, destacaram-se: Brasil, Índia, Mianmar, China, Estados Unidos e México, que em conjunto responderam por quase 52,0% da produção global (Figura 1).

Como visto na relação dos principais produtores, a produção de feijão, com exceção dos Estados Unidos, está concentrada principalmente nos países em desenvolvimento. Seu consumo também se concentra, com algumas exceções, em países que também são grandes produtores, fato que limita o volume das transações internacionais da leguminosa. Em 2004, por exemplo, segundo dados da FAO, o volume vendido pelos 20 maiores exportadores somou 2,85 milhões de toneladas, e os 20 maiores importadores compraram 1,58 milhão de toneladas.



## Panorama da América do Sul

Na América do Sul, também em 2005, a produção, segundo a FAO, somou 3,64 milhões de toneladas, ou seja, representou cerca de 16,3% da produção mundial. No contexto sul-americano, além do Brasil, merecem destaques, ainda que com produções significativamente menores, a Argentina, a Colômbia, o Peru, o Paraguai e a Venezuela (Figura 2).



## Panorama nacional

Segundo a Conab, em 2005/06, com uma área plantada de 4,18 milhões de hectares, a produção brasileira de feijão somou 3,47 milhões de toneladas, apresentando avanço de 14,0% em relação ao total colhido em 2005.

Em 2005/06, dentre os maiores estados produtores, destacaram-se o Paraná, com 21,4% da produção total, Minas Gerais (15,5%), Bahia (9,7%), São Paulo (8,3%), Goiás (8,3%), Ceará (7,4%) e Santa Catarina, com 4,5% do total da produção brasileira (Figura 3).

O aumento da produção decorreu especialmente do bom comportamento da segunda safra, que apresentou um crescimento de 49,3%, além do leve aumento na produção da primeira safra (4,3%). A produção da terceira safra, ou safra de inverno, em razão do recuo da área plantada no Centro-Oeste e da redução da produtividade nessa mesma Região e na Bahia, apresentou um desempenho 11,0% inferior ao de igual período de 2005. O desempenho da produção por região e por período pode ser visualizado na tabela 1.

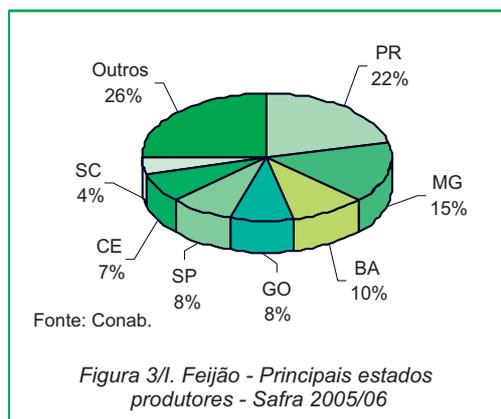


Tabela 1/1. Feijão - Produção brasileira, por região e por período - Safras 2004/05 a 2005/06

Região	1ª safra		2ª safra		3ª safra	
	2004/05	2005/06	2004/05	2005/06	2004/05	2005/06
Norte	2,2	4,0	127,2	117,2	-	-
Nordeste	83,6	86,3	379,6	588,9	486,1	416,4
Centro-Oeste	94,8	86,1	67,7	95,0	238,7	214,9
Sudeste	364,6	348,8	253,6	280,5	224,1	218,5
Sul	556,0	624,1	156,4	380,6	10,9	9,9
<b>Brasil</b>	<b>1.101,2</b>	<b>1.149,3</b>	<b>984,5</b>	<b>1.462,2</b>	<b>959,8</b>	<b>859,7</b>

(mil t)

Fonte: Conab.

Tabela 2/1. Feijão - Balanço de oferta e demanda - Brasil - Safras 2003/04 a 2006/07

Discriminação	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07
Estoque inicial	264,5	169,7	113,6	353,3
Produção	2.978,3	3.045,5	3.471,2	3.351,3
Importação	79,2	100,7	70,0	70,0
Consumo	3.150,0	3.200,0	3.300,0	3.300,0
Exportação	2,3	2,3	1,5	6,0
Estoque final	169,7	113,6	353,3	468,6

(mil t)

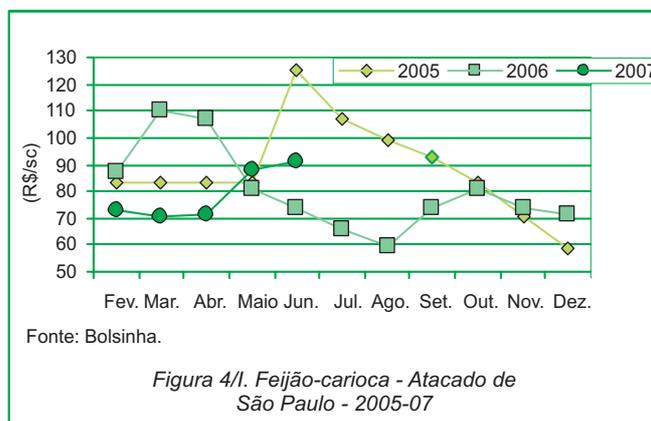
Fonte: Conab (jul./07).

O total da produção brasileira, de qualquer forma, situou-se num patamar sensivelmente superior ao do potencial de consumo (3,3 milhões de toneladas), redundando, com a agregação dos estoques de passagem da temporada anterior, em expressivo crescimento dos excedentes nacionais que passaram, segundo a Conab, de 113,6 mil para 353,3 mil toneladas (Tabela 2).

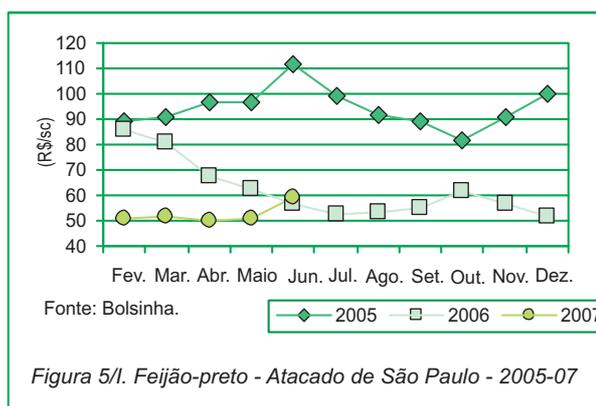
As sobras registradas na temporada 2005/06 explicam porque o mercado do feijão apresentou gradativo e acentuado declínio a partir de abril/maio. Os preços da leguminosa, significativamente firmes nos primeiros meses de 2006 em razão de uma primeira safra praticamente idêntica à anterior e das notícias de estiagens no início da segunda safra no Sul do País, começaram a cair à medida que se configurava uma safrinha com grande potencial.

No atacado de São Paulo, por exemplo, os preços do carioca extranovo, que ao final de março chegaram a atingir a faixa dos R\$ 115,50/sc, caíram gradativamente, situando-se ao final de agosto em R\$ 57,00/sc.

De setembro em diante, no entanto, com a gradativa diminuição da oferta do produto de melhor qualidade, os preços voltaram a registrar gradativa melhora, tendo atingido a média de R\$ 80,60/sc em outubro. A partir do final daquele mês, todavia, diante da perspectiva de uma grande produção da primeira safra nacional, os preços voltaram a perder fôlego, retroagindo nos primeiros dias de dezembro para R\$ 72,00/sc. Na comparação com a média dos preços de 2005, de qualquer forma, houve um decréscimo da ordem de 9% (Figura 4).



O mercado do feijão preto operou em 2006 sempre abaixo do carioca. Na praça de São Paulo, os valores ofertados pelo feijão-preto declinaram de R\$ 86,10/sc, em fevereiro, para R\$ 52,40/sc em agosto. Embora tendo se recuperado para R\$ 61,30/sc em outubro, as cotações voltaram a cair, fechando o ano em R\$ 52,00/sc. Em termos médios, os preços em 2006 apresentaram decréscimo de 33,8% em comparação aos do ano anterior (Figura 5).



## Panorama catarinense

A produção catarinense de 2005/06 situou-se em 164,2 mil toneladas, patamar 45% maior que o colhido no ano anterior. Tal desempenho decorreu além do incremento da área semeada – 5,6% na primeira safra e 29% na safrinha – da melhora da produtividade.

No que tange à produtividade, vale salientar que na primeira safra, apesar das pesadas perdas decorrentes das estiagens, o rendimento médio ainda foi 10,9% superior ao da anterior, a qual também sofreu sérias dificuldades com a falta de chuvas. Já a safrinha, devido ao clima mais favorável, o rendimento médio foi praticamente normal e apresentou um incremento de 96% em comparação ao obtido na frustrada safrinha de 2004/05.

Em 2006, os preços ofertados aos produtores catarinenses, tanto pelo carioca quanto pelo preto, exceto pelos registrados no primeiro trimestre quando se mostraram bem mais compensadores, operaram sempre próximos ou abaixo do preço mínimo oficial.

### Perspectivas para 2007

A primeira safra brasileira, segundo a Conab, apresentou crescimento de 6,3% na área semeada. A produção, em razão de o clima ter favorecido a produtividade, atingiu 1,49 milhão de toneladas, ou seja, cresceu 29,6% em relação à do ano anterior.

A segunda safra nacional de 2007, que chegou a ser projetada em 1,3 milhão de toneladas, foi reavaliada em julho para 1,1 milhão de toneladas, quantidade 23,8% menor que a da anterior. A queda decorreu não só do recuo de 4,2% na área semeada, mas especialmente pelo fato de a produtividade ter sido prejudicada pelas estiagens em boa parte do País. Em razão desta diminuição e da perspectiva de um decréscimo de 13,1% na produção da terceira safra (de 860 mil para 747 mil toneladas), a Conab, apesar do expressivo crescimento da primeira safra, projetou a produção total em 3,35 milhões de toneladas, volume 3,5% menor que os 3,47 milhões de colhidos em 2006.

Tal produção, quando somada aos estoques de entrada e às importações de feijão, ainda deverá gerar um suprimento total da ordem de 3,77 milhões de toneladas. Como o consumo continuou estimado em cerca de 3,3 milhões de toneladas, os estoques de passagem tendem a crescer de 353 mil para algo próximo de 469 mil toneladas.

Para a primeira safra catarinense de 2006/07, o último levantamento do IBGE/Gcea/SC indicou um plantio de 103,7 mil hectares, ou seja, um incremento de 14,0% em comparação ao total cultivado no ano anterior.

O crescimento decorreu principalmente da transferência de áreas anteriormente cultivadas com milho, uma vez que o mau desempenho dos preços do cereal desestimou seu cultivo, cedendo espaço não só para o feijão como também para a soja.

Em razão disso e da melhora expressiva da produtividade, a produção alcançou 181,7 mil toneladas, apresentando um incremento de 66,3% em relação à da frustrada safra de 2005/06.

A área semeada na safrinha, entretanto, devido ao desestímulo provocado pelos baixos preços ofertados aos produtores nos primeiros meses de 2007, apresentou um decréscimo de 28,3% em relação aos 37,5 mil hectares semeados em 2006. Em razão disso e de o clima não ter favorecido o desenvolvimento das lavouras, o IBGE/Gcea/SC, em sua avaliação de abril, estimou a produção em 33,3 mil toneladas, ou seja, num patamar quase 39,5% menor que o do ano anterior.

O total da produção catarinense, de qualquer modo, ainda se situou próximo de 215 mil toneladas e apresentou um incremento de quase 31% em relação ao total colhido em 2006.

Apesar de o quadro superavitário do suprimento nacional ter comprimido os preços dos diversos tipos nos quatro primeiros meses de 2007, o mercado do feijão carioca de melhor qualidade apresentou boa reação em maio.

No atacado de São Paulo, os preços do carioca extranovo, que ao final de abril se situavam na faixa dos R\$ 70,00/sc, evoluíram gradativamente, atingindo, em termos médios, R\$ 88,00/sc em maio.

Vale ressaltar que ao final de maio os preços chegaram a atingir entre R\$ 103,00 e R\$ 105,00/sc. Este crescimento acentuado foi atribuído ao baixo nível de oferta e à boa procura decorrente da recomposição dos estoques por parte dos empacotadores. A pouca disponibilidade deste tipo de produto, por sua vez, foi creditada não só ao intervalo entre a colheita da primeira e da segunda safra, como também ao fato de o excesso de chuvas ter prejudicado a qualidade do produto colhido.

Embora em junho os preços tenham voltado a perder força, ainda se situaram, em termos médios, em R\$ 91,00/sc.

Para o restante da temporada comercial 2006/07 (setembro), a não ser que a produção da terceira safra venha a sofrer problemas, a perspectiva é de os preços perderem um pouco mais de fôlego.

O mercado do feijão preto operou de uma forma geral muito calmo nos primeiros meses de 2007. No atacado de São Paulo, os preços permaneceram estabilizados próximos dos R\$ 50,00/sc. Como a oferta tende a ser reforçada pelo produto da Argentina, a expectativa é de os preços do feijão preto não apresentarem grandes modificações, pelo menos até agosto.

Tabela 3/I. Feijão - Área, produção e rendimento médio mundial - 2003-05

País	Área (mil ha)			Produção (mil t)			Rendimento (kg/ha)		
	2003	2004	2005	2003	2004	2005	2003	2004	2005
Brasil	5.889,87	7.925,81	5.194,70	3.302,40	2.967,01	3.021,50	560,70	374,30	581,70
Índia	6.565,68	7.003,39	8.000,45	2.340,90	3.171,00	2.660,00	356,50	452,80	332,50
Myanmar	1.751,66	2.588,28	1.681,18	1.661,00	1.680,00	1.680,00	948,20	649,10	999,30
China	1.211,74	828,29	1.841,29	2.079,80	1.758,49	1.610,50	1.716,40	2.123,00	874,70
E. Unidos	551,34	503,29	642,34	1.029,15	820,05	1.248,70	1.866,60	1.629,40	1.944,00
México	1.904,12	1.678,41	1.261,23	1.414,90	1.163,40	1.200,00	743,10	693,20	951,50
Uganda	847,00	882,00	899,00	592,00	524,00	568,00	698,90	594,10	631,80
Indonésia	184,54	184,36	184,51	310,41	309,72	310,00	1.682,10	1.680,00	1.680,10
R. Dem. Coréia	350,00	360,00	360,00	300,00	310,00	310,00	857,10	861,10	861,10
Quênia	1.048,69	912,30	1.107,12	475,76	306,82	418,49	453,70	336,30	378,00
Outros	18.475,79	18.463,90	17.990,94	9.347,11	8.968,49	9.262,61	505,90	485,70	569,40
<b>Mundo</b>	<b>38.780,43</b>	<b>413.30,03</b>	<b>39.162,76</b>	<b>22.853,43</b>	<b>21.978,98</b>	<b>22.289,80</b>	<b>589,30</b>	<b>531,80</b>	<b>569,20</b>

Fonte: FAO.

Tabela 4/I. Feijão - Área plantada produção e rendimento médio por estado - Brasil - Safras 2004/05-2006/07

Discriminação	Área plantada (mil ha)			Produção (mil t)			Rendimento (kg/ha)		
	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07
Roraima	64,4	62,5	61,1	39,9	35,4	41,2	620	566	674
Acre	16,6	15,8	15,0	9,3	8,7	8,2	560	551	547
Amazonas	5,0	6,9	6,7	4,5	3,7	6,0	900	536	896
Roraima	1,5	1,5	1,0	0,9	0,9	0,7	600	600	700
Pará	73,8	74,0	79,9	62,9	62,0	67,5	852	838	845
Amapá	1,0	1,0	1,4	4,5	0,6	1,1	600	600	786
Tocantins	12,1	12,4	16,5	11,3	9,9	18,9	934	798	1.145
Maranhão	77,0	84,7	86,8	35,4	38,1	39,1	460	450	450
Piauí	235,5	242,1	215,0	59,2	95,8	47,2	251	396	220
Ceará	503,0	546,6	574,0	158,1	258,3	137,2	314	473	239
Rio G. do Norte	66,8	80,2	80,1	24,8	37,1	26,0	371	463	325
Paraíba	202,1	204,1	206,1	62,7	118,4	87,0	310	580	422
Pernambuco	294,7	309,7	320,3	119,8	129,8	131,7	407	419	411
Alagoas	95,2	98,5	99,6	40,5	52,2	47,6	425	530	478
Sergipe	58,1	49,4	46,9	30,8	24,9	24,2	530	504	516
Bahia	768,7	728,3	720,0	418,0	337,0	307	544	463	426
Minas Gerais	433,7	459,2	411,1	566,0	536,6	490,9	1.305	1.169	1.194
Espírito Santo	26,6	24,3	23,1	20,2	18,3	17,9	759	750	775
Rio de Janeiro	6,5	6,6	6,8	5,5	5,8	5,8	846	879	853
São Paulo	164,2	191,1	192,3	250,6	287,1	313,9	1.526	1.502	1.632
Paraná	425,1	575,3	563,3	533,2	743,5	795,7	1.254	1.292	1.413
Santa Catarina	113,3	122,4	127,4	115,5	155,4	196,8	1.019	1.270	1.545
Rio G. do Sul	111,7	120,1	119,6	74,6	115,7	142,7	668	963	1.193
M. G. do Sul <sup>(1)</sup>	20,1	30,7	21,8	22,1	29,0	25,6	1.100	945	1.147
Mato Grosso	42,6	30,5	36,3	67,8	45,8	51,3	1.592	1.502	1.413
Goiás	115,3	127,6	129,4	274,5	286,9	274,9	2.381	2.248	2.124
Distrito Federal	14,6	18,0	17,9	36,8	34,3	45,2	2.521	1.906	2.525
<b>Brasil</b>	<b>3.949,2</b>	<b>4.223,6</b>	<b>4.179,4</b>	<b>3.045,5</b>	<b>3.471,2</b>	<b>3.351,3</b>	<b>771</b>	<b>822</b>	<b>802</b>

<sup>(1)</sup> Safra, mais safrinha e terceira safra.

Fonte: Conab (jul./07).

Tabela 5/I. Feijão - Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras 2004/05 a 2006/07

Discriminação	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2004/05	2005/06	2006/07 <sup>(1)</sup>	2004/05	2005/06	2006/07 <sup>(1)</sup>	2004/05	2005/06	2006/07 <sup>(1)</sup>
Araranguá	1.760	1.820	1.770	1.510	1.876	1.781	858	1.031	1.006
Blumenau	271	261	262	243	251	267	897	962	1.019
Campos de Lages	20.058	19.568	20.428	13.509	16.768	27.744	673	857	1.358
Canoinhas	14.100	20.860	20.150	23.593	31.180	43.378	1.673	1.495	2.153
Chapécó	16.520	17.062	16.059	10.220	24.654	21.260	619	1.445	1.329
Concórdia	2.105	1.710	1.750	1.722	1.465	2.306	818	857	1.138
Criciúma	6.825	8.050	6.772	8.071	12.430	6.488	1.183	1.544	958
Curitibanos	20.120	21.965	29.190	16.985	27.017	55.664	844	1.230	1.907
Florianópolis	422	422	329	442	442	345	1.047	1.047	1.049
Itajaí	32	47	37	32	45	35	1.000	957	945
Ituporanga	1.785	3.010	1.260	2.364	4.769	1.926	1.324	1.584	1.529
Joaçaba	10.368	9.418	9.698	9.304	10.155	19.248	897	1.078	1.985
Joinville	72	63	48	64	53	46	889	841	958
Rio do Sul	1.431	2.186	1.568	1.767	2.500	2.162	1.235	1.144	1.379
São Bento do Sul	1.665	1.865	1.865	3.538	3.700	3.728	2.125	1.984	1.999
São Miguel do Oeste	4.235	3.762	4.200	3.537	4.534	5.414	835	1.205	1.289
Tabuleiro	1.610	960	525	2.222	1.262	794	1.380	1.315	1.512
Tijucas	820	1.205	785	883	1.283	921	1.077	1.065	1.174
Tubarão	5.165	5.871	5.013	5.389	6.932	6.457	1.043	1.181	1.288
Xanxerê	5.435	8.405	8.820	7.773	12.926	15.010	1.430	1.538	1.702
<b>Santa Catarina</b>	<b>114.799</b>	<b>128.510</b>	<b>130.529</b>	<b>113.168</b>	<b>164.242</b>	<b>214.973</b>	<b>986</b>	<b>1.278</b>	<b>1.695</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa IBGE/Gcea/SC (abr/07).

Fonte: IBGE .

### *Simão Brugnago Neto*

## Situação nacional

Segundo a FAO, a produção mundial de fumo dos anos mais recentes ficou bem abaixo dos parâmetros alcançados há alguns anos. Isto decorreu do fato de a maioria dos principais países produtores ter reduzido a produção.

O Brasil foi um dos países que melhor aproveitaram a redução da produção mundial e nas últimas safras tem produzido quantidades bem superiores aos parâmetros históricos. A produção brasileira saltou de menos de 600 mil toneladas na safra 2000/01 para mais de 921 mil toneladas na safra 2003/04, produção recorde para o País. Nas últimas três safras, a produção tem sido mantida próximo das 900 mil toneladas.

Esse expressivo aumento da produção brasileira só foi possível porque havia uma crescente demanda no mercado internacional, a qual decorreu especialmente da intensiva redução da produção de alguns países importantes produtores e exportadores mundiais.

Com isto, as exportações brasileiras de fumo, que ao longo de muito tempo já eram crescentes, se expandiram de forma ainda mais significativa nos anos recentes, batendo sucessivos recordes. Apenas de 2003 para 2005, aumentaram 32% em toneladas e 57% em dólares, e o Brasil consolidou a condição de maior exportador mundial em quantidade de fumo em folha, respondendo atualmente por cerca de 25% das exportações mundiais.

Em 2006, as exportações brasileiras não repetiram o mesmo comportamento dos últimos anos, e houve, em relação ao ano de 2005, um decréscimo de 7,7% em toneladas. Apesar disso, por preços de exportação mais elevados, atingiram um novo recorde em dólares.

Mesmo com o crescimento do valor exportado em dólares, em função da taxa de câmbio de 2006 ter ficado abaixo da de 2005, houve, em moeda nacional, nova redução na rentabilidade das exportações brasileiras.

Como a maior parte do fumo brasileiro tem como destino o mercado externo, a redução da rentabilidade das exportações tem se constituído em uma das dificuldades para a negociação entre as indústrias e entidades representativas dos produtores. Isto tem criado problemas para a fixação da tabela de preços e para a comercialização das safras mais recentes, particularmente no que diz respeito à classificação do fumo e, conseqüentemente, ao preço médio recebido pelos produtores.

No que diz respeito à tabela de preços, aliás, foi repetida a situação verificada nas últimas safras e não houve acordo na negociação entre as entidades representativas dos produtores, o Sindicato da Indústria do Fumo (Sindifumo) e as indústrias. Estas não aceitaram nenhuma correção na tabela de preços da safra 2006/07, que ficou a mesma de 2005/06.

Ocorre que a única referência para a fixação da tabela de preços aos produtores é o custo de produção do fumo, cuja definição tem sido bastante problemática pelos diferentes critérios adotados entre as entidades dos produtores e as indústrias para a remuneração da mão-de-obra, impedindo a fixação de uma tabela de preços acordada entre as partes.

Ainda assim, a comercialização da safra 2006/07 transcorreu mais tranqüila que a da safra 2005/06. Segundo a Afubra, o preço médio recebido pelos produtores dos três estados do Sul ficou em R\$ 4,25/kg, 2,4% acima dos R\$ 4,15/kg da safra 2005/06. Em Santa Catarina, o preço médio ficou em R\$ 4,21/kg; o único estado da Região Sul em que o preço médio não foi melhor que o da safra anterior. No Rio Grande do Sul, o preço médio foi R\$ 4,34/kg, e no Paraná, R\$ 4,05/kg. Estes preços são, respectivamente, 4,08% e 3,58% superiores aos da safra 2005/06.

Essa melhora de preço médio decorreu especialmente da melhor qualidade do fumo, mas também pesaram positivamente a elevação dos preços do fumo brasileiro no mercado internacional, a redução da participação de cigarros contrabandeados no mercado interno e o bom desempenho das exportações brasileiras nos primeiros meses de 2007.

### Situação catarinense

Santa Catarina, a exemplo dos demais estados da Região Sul, que responde por cerca de 95% da produção brasileira, foi um dos estados em que na produção dos últimos anos também houve um grande crescimento.

Na safra 2005/06, a produção poderia ter ficado muito próximo do recorde de 2003/04, porém, pela adversidade das condições climáticas, o rendimento médio obtido ficou entre os piores dos últimos anos.

Para a safra 2006/07, os números provisórios do IBGE indicam área plantada de 135 mil hectares, produção de 256,5 mil toneladas e rendimento médio de 1.900 kg/ha. Em relação à safra 2005/06, estes números significam redução de 2,7% na área plantada, aumento de 5,1% na produção e de 8% no rendimento médio.

As condições climáticas foram relativamente favoráveis e não será surpresa, quando do fechamento definitivo dos números da safra, se o rendimento médio ficar acima do estimado preliminarmente e a produção superar ainda com maior folga a da safra passada.

Em 2006, em função do maior processamento de fumo para exportação dentro do próprio Estado, houve um expressivo crescimento de Santa Catarina nas exportações brasileiras. O Estado respondeu por 23,1% da quantidade e por 26,6% do valor das exportações do Brasil. No ano de 2005, estas participações foram bem menores; de 12,1% e 12,5%, respectivamente.

## Perspectivas para a safra 2007/08

Para a safra 2007/08, em sondagem realizada com produtores dos três estados do Sul durante o primeiro semestre, a Afubra diagnosticou como tendência mais forte a redução da área de plantio. Isto aconteceria de forma mais ou menos homogênea entre os três estados do Sul e seria a terceira safra consecutiva com redução de área plantada.

A confirmação disso significaria que as indústrias continuam interessadas em reduzir a área plantada e tendo como prioridade produzir menos fumo, mas com mais qualidade.

Tabela 1/I. Fumo - Comparativo de safras - Brasil - Safras  
1997/98 a 2006/07

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1997/98	358.155	505.353	1.411
1998/99	341.731	629.525	1.842
1999/00	310.633	579.727	1.866
2000/01	305.676	568.505	1.860
2001/02	344.798	670.309	1.944
2002/03	392.925	656.200	1.670
2003/04	462.391	921.281	1.992
2004/05	494.318	889.426	1.799
2005/06 <sup>(1)</sup>	499.485	905.352	1.813
2006/07 <sup>(2)</sup>	475.517	927.158	1.950

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações.

<sup>(2)</sup> Dados preliminares.

Fonte: IBGE.

Tabela 2/I. Fumo - Comparativo de safras, segundo os estados e regiões do Brasil - Safras  
2003/04 a 2005/06

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2003/04	2004/05	2005/06 <sup>(1)</sup>	2003/04	2004/05	2005/06 <sup>(1)</sup>	2003/04	2004/05	2005/06 <sup>(1)</sup>
Rio Grande do Sul	229.007	242.180	243.249	482.968	430.347	472.720	2.109	1.777	1.943
Santa Catarina	143.112	145.806	138.712	284.825	280.045	244.011	1.990	1.921	1.759
Paraná	64.489	78.999	85.247	127.329	152.371	155.201	1.974	1.929	1.821
<b>Região Sul</b>	<b>436.608</b>	<b>466.985</b>	<b>467.208</b>	<b>895.122</b>	<b>862.763</b>	<b>871.932</b>	<b>2.050</b>	<b>1.848</b>	<b>1.866</b>
Alagoas	11.925	10.700	16.770	13.295	11.206	17.411	1.115	1.047	1.038
Bahia	10.894	11.950	12.437	9.730	10.987	12.512	893	919	1.006
Sergipe	1.552	2.133	2.211	2.009	2.775	2.868	1.294	1.301	1.297
Paraíba	338	277	396	246	225	312	728	812	788
Rio Grande do Norte	167	286	-	118	247	-	707	864	-
Ceará	58	165	213	75	142	207	1.293	861	972
Pernambuco	124	134	-	112	125	-	903	933	-
<b>Região Nordeste</b>	<b>25.058</b>	<b>25.645</b>	<b>32.027</b>	<b>25.585</b>	<b>25.707</b>	<b>33.310</b>	<b>1.021</b>	<b>1.002</b>	<b>1.040</b>
São Paulo	175	250	250	150	110	110	857	440	440
<b>Região Sudeste</b>	<b>175</b>	<b>250</b>	<b>250</b>	<b>150</b>	<b>110</b>	<b>110</b>	<b>857</b>	<b>440</b>	<b>440</b>
Acre	253	254	-	225	223	-	889	878	-
Pará	115	95	-	82	64	-	713	674	-
Amazonas	182	1.089	-	117	559	-	643	513	-
<b>Região Norte</b>	<b>550</b>	<b>1.438</b>	<b>-</b>	<b>424</b>	<b>846</b>	<b>-</b>	<b>771</b>	<b>588</b>	<b>-</b>
<b>Brasil</b>	<b>462.391</b>	<b>494.318</b>	<b>499.485</b>	<b>921.281</b>	<b>889.426</b>	<b>905.352</b>	<b>1.992</b>	<b>1.799</b>	<b>1.813</b>

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 3/I. Fumo - Quantidade produzida e exportada -  
Brasil - 1997-006

Ano	Produção (t)	Exportação (t)	(%) Exp./Prod.
1997	596.952	409.919	68,7
1998	505.353	392.875	77,7
1999	629.525	358.746	57,0
2000	579.727	353.022	60,9
2001	568.505	443.846	78,1
2002	670.309	474.472	70,8
2003	656.200	477.550	72,8
2004	921.281	592.844	64,4
2005	88.9426	629.629	70,8
2006 <sup>1</sup>	905.352	581.380	64,2
<b>Média</b>	<b>692.263</b>	<b>471.428</b>	<b>68,1</b>

Fonte: IBGE e MDIC/Secex.

<sup>(1)</sup> Dado de produção sujeito a alterações.

Tabela 4/I. Fumo - Exportações brasileiras e catarinenses - 1997-006

Ano	Brasil		Santa Catarina	
	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)
1997	409.919	1.664.806	34.909	122.125
1998	392.875	1.558.990	38.735	127.255
1999	358.746	961.237	31.449	84.388
2000	353.022	841.474	37.882	88.697
2001	443.846	944.316	48.101	90.579
2002	474.472	1.008.169	45.968	88.211
2003	477.550	1.090.259	43.264	88.232
2004	592.844	1.425.763	57.811	133.424
2005	629.629	1.706.520	76.319	213.366
2006	581.380	1.751.726	134.566	465.898

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 5/I. Fumo - Comparativo de safras da Região Sul - Brasil - Safras 2004/05 a 2006/07

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07
Rio Grande do Sul	218.260	204.030	175.510	422.960	388.570	377.510	1.938	1.904	2.151
Santa Catarina	144.810	138.360	121.930	278.840	243.380	248.960	1.926	1.759	2.042
Paraná	76.150	75.030	63.470	141.190	137.710	132.190	1.854	1.835	2.083
<b>Região Sul</b>	<b>439.220</b>	<b>417.420</b>	<b>360.910</b>	<b>842.990</b>	<b>769.660</b>	<b>758.660</b>	<b>1.919</b>	<b>1.844</b>	<b>2.102</b>

Fonte: Afubra.

Tabela 6/I. Fumo - Preço médio recebido pelos produtores, segundo os estados da Região Sul - Brasil - Safras 1997/98 a 2006/07

Safr	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	RS	SC	PR	Região Sul	RS	SC	PR	Região Sul
1997/98	1,90	1,96	1,72	1,91	1,67	1,72	1,51	1,68
1998/99	1,82	1,88	1,80	1,84	1,04	1,08	1,03	1,06
1999/00	2,01	2,01	1,93	2,00	1,12	1,12	1,08	1,12
2000/01	2,51	2,43	2,25	2,45	1,17	1,13	1,05	1,14
2001/02	2,86	2,89	2,71	2,85	1,17	1,18	1,11	1,17
2002/03 <sup>(1)</sup>	4,02	3,94	3,77	3,95	1,24	1,22	1,16	1,22
2003/04	4,34	4,19	4,03	4,24	1,46	1,41	1,36	1,43
2004/05	4,23	4,51	4,24	4,33	1,64	1,75	1,65	1,68
2005/06	4,17	4,24	3,91	4,15	1,90	1,94	1,78	1,89
2006/07	4,34	4,21	4,05	4,25	2,12	2,06	1,98	2,08

<sup>(1)</sup> Dado calculado pela Epagri/Cepa.

Obs: Conversão em dólar realizada pela Epagri/Cepa.

Fonte: Afubra.

Tabela 7/I. Fumo - Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil - Safras 1997/98 a 2006/07

Safr	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	Virgínia	Burley	Comum	Média	Virgínia	Burley	Comum	Média
1997/98	1,94	1,83	1,20	1,91	1,71	1,61	1,06	1,68
1998/99	1,85	1,82	1,24	1,84	1,06	1,04	0,71	1,06
1999/00	2,03	1,90	1,32	2,00	1,14	1,06	0,74	1,12
2000/01	2,52	2,22	1,44	2,45	1,17	1,03	0,67	1,14
2001/02	2,92	2,62	1,69	2,85	1,20	1,07	0,69	1,17
2002/03 <sup>(1)</sup>	4,10	3,43	2,21	3,95	1,27	1,06	0,68	1,22
2003/04	4,36	3,76	2,65	4,24	1,47	1,27	0,89	1,43
2004/05	4,43	3,93	2,49	4,33	1,72	1,53	0,97	1,68
2005/06	4,24	3,83	2,40	4,15	1,94	1,75	1,10	1,89
2006/07	4,33	3,93	2,51	4,25	2,12	1,92	1,23	2,08

<sup>(1)</sup> Dado calculado pela Epagri/Cepa.

Obs. Conversão em dólar realizada pela Epagri/Cepa.

Fonte: Afubra.

Tabela 8/I. Fumo - Comparativo de safras - Santa Catarina - Safras 1996/97 a 2006/07

Safr	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1997/98	116.761	163.768	1.403
1998/99	105.523	204.675	1.940
1999/00	96.117	188.327	1.959
2000/01	93.678	178.207	1.902
2001/02	112.067	223.382	1.993
2002/03	120.899	213.339	1.765
2003/04	143.112	284.825	1.990
2004/05	145.806	280.045	1.921
2005/06	138.712	244.011	1.759
2006/07 <sup>(1)</sup>	135.000	256.500	1.900

<sup>(1)</sup> Dados preliminares.

Fonte: IBGE.

Tabela 9/I. Fumo - Comparativo de safras, segundo as micro e mesorregiões - Santa Catarina - Safras 2003/04 a 2005/06

Micro/Mesorregião	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06
São Miguel do Oeste	13.752	12.481	10.391	24.476	20.200	16.644	1.780	1.618	1.602
Chapecó	14.837	13.511	10.943	26.731	21.301	17.703	1.802	1.577	1.618
Xanxerê	2.593	2.505	2.107	4.695	4.091	3.344	1.811	1.633	1.587
Joaçaba	1.492	1.793	1.607	2.714	2.984	2.550	1.819	1.664	1.587
Concórdia	1.029	1.132	939	1.926	1.860	1.527	1.872	1.643	1.616
<b>Oeste Catarinense</b>	<b>33.703</b>	<b>31.422</b>	<b>25.987</b>	<b>60.542</b>	<b>50.436</b>	<b>41.768</b>	<b>1.796</b>	<b>1.605</b>	<b>1.607</b>
Canoinhas	28.924	29.834	29.525	60.322	59.500	60.470	2.086	1.994	2.048
São Bento do Sul	906	1.064	976	1.890	2.163	2.066	2.086	2.033	2.117
Joinville	32	37	47	68	76	89	2.125	2.054	1.894
<b>Norte Catarinense</b>	<b>29.862</b>	<b>30.935</b>	<b>30548</b>	<b>62.280</b>	<b>61.739</b>	<b>62.625</b>	<b>2.086</b>	<b>1.996</b>	<b>2.050</b>
Curitibanos	795	1.121	1.079	1.509	1.862	1.166	1.898	1.661	1.081
Campos de Lages	1.197	1.321	1.277	2.119	2.363	1.771	1.770	1.789	1.387
<b>Serrana</b>	<b>1.992</b>	<b>2.442</b>	<b>2.356</b>	<b>3.628</b>	<b>4.225</b>	<b>2.937</b>	<b>1.821</b>	<b>1.730</b>	<b>1.247</b>
Rio do Sul	22.656	23.584	23.390	46.228	47.163	44.210	2.040	2.000	1.890
Blumenau	957	1.137	1.214	1.868	2.329	2.304	1.952	2.048	1.898
Itajaí	4	7	4	8	14	8	-	2.000	2.000
Ituporanga	14.330	15.282	16.374	28.011	30.405	30.323	1.955	1.990	1.852
<b>Vale do Itajaí</b>	<b>37.947</b>	<b>40.010</b>	<b>40.982</b>	<b>76.115</b>	<b>79.911</b>	<b>76.845</b>	<b>2.006</b>	<b>1.997</b>	<b>1.875</b>
Tijucas	3.546	3.756	3.627	7.376	7.650	6.413	2.080	2.037	1.768
Florianópolis	9	13	6	18	26	12	2.000	2.000	2.000
Tabuleiro	1.044	1.250	1.302	2.169	2.530	2.760	2.078	2.024	2.120
<b>Grande Florianópolis</b>	<b>4.599</b>	<b>5.019</b>	<b>4.935</b>	<b>9.563</b>	<b>10.206</b>	<b>9.185</b>	<b>2.079</b>	<b>2.033</b>	<b>1.861</b>
Tubarão	10.214	10.936	10.428	21.520	22.179	15.355	2.107	2.028	1.472
Criciúma	7.770	7.614	7.201	16.213	15.614	10.293	2.087	2.051	1.429
Araranguá	17.025	17.428	16.275	34.964	35.735	25.003	2.054	2.050	1.536
<b>Sul Catarinense</b>	<b>35.009</b>	<b>35.978</b>	<b>33.904</b>	<b>72.697</b>	<b>73.528</b>	<b>50.651</b>	<b>2.077</b>	<b>2.044</b>	<b>1.494</b>
<b>Total</b>	<b>143.112</b>	<b>145.806</b>	<b>138.712</b>	<b>284.825</b>	<b>280.045</b>	<b>244.011</b>	<b>1.990</b>	<b>1.921</b>	<b>1.759</b>

Fonte: IBGE.

**Tabajara Marcondes**

## Panorama mundial

Na safra 2004/05 mundial de maçã, a FAO (*Food and Agriculture Organization of the United Nations*) estima uma produção de 62,2 milhões de toneladas, área colhida de 4,8 milhões de hectares e rendimento médio de 12.926 quilos por hectare. Em relação à safra passada, embora mantendo praticamente a mesma área, a queda de 0,06% na produtividade contribuiu para diminuir em 0,17% a quantidade produzida.

Os países que tiveram uma queda mais acentuada na produção colaborando para o fraco desempenho da lavoura na safra foram: a Alemanha, o Brasil, a Espanha, os Estados Unidos, a Hungria, a Romênia, a Polônia e a África do Sul, responsáveis no conjunto por cerca de 20% da produção mundial.

A China, apesar de ter uma participação de 38,6% no total mundial produzido (maior produtor), apresenta um rendimento médio de apenas 12.978 quilos por hectare. Está bem abaixo da produtividade de alguns países produtores como: Áustria, com 74.688 kg/ha; Nova Zelândia, com 47.723 kg/ha; Suíça, com 47.461 kg/ha; Bélgica, com 40.963 kg/ha; França, com 38.920 kg/ha; Itália, com 38.363 kg/ha; Chile, com 36.986 kg/ha; Holanda, com 36.633 kg/ha; África do Sul, com 36.510 kg/ha; Eslováquia, com 34.267 kg/ha, Israel, com 31.325 kg/ha, e Argentina, com 28.338 kg/ha (Tabela 1).

Tabela 1/I. Maçã - Área colhida e produção - Total e principais países - Safras 2002/03 a 2004/05

País	Área colhida (1.000 ha)			Quantidade produzida (1.000 t)		
	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05
<b>Mundo</b>	<b>4.805,8</b>	<b>4.820,1</b>	<b>4.814,7</b>	<b>58.093,7</b>	<b>62.342,6</b>	<b>62.235,7</b>
Alemanha	31,2	32,4	32,3	818,0	979,7	891,4
Argentina	50,0	40,0	44,9	1.307,5	1.262,4	1.271,5
Brasil	31,5	33,0	35,5	841,8	980,2	850,5
Chile	35,4	36,1	36,5	1.250,0	1.300,0	1.350,0
China	1.901,1	1.877,3	1.850,6	21.105,2	23.682,0	24.017,5
Espanha	46,0	42,2	42,2	881,1	690,9	769,9
Estados Unidos	158,0	155,6	153,3	3.947,6	4.699,9	4.428,2
Federação Russa	396,0	386,0	390,0	1.690,0	2.030,0	2.050,0
França	59,8	58,1	57,7	2.136,9	2.203,7	2.246,4
Índia	250,0	253,6	258,6	1.470,0	1.353,2	1.353,3
Irã	150,0	189,5	201,4	2.400,0	2.178,7	2.661,9
Itália	56,9	57,6	57,1	1.953,8	2.136,2	2.192,0
Japão	41,6	41,3	40,8	842,1	754,6	818,9
Polônia	159,3	175,2	169,7	2.427,8	2.521,5	2.075,0
África do Sul	24,0	24,0	21,3	701,7	765,4	680,4
Turquia	116,6	118,3	121,0	2.600,0	2.100,0	2.570,0
Ucrânia	3,6	3,6	3,8	871,3	716,9	719,8

Fonte: FAO (julho de 2007). Disponível em (<http://www.fao.org>).

O volume de maçã vendida para os principais centros consumidores mundiais apresenta-se crescente nos últimos anos. Em relação a 2004, no ano de 2005, embora o volume transacionado tenha subido 7,5%, o montante financeiro decresceu 0,98% – consequência de uma redução de 7,9% nos valores médios comercializados.

No período, os maiores volumes comercializados pertencem ao mercado chinês, que consegue barganhar 12,5% da fatia total, seguido pelo americano, com 10,3%; o italiano, com 10,1%; o francês, com 9,4%; o chileno, com 10,2%; o polonês, com 6,4%; e o holandês, com 6,2%. Com participação variando entre 3,5% e 4,5% aparecem Bélgica, Argentina, Nova Zelândia e África do Sul, conforme demonstrado na tabela 2.

Tabela 2/I. Maçã – Quantidade e valor das exportações mundiais e principais países – 2003-05

País	Quantidade (t)			Valor (US\$ 1.000)		
	2003	2004	2005	2003	2004	2005
<b>Mundo</b>	<b>5.932.688</b>	<b>6.173.493</b>	<b>6.636.765</b>	<b>3.103.850</b>	<b>3.479.535</b>	<b>3.445.330</b>
Alemanha	88.649	115.991	117.656	56.133	82.267	73.513
Argentina	200.991	195.865	261.259	83.558	88.531	117.694
Áustria	65.876	47.860	67.389	38.186	34.515	37.604
Bélgica	289.268	296.724	289.198	207.923	218.975	176.310
Brasil	75.922	140.571	96.371	37.393	68.876	44.501
Canadá	51.305	45.473	53.679	35.580	31.016	35.081
Chile	601.232	706.615	611.444	258.522	323.138	239.414
China	600.551	762.950	832.377	210.305	271.946	301.315
Espanha	71.186	108.516	101.113	37.495	68.521	56.397
Estados Unidos	529.219	487.421	684.083	349.334	371.589	481.164
França	766.721	615.946	626.973	563.911	530.958	470.226
Irã	122.524	125.549	137.336	20.546	30.653	48.756
Itália	668.868	512.282	670.034	421.413	379.548	433.713
Japão	16.371	11.148	17.105	20.908	15.478	23.379
Nova Zelândia	254.667	269.994	258.005	181.899	226.526	211.075
Holanda	329.010	406.003	412.647	215.247	293.824	242.625
Polónia	340.590	410.221	423.402	67.149	100.436	114.037
África do Sul	309.737	297.669	253.200	134.592	163.954	139.269

Fonte: FAO (julho de 2007). Disponível em (<http://www.fao.org>).

O volume das importações, no mesmo período analisado, apresentou-se crescente, passando de 5,66 milhões de toneladas em 2003 para 6,36 milhões de toneladas em 2005, apresentando um crescimento de 12,25%. Em 2005 o montante total desembolsado atingiu um total de 4,14 bilhões e representou uma queda de 2,5% em relação ao ano anterior. Os maiores volumes comprados pertencem à Alemanha, com 12,7% das aquisições, seguida pela Federação Russa, com 11,1%, pelo Reino Unido, com 8,2%, pela Holanda, com 5,6%, China, com 4,1%, Espanha, com 3,8%, França, com 3,0%, e pelo México, com 2,9%, conforme demonstrado na tabela 3.

Tabela 3/I. Maçã – Quantidade e valor das importações mundiais e principais países – 2003-05

País	Quantidade (t)			Valor (US\$ 1.000)		
	2003	2004	2005	2003	2004	2005
<b>Mundo</b>	<b>5.662.888</b>	<b>5.951.439</b>	<b>6.356.432</b>	<b>3.783.890</b>	<b>4.238.383</b>	<b>4.138.459</b>
Alemanha	607.707	615.872	545.179	607.707	615.872	545.179
Arábia Saudita	64.876	72.470	82.162	64.876	72.470	82.162
Bélgica	126.765	119.667	114.889	126.765	119.667	114.889
Canadá	123.732	129.122	123.335	123.732	129.122	123.335
China	164.033	174.540	191.953	164.033	174.540	191.953
Espanha	187.519	217.554	196.611	187.519	217.554	196.611
Estados Unidos	163.316	211.909	103.617	163.316	211.909	103.617
Federação Russa	217.752	261.322	304.363	217.752	261.322	304.363
França	97.142	171.619	146.884	97.142	171.619	146.884
Indonésia	63.279	66.974	68.067	63.279	66.974	68.067
Malásia	43.085	45.546	52.566	43.085	45.546	52.566
México	142.772	131.730	157.218	142.772	131.730	157.218
Holanda	321.908	322.497	292.831	321.908	322.497	292.831
Reino Unido	471.061	549.998	534.723	471.061	549.998	534.723
Suécia	78.711	96.303	90.464	78.711	96.303	90.464
Vietnam	24.129	34.693	36.581	24.129	34.693	36.581

Fonte: FAO (julho de 2007). Disponível em (<http://www.fao.org>).

## Panorama nacional - safra 2005/06

Na safra nacional 2005/06 de maçã, foram colhidas 861,4 mil toneladas (IBGE, Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – LSPA -, maio de 2007). Em comparação com os dados da safra 2004/05, que foi de 846,3 mil toneladas, houve um acréscimo de 1,8%; verificando-se também um aumento de 1,7% na área colhida, que passou de 35.411 para 36.008 hectares.

O Estado de Santa Catarina, com um volume produzido de 497 mil toneladas, desponta no ranking nacional como o primeiro produtor, com cerca de 57,7% da produção, seguido pelo Estado do Rio Grande do Sul, com 38,1%.

Em 2006, o inverno foi irregular, marcado com pouca chuva, e o frio aparecendo na segunda quinzena de abril, permanecendo até junho, e muito calor em pleno mês de julho, com os termômetros em alguns municípios catarinenses e do Rio Grande do Sul registrando mais de 30 graus. As temperaturas só voltaram a cair no final de julho, permanecendo em baixas durante todo o mês de agosto e parte de setembro. Apesar disso, atingiu a quantidade de horas-frio necessárias para atender às necessidades exigidas pela fruta. As variações bruscas de temperatura durante o inverno acabaram atrasando o ciclo da planta e diminuindo a quantidade de frutos por hectare. No entanto, a fruta colhida foi de melhor qualidade, diminuindo a quantidade destinada às agroindústrias processadoras, que oscilou entre 16% e 17% da produção.

Em fevereiro de 2006, encontrava-se em pleno andamento a colheita da cultivar Gala e de outras variedades precoces nos principais estados produtores. A variedade Fuji teve a sua colheita iniciada no mês de abril, se estendendo até o final do mês de maio (Tabela 4).

Tabela 4/I. Maçã – Área colhida e produção nos principais estados – Brasil – Safras 2003/04 a 2006/07

Discriminação	Área Colhida (ha)				Quantidade Produzida (t)			
	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07 <sup>(1)</sup>	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	32.993	35.411	36.008	37.460	980.203	846.353	861.385	1.113.842
Santa Catarina	17.644	18.428	18.721	19.002	583.205	504.994	496.665	596.717
Rio Grande do Sul	13.447	14.956	15.260	16.365	353.140	296.726	328.091	471.648
Paraná	1.694	1.877	1.864	1.930	41.297	42.758	34.549	43.425
São Paulo	150	150	163	163	1.875	1.875	2.080	2.052

<sup>(1)</sup> Estimativas.

Fonte: IBGE (LSPA/maio de 2007).

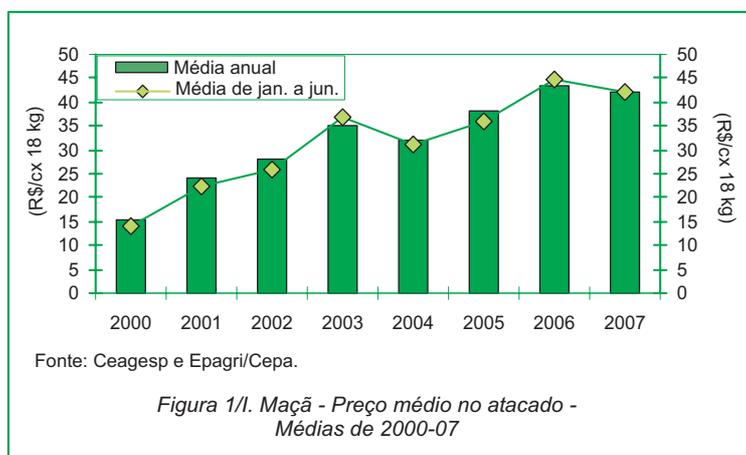
No mercado interno, primeiramente foi comercializada a fruta de menor calibre e a de qualidade inferior, sendo destinada uma parte às indústrias de processamento. Num segundo momento, a partir do mês de julho, as vendas priorizaram o fruto pequeno e de boa qualidade, comercializado preferencialmente nos mercados nordestinos. O produto de melhor calibre, no entanto, teve volume de negócios pouco expressivo nesse período e permaneceu armazenado em câmaras frias, sendo vendido de acordo com as necessidades do mercado e de preços médios cada vez mais remuneradores.

No ano passado, à medida que as vendas brasileiras de maçãs perdiam força no mercado externo, as atenções dos principais agentes de produção e de comercialização voltaram para o consumidor nacional, conseguindo dessa forma expandir um pouco mais o número de negócios, além de contar também com um forte aliado, que foi a permanência da valorização do real frente ao câmbio (dólar americano).

Dados da Associação Brasileira de Produtores de Maçã (Abpm) estimam entre 50 mil e 53 mil toneladas mensais comercializadas no primeiro semestre de 2006, elevando-se entre 55 mil e 58 mil toneladas mensais no segundo semestre.

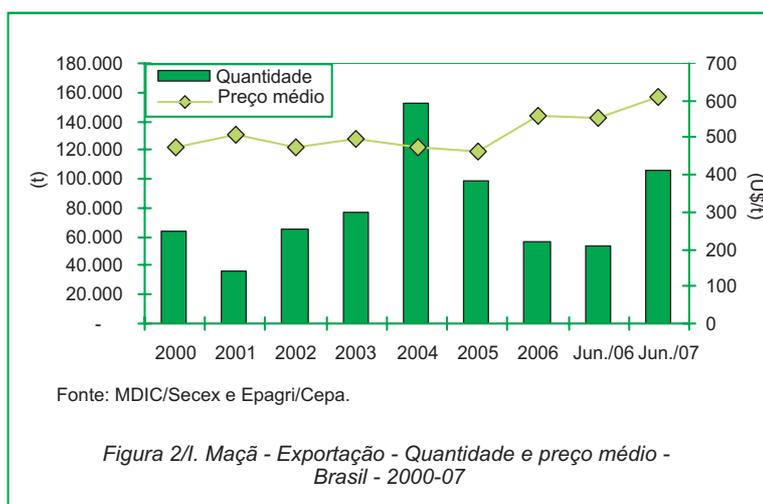
Em 2006, no atacado, o preço médio nominal (já consideradas as taxas inflacionárias anuais no período) da maçã comercializada pela Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (Ceagesp) superou a expectativa, apresentando um crescimento anual de 13,6% em comparação a 2005. Continuou crescendo nos anos de 2004 (35,6%), 2003 (23,2%), 2002 (54,4%), 2001 (78,8%) e 2000 (180,8%).

Por outro lado, computando-se apenas os valores do produto negociado nos seis primeiros meses de 2007, observa-se uma desvalorização de 5,7% nos preços médios acumulados em comparação a igual período de 2006, conforme demonstrado na figura 1.

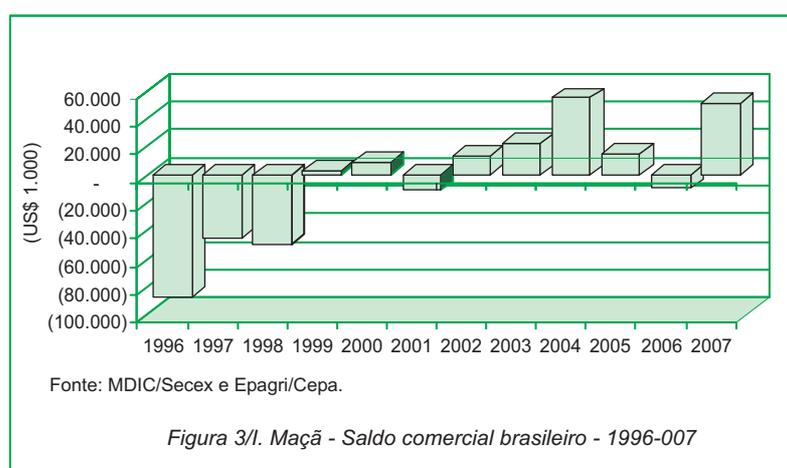


Em 2006, segundo os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Secex/Decex), as exportações nacionais de maçã apresentaram o segundo pior desempenho, situando-se bem abaixo da expectativa (o pior desempenho ocorreu em 2001, quando houve frustração da safra nacional), atingindo um total de 57,153 mil toneladas: 42,5% menor do que as vendas de 2005.

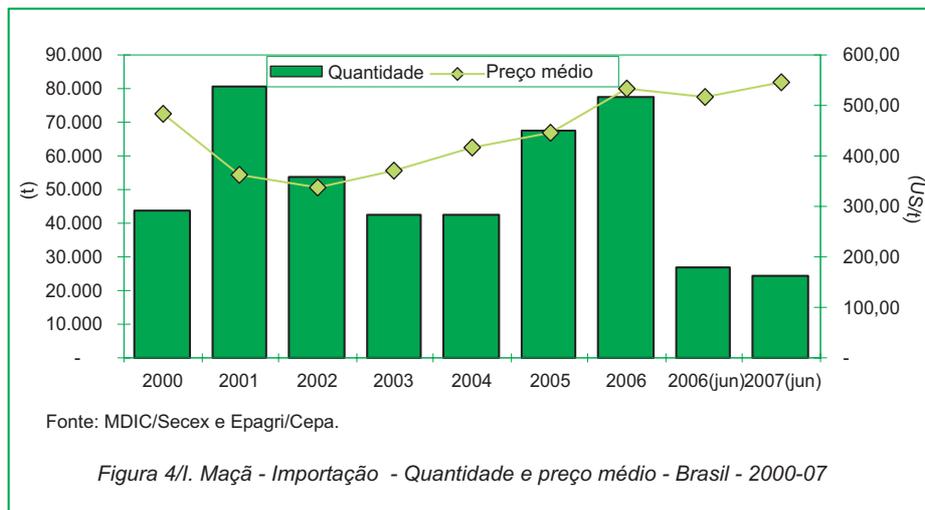
Nos últimos dez anos, os nossos principais parceiros comerciais são os países da União Européia, representando cerca de 95% do volume total de negócios realizados. Destaca-se, entre eles, a Holanda, com participação de 27,8%, o Reino Unido, com 15,6%, a França, com 8,8%, a Alemanha, com 7,5%, a Suécia, com 5,7%, Portugal, com 5,1% e a Itália, com 4,5%. No entanto, é necessário mencionar também as operações mais recentes com os mercados da Rússia, do Japão, da Índia e do Canadá, bem como o incremento de vendas para outros países do continente asiático (Figura 2).



A cada ano o Brasil tem procurado diminuir a dependência das importações desse produto, atingindo resultados considerados animadores para a balança comercial brasileira. A expansão das vendas iniciou-se em 1999, continuou crescendo nos anos seguintes, sendo que em 2004 atingiu a cifra recorde. Este fato tem proporcionado superávit acumulado na nossa balança comercial. São mais de 30 países que continuam dando preferência à maçã brasileira devido a sua qualidade, ao seu tamanho e sabor característicos (Figura 3).



Quanto ao comportamento das compras brasileiras de maçãs, os dados da mesma fonte (Secex/Decex) confirmam a manutenção da política de diminuição de importação. Em 1996, as aquisições foram de 158,6 mil toneladas (desembolsados US\$ 87,8 milhões); em 1999, decresceram para 66,4 mil toneladas (US\$ 27,2 milhões pagos); em 2004, diminuíram para 42,5 mil toneladas (US\$ 17,6 milhões pagos); em 2005, aumentaram para 67,5 mil toneladas (US\$ 30,0 milhões pagos): 58,9% maior que em 2004; em 2006, as compras alcançaram 77,7 mil toneladas: 15,2% maior que o ano anterior. O comportamento crescente nos anos de 2005 e 2006 é o resultado da valorização da moeda nacional, que permitiu aos mercados argentino e chileno - principais parceiros comerciais – canalizarem grande parte da sua produção para os principais centros consumidores brasileiros (Figura 4).



## Safra 2006/07

Estima-se para a safra nacional de maçã 2006/07, um volume produzido em torno de 1.113,8 mil toneladas, numa área a ser colhida de 37,5 mil hectares (IBGE, Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – LSPA -, maio de 2007), apresentando um incremento de 29,3% na produção e de 4,0% na área, comparando-se com os resultados alcançados na safra passada.

Santa Catarina permanece liderando no ranking nacional como responsável por aproximadamente 54% da produção total, podendo alcançar 596,7 mil toneladas, seguido por Rio Grande do Sul, com 42% (apresentando um sensível aumento de produção devido a uma melhor organização dos segmentos produtivo e de comercialização).

A queda de granizo durante a fase de desenvolvimento do fruto, em alguns municípios produtores de Santa Catarina, comprometeu a qualidade do produto, atingindo com mais intensidade a variedade Gala. Em consequência disso, foi destinada uma quantidade maior do produto para as agroindústrias processadoras.

Em fevereiro de 2007 encontrava-se em pleno andamento a colheita da cultivar Gala e de outras variedades precoces nos principais estados produtores. A variedade Fuji teve a sua colheita iniciada no mês de abril, se estendendo até o final do mês de maio.

No mercado nacional, a quantidade de fruta comercializada durante o primeiro semestre deste ano ficou um pouco abaixo do esperado, oscilando entre 50 mil e 52 mil toneladas mensais. Para o segundo semestre, no entanto, espera-se que o volume de negócios aumente à medida que os preços médios melhorem gradativamente - proporcionando um maior retorno financeiro para os agentes produtivos (não perder de vista as importações oriundas principalmente dos mercados argentino e chileno, que historicamente são maiores nesse período).

No mercado externo, a quantidade de produto adquirido pelos principais centros consumidores - acumulado até o mês de junho -, confirma o que vinha sendo previsto pelos diversos agentes da cadeia produtiva da fruta. Segundo os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, foram negociadas 106,587 mil toneladas, que representaram um montante financeiro de 64,774 milhões de dólares – praticamente dobrou o volume vendido em relação a igual período de 2006 (mesmo com a taxa de câmbio permanecendo em desvantagem em relação à moeda nacional).

*Luiz Marcelino Vieira*

## Panorama mundial

Nas duas últimas décadas, a cultura de mandioca apresentou incremento de área e produção nos principais países produtores, com maior destaques nos africanos e nos asiáticos, onde essa atividade constitui uma das principais fontes energéticas de alimento, bem como uma das alternativas de renda para a população.

As estimativas da FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations) para a safra 2004/05 apresentam uma produção mundial desse tubérculo de 208,14 milhões de toneladas, numa área colhida de 18,1 milhões de hectares, representando um aumento de 0,84% e 1,1%, respectivamente, em relação à safra 2003/04.

O continente africano é responsável por 56,9% da produção mundial, seguido pelo asiático, com 25,5% e pelo americano, com 17,6%.

A Nigéria destaca-se no ranking mundial como o primeiro produtor, respondendo por 20,0% do volume total produzido, seguida pelo Brasil, com 12,4%, a Indonésia, com 9,3%, a Tailândia, com 8,1% e a República Democrática do Congo, com 7,2%. Estes cinco países perfazem 57,1% da produção mundial de raiz de mandioca (Tabela 1).

Tabela 1/I. Mandioca - Raiz - Área colhida, produção mundial e principais países produtores - Safras 2002/03 a 2004/05

País	Área colhida (1.000 ha)			Quantidade produzida (1.000 t)		
	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05
<b>Mundo</b>	17.623	17.936	18.126	194.432	206.398	208.133
Angola	720	684	749	6.892	8.587	8.606
Brasil	1.634	1.755	1.902	21.961	23.927	25.872
Rep. Dem. Congo	1.842	1.843	1.846	14.945	14.951	14.974
Gana	807	784	750	10.239	9.739	9.567
Índia	240	241	242	7.000	6.906	6.977
Indonésia	1.245	1.256	1.224	18.524	19.425	19.459
Moçambique	1.046	1.069	1.105	6.150	6.413	11.458
Nigéria	3.490	3.531	3.782	36.304	38.845	41.565
Paraguai	284	306	290	4.669	5.500	4.785
Tailândia	1.022	1.057	986	19.718	21.440	16.938
Tanzânia	660	660	670	5.284	6.152	7.000
Uganda	405	407	387	5.450	5.500	5.576
Vietnã	372	389	433	5.309	5.821	6.646

Fonte: FAO (julho de 2007). Disponível em (<http://www.fao.org>).

Na maioria dos países africanos, a lavoura de mandioca é explorada ainda de forma bastante incipiente. O produto continua sendo considerado um alimento básico para importante parcela da população daquele continente. Parte expressiva da produção (*in natura* ou processada) é comercializada principalmente em feiras livres, mercearias e supermercados. Nos anos mais recentes, entretanto, esta atividade adquire maior importância comercial, em função de uma melhor organização do produtor e da expansão de investimentos em pesquisas com vistas à melhoria da produtividade e das formas de processamento.

Na Ásia, a Indonésia e a Tailândia são detentoras de 68,7% da produção do continente, enquanto no continente americano o Brasil é responsável por cerca de 70,7% da produção, seguido pelo Paraguai, com 13,1%. Nestes dois continentes, a cultura diferencia-se justamente pelo crescente avanço da industrialização, pelo uso de tecnologia e das alternativas de mercados. A Tailândia é exemplo disso: apesar de ser o 4º maior produtor, possui o maior parque industrial de fécula e de “pellets” do planeta.

Em 2005, apesar do volume exportado de raiz e derivados da mandioca (farinha e amido natural) ter diminuído em relação a 2004, o valor médio negociado cresceu sensivelmente (37,4%) – passou de U\$ 96,47 a tonelada (2004) para U\$ 132,53 a tonelada (2005).

A Tailândia permanece líder absoluta nas vendas internacionais da raiz e derivados da mandioca, com participação de 71,3%; aparecendo em seguida o Vietnã com 12,9% do volume total comercializado (Tabela 2).

Tabela 2/I. Mandioca - Raiz e derivados – Quantidade e valor das exportações mundiais e principais países – 2003-05

País	Quantidade (t)			Valor (US\$ 1.000)		
	2003	2004	2005	2003	2004	2005
<b>Mundo</b>	<b>4.444.695</b>	<b>6.146.549</b>	<b>3.911.806</b>	<b>393.423</b>	<b>592.996</b>	<b>518.439</b>
Tailândia	3.440.295	4.814.452	3.045.801	270.952	416.790	369.841
Vietnã	566.892	664.103	475.636	58.236	72.944	67.134
Indonésia	35.147	233.679	251.630	3.440	23.577	31.284
Costa Rica	70.134	75.681	79.634	25.952	29.757	34.591

Fonte: FAO (julho de 2007). Disponível em (<http://www.fao.org>).

Por outro lado, em 2005, o volume total mundial importado caiu 36,4% e o montante financeiro de-

creceu 22,0%, enquanto o valor médio comercializado apresentou um incremento de 12,3%, em relação a 2004.

Os maiores volumes adquiridos foram do mercado da China (83,7%), seguido pelo da Espanha (5,6%) e da República da Coreia (5,3%), conforme demonstrado na tabela 3.

Tabela 3/I. Mandioca - Raiz e derivados – Quantidade e valor das importações mundiais e principais países – 2003-05

País	Quantidade (t)			Valor (US\$ 1.000)		
	2003	2004	2005	2003	2004	2005
<b>Mundo</b>	<b>4.442.475</b>	<b>6.143.078</b>	<b>3.908.184</b>	<b>478.904</b>	<b>743.552</b>	<b>579.964</b>
Bélgica	180.854	266.138	7.564	16.127	29.343	1.438
China	2.290.702	3.393.414	3.273.324	224.881	375.468	454.907
Rep. Dem. Coreia	202.713	403.667	209.100	21.736	45.810	30.697
Espanha	561.540	811.465	218.423	63.151	98.344	31.432
Estados Unidos	59.513	64.161	71.323	24.189	27.780	33.301
Japão	20.720	31.905	19.421	2.303	3.955	3.001
Holanda	822.312	879.924	29.860	87.180	118.097	8.302
Portugal	212.174	138.925	46.733	24.951	18.443	7.250

Fonte: FAO (julho de 2007). Disponível em (<http://www.fao.org>).

## Panorama nacional - Safra 2005/06

Na safra nacional 2005/06 foi plantado 1,901 milhão de hectares e foram colhidos 26,713 milhões de toneladas - representando um crescimento de 0,8% e de 3,8%, respectivamente, em relação à safra passada. As maiores produtividades pertencem aos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, contribuindo desta forma para um melhor desempenho da produção nacional (IBGE – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - abril de 2006).

A Região Nordeste continua detentora da maior produção nacional, com 9,676 milhões de toneladas, seguida pelas Regiões: Norte, 7,317 milhões de toneladas; Sul, 5,749 milhões de toneladas; Sudeste, 2,491 milhões de toneladas e Centro-Oeste, 1,478 milhão de toneladas.

O Pará é o maior estado produtor de raiz, com 5,078 milhões de toneladas (19,0%), seguido pela Bahia, com 4,403 milhões de toneladas (16,5%) e o Paraná, com 3,840 milhões de toneladas (14,4%). Estes três estados representam praticamente a metade do volume de raiz produzido no País.

A tabela 4 demonstra o comportamento, nas safras 2004/05 a 2006/07, de área e produção de raiz no Brasil e nos principais estados produtores.

Tabela 4/I. Mandioca - Raiz - Área colhida e produção nos principais estados produtores - Brasil - Safras 2004/05 a 2006/07

Discriminação	Área colhida (mil ha)			Quantidade produzida (mil t)		
	2004/05	2005/06	2006/07 <sup>(1)</sup>	2004/05	2005/06	2006/07 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>1.886,42</b>	<b>1.901,56</b>	<b>1.937,84</b>	<b>25.725,21</b>	<b>26.713,03</b>	<b>27.458,03</b>
Bahia	356,19	345,70	353,93	4.562,60	4.403,41	4.662,31
Pará	316,42	314,07	312,30	4.797,75	5.078,42	5.101,46
Paraná	165,97	172,95	174,82	3.308,00	3.840,36	3.738,94
Maranhão	191,85	212,11	213,17	1.529,98	1.718,63	1.768,68
Amazonas	78,04	85,64	85,64	750,54	770,41	792,88
Rio Grande do Sul	87,05	87,39	88,64	1.129,50	1.297,19	1.361,10
Ceará	93,65	88,60	99,27	826,02	860,78	891,71
Minas Gerais	59,67	60,36	59,53	927,51	907,67	921,15
Pernambuco	52,80	59,24	58,60	590,51	660,45	640,23
São Paulo	48,64	47,17	47,17	1.144,88	1.105,85	1.109,04
Piauí	49,36	52,31	60,90	380,89	506,07	674,37
Santa Catarina	32,16	32,43	31,76	590,00	611,69	616,31
Rio Grande do Norte	60,82	48,79	52,27	698,76	521,54	567,55
Mato Grosso do Sul	32,49	29,33	28,98	538,75	495,34	507,95
Mato Grosso	38,50	39,94	38,88	517,48	563,65	548,19

<sup>(1)</sup> Safra 2006/07 - Dados preliminares.

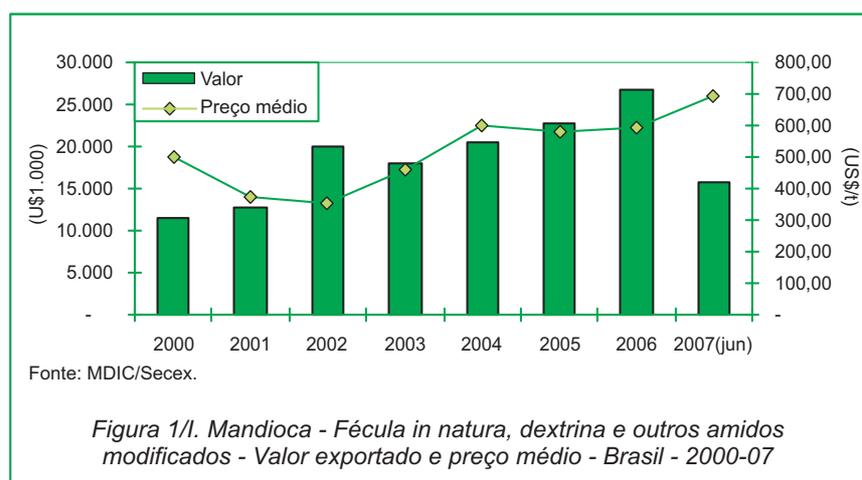
Fonte: IBGE (LSPA de dezembro de 2005 e junho de 2007).

O aumento gradativo da oferta nacional de matéria-prima nos últimos anos tem contribuído para uma diminuição relativa nos valores pagos pelas agroindústrias de farinha e fécula. A situação ficou um pouco melhor para os produtores que possuem contrato de entrega da produção, obtendo uma remuneração dos preços recebidos acima da média de mercado.

Em 2006, a exemplo do ano anterior, os principais agentes do segmento de farinha das Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste não conseguem manter o mesmo ritmo de venda alcançado em 2004, mesmo com a diminuição da concorrência do produto nordestino. No segmento de fécula, apesar de uma forte concorrência com o amido de milho, uma melhor organização dos setores de produção e de comercialização permite uma certa estabilidade nas vendas e no volume de negócios realizados.

Apesar das inúmeras conquistas do setor, tais como as AGF (Aquisições do Governo Federal), o Prop (Prêmio de Risco de Opção Privada) para a raiz, e o PEP (Prêmio de Escamento da Produção) para a fécula, é preciso buscar novas saídas para a atual conjuntura no cenário nacional.

No mercado externo, segundo os dados da Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, as vendas brasileiras de fécula *in natura*, de dextrina e outros amidos modificados têm demonstrado comportamento estável nos últimos sete anos nos principais centros consumidores internacionais. No período de 2000 a 2006 obteve-se uma movimentação média anual de 38,456 milhões de toneladas, sendo que em 2003 foram registradas as maiores vendas – 56,828 milhões de toneladas e as menores no ano de 2000 – 22,771 milhões de toneladas. Os nossos principais parceiros comerciais, por ordem de importância são: dextrina - Chile (25,4%), Argentina (23,7%), Estados Unidos (9,1%), África do Sul (9,3%) e Reino Unido (7,0%); fécula *in natura* - Estados Unidos (27,8%), Holanda (12,6%), Chile (8,0%), Uruguai (6,0%) e Colômbia (5,0%), conforme demonstrado na figura 1.



Persiste a expectativa da indústria nacional da fécula de que, à medida que diminuam os subsídios aos produtores europeus de derivados de milho, arroz e batata, o aumento nos custos financeiros destes produtos torne o produto brasileiro mais competitivo no mercado externo.

### Safra estadual 2005/06

Em Santa Catarina, a safra 2005/06 teve desempenho bastante semelhante ao da safra anterior, registrando uma área colhida de 32,1 mil hectares, quantidade produzida de 590 mil toneladas e rendimento médio de 18 toneladas por hectares (IBGE – LSPA, abril de 2006).

Em 2006, as condições climáticas (quantidade de chuva, índice de insolação e de umidade relativa do ar) favorecem o desenvolvimento vegetativo da lavoura mandiogueira estadual, fato que contribui para a diminuição de doenças e o ataque de pragas, resultando num aumento na produtividade média da lavoura.

Na região Sul Catarinense, a colheita (mandioca e um e dois ciclos) e o processamento da matéria-prima iniciaram no mês de março, primeiramente nos municípios de Laguna e Imaruí, principais produtores de farinha fina do estado. Nos demais municípios da região, a comercialização da raiz começou no mês de maio permanecendo até meados de agosto. Na região do Alto Vale do Itajaí, as agroindústrias de farinha e fécula iniciaram as compras de mandioca de dois ciclos em meados do mês de maio, se estendendo até o final de novembro (atrasou devido à falta de chuva).

No ano passado, a exemplo do ocorrido em 2005, a demanda esteve reprimida, detectou-se um aumento gradativo da oferta, as compras foram limitadas ao estritamente necessário, a pouca criatividade dos agentes de produção e de comercialização contribuíram para que os preços permanecessem abaixo da expectativa do setor durante praticamente todo o ano, comprometendo, em alguns casos, a saúde financeira do setor.

No segmento da farinha, este quadro se fez mais acentuado; no segmento da fécula, um pouco mais ameno; já no de polvilho azedo, as opções criadas a partir de alguns de seus subprodutos - como pão-de-queijo, beiju, rosca, bolacha, palito, cuscuz e broa - promoveram um maior movimento nas vendas e asseguraram os preços em patamares relativamente mais remuneradores, principalmente a partir do terceiro trimestre do ano.

Tomando-se por base o ano de 2006, observa-se que os valores médios nominais da raiz e derivados da mandioca foram decrescentes em 2000, 2001 e 2002: variaram de menos 4% até menos 49%. Em 2003, no entanto, ocorre uma sensível recuperação dos valores comercializados em todos os segmentos da atividade: cresceram de 39% até 103%, refletindo positivamente nos preços da raiz, que praticamente teve a remuneração dobrada. Esse comportamento se manteve em alta também durante todo o ano de 2004, permitindo, dessa forma, uma recuperação financeira do setor. A partir de 2005, no entanto, constata-se uma queda na valorização da raiz e derivados, em relação aos anos de 2003 e 2004, embora se mantenha em patamar superior aos preços de 2006, com percentual de variação oscilando entre 16% na farinha fina e 70% no polvilho azedo. Em 2007, computados os cinco primeiros meses, constata-se um ganho de 47% na matéria-prima, de 37%

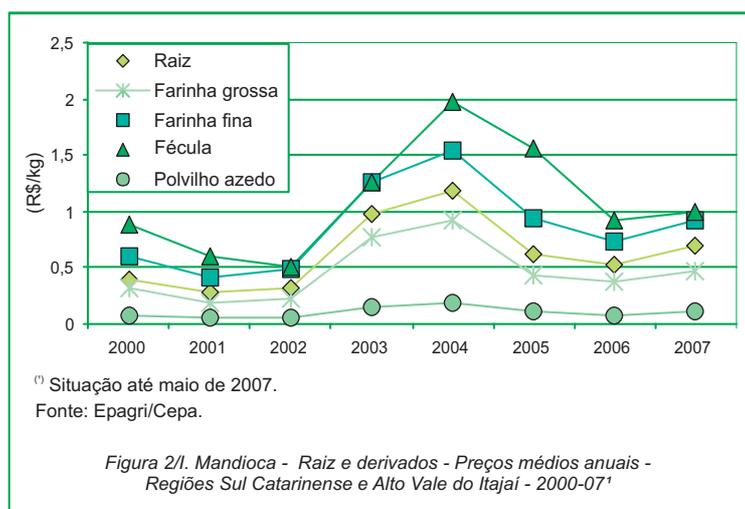
na farinha fina, de 36% na farinha grossa, de 50% na fécula (indústria) e de 9% no polvilho azedo (Tabela 5).

Tabela 5/I. Mandioca - Raiz e derivados - Variação percentual de preços ao produtor - Santa Catarina - 2002-2007<sup>(1)</sup>

Produto	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2007
Raiz	(0,10)	(0,40)	(0,30)	0,96	1,27	0,38	0,47
Farinha fina	(0,25)	(0,47)	(0,39)	0,82	1,23	0,16	0,37
Farinha grossa	(0,15)	(0,49)	(0,38)	1,03	1,42	0,17	0,36
Fécula	(0,17)	(0,43)	(0,34)	0,72	1,11	0,28	0,51
Polvilho azedo	(0,04)	(0,35)	(0,45)	0,39	1,16	0,70	0,09

<sup>(1)</sup> 2006 = 100  
Fonte: Epagri/Cepa.

O comportamento anual de preços nominais da matéria-prima (raiz) e seus derivados, coletados nas regiões Sul Catarinense e Alto Vale do Itajaí, nos anos de 2000 a 2007 são demonstrados na figura 2.



## Safra nacional 2006/07

As estimativas do IBGE (em junho) indicavam para a safra nacional 2006/07 um total de 27,458 milhões de toneladas, numa área a ser colhida de 1,938 milhão hectares de lavoura, representando um incremento de 2,8% e 1,9%, respectivamente, em relação à safra passada.

As Regiões Norte e Nordeste apresentam aumento de área e produção nos principais estados produtores. Nas demais regiões (Sul, Sudeste e Centro-Oeste) devem ter desempenho bastante semelhante ao da safra passada; podendo, todavia, ocorrer pequenos ajustes para baixo ou para cima nos dados atuais informados (Tabela 4).

O aumento gradativo da produção brasileira nos últimos anos tem trazido dificuldades na comercialização de produtos e subprodutos da mandioca, contribuindo para o aviltamento de preços nos diferentes níveis de mercado.

Em 2007, a expectativa do setor é de que o mercado brasileiro da raiz e derivados da mandioca tenha comportamento bastante semelhante ao verificado nos últimos anos, quais sejam: aumento da oferta, demanda reprimida (sendo mais acentuada nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste) e preços relativamente estáveis no período de maior concentração da colheita (maio a agosto), passando a dar sinais de melhora somente a partir de meados do mês de setembro.

No mercado externo, as vendas brasileiras de fécula *in natura*, dextrina, colas, dentre outros produtos, deverão apresentar um comportamento crescente, embora de forma ainda bastante tímida. A falta de tradição e de competência dos principais agentes do setor para romper as barreiras impostas, principalmente pelos produtores europeus que recebem amplo apoio da política de subsídios à produção e à comercialização de seus produtos (milho, batata, dentre outros) são os maiores entraves encontrados pelo exportador brasileiro.

### Safra estadual 2006/07

Em Santa Catarina, as estimativas do IBGE para a safra 2006/07 são de 616,4 mil toneladas produzidas numa área a ser colhida de aproximadamente 31,8 mil hectares (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – junho de 2007).

Como tradicionalmente ocorre todos os anos nos municípios de Laguna e Imaruí, a colheita e o processamento da matéria-prima iniciam mais cedo. Nesta safra, esses serviços começaram na segunda quinzena do mês de março, sendo priorizado o arranquio da raiz de dois ciclos, destinada para a produção de farinha fina que tem a preferência de consumo da população litorânea, que se estende desde o município de Criciúma até Joinville.

Nos demais municípios produtores da região Sul Catarinense, a comercialização da matéria-prima com as farinhas, fecularias e polvilheiras ocorre somente a partir da segunda semana do mês de abril.

Nesta região, se observa que embora haja uma boa produtividade (t/ha) da maioria das lavouras, esse fato não tem sido acompanhado pelo correspondente rendimento do setor industrial – registrando um teor de amido bem abaixo da média histórica, oscilando entre 10% e 15% menor que a safra passada. Esse fato fez que a raiz de dois ciclos fosse vendida principalmente às agroindústrias de féculas, ao passo que a de um ciclo – extraída a partir do mês de junho tivesse a preferência das agroindústrias de farinha.

Na região produtora do Alto Vale do Itajaí, excepcionalmente neste ano, algumas farinheiras e fecularias anteciparam as suas atividades para o mês de abril, priorizando as compras da raiz de três anos (produto remanescente das safras passadas), com teor de amido acima de 23% (230 quilos por tonelada de raiz processada). Este procedimento beneficiou alguns produtores que conseguiram antecipar o pagamento dos compromissos financeiros assumidos na safra.

A partir do mês de junho, entretanto, as agroindústrias aumentam gradativamente a demanda de matéria-prima (mandioca de dois ciclos), valorizando o produto com maior teor de amido.

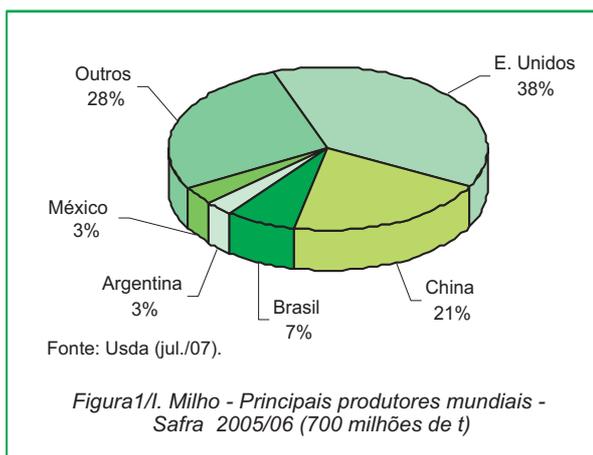
Para 2007, a expectativa dos agentes do setor mandiogueiro catarinense é bastante semelhante ao que ocorre no cenário brasileiro: deverá ocorrer um aumento da área remanescente nas principais regiões produtoras do estado; o mercado mais retraído no primeiro semestre terá pequenos sinais de melhora no segundo semestre, principalmente a partir do terceiro trimestre; os preços da farinha, da fécula e do polvilho azedo praticamente estáveis no período de maio a agosto, mostrarão alguma reação a partir de setembro, mesmo convivendo com o aumento da concorrência de produtos e subprodutos, principalmente os paranaenses; permanecerá a escassez de capital de giro no setor produtivo e de processamento, comprometendo ainda mais a saúde financeira do setor.

*Luiz Marcelino Vieira*

## Panorama Internacional

A produção mundial de milho da safra 2005/06 situou-se, segundo o Usda, em 696,2 milhões de toneladas, recuando 2,3% em relação à anterior.

Para 2006/07, as estimativas (jul./07) apontaram para um volume de 701,0 milhões de toneladas. O leve incremento decorreu a despeito da diminuição da produção dos Estados Unidos (de 282,3 milhões para 267,6 milhões) e do aumento da produção do Brasil, da Argentina e da China. A safra chinesa, por sinal, aumentou de 139,4 milhões para 145,0 milhões de toneladas. A participação percentual dos principais países na produção mundial pode ser visualizada na figura 1.



A produção global de 2005/06, por ter ficado aquém do consumo, reduziu os estoques mundiais de 130,7 milhões para 122,8 milhões de toneladas.

Na temporada 2006/07, apesar de ter ficado levemente acima da anterior, a produção continuou bastante inferior ao potencial do consumo, fato que reduziu os estoques para 101,0 milhões de toneladas. Para a temporada 2007/08, todavia, as projeções apontam para uma leve recuperação dos estoques mundiais, uma vez que o forte incremento previsto para a produção deverá compensar com relativa folga o expressivo aumento do consumo (Tabela 1).

Tabela 1/1. Milho - Oferta/demanda mundial e Norte-Americana - Safras 2005/06 a 2007/08 (milhões t)

Discriminação	Mundial			Estados Unidos		
	2005/06	2006/07	2007/08	2005/06	2006/07	2007/08
Estoque inicial	130,74	122,79	100,95	53,70	49,97	28,88
Produção	696,18	701,03	777,1	282,31	267,60	326,15
Cons.doméstico	704,12	727,87	769,7	231,72	235,6	266,46
Exportação	81,23	85,78	82,75	54,55	53,34	50,80
Estoque final	122,79	100,95	108,36	49,97	28,88	38,15

Fonte: Usda (jun./07).

Dentro do contexto global, vale ressaltar o comportamento dos estoques norte-americanos, os quais, após já terem apresentado leve decréscimo em 2005/06, caíram substancialmente em 2006/07 devido ao maior uso do milho para a fabricação de etanol naquele país.

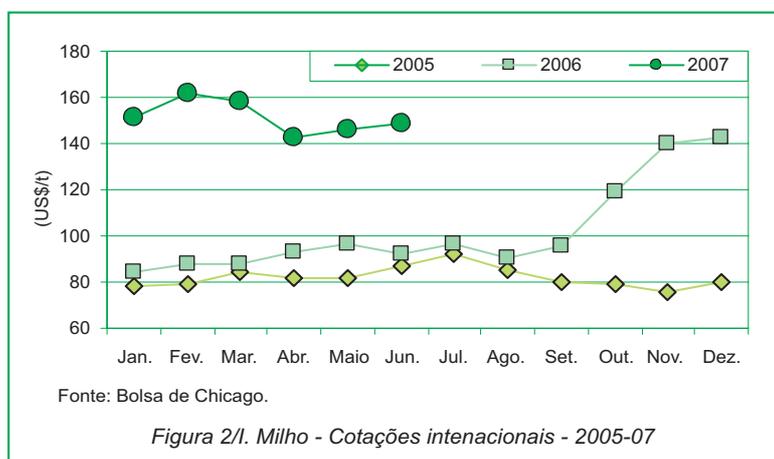
Para 2007/08, a despeito do grande incremento previsto para o consumo, a tendência é de os estoques americanos apresentarem boa recuperação, uma vez que a produção deverá apresentar forte incremento.

Vale destacar ainda o caso da China, cujos estoques, em razão da relativa estabilidade da produção e do aumento do consumo, permanecem em gradativa queda, declinando de 65,0 milhões na temporada 2002/03 para 32,9 milhões de toneladas na temporada 2006/07.

O mercado internacional, diante da estimativa de um quadro de suprimento norte-americano e mundial mais apertado, apresentou gradativo crescimento nos primeiros meses de 2006. Após terem iniciado o ano na faixa dos US\$ 84,00/t, as cotações cresceram ao final de maio para níveis próximos de US\$ 100,00/t. A boa evolução das lavouras estadunidenses, entretanto, fez com que o mercado se apresentasse mais fraco em junho, quando, em termos médios, as cotações recuaram para US\$ 92,30/t.

A partir de setembro, todavia, em razão da quebra da safra dos Estados Unidos, as cotações voltaram a ganhar impulso, situando-se, em dezembro, próximo dos US\$ 142,00/t.

Nos primeiros meses de 2007, em razão das projeções de um quadro de suprimento mundial e americano bem mais apertado, o mercado internacional continuou firme, atingindo, em termos médios, US\$ 161,90/t em fevereiro. A partir de março, entretanto, diante da previsão de grande crescimento de plantio nos Estados Unidos, as cotações oscilaram em baixa, fechando na média de junho em US\$ 148,90/t (Figura 2).



Para o restante do ano, a não ser por uma quebra mais acentuada da safra dos Estados Unidos, a tendência que se delineava em julho de 2007 era de o mercado internacional perder um pouco mais de fôlego, mantendo-se, entretanto, em bons patamares.

## Panorama do Mercosul

Em 2005/06, a produção de milho do Mercosul situou-se, segundo diversas fontes, em 58,81 milhões de toneladas, apresentando aumento de 4,4% em comparação à safra an-

terior (56,35 milhões). Apesar do decréscimo da produção da Argentina (de 20,5 milhões para 15,8 milhões de toneladas), o aumento da produção brasileira foi o principal responsável pelo desempenho positivo. A participação dos países na produção do Mercosul pode ser visualizada na figura 3.

Para a safra 06/07, as últimas projeções apontaram para uma produção regional em torno de 73,88 milhões de toneladas, ou seja, para um aumento da ordem de 26%. Tal incremento decorre do aumento da safra da Argentina para 22,5 milhões de toneladas e do incremento previsto para a produção do Brasil, que deverá se situar na faixa dos 50 milhões de toneladas.

Ainda no que se refere à Argentina, a queda da produção, mesmo com a diminuição do consumo interno, repercutiu negativamente nas exportações, que caíram de 14,57 milhões para 9,46 milhões de toneladas em 2006. Para 2007, entretanto, o substantivo crescimento da produção deverá elevar o potencial das exportações portenhas para cerca de 15,5 milhões de toneladas (Tabela 2).

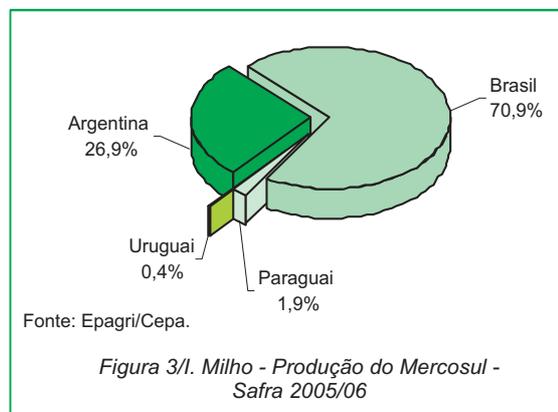


Tabela 2/I. Milho - Oferta/demanda da Argentina - Safras 2004/05 a 2006/07

Discriminação	2004/05	2005/06	2006/07
Estoque inicial	0,22	0,96	1,16
Produção	20,50	15,80	22,50
Cons.doméstico	5,20	6,20	6,70
Exportação	14,57	9,46	15,50
Estoque final	0,96	1,16	1,46

Fonte: Usda (jun./06).

## Panorama brasileiro

A produção da primeira safra brasileira de 2005/06 situou-se, segundo a Conab, em 31,8 milhões de toneladas, montante 16,5% maior que o colhido no mesmo período do ano anterior. O aumento, mesmo com as estiagens tendo provocado perdas no Paraná e em Santa Catarina, decorreu, além da leve melhora da produção daqueles dois estados em relação à da safra 2004/05, especialmente da forte recuperação da produção gaúcha.

No que tange à safrinha, embora a escassez de chuvas tivesse gerando preocupações quanto ao seu desempenho, a produção alcançou 10,7 milhões de toneladas, ou seja, foi 38,8% maior que a da safrinha anterior.

No global, a produção brasileira situou-se em 42,51 milhões de toneladas, quantidade 21,5% superior à safra 2004/05.

O Paraná, com 27,0% do total, permaneceu como o principal produtor, seguido, em importância, por Minas Gerais, Rio grande do Sul, São Paulo, Mato Grosso, Santa Catarina e Goiás (Figura 4).

Com esta produção, a Conab estimou a disponibilidade total de milho (produção, mais estoques de entrada e importações) em 46,2 milhões de toneladas. Como a demanda (consumo mais exportações) foi projetada em 40,94 milhões de toneladas, os estoques finais cresceram de 3,26 milhões para 5,26 milhões de toneladas ao final da temporada 2005/06 (Tabela 3).

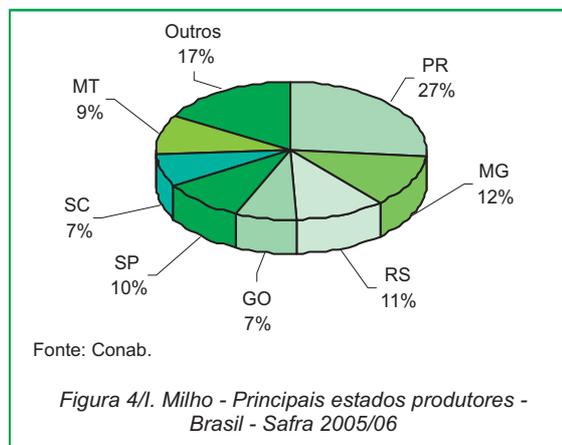


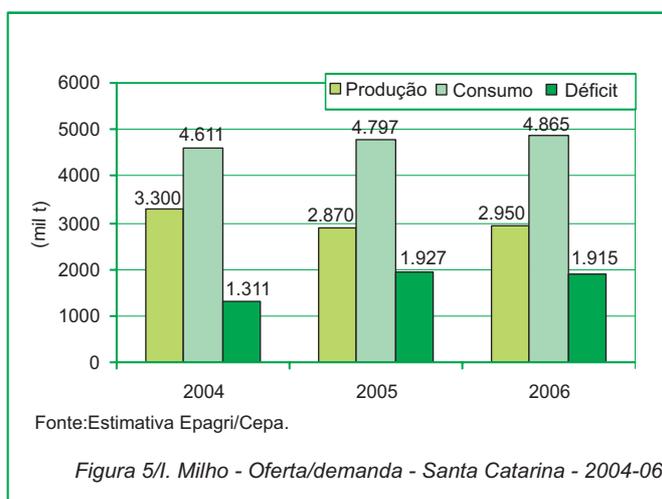
Tabela 3/I. Milho - Oferta/demanda - Brasil  
- Safras 2003/04 a 2006/07

Discriminação	(mil t)			
	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07
Estoque inicial	8.553,6	7.801,7	3.235,4	5.262,3
Produção	42.128,5	35.006,7	42.514,9	50.567,8
Importação	330,5	597,0	450,0	100,0
Consumo	38.180,0	39.100,0	37.000,0	39.500,0
Exportação	5.030,9	1.070,0	3.938,0	7.500,0
Estoque final	7.801,7	3.235,4	5.262,3	8.930,1

Fonte: Conab (jun./07).

A safra catarinense de 2005/06, pelo terceiro ano consecutivo, foi severamente prejudicada pela falta de chuvas ocorridas nos últimos meses de 2005 e no início de 2006. Como consequência, a produção estadual, que em novembro de 2005 havia sido estimada pelo IBGE em 4,05 milhões de toneladas, foi reavaliada para 2,89 milhões de toneladas, ou seja, apresentou uma quebra de 28,6% em relação à previsão inicial.

Como consequência das perdas, o déficit catarinense, inicialmente previsto em aproximadamente 860 mil toneladas, cresceu para 1,9 milhão de toneladas, ou seja, situou-se num dos maiores patamares dos últimos anos (Figura 5).



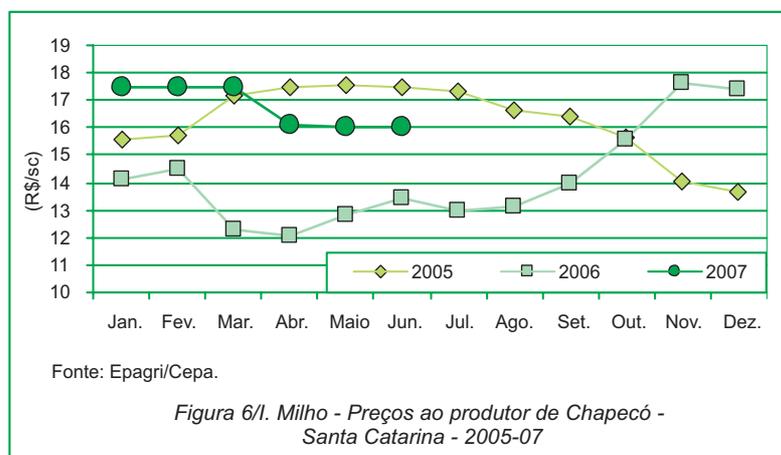
O mercado nacional do milho, que iniciou o ano mostrando leve melhora em relação ao comportamento dos últimos meses de 2005, apresentou a partir de fevereiro gradativa queda, tendo caído em abril para os menores patamares dos últimos anos.

O incremento da colheita da primeira safra e a retração dos compradores frente às incertezas em relação ao comportamento da demanda foram fatores que geraram grande oferta e mantiveram o mercado com pouca liquidez. Também colaborou para tal comportamento a baixa paridade de exportação e a pouca atuação do governo no que se refere às políticas de sustentação dos preços.

A partir de abril, entretanto, com o início dos leilões de PEP (Prêmio de Escoamento da Produção) e com a aprovação do Orçamento da União permitindo que os AGFs (Aquisições do Governo Federal) começassem a ser viabilizados, o mercado ganhou um pouco mais de ritmo, proporcionando campo para que os preços se aproximassem do mínimo oficial ainda em junho.

Após ter permanecido praticamente estabilizado até agosto, o mercado, a partir de então, começou a registrar gradativo processo de melhora no movimento, que se acentuou em novembro. O prosseguimento dos leilões de PEP (inclusive para a exportação) e o incremento das cotações internacionais, elevando substancialmente a paridade de exportação, foram fatores que, ao proporcionarem melhor liquidez ao mercado, permitiram que os preços apresentassem expressivas melhoras, especialmente a partir de outubro.

Em Santa Catarina, os preços mais comuns ofertados aos produtores de Chapecó, que chegaram a cair para a faixa dos R\$ 12,00/sc, evoluíram em junho para R\$ 13,40/sc. Após um período de relativa estabilidade, os preços apresentaram, a partir de setembro, gradativo processo de melhora, tendo atingido no início de dezembro R\$ 19,00/sc (Figura 6).



## **Perspectivas para 2007**

Para a primeira safra nacional de 2006/07, a Conab, no levantamento de julho, apontou redução de 2,2% na área de plantio. A queda, mais sentida na Região Sul e Centro-Oeste, foi fruto, dentre outros fatores, do baixo desempenho dos preços durante o período mais forte da comercialização.

A produção, entretanto, devido à melhora da produtividade, situou-se em 36,5 milhões de toneladas, com avanço de 14,9% em relação à do mesmo período de 2006.

Para a safrinha 2006/07, em razão do expressivo crescimento da área semeada (32,7%), a Conab estimou a produção em 14,0 milhões de toneladas, volume 31% maior que o colhido na safrinha de 2006.

O potencial da produção brasileira, portanto, foi estimado por aquela instituição em 50,57 milhões de toneladas, volume que representa um avanço de 18,9% em comparação ao total de 42,51 milhões produzidos em 2005/06.

Tal volume, quando acrescido dos estoques de passagem e das importações, poderá gerar uma oferta total da ordem de 55,9 milhões de toneladas. Este montante seria suficiente não só para atender ao consumo interno e às exportações, mas também para elevar os estoques de passagem de 5,3 milhões para 8,9 milhões de toneladas.

Para Santa Catarina, o IBGE/GCEA/SC apontou para um plantio de 708,2 mil hectares, montante que representa um decréscimo de 9,7% em relação ao da safra anterior.

Apesar do recuo, o bom comportamento do clima permitiu que a produtividade se recuperasse para níveis normais, o que se traduziu numa produção de 3,69 milhões de toneladas, ou seja, registrou um avanço de quase 27,9% em relação ao volume colhido na frustrada safra de 2005/06.

Tal produção melhorou a situação do suprimento catarinense, pois, mesmo com tendência de crescimento do consumo por parte da suinocultura e da avicultura, o déficit estadual apresentou queda acentuada em relação ao das duas temporadas precedentes.

A expectativa, com base nas estimativas para o quadro da oferta/demanda estadual elaborado pela Epagri/Cepa, é de que o déficit possa declinar de 1,92 milhão de toneladas registradas em 2005 e em 2006 para algo próximo de 1,2 milhão em 2007 (Tabela 4).

O mercado do milho, que nos primeiros três meses de 2007 mostrou-se firme e com preços semelhantes ao do final do ano anterior, apresentou queda em março, mantendo-se, a partir de então, praticamente estabilizados até meados do ano. Em Santa Catarina,

os preços mais comuns ofertados aos produtores de Chapecó declinaram, neste período, de R\$ 17,50/sc para R\$ 16,00/sc (Figura 6).

Tabela 4/I. Milho - Oferta/demanda  
- Santa Catarina - 2005-07

Discriminação	(mil t)		
	2005	2006	2007
<b>I - Consumo</b>	<b>4.707,2</b>	<b>4.774,5</b>	<b>4.906,8</b>
1 - Humano	90,0	90,0	90,0
2 - Animal	4.514,2	4.616,5	4.748,8
. Suínos	1.982,0	2.130,4	2.195,2
. Aves	2.199,2	2.142,1	2.209,6
. Outros	333,0	344,0	344,0
3 - Indústrias/outros	63,0	43,0	43,0
4 - Saídas	40,0	25,0	25,0
<b>II - Perdas</b>	<b>90,0</b>	<b>90,0</b>	<b>110,0</b>
<b>III - Necessidade total</b>	<b>4.797,2</b>	<b>4.864,5</b>	<b>5.016,8</b>
<b>IV - Produção<sup>(1)</sup></b>	<b>2.870,0</b>	<b>2.950,0</b>	<b>3.770,0</b>
<b>V - Déficit</b>	<b>1.927,2</b>	<b>1.914,5</b>	<b>1.246,8</b>

<sup>(1)</sup>Produção de milho, mais outros produtos substitutos.

Fonte: Epagri/Cepa (Estimativas: mar./07).

O incremento da colheita da primeira safra nacional, juntamente com a retração dos compradores frente ao forte aumento do plantio da safrinha, manteve o mercado com pouca liquidez e provocou, por consequência, o recuo dos preços.

Para o restante de 2007, a tendência é de os preços apresentarem certo enfraquecimento. Tal expectativa decorre não só em razão da estimativa de uma oferta nacional muito acima do potencial do consumo interno, como também porque, diante da perspectiva de enfraquecimento do mercado internacional e da baixa taxa de câmbio, a paridade de exportação dificilmente viabilizará a manutenção do mesmo patamar de preços praticados em junho.

Como a liquidez do mercado dependerá de um bom desempenho das exportações, a sustentação dos preços internos em níveis ainda razoáveis dependerá de o governo assegurar medidas que estimulem as vendas para o mercado externo.

Tabela 5/I. Milho - Área, produção e rendimento mundial – Safras 2004/05 a 2006/07

Nível geográfico	Área colhida (milhões de ha)			Produção (milhões de t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07
<b>Mundo</b>	<b>144,63</b>	<b>145,72</b>	<b>148,45</b>	<b>712,30</b>	<b>696,20</b>	<b>701,03</b>	<b>4.920</b>	<b>4.750</b>	<b>4.721</b>
E. Unidos	29,80	30,40	28,59	299,91	282,31	267,60	10.060	9.290	9.360
China	25,45	26,36	27,00	130,30	139,36	145,00	5.120	5.290	5.300
Brasil	11,56	12,90	13,70	35,00	41,70	50,00	3.030	3.230	3.650
Argentina	2,78	2,44	2,80	20,50	15,80	22,50	7.370	6.480	8.040
México	7,69	6,64	7,40	22,05	19,50	22,00	2.870	2.940	2.970
França	1,82	1,61	1,44	16,38	13,68	12,15	8.990	8.510	8.440
Índia	7,50	7,60	8,30	14,13	14,71	13,85	1.880	1.940	1.670
Itália	1,20	1,11	1,06	10,98	10,00	9,40	9.160	8.980	8.870
África do Sul	3,22	2,03	2,80	11,72	6,94	6,50	3.640	3.410	2.320
Canadá	1,07	1,10	1,06	8,84	9,36	8,99	8.250	8.630	8.480
Outros	52,54	52,40	54,27	127,32	142,84	143,04	2.423	2.206	2.634

Fonte: Usda (jun./06).

Tabela 6/I. Milho - Área plantada, produção e rendimento por estado - Brasil - Safras 2003/04 a 2005/06

Estado	Área plantada (1.000 ha)			Produção (1.000 t)			Rendimento (kg/ha)		
	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06
Rôndônia	147,3	142,3	140,4	267,8	286,2	297,2	1.950	2.011	2.117
Acre	42,5	36,6	37,0	63,3	53,4	56,2	1.489	1.459	1.519
Amazonas	12,9	12,9	19,7	25,0	23,2	44,3	1.938	1.798	2.249
Roraima	13,0	12,2	12,2	26,0	24,4	24,4	2.000	2.000	2.000
Pará	281,6	275,7	215,0	566,0	572,9	322,5	2.010	2.078	1.500
Amapá	1,5	1,5	2,1	1,3	1,2	1,8	867	800	857
Tocantins	78,5	75,4	85,9	158,4	167,9	281,6	2.018	2.227	3.278
Maranhão	385,8	362,7	367,1	405,1	424,4	407,5	1.050	1.170	1.110
Piauí	294,8	290,1	282,0	195,5	233,2	177,1	663	804	628
Ceará	558,9	638,8	681,0	257,1	740,4	362,3	460	1.159	532
Rio Grande Norte	65,2	84,0	83,6	29,4	52,5	36,8	451	625	440
Paraíba	189,5	187,6	187,6	90,2	168,8	88,2	476	900	470
Pernambuco	246,4	283,4	286,2	141,7	221,1	154,0	575	780	538
Alagoas	79,0	83,7	83,7	48,6	52,7	46,0	615	630	550
Sergipe	127,4	142,7	149,1	165,6	189,8	184,1	1.300	1.330	1.235
Bahia <sup>(1)</sup>	802,6	777,9	829,3	1.636,2	1.159,5	1.686,8	2.039	1.491	2.034
Minas Gerais <sup>(1)</sup>	1.359,7	1.371,7	1.407,9	6.172,3	5.280,8	6.320,6	4.539	3.850	4.489
Espírito Santo	46,0	39,8	38,6	119,6	83,6	92,3	2.600	2.101	2.391
Rio de Janeiro	11,6	11,1	10,7	26,4	26,6	23,5	2.276	2.396	2.196
São Paulo <sup>(1)</sup>	1.066,8	1.049,4	957,6	3.984,5	4.260,9	3.957,6	3.735	4.060	4.133
Paraná <sup>(1)</sup>	2.106,1	2.491,1	2.714,0	8.414,3	11.173,0	13.899,6	3.995	4.485	5.121
Santa Catarina	798,4	784,8	706,3	2.818,4	3.178,4	3.863,5	3.530	4.050	5.470
Rio Grande do Sul	1.237,9	1.436,0	1.385,7	1.595,5	4.547,8	5.954,4	1.269	3.167	4.297
Mato G. do Sul <sup>(1)</sup>	564,4	623,4	806,9	1.396,9	2.241,0	2.822,5	2.475	3.595	3.498
Mato Grosso <sup>(1)</sup>	1.058,7	1.046,8	1.518,0	3.384,4	4.028,3	5.452,8	3.197	3.848	3.592
Goiás <sup>(1)</sup>	605,0	662,8	785,0	2.814,8	3.088,8	3.719,9	4.653	4.660	4.739
Distrito Federal <sup>(1)</sup>	36,7	39,5	44,2	227,0	234,1	290,3	6.185	5.927	6.568
<b>Brasil</b>	<b>12.208,2</b>	<b>12.963,9</b>	<b>13.836,8</b>	<b>35.006,7</b>	<b>42.514,9</b>	<b>50.567,8</b>	<b>2.867</b>	<b>3.279</b>	<b>3.655</b>

<sup>(1)</sup>Safra, mais safrinha.

Fonte: Conab (jul./07).

Tabela 7/I. Milho - Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica -  
Santa Catarina - Safras 2004/05 a 2006/07

Microrregião geográfica	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07
São M. do Oeste	112.953	108.210	90.515	315.995	441.219	458.293	2.798	4.077	5.063
Chapécó	180.305	165.020	156.583	502.178	598.006	788.459	2.785	3.624	5.035
Xanxerê	82.530	84.895	63.213	416.255	381.191	401.935	5.044	4.485	6.358
Joaçaba	89.400	86.960	83.200	242.340	287.253	511.210	2.711	3.303	6.144
Concórdia	67.170	65.450	58.900	166.495	182.898	285.842	2.479	2.794	4.853
Canoinhas	71.400	77.100	59.350	403.003	386.432	448.470	5.644	5.012	7.556
São Bento do Sul	8.240	7.940	7.940	49.980	42.096	42.096	6.065	5.302	5.301
Joinville	809	766	805	3.068	3.113	3.252	3.792	4.064	4.039
Curitibanos	47.750	52.500	42.900	163.445	171.858	253.632	3.423	3.273	5.912
Campos de Lages	47.940	48.649	48.840	120.764	113.392	216.288	2.519	5.012	4.429
Rio do Sul	23.125	26.110	26.030	62.868	60.724	121.470	2.719	2.326	4.667
Blumenau	5.743	5.509	5.503	17.164	16.174	16.369	2.989	2.936	2.975
Itajaí	30	25	24	59	59	60	1.966	2.360	2.500
Ituporanga	17.550	15.750	15.900	65.179	45.443	84.540	3.714	2.885	5.317
Tijucas	4.560	4.130	4.240	17.673	15.217	18.123	3.876	3.685	4.274
Florianópolis	1.595	1.595	1.185	5.607	5.607	4.846	3.515	3.515	4.089
Tabuleiro	5.380	5.880	4.900	20.690	22.590	20.470	3.846	3.842	4.178
Tubarão	13.425	10.045	9.895	49.556	37.767	38.653	3.691	3.760	3.906
Criciúma	11.815	7.420	8.450	39.745	35.313	39.826	3.364	4.759	4.713
Araranguá	8.340	10.170	10.050	33.147	39.787	39.717	3.974	3.912	3.952
<b>Santa Catarina</b>	<b>796.060</b>	<b>784.214</b>	<b>698.423</b>	<b>2.695.211</b>	<b>2.886.139</b>	<b>3.793.551</b>	<b>3.386</b>	<b>3.680</b>	<b>5.432</b>

Fonte: IBGE (abr./06).

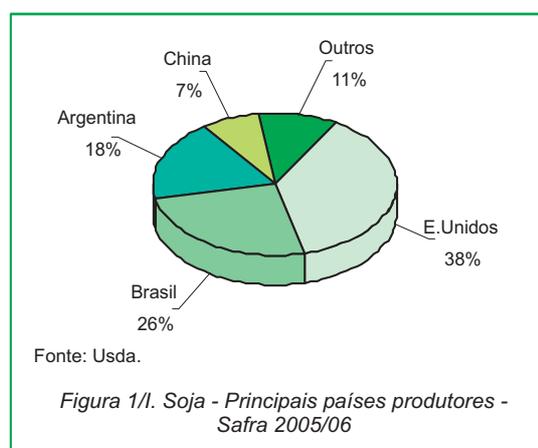
**Simão Brugnago Neto**

## Panorama mundial

Segundo o Usda, na safra 2005/06, a produção mundial de soja situou-se em 220,56 milhões de toneladas, 2,2% a mais que na anterior (215,72 milhões). O crescimento foi atribuído principalmente ao aumento da produção do Brasil e da Argentina, fato que compensou com leve folga a diminuição da safra dos Estados Unidos - de 85,00 milhões para 83,37 milhões de toneladas – e da China, que declinou de 17,40 milhões para 16,35 milhões de toneladas.

A participação percentual dos principais países produtores pode ser visualizada na figura 1.

Para a safra 2006/07, as projeções do Usda (jul/07) apontam para uma produção mundial de 236,07 milhões de toneladas, patamar 7% maior que o da anterior. Este desempenho decorreu do leve aumento da produção dos Estados Unidos (para 86,77 milhões de toneladas) e do crescimento da produção sul-americana, que aumentou de 103,95 milhões para 114,4 milhões de toneladas. A da China declinou de 16,35 milhões para 16,2 milhões de toneladas.



Como a produção foi prevista num patamar superior ao do consumo (225,21 milhões de toneladas), os estoques mundiais, que já haviam crescido de 48,36 milhões para 53,97 milhões de toneladas na temporada anterior, tendem a aumentar para 64,17 milhões ao final da temporada 2006/07 (Tabela 1).

Para 2007/08, como decorrência da tendência de forte queda da produção norte-americana (de 86,8 milhões para 71,4 milhões), a produção mundial poderá declinar para somente 222,0 milhões de toneladas. Em razão disso, o Usda, no relatório de julho, estimou que os estoques mundiais poderão declinar para 51,87 milhões de toneladas.

Ainda no que tange ao quadro da oferta/demanda, vale salientar a situação dos Estados Unidos, cujos estoques, que haviam aumentado de 12,2 milhões na temporada 2005/06 para 16,3 milhões de toneladas na temporada 2006/07, tendem a cair em 2007/08 para apenas 6,7 milhões de toneladas.

O mercado internacional, que já iniciara o ano em patamares inferiores aos de dezembro de 2005, permaneceu até meados de outubro pressionado pelas boas perspectivas em relação ao suprimento norte-americano e mundial.

Tabela 1/I. Soja-grão – Oferta/demanda mundial e Norte-americana  
– Safras 2004/05 a 2006/07

Discriminação	(milhões t)					
	Mundial			Norte-americana		
	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07
Estoque inicial	38,73	48,36	53,97	3,06	6,96	12,23
Produção	215,72	220,56	236,07	85,01	83,37	86,77
Moagem	175,62	185,10	195,00	46,16	47,32	48,44
Exportação	64,74	64,17	70,45	30,01	25,78	29,67
Cons. doméstico	205,15	215,04	225,21	51,25	52,41	53,10
Estoque final	48,36	53,97	64,17	6,96	12,23	16,34

Fonte: Usda (jul./07).

Neste período, os contratos da primeira posição, após terem caído de US\$ 214,00/t em janeiro para US\$ 209,00/t em abril, evoluíram para a faixa dos US\$ 217,00/t de maio até julho, voltando a cair para menos de US\$ 200,00/t em setembro. Com isso, à exceção dos dois primeiros meses do ano, as cotações operaram sempre abaixo das registradas em 2005.

A partir de meados de outubro, entretanto, impulsionadas pelo forte incremento do mercado do milho e do trigo, as cotações iniciaram um processo de recuperação, tendo atingido US\$ 248,80/t no início de dezembro (Figura 2).

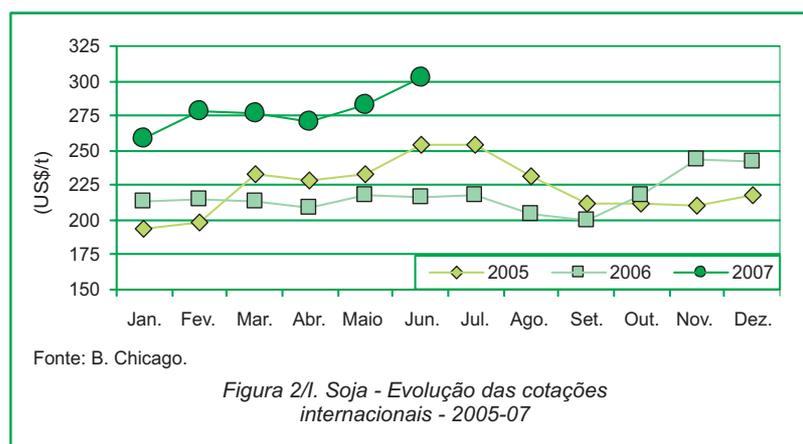


Figura 2/I. Soja - Evolução das cotações internacionais - 2005-07

No início de 2007, apesar de o quadro da oferta/demanda mundial sugerir um suprimento folgado, o mercado internacional registrou bons avanços em relação ao final de 2006, com as cotações oscilando entre fevereiro e abril numa faixa entre US\$ 270,00 e US\$ 278,00/t. Este comportamento foi impulsionado pela forte atuação compradora dos fundos de investimento e pela expectativa de que a área a ser plantada na nova safra dos Estados Unidos apresentaria grande recuo.

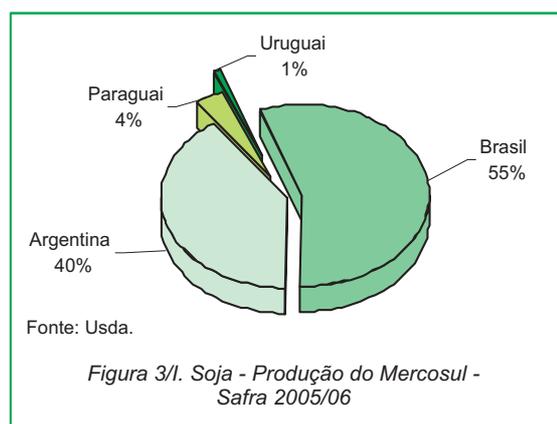
A partir de meados de maio, na medida em que se confirmava a forte queda da área semeada nos Estados Unidos, as cotações entraram em gradativa firmeza, tendo atingido em meados de julho US\$ 334,40/t, o mais alto patamar desde meados de 2004.

Para o restante do ano, embora dependendo do comportamento da safra americana, as cotações tendam a apresentar recuos, a perspectiva é de que se manterão em patamares bem melhores que os do segundo semestre de 2006.

## Panorama do Mercosul

Na safra 2005/06, a produção do Mercosul situou-se em 101,8 milhões de toneladas, registrando avanço de 5,4% em relação às 96,5 milhões colhidas na anterior. O Brasil permaneceu como o principal produtor do bloco, seguido pela Argentina, Paraguai e Uruguai. A participação percentual de cada país no montante da produção pode ser visualizada na figura 3.

Para a safra 2006/07, a estimativa do Usda (jul./07) apontou para uma produção da ordem de 113,4 milhões de toneladas, ou seja, para um incremento de 11,1% em relação à anterior. O crescimento decorreu do bom desempenho da safra em todos os países, especialmente da Argentina e do Paraguai, cujas produções aumentaram 16,5% e 78,5%, respectivamente.

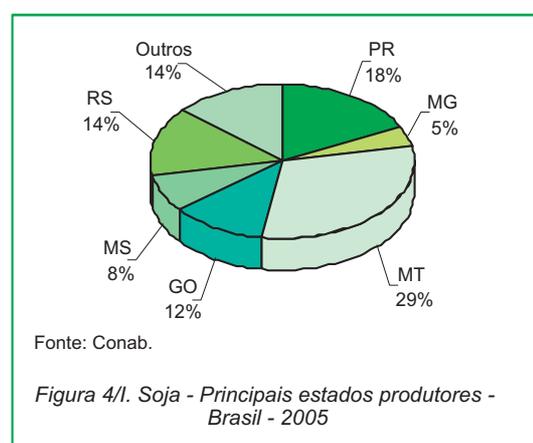


## Panorama brasileiro

A safra brasileira de 2005/06, em razão de o mau desempenho da comercialização ter desestimulado o plantio, acusou, segundo a Conab, redução de 4,7% na comparação com a área semeada na safra anterior. Apesar disso e dos problemas enfrentados com as estiagens, com o excesso de chuvas na colheita e com o ataque de doenças, a produção situou-se em 55,0 milhões de toneladas, ou seja, registrou um aumento de 5,2% em relação à anterior.

O Mato Grosso, com uma produção de 16,7 milhões de toneladas, continuou como o primeiro produtor nacional, seguindo-se, por ordem de importância, o Paraná (9,65 milhões), Rio Grande do Sul (7,78 milhões), Goiás (6,53 milhões), Mato Grosso do Sul (4,45 milhões) e Minas Gerais, com 2,48 milhões de toneladas (Figura 4). No contexto nacional, Santa Catarina, com 828 mil toneladas, respondeu, na safra 2005/06, por apenas 1,5% da produção.

A participação percentual dos principais estados produtores pode ser visualizada na figura 4.



A produção nacional de 2004/05 permitiu exportações de 24,96 milhões de toneladas de grãos, 12,33 milhões de farelo e 2,42 milhões de toneladas de óleo. O volume das vendas para o exterior, portanto, somou 39,71 milhões de toneladas, contra 39,55 milhões exportadas na temporada 2004/05 (Tabela 2).

Tabela 2/I. Complexo soja – Oferta/demanda - Brasil  
- Safras 2004/05 a 2005/06

Discriminação	Grão		Farelo		Óleo	
	2004/05	2005/06	2004/05	2005/06	2004/05	2005/06
Estoque inicial	3.396,5	3.336,7	2.155,4	2.030,6	199,9	517,1
Produção	49.998,9	51.452,0	22.673,0	22.659,0	5.453,0	5.519,5
Importação	349,0	368,0	187,8	188,7	27,0	3,2
Consumo	31.150,0	31.570,0	8.500,0	9.100,0	3.040,0	3.150,0
Exportação	19.247,7	22.435,1	14.485,6	14.421,7	2.122,8	2.213,9
Estoque final	3.336,7	1.151,6	2.030,6	1.356,6	517,1	675,9

Fonte: Conab (jul./07).

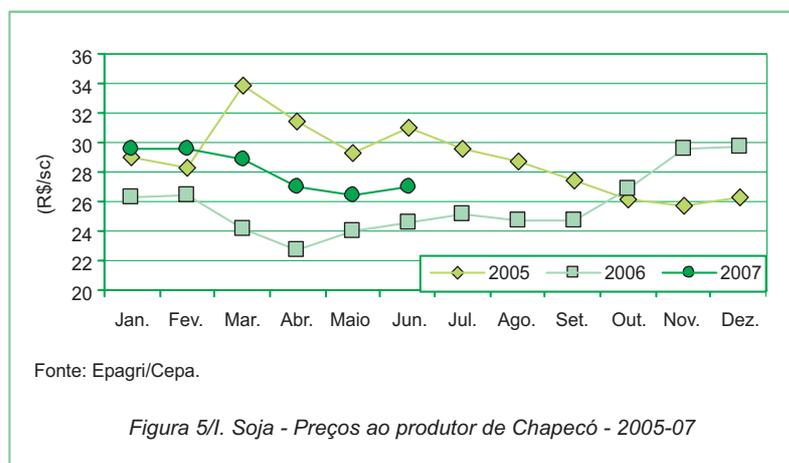
Apesar da estabilidade em termos de quantidade, em razão de na média as cotações internacionais do grão terem ficado levemente abaixo do registrado no ano anterior, as receitas do complexo decresceram de 9,48 bilhões para 9,28 bilhões de dólares em 2006.

## Panorama catarinense

A safra catarinense, a exemplo da nacional, também apresentou decréscimo de cultivo, tendo caído de 354,7 mil para 331,6 mil hectares. Com esta área, a estimativa inicial era de que a produção poderia se situar na faixa dos 875,0 mil toneladas. Todavia, devido às estiagens, a produção situou-se em somente 798,8 mil toneladas. O volume colhido, de qualquer modo, apresentou um incremento de 31,5% em relação à frustrada safra 2004/05.

Ao contrário da melhora da produção, a comercialização da nova safra brasileira mostrou-se, até setembro de 2006, ainda mais desfavorável que em 2005. Além de cotações internacionais mais fracas, a taxa de câmbio apresentou forte declínio, fatores que refletiram negativamente nos preços.

A partir de meados de outubro, no entanto, a melhora do mercado internacional proporcionou boa recuperação aos preços internos. Em Chapecó, os preços mais comuns ofertados aos produtores, que haviam declinado de R\$ 26,30/sc no início do ano para R\$ 24,70/sc em setembro, aumentaram para R\$ 30,00/sc no início de dezembro (Figura 5).



### Perspectiva para 2007

O desempenho ruim dos preços na maior parte de 2006 desestimulou o plantio da nova safra brasileira (2006/07), cuja área, segundo a Conab, atingiu apenas 20,64 milhões de hectares, acusando redução 9,3% na comparação com a da safra anterior. Apesar disso, devido ao bom comportamento do clima, a produção foi estimada em julho em 58,0 milhões de toneladas, ou seja, num patamar 5,5% maior que o da safra 2005/06.

A nova safra catarinense de soja, ao contrário da nacional, apresentou um incremento de área de 15,6% em comparação aos 331,6 mil hectares cultivados no ano passado. No caso catarinense, o mau desempenho da comercialização do milho e os custos mais elevados para implantação das lavouras do cereal foram os principais motivadores deste comportamento.

Com tal área e com o clima permitindo a obtenção de uma boa produtividade, o potencial da produção foi estimado pelo IBGE/GCEA/SC em 1,08 milhão de toneladas, ou seja, num patamar 34,7% maior que as 798,8 mil toneladas colhidas na semifrustrada safra de 2005/06.

No primeiro semestre de 2007, a comercialização apresentou-se melhor que no mesmo período do ano anterior. Os preços ofertados aos produtores de Chapecó, por exemplo, mantiveram-se sempre acima dos praticados no primeiro semestre de 2006 e apresentaram, em termos médios, valorização de 13,6%. Este desempenho só não foi melhor porque o expressivo crescimento das cotações internacionais foi, em grande parte, anulado pela valorização do real frente ao dólar.

A tendência para o restante de 2007 é de os preços internos sofrerem poucas alterações, uma vez que, a despeito da firmeza do mercado internacional, os prêmios na exportação tendem a se enfraquecer e a travar qualquer recuperação mais acentuada.

No que tange às receitas cambiais a serem obtidas com o complexo, entretanto, as perspectivas são bem mais favoráveis. Além de o aumento da produção projetar um crescimento de 5,3% no volume a ser exportado, a forte valorização das cotações internacionais tende a proporcionar expressivo crescimento das receitas, que estão preliminarmente estimadas na faixa dos 11,8 bilhões de dólares.

Tabela 3/I. Soja - Área, produção e rendimento mundial – Safras 2004/05 a 2006/07

Nível Geográfico	Área colhida (milhões de ha)			Produção (milhões de t)			Rendimento (kg/ha)		
	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07
<b>Mundo</b>	<b>93,36</b>	<b>92,54</b>	<b>93,92</b>	<b>215,96</b>	<b>220,55</b>	<b>236,08</b>	<b>2.310</b>	<b>2.380</b>	<b>2.450</b>
Estados Unidos	29,93	28,83	30,19	85,01	83,37	86,77	2.840	2.910	2.870
Brasil	22,92	22,23	20,70	53,00	57,00	59,00	2.310	2.560	2.850
Argentina	14,40	15,20	15,90	39,00	40,50	47,20	2.710	2.660	2.970
China	9,59	9,59	9,30	17,40	16,35	16,20	1.810	1.700	1.740
Índia	7,99	7,80	8,12	5,85	7,00	7,69	730	900	950
Paraguai	2,00	2,00	2,42	4,05	3,64	6,50	2.030	1.820	2.690
Canadá	1,17	1,17	1,20	3,04	3,16	3,47	2.590	2.700	2.890
União Européia	0,27	0,21	0,23	0,79	0,69	0,67	2.890	3.285	2.913
Outros	5,09	5,51	5,86	7,82	8,84	8,58	1.536	1.604	1.464

Fonte: Usda (Jul./07).

Tabela 4/I. Soja - Área plantada, produção e rendimento por estado - Brasil - Safras 2004/05 a 2006/07<sup>(1)</sup>

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07
Roraima	20,0	10,0	5,5	56,0	28,0	15,4	2.800	2.800	2.800
Tocantins	355,7	309,5	267,7	910,6	700,4	646,5	2.560	2.263	2.415
Rondonia	74,4	106,4	90,4	222,8	283,0	277,5	2.995	2.660	3.070
Pará	69,0	79,7	47,0	207,0	238,1	140,5	3.000	2.987	2.990
Maranhão	375,0	382,5	384,4	997,5	1.025,1	1.030,2	2.660	2.680	2.680
Piauí	197,1	232,0	219,7	554,4	544,5	468,4	2.813	2.347	2.132
Bahia	870,0	872,6	850,8	2.401,2	1.991,3	2.297,2	2.760	2.282	2.700
Minas Gerais	1.119,1	1.060,9	930,4	3.021,6	2.482,5	2.595,8	2.700	2.340	2.790
São Paulo	772,5	656,6	538,4	1.684,1	1.654,6	1.437,5	2.180	2.520	2.670
Paraná	4.148,4	3.982,5	3.930,7	9.541,3	9.645,6	11.752,8	2.300	2.422	2.990
Santa Catarina	350,0	344,8	376,9	630,0	827,5	1.044,0	1.800	2.400	2.770
Rio Grande do Sul	4.090,1	3.967,4	3.892,0	2.621,8	7.776,1	9.924,6	641	1.960	2.550
Mato Grosso do Sul	2.030,8	1.949,6	1.737,1	3.716,4	4.445,1	4.881,3	1.830	2.280	2.810
Mato Grosso	6.105,2	6.196,8	5.124,8	17.705,1	16.700,4	15.271,9	2.900	2.695	2.980
Goiás	2.662,0	2.542,2	2.191,4	6.985,1	6.533,5	6.114,0	2.624	2.570	2.790
Distrito Federal	59,0	54,0	52,3	188,7	145,7	142,3	3.198	2.699	2.720
<b>Brasil</b>	<b>23.301,1</b>	<b>22.749,4</b>	<b>20.639,5</b>	<b>51.452,0</b>	<b>55.027,1</b>	<b>58.039,9</b>	<b>2.208</b>	<b>2.419</b>	<b>2.812</b>

<sup>(1)</sup>Estimativa jul./07.

Fonte: Conab.

*Tabela 5/I. Soja - Área, produção e rendimento por Microrregião geográfica - Santa Catarina  
- Safra 2004/05 a 2006/07<sup>(1)</sup>*

Microrregião geográfica	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07
São Miguel do Oeste	23.185	20.080	23.940	27.599	49.088	63.872	1.190	2.445	2.668
Chapecó	59.062	51.815	59.875	67.440	125.047	152.446	1.142	2.413	2.546
Xanxerê	102.845	96.295	115.925	168.436	257.122	343.681	1.638	2.670	2.964
Joaçaba	17.770	17.440	20.045	25.472	34.919	49.991	1.433	2.002	2.519
Concórdia	3.180	2.938	2.936	4.707	5.176	7.320	1.480	1.762	2.493
Canoinhas	82.310	83.030	96.560	218.543	211.744	314.081	2.655	2.550	3.252
São Bento do Sul	3.750	3.250	3.250	8.625	4.875	7.425	2.300	1.500	2.284
Curitibanos	51.700	45.180	51.740	64.434	91.602	146.070	1.246	2.027	2.823
Campos de Lages	9.770	10.750	11.700	20.287	17.583	27.810	2.076	1.636	2.376
Ituporanga	400	360	400	650	582	960	1.625	1.617	2.400
Rio do Sul	545	289	95	720	571	240	1.321	1.976	2.526
Blumenau	200	200	200	500	500	500	2.500	2.500	2.500
<b>Santa Catarina</b>	<b>354.717</b>	<b>331.627</b>	<b>386.666</b>	<b>607.413</b>	<b>798.809</b>	<b>1.114.396</b>	<b>1.712</b>	<b>2.409</b>	<b>2.883</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa do IBGE/Gcea/SC (abr./07).

Fonte: IBGE.

***Simão Brugnago Neto***

O tomate, fruto do tomateiro, pertence à família das solanáceas e é conhecido botanicamente como *Lycopersicum esculentum*.

A hortalíça é originária de uma região situada na área que se estende do norte do Chile ao Equador, entre o Oceano Pacífico, os Andes e as Ilhas Galápagos .

Sua domesticação se deu no México, de onde foi levado para a Europa no período entre 1535 e 1544. Inicialmente, o tomateiro era usado como planta ornamental, sendo considerado venenoso pelos europeus. Somente a partir do século XIX é que ele passou a ser realmente consumido como alimento e se difundiu pelo resto do mundo, sendo atualmente a hortalíça mais industrializada e a mais importante em termos de produção e valor econômico. É importante também por ser uma das hortalíças mais consumidas no mundo, precedida apenas pela batata e pela cebola.

No Brasil, a cultura foi introduzida pelos imigrantes italianos, na virada do século, apresentando extraordinário incremento com a vinda dos imigrantes japoneses. A sua industrialização iniciou-se durante a Segunda Guerra Mundial, tendo se desenvolvido rapidamente a partir da década de 70. Hoje, o Brasil situa-se entre os dez maiores produtores do mundo.

Os tomates podem ser divididos em diversos grupos, de acordo com seu formato e sua finalidade de uso:

**Santa Cruz** - de formato oblongo, tradicional na culinária, sendo utilizado em saladas e molhos.

**Caqui** - de formato redondo, é utilizado em saladas e lanches.

**Saladete** - de formato redondo, utilizado em saladas.

**Italiano** - Seu formato é oblongo, tipicamente alongado, e é utilizado principalmente para molhos, podendo ainda fazer parte de saladas.

**Cereja** - É um “mini-tomate”, podendo ser redondo ou oblongo, utilizado como aperitivo ou ainda em saladas.

Além de serem diferentes em seu formato, os tomates também podem ter variações em sua coloração. Apesar de ser bem mais comum encontrá-los na coloração vermelha, novos tipos de tomate, atualmente, podem ser encontrados na cor rosada, amarela e laranja. Os dois últimos são mais difíceis de serem encontrados no Brasil.

O tomate é importante na alimentação humana, sendo recomendado pelos nutricionistas por se constituir em um alimento rico em licopeno, vitaminas A, vitamina B e minerais importantes, como o fósforo e o potássio, além de ácido fólico, cálcio e frutose. Quanto mais maduro o tomate, maior a concentração desses nutrientes.

## **Panorama mundial**

Dados da FAO divulgados em junho de 2007 situam a produção mundial de tomates da safra 2004/05 em 124,87 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 0,3% em relação à safra anterior. A área plantada teve aumento de 1,9%, atingindo 4,51 milhões de hectares, enquanto a produtividade média das lavouras foi 1,5% menor que a obtida na última safra, passando de 28.092 kg/ha para 27.668 kg/ha.

A China continua sendo o maior produtor mundial da hortaliça, sendo responsável por 25,3% da produção, seguida pelos Estados Unidos, que produzem 8,8%, e pela Turquia, que participa com 7,8% do total mundial. A área plantada na China também é a maior do mundo. Os chineses participam com 28,9% da área plantada com tomate; a seguir vêm a Índia e a Turquia, que exploram, respectivamente, 12,1% e 5,8% da área total. Portugal é o país que detém a maior produtividade média das lavouras, considerando-se as 20 principais nações produtoras, com 79.333 kg/ha, seguido pelo Chile, com produtividade de 66.486 kg/ha, e pelos Estados Unidos, com 66.258 kg/ha, na temporada 2005.

O Brasil, na safra 2005, foi o 9º maior produtor, o 12º em área cultivada e o 6º em produtividade média. A tomaticultura brasileira foi responsável por 1,3% da área plantada no mundo e por 2,7% do abastecimento mundial da hortaliça. O rendimento médio obtido nas lavouras brasileiras foi de 56.117 kg/ha, superando em 103 % a produtividade média mundial.

A tabela 1, a seguir, permite avaliar a produção obtida nos 20 principais países produtores de tomate, assim como a área plantada e a produtividade média destes países e ainda o comparativo das safras 2004 e 2005.

Nos últimos anos, as exportações de tomate vêm apresentando crescimento gradativo. A tabela 2, a seguir, mostra a evolução dos volumes e valores das exportações, bem como o preço negociado pela hortaliça do ano 2001 até 2005. Nota-se, no período, o significativo aumento de 39,4% no preço obtido pelo produto, de 20,3% no volume e de 67,7% no valor das vendas.

Tabela 1/I. Tomate – Área, produção e rendimento médio nos principais países produtores, no mundo e o comparativo das safras 2003/04 e 2004/05

País	Área plantada (ha)		Produção obtida (t)		Rendimento médio (kg/ha)	
	2003/04	2004/05	2003/04	2004/05	2003/04	2004/05
China	30.143.929	31.644.040	1.255.046	1.305.053	24.018	24.247
Estados Unidos	12.867.180	11.043.300	174.650	166.670	73.674	66.258
Turquia	9.440.000	9.700.000	255.000	260.000	37.020	37.308
Itália	7.683.070	7.187.020	144.963	138.790	53.000	51.783
Egito	7.640.818	7.600.000	195.164	195.000	39.151	38.974
Índia	7.600.000	7.600.000	531.250	547.690	14.306	13.876
Espanha	4.383.200	4.651.000	69.900	71.900	62.707	64.687
Irã	4.200.000	4.200.000	122.080	138.790	34.404	30.262
Brasil	3.515.570	3.396.770	60.150	60.530	58.447	56.117
México	2.968.880	2.800.120	124.500	118.680	23.846	23.594
Federação Russa	2.017.860	2.295.900	150.910	154.210	13.371	14.888
Grécia	2.029.820	1.713.580	39.510	35.620	51.375	48.107
Chile	1.200.000	1.230.000	17.900	18.500	67.039	66.486
Marrocos	1.213.530	1.205.510	21.690	22.100	55.949	54.548
Ucrânia	1.145.700	1.417.800	95.700	93.800	11.972	15.115
Uzbequistão	1.245.470	1.317.160	56.380	66.320	22.091	19.861
Portugal	1.200.930	1.085.270	14.020	13.680	85.658	79.333
Argélia	1.092.270	1.023.450	46.740	42.350	23.369	24.166
Túnisia	1.118.000	1.023.450	26.000	26.600	43.000	38.476
Síria	920.000	945.500	20.000	14.600	46.000	64.760
<b>Total</b>	<b>124.452.550</b>	<b>124.875.230</b>	<b>4.430.190</b>	<b>4.513.390</b>	<b>28.092</b>	<b>27.668</b>

Fonte: FAO (jun./07).

Tabela 2/I. Tomate – Exportações mundiais – Quantidade, valor e preço médio – 2001-05

Discriminação	2001	2002	2003	2004	2005	% 01/05
Volume (t)	3.789.998	3.856.282	4.126.605	4.395.667	4.559.968	20,3
Valor (mil US\$)	3.070.465	3.569.668	4.318.469	4.518.474	5.149.422	67,7
Preço (US\$/t)	810,15	925,68	1.046,49	1.027,94	1.129,27	39,4

Fonte: FAO (jun./07).

## Panorama da América do Sul

A produção de tomates na América do Sul, na safra 2005, foi de aproximadamente 6,28 milhões de toneladas, 3,0% menor que a obtida na safra anterior.

O Brasil ocupa posição de destaque na produção de tomates no Continente. É o maior produtor e responsável por 54,9% do volume produzido nesta safra. O Chile aparece como segundo maior produtor, respondendo por 19,6% da produção. A Argentina fica com a terceira posição, com 10,5%, enquanto a Colômbia detém o quarto lugar, com 5,9% do que é produzido na safra sul-americana.

A participação destes quatro países na produção vem se mantendo praticamente inalterada nas últimas safras, mudando apenas os índices de um ano para o outro. Na safra anterior, a participação brasileira correspondeu a 54,3% da produção, a chilena foi de 18,5%, a da Argentina ficou em 10,3%, e a colombiana, em 6,0%.

A produtividade média das lavouras de tomate da América do Sul foi reduzida em 1,9% na safra 2005, se comparada com a safra anterior. A média obtida foi de 43.446 kg/ha, contra 44.265 kg/ha da safra 2004. As maiores reduções nos rendimentos médios verificaram-se nas lavouras do Equador (redução de 27,7%), do Paraguai (com redução de 6,2%), do Peru (com produtividade 4,7% menor) e do Brasil, onde a redução foi de 2,4%. A Argentina e a Bolívia tiveram aumento da produtividade média em 11,1% e 5,1%, respectivamente. O Chile apresenta a maior rentabilidade média entre os países do Continente, com 66.486 kg/ha, seguido pelo Brasil, com 57.046 kg/ha, e pela Argentina, com 49.671 kg/ha. Somente esses três países superaram a média do Continente na temporada; os demais ficaram abaixo.

A área cultivada com tomate na América do Sul, em 2005, foi de 144.628 hectares e representou queda de 1,2% em relação à safra 2004. O Brasil possui a maior área ocupada com a cultura, semeando, na última safra, 60.530 hectares, contra 60.150 hectares plantados na safra anterior. A segunda maior área cultivada é a do Chile, que aumentou de 17.900 hectares em 2004 para 18.500 hectares em 2005. Logo a seguir vem a Colômbia, que plantou 14.532 hectares, 3,7% menos que na safra 2004, e a Argentina, que plantou uma área de 13.290 hectares, contra 14.870 hectares do ano passado.

Os quatro principais países envolvidos com a cultura no Continente Sul-Americano - Brasil, Chile, Argentina e Colômbia - detiveram 73,8% da área plantada na safra 2004 e 73,9% na safra 2005, sendo responsáveis por 89,0% e por 91,0% do total produzido nas respectivas safras (Tabela 3).

*Tabela 3/I. Tomate - Área, produção e rendimento médio nos países sul americanos - Safras 2003/04-2004/05*

País	Área plantada (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2003/04	2004/05	2003/04	2004/05	2003/04	2004/05
Brasil	60.150	60.530	3.515.570	3.452.970	58.447	57.046
Chile	17.900	18.500	1.200.000	1.230.000	67.039	66.486
Argentina	14.870	13.290	664.520	660.130	44.689	49.671
Colômbia	15.100	14.532	388.850	374.680	25.752	25.783
Venezuela	9.080	10.040	196.941	211.660	21.690	21.082
Peru	5.380	4.900	183.520	159.210	34.112	32.492
Bolívia	8.860	9.050	118.850	127.620	13.414	14.102
Equador	3.240	3.810	84.890	72.160	26.201	18.940
Paraguai	2.270	2.400	69.451	68.850	30.595	28.688
Uruguai	1.300	1.380	44.400	47.500	34.154	34.420
Demais países	720	730	7.090	7.070	9.847	9.685
<b>Total</b>	<b>146.389</b>	<b>144.628</b>	<b>6.479.997</b>	<b>6.283.547</b>	<b>44.266</b>	<b>43.446</b>

Fonte: FAO (jun./07).

## Panorama nacional

A safra nacional de tomates, em 2006, apresentou redução de 4,1% na área plantada em relação à anterior. As maiores reduções aconteceram no Maranhão (32,1%), no Mato Grosso do Sul (26,8%), em Minas Gerais (10,5%) e em Goiás (8,3%). Também houve redução de área, porém menos expressiva, nos estados de Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Paraná e Rio Grande do Sul.

Os mais significativos aumentos em área ocupada com a cultura na última temporada, em termos percentuais, aconteceram no Rio Grande do Norte (35,7%), no Mato Grosso (13,5%), Ceará (14,8%) e no Estado da Paraíba (12,3%). Menos expressivos foram os aumentos em Santa Catarina e no Espírito Santo.

O total plantado foi de 56.966 hectares, e os estados com maior participação na área plantada do País foram os estados de São Paulo (19,9%), Goiás (17,0%), e Minas Gerais (14,3%).

Fatores climáticos, descapitalização, oscilação do mercado e o conseqüente pouco investimento em implementos e técnicas operacionais e, ainda, a ausência em maior ou menor grau de profissionalização dos produtores são as principais razões para explicar estas variações anuais sobre a área de plantio do País. Mesmo assim, é crescente a participação da produção nacional no abastecimento do mercado interno da hortaliça.

A produção nacional em 2006 totalizou 3.272.927 toneladas, volume 3,6% menor que o obtido na safra 2005. As maiores participações, por estado, no último ano, foram do Estado de Goiás, com 23,2%, seguido pelo Estado de São Paulo, com 20,5%, e pelo Estado de Minas Gerais, com 16,9% da produção nacional.

O rendimento médio das lavouras, na safra nacional de 2006, alcançou 57.454 kg/ha. Se comparado à safra anterior, verifica-se um aumento de 0,3% na produtividade média das lavouras do País.

Destacou-se em produtividade, no cenário nacional, na última safra, o Estado de Goiás, com 76.729 kg/ha, seguido pelo Rio de Janeiro, com 75.161 kg/ha, e Minas Gerais, com 67.980 kg/ha, como podemos observar na Tabela 4.

Nos negócios internacionais realizados com tomate pelos comerciantes brasileiros, no último ano, as exportações somaram quase o dobro das importações em volume e pouco mais de duas vezes os valores negociados. Apesar do envolvimento de volumes e dos valores bastante modestos, estas ações são importantes por apresentarem uma balança comercial positiva, dando sinal de boa aceitação do produto no mercado, em especial pela qualidade apresentada. Nas tabelas 5, 6, 7 e 8, a seguir, estão apresentados os volumes e os valores das importações e das exportações brasileiras de tomate, no período compreendido entre os anos 2002 e 2006, destacando a origem e o destino da produção.

Tabela 4/I. Tomate – Área, produção e rendimento médio nos principais estados brasileiros –  
Safras 2003/04-2004/05

Estado	Área plantada (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2004/05	2005/06	2004/05	2005/06	2004/05	2005/06
Goiás	10.792	9.900	776.430	759.620	71.945	76.729
São Paulo	11.830	11.340	717.530	672.330	60.653	59.288
Minas Gerais	9.088	8.130	617.544	552.677	67.996	67.980
R. de Janeiro	2.905	2.829	209.131	212.631	73.379	75.161
Bahia	5.170	5.038	199.036	196.626	38.498	39.029
Paraná	3.532	3.479	185.299	180.014	52.463	51.743
Pernambuco	4.230	4.208	179.874	168.501	42.584	40.043
Espirito Santo	1.959	1.982	123.961	132.127	63.278	66.663
Santa Catarina	2.309	2.346	123.239	113.425	53.396	48.348
Ceará	1.775	2.038	94.482	103.291	53.229	50.683
Rio G. do Sul	2.535	2.379	91.001	99.693	35.997	41.905
Paraíba	650	730	21.672	23.325	33.342	31.952
Dist. Federal	280	278	18.978	18.466	67.779	66.424
Rio G. do Norte	373	506	11.841	16.443	31.745	32.496
Roraima	449	449	5.268	5.268	12.000	11.733
Sergipe	310	296	5.340	4.871	17.226	16.456
Maranhão	340	231	6.814	4.727	20.041	20.463
Mato Grosso Sul	97	71	3.898	3.644	41.468	51.324
Amazonas	626	593	3.198	2.845	5.117	4.798
Mato Grosso	126	143	2.231	2.403	17.848	16.804
<b>Total</b>	<b>59.376</b>	<b>56.966</b>	<b>3.396.767</b>	<b>3.272.927</b>	<b>57.295</b>	<b>57.454</b>

Fonte: IBGE.

Tabela 5/I. Tomate – Importações, origem, quantidade e valor - Brasil - 2002-06

Origem	Unidade	2002	2003	2004	2005	2006
Argentina	US\$	7.413	-	-	-	-
	kg	41.160	-	-	-	-
Chile	US\$	275	-	12.902	-	-
	kg	250	-	23.040	-	-
Uruguai	US\$	-	5.292	54.782	17.494	9.740
	kg	-	23.520	199.920	41.160	23.226
<b>Total</b>	<b>US\$</b>	<b>7.688</b>	<b>5.292</b>	<b>67.684</b>	<b>17.850</b>	<b>9.740</b>
	<b>kg</b>	<b>41.410</b>	<b>23.520</b>	<b>222.960</b>	<b>41.160</b>	<b>23.226</b>

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 6/I. Tomate – Importações, destino, quantidade e preço médio -  
Brasil - 2002-06

Origem	Unidade	2002	2003	2004	2005	2006
Rio de Janeiro	US\$	7.413	-	5.929	-	-
	Kg	41.160	-	21.560	-	-
Rio G. do Sul	US\$	-	-	-	-	993
	Kg	-	-	-	-	2.646
São Paulo	US\$	275	5.292	61.755	17.494	8.747
	Kg	250	23.520	201.400	41.160	20.580
<b>Total</b>	<b>US\$</b>	<b>7.688</b>	<b>5.292</b>	<b>67.684</b>	<b>17.850</b>	<b>9.740</b>
	<b>Kg</b>	<b>41.410</b>	<b>23.520</b>	<b>222.960</b>	<b>41.160</b>	<b>23.226</b>

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 7/I. Tomate – Importações, origem, quantidade e preço médio -  
Brasil -2002-06

Origem	Unidade	2002	2003	2004	2005	2006
Pará	US\$	-	-	668	6.953	19.972
	Kg	-	-	1.500	18.290	52.875
Amapá	US\$	-	-	2.214	-	-
	Kg	-	-	2.600	-	-
São Paulo	US\$	596.706	443.843	79.436	83.118	3
	Kg	2.496.025	2.102.884	734.491	384.610	12
Ceará	US\$	478	309	92	45.523	-
	Kg	630	338	80	57.759	-
Minas Gerais	US\$	59.369	60.265	-	5.174	-
	Kg	127.163	279.615	-	23.520	-
Santa Catarina	US\$	-	20.831	14.978	1.206	-
	Kg	-	94.635	68.080	10.000	-
Goiás	US\$	-	-	5.880	-	-
	Kg	-	-	85.600	-	-
Rio Grande do Norte	US\$	4.646	-	-	-	-
	Kg	21.120	-	-	-	-
Paraná	US\$	81.784	14.613	-	-	-
	Kg	336.325	66.415	-	-	-
Rio Grande do Sul	US\$	14.228	-	-	-	-
	Kg	42.504	-	-	-	-
Mato Grosso do Sul	US\$	45.547	-	-	-	-
	Kg	177.160	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>US\$</b>	<b>961.021</b>	<b>667.642</b>	<b>103.268</b>	<b>141.974</b>	<b>19.975</b>
	<b>Kg</b>	<b>3.954.141</b>	<b>3.175.746</b>	<b>892.351</b>	<b>494.179</b>	<b>52.887</b>

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 8/I. Tomate – Exportações, destino, quantidade e preço médio -  
Brasil -2002-06

Origem	Unidade	2002	2003	2004	2005	2006
Angola	US\$	2.864	-	-	261	-
	kg	3.800	-	-	271	-
Argentina	US\$	917.687	664.781	64.508	83.504	-
	Kg	3.791.402	3.134.808	265.011	379.566	-
Cabo Verde	US\$	478	735	357	68	-
	kg	630	908	580	50	-
Canadá	US\$	-	-	-	-	3
	kg	-	-	-	-	12
França	US\$	-	2	-	-	-
	kg	-	30	-	-	-
Paraguai	US\$	-	2.124	35.521	-	-
	kg	-	40.000	622.660	-	-
Uruguai	US\$	39.992	-	-	5.733	-
	kg	158.309	-	-	38.293	-
Guiana Francesa	US\$	-	-	2.882	6.867	19.966
	kg	-	-	4.100	18.090	52.855
Itália	US\$	-	-	-	45.455	-
	kg	-	-	-	57.709	-
Suriname	US\$	-	-	-	86	6
	Kg	-	-	-	200	20
<b>Total</b>	<b>US\$</b>	<b>961.021</b>	<b>667.642</b>	<b>103.268</b>	<b>141.974</b>	<b>19.975</b>
	<b>kg</b>	<b>3.954.141</b>	<b>3.175.746</b>	<b>892.351</b>	<b>494.179</b>	<b>52.887</b>

Fonte: MDIC/Secex.

## **Panorama catarinense**

A cultura do tomate se destaca, no território catarinense, como uma das principais atividades hortícolas, estando presente em mais dois mil estabelecimentos rurais. Outro aspecto peculiar da cultura, no Estado, é o fato de, em função da diversidade climática do território catarinense, se obter produção em todos os meses do ano, sendo, inclusive, em alguns meses, o responsável pelo abastecimento nacional do produto.

Na safra 2006, o Estado foi o nono produtor nacional, produzindo 113.425 toneladas, 8% menos que a safra anterior e participando com 3,5% da oferta nacional do produto. A área plantada foi 1,6% maior que a da safra 2005, e o Estado foi o nono do País, com 2.346 hectares de lavoura, plantando 4,0% do total nacional.

O rendimento médio das lavouras catarinenses, no último ano, foi de 55.603 kg/ha, sendo, portanto, 4,5% inferior ao estabelecido na temporada passada.

As microrregiões de Santa Catarina que mais se destacaram em área plantada e na produção de tomates na última safra foram as microrregiões de Joaçaba, Florianópolis, Tabuleiro e Campos de Lages, que foram responsáveis, respectivamente, por 38,3%, 21,3%, 21,8% e 4,5% da produção estadual e 37,5%, 21,5%, 20,7% e 3,7% da área plantada no Estado. Juntas, estas quatro regiões concentram 83,3% da área plantada e 85,9% da produção estadual.

O destaque, em termos de produtividade média, no último ano, foi a microrregião dos Campos de Lages. Os produtores nesta microrregião conseguiram em média 67.658 kg/ha, 21,7% mais que a média estadual da temporada. Bons rendimentos também foram obtidos nas microrregiões de Ituporanga, Tabuleiro e Tubarão, respectivamente 5,9%, 5,4% e 5,3% superiores à média estadual.

A comercialização da safra catarinense, neste ano, manteve as características dos anos anteriores. A microrregião de Joaçaba comercializa sua produção nos principais centros consumidores do Sudeste brasileiro, de Manaus e destina parte da produção à exportação. A microrregião de Florianópolis destina 30% de sua produção para Porto Alegre e Curitiba, e os 70% restantes são negociados nas Centrais de Abastecimento de Santa Catarina (Ceasa/SC), que, por sua vez, abastecem todos os grandes centros consumidores do litoral. A microrregião do Tabuleiro comercializa sua safra da mesma forma que a de Florianópolis, podendo haver alguma variação, dependendo da oferta, da qualidade e do mercado. Os produtores da microrregião dos Campos de Lages, comumente, fazem suas vendas na Ceasa/SC (São José), na Ceasa/PR (Curitiba) e na Ceasa/PA (Belém).

A tabela 9 mostra a distribuição da área plantada, da produção obtida e do rendimento médio das lavouras de tomate por microrregião geográfica de Santa Catarina e o comparativo das safras de 2005 e 2006.

Tabela 9/I. Tomate – Área, produção e rendimento médio nas microrregiões geográficas - Santa Catarina – Safras 2004/05 a 2005/06

Microrregião geográfica	Área plantada (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2004/05	2005/06	2004/05	2005/06	2004/05	2005/06
Blumenau	73	30	2.875	1.105	39.384	36.833
Campos de Lages	170	79	9.280	5.345	54.588	67.658
Canoinhas	19	31	1.500	1.746	78.947	56.323
Chapecó	40	27	1.573	1.021	39.325	37.815
Concórdia	9	12	330	525	36.667	43.750
Criciúma	19	17	820	740	43.158	43.529
Curitibanos	10	55	300	1.615	30.000	29.364
Florianópolis	469	463	25.110	25.545	53.539	55.173
Ituporanga	32	45	1.800	2.650	56.250	58.889
Joaçaba	872	809	48.541	45.950	55.666	56.799
Joinville	8	4	288	134	36.000	33.500
Rio do Sul	24	24	1.300	1.300	54.167	54.167
São Bento do Sul	13	13	460	460	35.385	35.385
Tabuleiro	443	447	23.235	26.190	52.449	58.591
Tijucas	30	30	1.500	1.500	50.000	50.000
Tubarão	69	58	4.047	3.651	58.652	62.948
Xanxerê	9	10	280	295	31.111	29.500
<b>Total do Estado</b>	<b>2.309</b>	<b>2.158</b>	<b>123.239</b>	<b>119.992</b>	<b>53.373</b>	<b>55.603</b>

Fonte: IBGE.

A tabela 10 apresenta a área plantada, a produção e a produtividade média dos principais municípios catarinenses. Os municípios de Caçador, Palhoça, Águas Mornas, Santo Amaro da Imperatriz, Anitápolis e Urubici foram destaque em 2006 na produção e na área plantada, enquanto os municípios de Braço do Norte, Mafra, São Ludgero, Rancho Queimado, Bom Retiro e Alfredo Wagner, respectivamente, apresentaram a maior produtividade média.

A comercialização da safra 2006, em Santa Catarina, não foi positiva se comparada às duas safras imediatamente anteriores. Analisando-se os valores nominais recebidos pelos produtores, pode-se concluir que, do ponto de vista econômico, não trouxe a tranquilidade esperada pelos tomaticultores e nem pelos atacadistas.

A tabela 11 traz uma série histórica dos preços recebidos pelos produtores e preços no atacado. Nela, pode-se observar que o preço médio da caixa de tomate na temporada, nos dois segmentos, foi inferior ao preço médio dos anos imediatamente anteriores. Observa-se, também, que os preços médios mensais apresentaram maior estabilidade em 2006, comparativamente aos anos de 2005 e 2004. Maior fôlego tiveram os produtores que comercializaram nos meses de abril, novembro e dezembro.

*Tabela 10/I. Tomate – Área, produção e rendimento médio nos principais municípios  
- Santa Catarina - Safras 2003/05 a 2005/06*

Município	Área plantada (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2004/05	2005/06	2004/05	2005/06	2004/05	2005/06
Caçador	750	650	43.500	37.700	58.000	58.000
Palhoça	250	250	12.500	12.500	50.000	50.000
Aguas Mornas	200	200	10.000	10.000	50.000	50.000
Santo A. Imperatriz	150	150	9.750	9.750	65.000	65.000
Anitápolis	140	140	7.700	7.700	55.000	55.000
Urubici	120	120	7.200	7.200	60.000	60.000
Rancho Queimado	80	80	4.000	6.400	50.000	80.000
Indaial	60	15	2.400	600	40.000	40.000
Lebon Régis	45	50	1.856	2.500	41.244	50.000
Sao Pedro de Alcântara	35	35	1.400	2.100	40.000	60.000
Angelina	30	30	1.500	1.500	50.000	50.000
Bom Retiro	30	60	1.800	4.800	60.000	80.000
Alfredo Wagner	20	25	1.400	2.000	70.000	80.000
Rio das Antas	20	30	675	1.650	33.750	55.000
Sao Ludgero	17	10	1.349	810	79.353	81.000
Antônio Carlos	15	10	675	450	45.000	45.000
Pedras Grandes	15	15	675	675	45.000	45.000
Tubarão	15	15	1.050	1.050	70.000	70.000
Braço do Norte	11	10	699	910	63.545	91.000
Campos Novos	10	10	300	300	30.000	30.000
<b>Total do Estado</b>	<b>2.309</b>	<b>2.158</b>	<b>123.239</b>	<b>119.992</b>	<b>53.373</b>	<b>55.603</b>

Fonte: IBGE.

*Tabela 11/I. Tomate - Preços médios mensais no atacado e recebido pelos  
produtores, preços médios anuais - Santa Catarina – 2004-06*

(R\$/cx/20 kg)

Mês	Produtor			Atacado		
	2004	2005	2006	2004	2005	2006
Janeiro	14,25	13,05	14,30	13,30	15,74	22,30
Fevereiro	12,13	13,24	7,88	15,93	16,88	11,65
Março	10,00	14,05	10,26	13,23	17,20	13,58
Abril	8,37	17,33	21,88	10,84	21,42	26,82
Mai	21,29	23,40	16,45	25,52	27,70	20,05
Junho	24,55	19,38	10,50	30,45	23,91	13,40
Julho	24,00	21,40	10,48	29,05	26,25	14,38
Agosto	30,73	17,77	10,36	39,86	21,43	14,22
Setembro	27,20	18,20	16,58	33,25	24,14	20,58
Outubro	21,16	20,16	23,75	25,95	24,11	27,10
Novembro	17,42	30,72	23,61	21,42	37,50	28,16
Dezembro	12,40	26,13	17,00	15,53	31,56	20,20
<b>Preço médio</b>	<b>18,63</b>	<b>19,57</b>	<b>15,25</b>	<b>22,86</b>	<b>23,99</b>	<b>19,37</b>

Fonte: Epagri/Cepa.

*Admir Tadeo de Souza*

## Safra 2006/07

Em maio de 2006, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgou os primeiros números acerca da situação mundial de oferta e demanda da safra de trigo 2006/07. A produção mundial e o estoque final foram projetados em patamares inferiores aos das duas últimas safras.

Ao longo dos meses, para alguns dos países grandes produtores mundiais, passou a ser estimado um decréscimo de produção ainda maior do que o inicial e, com isto, a produção e o estoque final mundiais ficaram em patamares ainda menores que os esperados.

Os dados divulgados pelo USDA no mês de junho de 2007 mostram, em relação à safra 2005/06, um decréscimo de 4,5% na produção e de 18,1% no estoque final. O estoque final representa apenas 19,6% do consumo mundial, o percentual mais baixo da história antes da safra 2007/08.

Entre os principais produtores mundiais, comparativamente à safra 2005/06, houve decréscimo na produção da União Européia (5,7%), Estados Unidos (13,9%), Rússia (5,9%), Ucrânia (25,1%) e, principalmente, Austrália (58,0%), que na safra 2005/06 foi responsável por quase 14% das exportações mundiais de trigo.

Entre os países que na safra 2006/07 tiveram produção maior que a da safra 2005/06, apenas a China e o Cazaquistão apresentam crescimento um pouco mais significativo: 6,2% e 22,7%, respectivamente.

A Argentina, normalmente a origem da quase totalidade das importações brasileiras, também teve produção menor que na safra 2005/06. Embora o decréscimo não tenha sido significativo (2,1%), acabou sendo considerada uma safra insatisfatória, já que inicialmente se esperava aumento e não queda de produção.

A safra brasileira 2006/07 teve uma das menores produções dos últimos anos.

Em relação à safra de 2005/06, segundo os dados do IBGE, a área plantada e a produção decresceram, respectivamente, 25,1% e 46,7%. O rendimento médio alcançado, de apenas 1.402 kg/ha, quase 30% menor que o da safra anterior, é um dos piores dos últimos anos.

Isto decorreu do clima adverso no transcorrer da safra. Com estiagem no plantio, geadas na floração/frutificação e chuvas na colheita, houve substanciais perdas em importantes regiões produtoras, especialmente do Paraná e do Rio Grande do Sul, responsáveis por quase 90% da produção brasileira na safra 2005/06.

A substancial redução na produção nacional impactou fortemente as importações de 2006. Em relação ao ano de 2005, em toneladas e dólares, respectivamente, as importações de trigo em grão aumentaram 31% e 52%, as de farinha, 381% e 417%.

O crescimento das importações deverá repetir-se em 2007. No período de janeiro a maio, em relação ao mesmo período de 2006, as importações de trigo em grão haviam aumentado 19% em toneladas e 62,2% em dólares. As importações de farinha explodiram e apenas de janeiro a maio, alcançaram 226,4 mil toneladas, contra 135,7 mil toneladas durante todo ano de 2006.

Na safra 2006/07, Santa Catarina apresentou uma situação bem diferente da dos demais estados. Exceto o Distrito Federal, todos os estados e, conseqüentemente, o País tiveram, em relação à safra 2005/06, sensível redução na área plantada e na produção.

O IBGE-Gcea/SC fechou provisoriamente os dados da safra com área plantada de 62,006 mil hectares e produção de 151,002 mil toneladas. O rendimento médio obtido, de 2.435 kg/ha, é o maior da história da triticultura catarinense.

Durante o andamento da safra, chegou-se a estimar um rendimento médio bem inferior ao alcançado, já que houve a expectativa de que as geadas do início de setembro tivessem provocado danos numa área bem superior à que de fato ocorreu. Os rendimentos médios obtidos acabaram surpreendendo positivamente em vários municípios produtores.

Assim, apesar do crescimento de apenas 3,4% na área plantada, a produção estadual aumentou 41,8%. Na safra 2005/06, a área plantada foi de 59,952 mil hectares; a produção, de 106,514 mil toneladas e o rendimento médio, de 1.777 kg/ha.

## **Comportamento dos preços na safra 2006/07**

O apertado quadro de oferta e demanda da safra 2006/07 provocou um significativo crescimento nos preços internacionais. Na Bolsa de Chicago, por exemplo, durante a maior parte do segundo semestre de 2006 e do primeiro semestre de 2007, as cotações variaram entre US\$ 170 e US\$ 190/t, valores bem acima dos verificados no primeiro semestre de 2006, quando sequer alcançavam os US\$ 140/t.

O apertado quadro de oferta e demanda mundiais e produções menores que as esperadas nas safras 2005/06 e 2006/07 fortaleceram também os preços do trigo da Argentina. No segundo semestre de 2006 e primeiro semestre de 2007, os preços do trigo para o mercado externo nos portos argentinos chegaram a superar os US\$ 200/t. Nos primeiros meses de 2006, estes preços estavam próximos dos US\$ 140/t.

O crescimento dos preços internacionais, particularmente do trigo argentino, e a produção nacional bem abaixo dos níveis inicialmente esperados, provocaram elevação também dos preços no mercado brasileiro.

Em Santa Catarina, os preços recebidos pelos produtores foram bem maiores que os dos anos mais recentes.

### Perspectivas para a safra 2007/08

No primeiro semestre de 2007, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgou os primeiros números acerca da situação mundial de oferta e demanda da safra 2007/08.

Considerando as estimativas do mês de junho, a expectativa é de que a produção mundial superará a alcançada na safra 2006/07. O crescimento esperado, entretanto, não é suficiente para que chegue aos patamares alcançados nas safras 2004/05 e 2005/06.

Como se prevê uma produção inferior ao consumo mundial, os estoques finais teriam um novo decréscimo, atingindo apenas 112,03 milhões de toneladas, o que representa 18,1% do consumo mundial, patamar inferior ao da safra 2006/07, até então o menor da história.

A previsão de recuperação da produção mundial, em relação à safra 2006/07, é porque se espera aumento na produção da maioria dos principais produtores mundiais. As exceções são a China, o Cazaquistão, a Argentina e o Canadá, que teriam decréscimo. Para o Paquistão está prevista uma produção praticamente idêntica à da safra anterior.

Dentre estes países, para os interesses dos produtores brasileiros, chama a atenção de não ser previsto crescimento na produção da Argentina. Esta expectativa seria decorrente do desânimo dos produtores, que durante a comercialização da safra 2006/07, em função de medidas fiscais adotadas pelo governo, foram muito menos beneficiados do que o esperado com as substanciais elevações dos preços de exportação do trigo argentino.

No Brasil, a redução de área plantada nas últimas safras esteve muito relacionada aos baixos preços do mercado interno. Com o crescimento nos preços recebidos na comercialização da safra 2006/07, era esperado aumento até sensível na área plantada da safra brasileira de 2007/08.

Não foi isto que ficou indicado na primeira estimativa do IBGE, divulgada no mês de maio, que, em relação à safra 2006/07, apontava para um crescimento de apenas 0,5% na área plantada e de 62,3% na produção.

Ainda que esta estimativa indique que tenha sido cessado o decréscimo de área plantada que vinha acontecendo nos anos mais recentes, o percentual de crescimento na área de plantio é insignificante. Isto mostra que os produtores ainda não estão muito estimulados a voltar a apostar na triticultura, mesmo com os preços médios recebidos na safra 2006/07 tendo sido bem melhores que os dos anos anteriores.

Em Santa Catarina, além dos bons preços recebidos, está pesando na intenção de plantio da safra 2007/08 o resultado produtivo da safra 2006/07. Contrariamente ao que aconteceu em grande parte do Brasil, o seu resultado foi positivo para boa parte dos produtores catarinenses.

Isto ajudou para que o estado de ânimo dos produtores do Estado estivesse melhor que o da maioria dos outros estados e, por conta disso, houvesse indicação de um crescimento de área bem superior ao estimado para o País. A expectativa é de que a área plantada deve aumentar 12%, em relação à da safra 2006/07.

*Tabela 1/I. Trigo - Balanço mundial de oferta e demanda - Safras 2005/06 a 2007/08*

(milhões de t)

Discriminação	2005/06	2006/07		2007/08
		maio/06	junho/07	
Estoque inicial	151,21	143,73	148,99	121,95
Produção	622,27	600,47	594,09	610,15
Consumo	624,49	616,07	621,13	620,07
Estoque final	148,99	128,13	121,95	112,03

Fonte: Usda (maio/06 e junho/07).

*Tabela 2/I. Trigo - Produção mundial e dos principais países produtores - Safras 2005/06 a 2007/08*

(milhões de t)

Discriminação	2005/06	2006/07		2007/08
		maio/06	junho/07	
União Européia	132,36	125,50	124,80	127,32
China	97,45	97,50	103,50	100,00
Índia	68,64	68,00	69,35	73,70
Estados Unidos	57,28	50,97	49,32	59,00
Rússia	47,70	42,00	44,90	45,00
Canadá	26,78	26,00	27,28	24,50
Austrália	25,00	24,00	10,50	22,10
Paquistão	21,61	21,00	21,70	21,80
Ucrânia	18,70	10,00	14,00	14,00
Argentina	14,50	15,50	14,20	14,00
Cazaquistão	11,00	11,50	13,50	12,50
Outros	101,25	108,50	101,04	96,23
<b>Mundial</b>	<b>622,27</b>	<b>600,47</b>	<b>594,09</b>	<b>610,15</b>

Fonte: Usda (maio/06 e junho/07).

Tabela 3/I. Trigo - Comparativo das safras - Brasil  
- Safras 1998/99 a 2007/08

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1998/99	1.423.789	2.269.847	1.594
1999/00	1.254.275	2.461.856	1.963
2000/01	1.535.723	1.725.792	1.124
2001/02	1.729.808	3.364.949	1.945
2002/03	2.151.831	3.105.658	1.443
2003/04	2.562.067	6.153.500	2.402
2004/05	2.810.874	5.818.846	2.070
2005/06	2.363.390	4.658.790	1.971
2006/07 <sup>(1)</sup>	1.769.585	2.481.831	1.402
2007/08 <sup>(2)</sup>	1.778.232	4.028.134	2.265

<sup>(1)</sup>Dados sujeito a alterações.<sup>(2)</sup>Projeção.

Fonte: IBGE.

Tabela 4/I. Trigo - Comparativo de safras, segundo os estados - Safras 2004/05 a 2006/07

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2004/05	2005/06	2006/07 <sup>(1)</sup>	2004/05	2005/06	2006/07 <sup>(1)</sup>	2004/05	2005/06	2006/07 <sup>(1)</sup>
Paraná	1.358.692	1.275.869	885.163	3.051.013	2.767.440	1.236.294	2.246	2.169	1.397
Rio Grande do Sul	1.124.845	844.821	699.486	2.061.410	1.389.731	823.112	1.833	1.645	1.177
Santa Catarina	85.014	59.952	62.006	190.133	106.514	151.002	2.236	1.777	2.435
Sao Paulo	54.000	57.000	48.900	140.100	136.300	102.690	2.594	2.391	2.100
Mato Grosso do Sul	145.268	96.584	50.410	197.325	136.410	61.783	1.358	1.412	1.226
Minas Gerais	16.722	14.582	12.864	72.651	63.722	58.335	4.345	4.370	4.535
Goiás	21.772	12.014	10.761	87.781	49.885	47.918	4.032	4.152	4.453
Distrito Federal	2.158	1.130	-	10.984	6.190	-	5.090	5.478	-
Bahia	743	343	-	3.715	1.915	-	5.000	5.583	-
Mato Grosso	1.660	1.095	-	3.734	683	-	2.249	624	-
<b>Brasil</b>	<b>2.810.874</b>	<b>2.363.390</b>	<b>1.769.585</b>	<b>5.818.846</b>	<b>4.658.790</b>	<b>2.481.831</b>	<b>2.070</b>	<b>1.971</b>	<b>1.402</b>

<sup>(1)</sup>Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE (maio/07).

Tabela 5/I. Trigo - Oferta e demanda brasileiras - Safras 2002/03 a 2007/08

(1.000 t)

Discriminação	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08
Estoque inicial (1/8)	773,1	295,7	390,3	1.112,4	475,7	247,3
Produção	2.913,9	6.073,5	5.845,9	4.873,1	2.233,7	3.836,7
Importação	6.853,2	5.707,5	5.311,0	6.266,1	7.933,3	6.666,7
Suprimento	10.540,2	12.076,7	11.547,2	12.251,6	10.642,7	10.750,7
Consumo	10.240,5	10.314,1	10.433,0	10.989,8	10.393,4	10.450,0
Exportação	4,0	1.372,3	1,8	786,1	2,0	2,0
Estoque final (31/7)	295,7	390,3	1.112,4	475,7	247,3	298,7

Fonte: Conab (junho/07).

Tabela 6/I. Trigo em grão - Quantidade importada - Brasil - 1997-06

(t)

Origem	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Argentina	3.273.015	5.842.979	6.569.426	7.207.869	6.789.395	5.422.944	5.531.083	4.653.261	4.519.655	5.974.222
Paraguai	238.112	131.222	865	64.079	87.670	81.489	96.184	120.613	408.926	337.763
Uruguai	81.913	24.526	34.234	36.015	1.001	14.050	5.230	27	29.721	131.169
Canadá	780.640	370.275	191.613	163.075	33.820	59.076	170.318	-	-	71.525
EUA	-	-	95.078	51.685	102.912	677.203	500.014	73.948	29.799	16.499
Líbano	10	14	19	-	-	4	2	2	17	-
Síria	-	-	-	-	-	-	-	1	7	-
Polônia	-	-	-	-	-	89.368	299.624	-	-	-
Suécia	-	-	-	-	-	12.828	5.472	-	-	-
Cazaquistão	-	-	-	-	-	76.980	4.000	-	-	-
Rússia	-	-	-	-	-	9.939	-	-	-	-
França	-	26.163	-	-	-	-	-	-	-	-
Ucrânia	-	-	-	-	-	128.347	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>4.373.689</b>	<b>6.395.179</b>	<b>6.891.235</b>	<b>7.522.722</b>	<b>7.014.798</b>	<b>6.572.228</b>	<b>6.611.926</b>	<b>4.847.852</b>	<b>4.988.125</b>	<b>6.531.178</b>

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 7/I. Farinha de trigo - Quantidade importada - Brasil - 1997-006

(t)

Origem	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Argentina	361.075	274.158	177.758	181.639	141.921	81.027	8.947	9.329	4.271	109.881
Uruguai	18.695	34.322	13.256	17.635	20.870	7.345	8.893	8.784	17.837	21.111
Paraguai	9.978	7.503	25	-	1.123	5.740	2.211	8.971	4.580	2.112
EUA	-	-	-	-	-	-	20	512	1.278	1.626
Outros	2.038	2.359	331	3.760	2.459	1.727	4.105	6.479	230	940
<b>Total</b>	<b>391.786</b>	<b>318.342</b>	<b>191.370</b>	<b>203.034</b>	<b>166.373</b>	<b>95.838</b>	<b>24.176</b>	<b>34.075</b>	<b>28.196</b>	<b>135.671</b>

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 8/I. Trigo - Comparativo das safras - Santa Catarina  
- Safras 1998/99 a 2007/08

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1998/99	28.785	42.411	1.473
1999/00	24.861	45.440	1.828
2000/01	30.897	54.318	1.758
2001/02	51.007	79.865	1.566
2002/03	51.851	91.958	1.774
2003/04	77.541	171.969	2.218
2004/05	85.014	190.133	2.236
2005/06	59.952	106.514	1.777
2006/07 <sup>(1)</sup>	62.006	151.002	2.435
2007/08 <sup>(2)</sup>	69.400	169.000	2.435

<sup>(1)</sup>Dados sujeitos a alterações.

<sup>(2)</sup>Projeção.

Fonte: IBGE.

Tabela 9/I. Trigo - Comparativo de safras, segundo as microrregiões geográficas - Santa Catarina  
- Safras 2004/05 a 2006/07

Microrregião geográfica	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2004/05	2005/06	2006/07 <sup>(1)</sup>	2004/05	2005/06	2006/07 <sup>(1)</sup>	2004/05	2005/06	2006/07 <sup>(1)</sup>
Curitibanos	20.830	16.030	18.350	59.214	37.357	50.360	2.843	2.330	2.744
Xanxerê	25.955	14.550	15.297	54.079	22.744	36.852	2.084	1.563	2.409
Chapecó	14.565	10.645	11.245	24.834	13.167	25.386	1.705	1.237	2.258
Canoinhas	9.625	8.815	7.520	25.815	16.288	18.492	2.682	1.848	2.459
Joaçaba	3.655	2.635	3.210	7.566	4.200	7.142	2.070	1.594	2.225
Campos de Lages	1.916	1.850	1.950	5.689	5.715	5.775	2.969	3.089	2.962
Sao Miguel do Oeste	5.845	4.255	3.340	10.084	5.666	5.202	1.725	1.332	1.557
Concórdia	2.140	1.043	883	2.098	1.284	1.367	980	1.231	1.548
Sao Bento do Sul	170	66	156	313	78	294	1.841	1.182	1.885
Ituporanga	170	-	55	228	-	132	-	-	-
Rio do Sul	143	63	-	213	15	-	1.490	238	-
<b>Estado</b>	<b>85.014</b>	<b>59.952</b>	<b>62.006</b>	<b>190.133</b>	<b>106.514</b>	<b>151.002</b>	<b>2.236</b>	<b>1.777</b>	<b>2.435</b>

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 10/I. Trigo - Preços médios aos produtores - Santa Catarina - 2003-07  
(R\$/sc)<sup>(1)</sup>

Mês	2003	2004	2005	2006	2007
Janeiro	29,83	...	...	...	...
Fevereiro	30,00	22,70	20,11	19,64	26,86
Março	30,58	22,77	20,91	18,00	26,67
Abril	29,99	24,76	23,07	19,00	26,67
Maio	28,56	28,86	22,72	19,18	26,91
Junho	26,80	29,80	21,86	19,95	27,58
Julho	25,89	27,89	20,36	20,29	
Agosto	24,80	26,20	19,79	20,50	
Setembro	24,80	24,85	19,10	22,09	
Outubro	22,86	23,61	17,37	25,62	
Novembro	22,98	22,21	19,16	27,59	
Dezembro	23,19	20,91	20,00	27,71	
<b>Média</b>	<b>26,69</b>	<b>24,96</b>	<b>20,40</b>	<b>21,78</b>	<b>26,78</b>

<sup>(1)</sup>Saca 60kg de trigo pão/melhorador de pH78.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 11/I. Trigo - Preços mínimos de garantia - Brasil - 2001-2007

Classificação	Tipo 1 (PH 78)			Tipo 2 (PH 75)			Tipo 3 (PH 70)		
	2001	2002	2003-07	2001	2002	2003-07	2001	2002	2003-07
Pão/Melhorador/Durum	225,00	285,00	400,00	213,43	270,42	379,54	195,79	248,07	348,17
Brando	195,79	248,07	348,17	186,07	235,75	330,88	166,61	211,09	296,27
Outros usos	125,22	-	-	116,35	-	-	107,49	-	-

Fonte: Conab.

**Tabajara Marcondes**

Apesar do cultivo da uva e seu uso como vinho serem tão antigos quanto a história do homem, as transformações que o mercado de vinho vem passando nos últimos vinte anos eram impensáveis até recentemente. Elas deslocarão o eixo do mercado mundial para países e continentes até pouco tempo incipientes. Podemos citar a Ásia e a Argentina como grandes fornecedores de vinho ao mercado mundial, seja pela queda no consumo per capita, pelo aumento de produção e, mais significativamente, pelo aumento da qualidade de seus produtos.

É a frutífera que ocupa a segunda maior área cultivada, perdendo apenas para a banana e está ligada ao homem pela história, pelas religiões e, especialmente para o ocidente, pela colonização das Américas, África e Austrália.

Numa área de mais de sete milhões de hectares distribuídos em todos os continentes, seu uso mais proeminente é para a produção de vinhos, mas também como fruta “*in natura*”, como uva seca, ou transformada em sucos, vinagres ou outras bebidas vnicas.

Sua produção tem concentração em onze países que cultivam mais que cinco milhões de hectares, sendo que Espanha, Itália e França cultivam mais que dois milhões de hectares, cujo destino principal é a produção de vinhos finos.

A principal espécie do gênero *Vitis* é a *Vitis vinífera*, conhecida vulgarmente como uva europeia com milhares de variedades entre brancas e tintas, para vinho, passas, mesa ou sucos. Em seguida, vêm as uvas ditas americanas e híbridas, especialmente para consumo “*in natura*” e sucos, especialmente no Brasil, que representam as uvas básicas na produção dos vinhos comuns ou vinhos de garrafão.

Destacam-se também na produção de uvas países que, por limitações culturais ou religiosas não são famosos como produtores de vinhos, mas que na área plantada, na tradição e no volume produzido de uvas são grandes produtores e potenciais concorrentes do Brasil, especialmente na exportação de uva, como China, África do Sul, Iran, Índia, Grécia e Egito, todos eles com mais de um milhão de toneladas por safra, independente de seu uso.

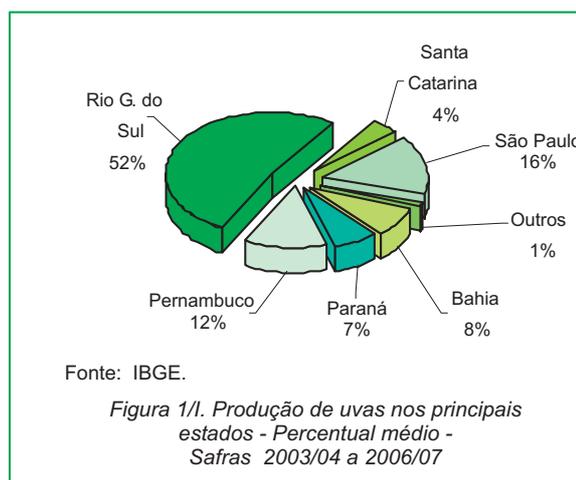
O Brasil tem uma participação crescente nesse contexto, especialmente na produção de uvas de mesa e de sucos, como um importante exportador. No primeiro grupo de exportadores, Chile, Estados Unidos e Itália, exportam US\$ 500 milhões anuais em média.

Em seguida, um conjunto de oito países, com exportação média anual de US\$ 100 milhões, aparecem, México, África do Sul e Austrália, vindo a seguir a Argentina e o Brasil, com potencial de exportação atual entre US\$ 30 e US\$ 40 milhões por ano.

Os vinhos importados representam mais de dois terços do consumo de vinhos finos do Brasil, sendo a importação anual estimada para 2007, em mais de 60 milhões de litros

entre vinhos e os diversos espumantes. É importante destacar o crescimento do Brasil nesse segmento, haja vista que a viticultura sempre foi deficitária no comércio exterior, em virtude da importação de uvas passas e vinhos.

A produção brasileira em 2007, segundo estimativa Fundação IBGE, é de uma colheita em torno de 1,3 milhões de toneladas. De acordo com informações disponíveis da Fundação IBGE e estimativas da Epagri, no período 2004/05 a 2006/07 enquanto o estado do Rio Grande do Sul tem participação superior a 50% da produção nacional, o estado de São Paulo participa com 16% (Figura 1).



Enquanto no Rio Grande do Sul a maioria da produção se destina à transformação em vinhos, mostos e sucos, em São Paulo, segundo maior produtor nacional, seu uso principal é para comercialização “*in natura*”, como uvas de mesa.

Depois desses estados, seguem-se os estados de Pernambuco, Bahia e Paraná, com 12%, 8% e 7%, respectivamente. O estado de Santa Catarina responde por 4% da produção nacional de uva; mesmo assim, ainda é o segundo produtor nacional de vinhos e mosto, patamar em que permanece estagnado.

Há um expressivo aumento na produção de uvas para vinhos finos e uvas finas de mesa, especialmente as apirênicas. Enquanto as regiões tradicionais na produção de uvas de mesa e sucos apresentam dificuldades de reconversão para a implantação de novos vinhedos e com novas variedades, há uma expansão silenciosa em estados como Minas Gerais e Paraná e a entrada de novos estados produtores como Ceará, Mato Grosso e Goiás.

Tabela 1/I. Uva - Área destinada à colheita, produção e rendimento por estado - Safras 2004/05 a 2006/07

Estado	Área destinada à colheita (ha)			Produção (1.000 t)			Rendimento (kg/ha)		
	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07
Bahia	3.685	3.100	3.100	109,4	89,9	90,9	29.688	29.000	29.323
Paraná	5.603	5.657	5.700	99,3	95,4	65,0	17.723	16.864	11.404
Pernambuco	4.872	5.111	5.111	150,8	156,7	156,7	30.952	30.659	30.659
Rio G. do Sul	42.450	44.298	45.366	611,9	623,8	702,6	14.415	14.082	15.487
Santa Catarina	4.224	4.516	4.870	48,0	47,8	54,1	11.364	10.585	11.109
São Paulo	10.906	10.414	10.414	190,7	195,4	193,0	17.486	18.763	18.533
Outros	1.463	872	859	22,5	11,2	13,5	15.379	12.844	15.716
<b>Total</b>	<b>73.203</b>	<b>73.968</b>	<b>75.420</b>	<b>1.232,6</b>	<b>1.220,2</b>	<b>1.275,8</b>	<b>16.838</b>	<b>16.496</b>	<b>16.916</b>

Fonte: IBGE (Levantamento sistemático da Produção Agrícola - ago./05 a 2007).

Em Santa Catarina, o Vale do Rio do Peixe é a região de maior concentração de uvas e cantinas, nas quais se utilizam basicamente uva comum para a fabricação de vinhos de mesa, representando mais que 60% da produção estadual.

O setor vitivinícola de Santa Catarina e o do Rio Grande do Sul ainda mantêm um estreito relacionamento, tanto nas negociações conjuntas que os agricultores dos dois estados visando a definição do preço mínimo da uva, como também ao que se refere à compra de uva e vinho a granel para atender a parte da demanda da indústria catarinense.

Sua produção se concentra no Vale do Rio do Peixe, e o estado conta com outros pólos vitivinícolas, entre os quais merece mencionar o Sul Catarinense, destacando-se algumas indústrias existentes nos municípios de Urussanga e Pedras Grandes, cuja demanda, apesar da pequena, é satisfeita com produto oriundo da Serra Gaúcha.

Na região da Grande Florianópolis, a produção de uva situa-se nos municípios de Major Gercino e Nova Trento. As indústrias localizadas neste último município se abastecem de uva oriunda do Rio Grande do Sul, uma vez que a produção regional é destinada a atender ao consumo “*in natura*” do litoral catarinense.

Na região de Blumenau, cabe citar o município de Rodeio, em que predominam traços da colonização italiana e onde, graças a vínculos de cooperação com instituições de fomento e pesquisa da Itália, se fazem vinhos finos tranquilos e espumantes com um padrão de qualidade que já lhes distingue.

A vitivinicultura está fortemente ligada à cultura trazida pelos imigrantes italianos. Assim, a produção se desenvolve em muitas propriedades de municípios do oeste catarinense, especialmente para atender ao consumo das famílias que fabricam o seu vinho colonial.

No Brasil, como no resto do mundo, a expansão da fruticultura é cada vez mais determinada pelas condições de clima e solo. Este crescimento verifica-se tanto no cultivo de uvas finas para mesa, quanto para a produção de vinhos finos.

Isto se destaca no Nordeste do Brasil, -especialmente no Vale do São Francisco- e na Campanha Gaúcha, onde o crescimento tem como fator determinante essas condições.

Apesar de todos os avanços no Brasil, a cultura enfrenta uma concorrência incomum com a entrada do Chile na oferta de uvas e vinhos; e, mais recentemente, os problemas econômicos da Argentina permitiram-lhe maior competitividade, e se tornam os maiores fornecedores de vinhos para o Brasil em muito pouco tempo.

O Chile especializou-se também na fruticultura de clima temperado, especialmente em frutas de caroço, uva finas e vinhos finos e se tornou muito agressivo no mercado mundial, especialmente por sua produção direcionada aos mercados mais exigentes. Em função disso, o mercado brasileiro fica à mercê do excedente do mercado europeu, americano e asiático.

No mercado de vinhos finos, há uma desaceleração no consumo dos principais mercados, em contraposição à ampliação no consumo de mercados emergentes, entre eles a Ásia e o Brasil. Contudo, a exposição a que está submetida a produção brasileira, tende a ser o grande desafio do setor nos próximos 10 anos, haja vista que teremos que ampliar o mercado interno de vinhos finos, com qualidade e preço capazes de garantir um aumento relativo da presença do vinho fino nacional no mercado brasileiro.

Das novas áreas dessa expansão, Petrolina/Juazeiro é o de maior importância, tanto pela oferta de uvas finas de mesa, quanto para a produção de matéria-prima para vinhos finos. Isso se observa pela presença de vinícolas do Sul do Brasil e de capitais internacionais na produção de uvas para consumo “*in natura*”, para vinhos e espumantes, sucos e brandy.

O que há de novo é a descoberta de um pólo vitivinícola que nasce na Serra Catarinense, especialmente na cidade de São Joaquim, uma das cidades mais frias do Brasil, e cujo pólo concentra 200 hectares de uvas para vinhos finos. Apesar dos primeiros vinhedos terem sido plantados em 2000, a região já dispõe de uma cantina com o que há de mais moderno na indústria vínica e as plantações se fizeram com o rigor técnico essencial a uvas de excelente qualidade.

A viticultura tem se alargado também no Oeste, onde iniciativas inovadoras permitem vislumbrar novos tempos, pelas sucessivas perdas de renda com a produção de grãos. Nas microrregiões de Concórdia, Chapecó e São Miguel do Oeste, estão implantando e em implantação centenas de hectares de uvas realizados pela agricultura familiar na esperança de sobrevivência em anos de estiagem e prejuízos que se sucedem.

Um fato determinante para isso é o trabalho de difusão que vem sendo realizado pela Epagri. A empresa tem dado apoio a alguns grupos cujos plantios comerciais que iniciaram em 2000 já permitem reconhecimento da crítica especializada nacional.

Enquanto se discutem, há uma década, se o consumo regular do vinho, é benéfico à saúde, existe uma queda no consumo per capita mundial desse produto numa velocidade impensada até há pouco tempo.

Segundo estudos relacionados com o consumo de vinho e as perspectivas futuras, há uma certeza: - há em curso uma queda do consumo da bebida. Estima-se um consumo mundial de vinho atualmente em torno de 3,5 litros per capita contra os 3,9 já obtidos em 1995 e com uma previsão de 3,3 litros para o ano de 2010.

Essa redução se dá nos países de maior consumo e cuja população jovem prefere as bebidas alcoólicas destiladas ao vinho. Dados da Organização Internacional da Vinha e do Vinho - OIV, indicam uma queda em todos os países europeus que têm o consumo de vinho arraigado em sua cultura.

Fora da Europa, somente a Argentina e agora a Austrália têm seu consumo superior aos 20 litros per capita ano. O efeito saúde que tanto se discute no consumo moderado e regular de vinho ainda não conseguiu fazer com que os Estados Unidos atingissem um consumo de 1/4 do que consome a Argentina, enquanto que no Brasil, segundo a Embrapa, esse consumo está em 2 litros.

Diante desse quadro, há que se inferir algumas tendências no curto e no médio prazo, com todos os riscos de quando se trabalha com o futuro.

Inicialmente merece citação que somente 20% do consumo nacional de vinhos é oriundo de uvas viníferas ou européias. Isso é uma das razões pelas quais qualquer entrada de vinho estrangeiro no mercado interno representa um aumento significativo na concorrência com a produção nacional.

Se há excedente, os mercados emergentes a esse produto apontam para Brasil, Estados Unidos, China, Japão e Índia - cuja produção interna é insuficiente para atender seu consumo ou que barreiras culturais impedem o aumento do consumo - certamente o Brasil é um sério candidato a receber esses excedentes tanto da Europa, mas, e principalmente, da Argentina e do Chile.

O Brasil importa hoje em torno de 60 milhões de litros por ano, dos quais a Argentina e o Chile, respondem por mais da metade. Isso se deu pela busca de novos mercados e essa conquista decorreu, especialmente, da queda no consumo e aumento da qualidade na Argentina e, também, da eminente saturação do crescimento dos mercados americano e europeu para o Chile.

O preço dos vinhos que hoje chegam ao Brasil é algo que merece uma observação. A França, a Espanha e Portugal, tradicionais e importantes fornecedores de vinhos finos ao mercado brasileiro têm sua exportação FOB média realizada a preços 50% mais caros que nossos vizinhos latinos. Por outro lado, há um aumento anual de 10% no preço médio de todos eles seja da Europa ou do Novo Mundo.

Nas importações, há uma grande diferença na internalização do produto no Brasil, o que novamente favorece o mercado argentino em virtude do transporte ser mais fácil entre fronteiras para produtos de consumo regular e também das tarifas preferenciais resultantes dos acordos firmados no âmbito do Mercosul.

A produção de uvas e vinhos nacionais tem uma oportunidade de continuar seu processo de conversão a um novo momento e passa por situações distintas, que atingem a produção de vinhos de frente.

Caso se mantenha a ampliação da entrada de vinhos argentinos correntes, a produção fica impraticável, pelo custo da renovação de vinhedos, dos custos atuais de implantação

e de processamento no Brasil, com o conseqüente acúmulo de vinhos produzidos com uvas americanas, safra-a-safra, especialmente com as uvas brancas, restando serem vendidas a granel como matéria prima à produção de produtos vînicos em embalagens impróprias ao consumo humano de bebidas que contêm álcool.

Em seguida, há que se estabelecer um parâmetro com as condições naturais de produção de vinhos finos no Brasil. A cobrança de impostos e as barreiras de acesso aos insumos básicos aos produtores de vinhos finos de qualidade são desafios na concorrência que esses vinhos estão expostos. Poucos que tomam vinhos sabem que uma barrica de carvalho francês, com capacidade de vinificar em toda sua vida útil 675 litros de vinho em três safras e se torna imprestável, custa aproximadamente US\$ 960,00, dos quais, a partir do preço FOB, tem um aumento de 50% entre taxas e impostos, especialmente de ICMS, cuja alíquota é variável de estado a estado.

Diante disso, é importante destacar que a vitivinicultura brasileira só se consolidará se ela se encontrar com o estado brasileiro em seus níveis de governo para criar as condições essenciais de concorrência, especialmente com a Argentina. Apesar dos mais de 25 anos do Mercosul, ainda não há uma convergência de suas políticas macroeconômicas, o que implica em distorções concorrenciais.

Uma ação de vanguarda se dará somente se houver esforços, competência e apoio para produzir vinhos típicos e com preços diferenciados, aproveitando a imensidão do país e a infinidade de “terroir” que a nossa diversidade permite.

O Chile é um exemplo a ser seguido ao fazer opção por uma agricultura especializada em frutas de clima temperado, especialmente em frutas de caroço, uva finas e vinhos finos.

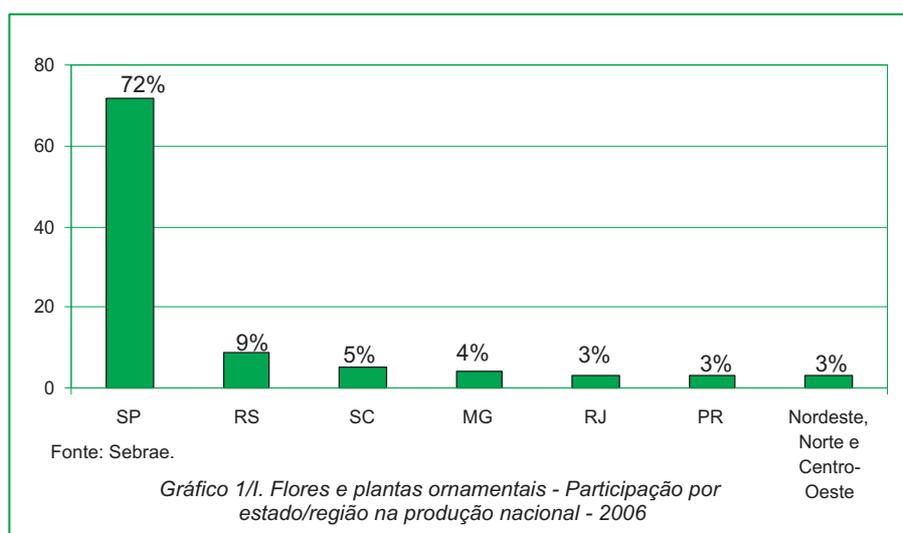
As iniciativas em curso resultarão no sucesso do setor, que se dará com apoios capazes de tornar duradoura essa nova vitivinicultura, que transforma regiões inóspitas em celeiros de prosperidade e eqüidade.

***Francisco Assis de Brito***

## Situação nacional

A floricultura brasileira vem investindo em qualidade e se consolida como importante setor da economia nacional. Atualmente, conforme dados do Instituto Brasileiro de Floricultura (Ibraflor) está presente em 12 pólos de produção e 304 municípios, com aproximadamente 6,0 mil hectares de área cultivada, onde mais de quatro mil produtores dedica-se a atividade.

Embora ainda fortemente concentrada no Estado de São Paulo, particularmente nas regiões dos municípios de Atibaia e Holambra, a floricultura brasileira evidencia fortes tendências de descentralização produtiva e comercial por várias regiões de todo o País. Atualmente, assiste-se ao notável crescimento e consolidação de importantes pólos florícolas no Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás, Distrito Federal e na maioria dos estados do Norte e do Nordeste (Figura 1).

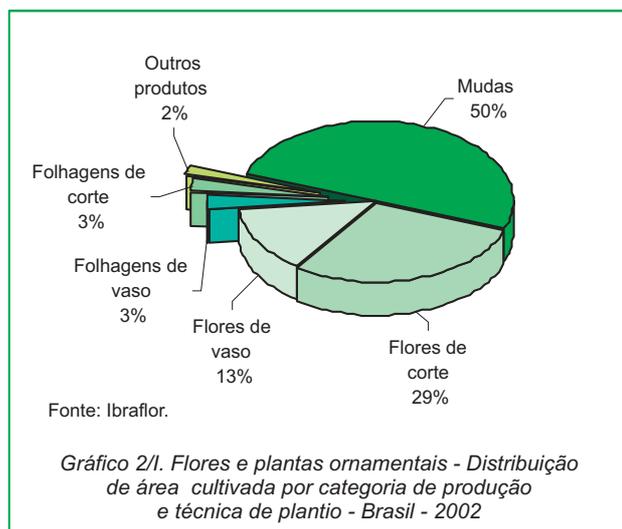


De acordo com IBGE o setor emprega, em média, duas vezes mais trabalhadores do que a agropecuária nacional. Em termos globais, estima-se que a atividade responda pela geração de mais de 110 mil empregos, dos quais 45 mil (40,9%) estão localizados na produção; 8 mil (7,3%) na distribuição; 53 mil (48,2%) no comércio varejistas e 4 mil (3,6%) em outras funções, principalmente nos segmentos de apoio.

De alta densidade econômica, a produção de flores e plantas ornamentais propicia rendimentos entre R\$ 50 mil e R\$ 100 mil por hectare, gerando na média nacional, 3,8 empregos diretos/ha dedicada à floricultura. Desses 94,4% são preenchidos com mão-de-obra permanente, sendo que 81,3% constitui-se mão-de-obra contratada, ao passo que o trabalho familiar responde por 18,7% do total, caracterizando-se assim, o seu inquestionável papel e importância sócio-econômica.

Grande parte da produção concentra-se em propriedades de até 10 hectares dos quais, em média, 3,5 são dedicados à floricultura, exceto no estado de Goiás, cuja área média de cultivo é de 6,3 hectares – a maior nacional. O estado destaca-se na produção de palmeiras e de outras plantas ornamentais de maior porte, o que explica as maiores dimensões físicas de cultivo.

A distribuição da área cultivada com flores e plantas ornamentais no Brasil é de 50,4% para mudas; 13,2% para flores em vasos; 28,8% para flores de corte; 3,1% para folhagens em vasos; 2,6% para folhagens de corte e 1,9% para outros produtos da floricultura (Figura 2).



## Exportação

O crescimento e a profissionalização do setor, nos últimos anos, permitiram a conquista e ampliação do mercado externo. Mesmo assim, o Brasil ainda não figura entre os exportadores tradicionais de Flores e Plantas Ornamentais uma vez que a participação das exportações no valor global da floricultura brasileira, conforme Ibraflor é avaliada em cerca de 3%, e a participação brasileira no fluxo internacional dessas mercadorias é de apenas 0,22%, contudo o potencial do País permite um crescimento para cerca de 1,5%, nos próximos anos.

As exportações dos produtos da floricultura brasileira atingiram o valor de US\$ 29,6 milhões em 2006, um aumento de 14,8% em relação ao ano anterior, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC/Secex). O resultado mostra uma recuperação do setor, que apresentou variação positiva de 9,4% em 2005.

Por outro lado, o valor das importações em 2006 (US\$ 8,5 milhões) cresceu 55,8%, em comparação com o de 2005. O saldo comercial terminou o ano com superávit de US\$ 21,1 milhões, representando incremento de 3,4%. No primeiro quadrimestre de 2007, o Brasil exportou US\$ 10,15 milhões em flores e plantas ornamentais. O resultado representa crescimento de 9,64% em relação aos números do mesmo período de 2006. De janeiro a abril, as importações também aumentaram, atingindo US\$ 3,38 milhões. No entanto, a balança comercial da floricultura brasileira se manteve favorável, com saldo positivo de US\$ 6,77 milhões neste período (tabela 1).

Os principais produtos exportados pelo Brasil são: mudas de flores e plantas ornamentais; bulbos, tubérculos e rizomas em repouso vegetativo; flores e botões de corte fres-

cos, além de folhagens e ramos cortados, sendo que São Paulo, Ceará, Rio Grande do Sul e Minas Gerais são os principais estados exportadores. Em 2006 o setor de mudas e plantas ornamentais manteve a sua histórica liderança na análise feita por segmentos exportados, respondendo por, aproximadamente 50% das exportações (Tabela 2).

*Tabela 1/I. Flores e plantas ornamentais - Balança comercial brasileira dos produtos da floricultura - 2005-07*

(milhões de US\$ FOB)

Ítem	2005	2006	2007 <sup>(1)</sup>
Exportação	25,8	29,6	10,1
Importação	5,6	8,5	3,4
Saldo	20,2	21,1	6,7

<sup>(1)</sup>Até abr./07.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA) com base em MDIC/Secex (2007).

*Tabela 2/II. Flores e plantas ornamentais - Balança comercial brasileira - Plantas vivas e produtos da floricultura, por grupo de produto - Brasil - 2006*

(US\$ FOB)

Grupo de Produto	Exportação	Importação	Saldo	Corrente de comércio
Bulbos, tubérculos, rizomas, etc. em repouso vegetativo	10.169.392	2.767.970	7.401.422	12.937.362
Bulbos, tubérculos, em veget. em flor, muda de chicória	-	645.723	-645.723	645.723
Estacas não enraizadas e enxertos	-	3.653	-3.653	3.653
Mudas de orquídeas	157.955	1.059.351	-901.396	1.217.306
Mudas de outras plantas ornamentais	13.476.482	700.619	12.775.863	14.177.101
Mudas de outras plantas	614.970	1.943.408	-1.328.438	2.558.378
<b>Outras plantas vivas</b>	<b>47.675</b>	<b>14.477</b>	<b>33.198</b>	<b>62.152</b>
Flores e seus botões, frescos, cortados p/buquês, etc.	3.091.523	1.368.856	1.722.667	4.460.379
Flores e seus botões, secos, etc. cortados p/buquês, etc.	10.300	9.906	394	20.206
Musgos e líquens, p/buquês ou ornamentação	-	21.739	-21.739	21.739
Folhagem, folhas, ramos de plantas, frescos, p/buquês, etc.	1.681.951	-	1.681.951	1.681.951
Folhagem, folhas, ramos de plantas, secos, etc. p/buquês, etc.	374.658	8.142	366.516	382.800
Rododendros e azaléias, enxertados ou não	4.602	-	4.602	4.602
Roseiras, enxertadas ou não	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>29.629.508</b>	<b>8.543.844</b>	<b>21.085.664</b>	<b>38.173.352</b>

Fonte: MDIC/Secex (2007).

Elaboração: Hórtica Consultoria e Treinamento.

Holanda e Estados Unidos continuam como parceiros comerciais mais importantes da floricultura brasileira entre os 33 países de destino. Em 2006, foram responsáveis por 73,5% do valor das exportações brasileiras do setor. A Holanda continua imbatível como destino principal em termos de valor comercializado (US\$ 14,5 milhões), respondendo por 49,1% do total. Os Estados Unidos ocupam o segundo lugar com 24,4% da fatia exportada e US\$ 7,2 milhões do valor das comercializações, seguido da Itália, Japão, Uruguai e Bélgica (Tabela 3).

Tabela 3/I. Flores e plantas ornamentais - Exportação dos produtos da floricultura brasileira, por país de destino - 2005-06

País	2005			2006				Var. (%)
	US\$ FOB	Ranking	Part.(%)	US\$ FOB	Ranking	Part.(%)	Part. Acum.(%)	
Holanda	11.970.347	1	46,4	14.546.272	1	49,1	49,1	21,5
Estados Unidos	6.526.956	2	25,3	7.233.404	2	24,4	73,5	10,8
Itália	2.509.946	3	9,7	2.722.377	3	9,2	82,7	8,5
Japão	1.141.213	4	4,4	1.117.340	4	3,8	86,4	-2,1
Uruguai	279.947	9	1,1	782.413	5	2,6	89,1	179,5
Bélgica	668.021	5	2,6	702.034	6	2,4	91,4	5,1
Canadá	278.497	10	1,1	564.892	7	1,9	93,3	102,8
Espanha	392.515	7	1,5	470.431	8	1,6	94,9	19,9
Alemanha	410.998	6	1,6	308.115	9	1,0	96,0	-25,0
México	132.726	14	0,5	280.042	10	0,9	96,9	111,0
Suíça	49.113	18	0,2	190.748	11	0,6	97,5	288,4
Portugal	274.732	11	1,1	146.804	12	0,5	98,0	-46,6
Argentina	174.445	13	0,7	141.270	13	0,5	98,5	-19,0
Polónia	97.967	16	0,4	92.769	14	0,3	98,8	-5,3
Hungria	14.505	23	0,1	66.158	15	0,2	99,1	356,1
Chile	70.286	17	0,3	60.327	16	0,2	99,3	-14,2
China	33.635	19	0,1	45.484	17	0,2	99,4	35,2
Dinamarca	288.320	8	1,1	43.528	18	0,1	99,6	-84,9
Reino Unido	251.939	12	1,0	37.223	19	0,1	99,7	-85,6
Angola	9.479	27	0,0	27.670	20	0,1	99,8	191,9
França	118.556	15	0,5	18.682	21	0,1	99,8	-84,2
República Tcheca	3.235	29	0,0	11.838	22	0,0	99,9	265,9
Equador	-	-	-	10.300	23	0,0	99,9	-
Hong Kong	12.791	25	0,0	9.040	24	0,0	99,9	-29,3
Peru	-	-	-	5.000	25	0,0	100,0	-
África do Sul	-	-	-	3.273	26	0,0	100,0	-
Suriname	680	32	0,0	2.358	27	0,0	100,0	246,8
Nova Caledônia	-	-	-	1.729	28	0,0	100,0	-
Rússia	10.028	26	0,0	1.300	29	0,0	100,0	-87,0
Tailândia	1.100	31	0,0	700	30	0,0	100,0	-36,4
Bolívia	22.000	21	0,1	495	31	0,0	100,0	-97,8
Taiwan	33.360	20	0,1	450	32	0,0	100,0	-98,7
Costa Rica	13.320	24	0,1	286	33	0,0	100,0	-97,9
Venezuela	16.692	22	0,1	-	-	-	-	-100,0
Coréia do Sul	6.796	28	0,0	-	-	-	-	-100,0
Ilhas Cayman	1.215	30	0,0	-	-	-	-	-100,0
Cabo Verde	673	33	0,0	-	-	-	-	-100,0
Guatemala	500	34	0,0	-	-	-	-	-100,0
<b>Total</b>	<b>25.822.033</b>		<b>100,0</b>	<b>29.644.152</b>	<b>-</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>	<b>14,80</b>

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA) com base em MDIC/Secex (2007).

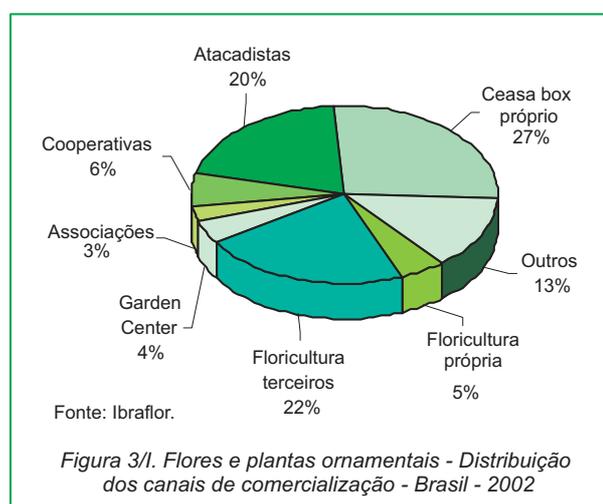
## Mercado interno

Além de investir em estratégias voltadas para a exportação, os produtores estão atentos às oportunidades oferecidas pelo mercado interno. A rosa permanece a flor preferida pelo consumidor nacional, mas tem crescido o interesse por orquídeas, gérberas, violetas e pelas chamadas “plantas verdes”. Para atender às expectativas desse mercado, os produtores investem em novas variedades, com novas cores e tamanhos e, sobretudo, com maior durabilidade.

No mercado doméstico, segundo dados do Ibraflor, avalia-se que o a floricultura brasileira movimente, anualmente, um valor global em torno de US\$ 750 a US\$ 800 milhões, valor que envolve todos os elos do processo produtivo comercial. O consumo nacional é de, aproximadamente, US\$ 4,70 per capita, mas já foi maior. Entre 1994 e 1998, chegou a US\$ 6 per capita, o que ainda está longe dos padrões mundiais. Na Suíça e na Noruega, por exemplo, o consumo per capita chega a US\$ 170 e US\$ 143, respectivamente. Na Alemanha, US\$ 137, nos EUA, US\$ 36 e na Argentina, US\$ 25. Mas, o consumo potencial dos brasileiros é de pelo menos o dobro do atual, se superadas as restrições geradas por aspectos econômicos e culturais, entre os quais o da concentração da demanda apenas em datas festivas e comemorativas, como os Dias das Mães, dos Namorados, de Finados, entre outros.

Os principais mercados atacadistas estão concentrados no Estado de São Paulo, envolvendo cerca de 800 agentes e movimentando, anualmente, perto de R\$ 360 milhões. Ressalte-se que alguns desses mercados incorporam as mais modernas técnicas de comercialização, tais como o sistema de leilões próprios do modelo Veiling Holandês e a comercialização eletrônica de mercadorias, destacando-se de todo o restante da horticultura comercial no Brasil.

De acordo com a Câmara Setorial Flores e Plantas Ornamentais, a distribuição varejista de flores e plantas ornamentais no Brasil dispõe de 18 mil pontos de venda, que comercializam 95% da colheita nacional. São Paulo é o principal consumidor nacional, absorvendo 40% do total da produção brasileira de flores e plantas ornamentais. O principal canal de comercialização interna é o Ceasa (box próprio), responsável por 27% das vendas, seguido de floricultura de terceiros e atacadistas com 22% e 20% respectivamente. As cooperativas, floriculturas próprias, garden center e associações também representam importantes canais de comercialização interna, conforme demonstra a figura 3.



## Situação Estadual

Santa Catarina é o terceiro maior produtor e vendedor nacional de flores e plantas ornamentais, respondendo por 5% da produção e 7% das vendas (Sebrae/2006). A área total cultivada no estado é de, aproximadamente 1.800 hectares, os quais estão distribuídos em 112 municípios e em três grandes pólos produtivos: **Litoral Norte**, o maior pólo do setor da floricultura no estado e primeiro produtor de plantas ornamentais, flor de corte e

plantas em vasos, com expressiva produção também no segmento grama; **Vale do Itajaí**, que se destaca nos segmentos de plantas ornamentais, gramas e forrações; e **Grande Florianópolis** que detém o primeiro lugar na produção de gramas e forrações. A Região Serrana, até então não considerada como pólo produtor do estado, também começa a despontar no setor, especialmente no segmento de plantas ornamentais.

Em dez anos (1997 a 2007) a floricultura catarinense deu um salto tanto em termos quantitativos como qualitativos e dá mostras que pode crescer ainda mais quer nos aspectos técnicos, gerenciais ou de organização do setor. Dados do Catálogo de Produtores de Flores e Plantas Ornamentais, publicados pela Epagri, afirmam que em 2002 havia em Santa Catarina 370 produtores, no entanto segundo estimativas da própria Epagri, nos últimos cinco anos, em torno de 130 agricultores ingressaram na atividade de floricultura, grande maioria destes (cerca de 90%), no segmento plantas ornamentais. O ingresso deste significativo número de produtores no segmento acima mencionado contribuiu para a elevação da área média e da área total cultivada com flores e ornamentais no estado (tabela 4).

Tabela 4/I. Flores e plantas ornamentais – Evolução da floricultura catarinense 1997-2007

Item analisado	1997	2002	2007 <sup>(1)</sup>
Número de produtores	115	370	500
Municípios com produção (nº)	25	112	112
Área total cultivada (ha)	342	917	1.837
Produção anual de flores e plantas ornamentais (un)	4.338.280	37.417.058	39.980.000
Produção anual de grama (m <sup>2</sup> )	1.498.000	2.834.245	2.900.000
Produção anual de sementes (Kg)	15.000	76.882	54.700
Flores e folhas secas (maço)	80.800	82.600	83.000

<sup>(1)</sup>Estimativa da Epagri.

Fonte: Epagri.

Observou-se uma queda na produção de sementes no último período, que segundo os produtores está relacionado a fatores climáticos, temperatura e principalmente devido ao desequilíbrio ambiental provocado por diversos fatores entre eles o uso abusivo de agrotóxico em lavouras, que diminui a população de insetos/animais polinizadores das diferentes espécies. O volume de semente comercializada e exportada diminuiu devido à falta de oferta do produto, pois existe demanda de 150 a 200 toneladas ano.

Uma característica marcante da atividade no Estado, a exemplo do Brasil continua sendo o cultivo em pequenas propriedades familiares, cuja área média dedicada à floricultura é de 3,7 hectares (Sebrae). Os segmentos gramas e plantas ornamentais são os que têm maior área média cultivada, com 5,5 e 4,5 hectares respectivamente. No outro extremo encontram-se os segmentos das forrações e flor de corte, com 1,4 e 1,5 hectares respectivamente. Em relação ao faturamento médio por hectare cultivado este é mais expressivo nos segmentos de forrações e flores de vaso, o que reflete em menores áreas com cultivo dos referidos segmentos. Segue em ordem de importância o segmento de gramas, já o

principal segmento do estado – plantas ornamentais – apresenta faturamento médio por hectare inferior à média do setor (Tabela 5).

*Tabela 5/I. Flores e plantas ornamentais - Indicadores variados, discriminados por segmento - Santa Catarina - 2004*

Segmento	Tamanho médio das propriedades (ha)	Faturamento por ha/ano (R\$)
Plantas ornamentais	4,5	26.910,4
Gramas	5,5	45.403,2
Forrações	1,4	59.566,9
Flor de corte	1,5	8.289,0
Flor em vaso	1,6	58.967,6
Outros	0,5	59.610,8
<b>Total</b>	<b>3,7</b>	<b>33.513,9</b>

Fonte: Sebrae.

As características de clima e de topografia de Santa Catarina possibilitam o desenvolvimento de uma produção diversificada e de alta qualidade, englobando desde flores e plantas tropicais, até coníferas e outras espécies de clima temperado. Apesar destas condições, a produção da floricultura catarinense está concentrada em plantas ornamentais e forrações, segmentos que juntos respondem por, aproximadamente, 83% da área cultivada. Destaca-se ainda o cultivo de grama com 12% da área cultivada, seguido de longe pelos segmentos de flores de corte e de plantas em vasos (tabela 6).

*Tabela 6/I. Flores e plantas ornamentais - Configuração do processo produtivo por segmento - Santa Catarina<sup>(1)</sup> - 2007<sup>(2)</sup>*

Segmento	Produtor		Área cultivada	
	nº	%	ha	%
Plantas ornamentais	168	45,4	756	58,5
Forrações	159	43,0	222	17,2
Gramas	40	10,8	220	17,1
Flor de corte	24	6,5	36	2,8
Plantas em vasos	16	4,3	26	2,0
Outros	66	17,8	33	2,5

<sup>(1)</sup>Um produtor ou empregado pode estar enquadrado em mais de um segmento.

<sup>(2)</sup>Estimativa.

Fonte: Sebrae.

Atualmente a produção de flores e plantas ornamentais de Santa Catarina está fundamentada em dois modelos de produção: no associativista, ocorre a produção em grande escala de um pequeno número de espécies e o produtor trabalha em regime coletivo, ou seja, associado a outros produtores para complementar a oferta que levará ao mercado, neste estão inseridos cerca de 15% dos produtores catarinenses; já no individualista, que representa cerca de 75% dos produtores do setor, cultiva-se um pouco de tudo (em torno de 50 a 60 espécies), caracterizando um modelo de produção auto-suficiente.

Se analisado este tema sob o enfoque dos segmentos de produção verifica-se que, aproximadamente, 90% dos produtores do setor da floricultura dedica-se a apenas um seg-

mento enquanto menos de 1% produz espécies de três ou mais segmentos, o que caracteriza, no estado, uma especialização da produção por segmento e não por espécie, como ocorre em São Paulo, por exemplo.

## Exportações

As exportações catarinenses de plantas e produtos da floricultura são pouco expressivas, tanto em termos absolutos, quanto como parcela das exportações do setor no país. Estas representam, anualmente, pouco mais que 1% do valor total das exportações setoriais brasileiras (tabela 7). No entanto, um aspecto que deve ser ponderado quando se trata das exportações catarinenses do setor da floricultura é o de que aproximadamente 50% das mesmas ocorrem por meio de exportadores de outros estados, principalmente Paraná, portanto acabam não sendo contabilizadas por Santa Catarina.

Tabela 7/I. Flores e plantas ornamentais - Exportação de plantas vivas e produtos de floricultura – Brasil, São Paulo e Santa Catarina - 2002-07

(milhões de US\$)						
Origem	2002	2003	2004	2005	2006	2007 <sup>(1)</sup>
Brasil	15,0	19,5	23,6	25,8	29,6	23,8
São Paulo	11,5	14,7	18,2	20,1	22,1	8,9
Santa Catarina	0,3	0,2	0,3	0,2	0,3	0,2

<sup>(1)</sup>Até maio/2007.

Fonte: MDIC/Secex 2007.

Os principais destinos das vendas externas de flores e de plantas ornamentais de Santa Catarina são a Espanha, Itália, Holanda e Alemanha. As mudas de plantas ornamentais constituem os produtos mais vendidos, respondendo por cerca de 42% do total, seguidas pelas mudas de orquídeas com 29%, folhagens, folhas e ramos frescos para buquês com 26% e folhagens, folhas e ramos secos para buquês com 2,6% das exportações catarinenses.

De olho no mercado internacional, Santa Catarina foi o primeiro estado brasileiro a criar um certificado para atestar que seus produtos florícolas obedecem aos padrões internacionais de controle de qualidade na produção agrícola. O certificado é o Selo FloraBrasilis, criado e conferido pela Associação dos Locatários, Usuários e Proprietários do Mercado de Flores e Plantas Ornamentais de Santa Catarina (Mercaflor). Este certificado pode ser considerado uma espécie de passaporte para a entrada das flores e plantas ornamentais catarinenses no exigente Mercado Comum Europeu, que criou barreiras protecionistas contra a importação de produtos vegetais que possam disseminar pragas e doenças no continente. Porém, o Mercaflor, quer que a certificação seja também, referência de qualidade dos produtos catarinenses no mercado brasileiro.

## **Mercado interno**

O faturamento anual do setor de flores e plantas ornamentais em Santa Catarina é de aproximadamente, R\$ 30 milhões, sendo que segundo o Sebrae, cerca de 91% da produção catarinense é comercializada no mercado local, regional e estadual. Fora do estado, Rio Grande do Sul, São Paulo e Sul do Paraná são os principais compradores brasileiros (domésticos) e têm se apresentado como bons destinos de comercialização dos produtos da floricultura catarinense. Segundo Epagri/Ibraflor, os principais canais de comercialização são os floristas (47,6%); atacadistas (37,3%); floriculturas próprias (28,6%); Mercaflor (2,7%); e Gardens (1,4%). Grande parcela (79%) das vendas realizadas pelo setor catarinense de flores e plantas ornamentais é passiva, ou seja, resultante da ação espontânea de compradores, sendo que apenas 21% destas são decorrentes de estratégias empresariais ativas.

## **Perspectivas para 2007**

Os últimos anos têm sido assinalados pelo expressivo crescimento do setor da floricultura nacional (em média de 15 a 20% a.a) e este deve continuar crescendo. Com pequena melhora do poder aquisitivo, o consumo interno tem potencial para dobrar, como ocorreu no início do Plano Real. As perspectivas para aumentar as exportações também são boas, mas é preciso ter sempre em mente que os mercados compradores externos são muito exigentes e há muita oferta de bons produtos no mercado internacional.

No entanto, mesmo apresentando excelentes resultados e ótimas perspectivas, quer nas vendas domésticas ou nas exportações, este segmento ainda apresenta grande potencial a ser explorado, entre eles a superação de restrições à participação brasileira no mercado internacional, podendo-se citar: a não adequação a padrões de qualidade; problemas relacionados à questão fitossanitária e de ordem tributária; e a falta de uma infra-estrutura logística adequada para escoamento da produção a nível competitivo.

Os produtores e fornecedores terão que se adaptar a um mercado de pressão contínua para a persistente baixa de preços e de aumento geral da qualidade, dos padrões de apresentação, de logística de distribuição e de agregação de valor ao produto final, além da diversificação e incorporação de novos itens na prestação de serviços, na qualidade de atendimento e no relacionamento com o cliente.

No âmbito dessas preocupações, a vida associativa, institucional e corporativa poderá representar um dos mais importantes diferenciais. O fortalecimento dos órgãos e entidades de representação setorial, como o Ibraflor, a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Flores e Plantas Ornamentais, e no estado, o Mercaflor e a Associação dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais de Santa Catarina (Aproesc), será de fundamental importância na gestão e encaminhamentos na busca de soluções concretas para problemas comuns.

Em Santa Catarina o mercado de flores e plantas ornamentais, em especial plantas para o paisagismo, que é o carro chefe do estado, impulsionado principalmente pelo revigoração da construção civil, deve continuar crescendo a taxas de 7 a 10% a.a. e mesmo não perdendo de vista o mercado internacional, a grande aposta do estado continuará sendo no mercado interno (estadual e nacional).

Para os produtores tradicionais a comercialização, no próximo período, deve ocorrer com uma leve tendência de preços mais baixos, tendo em vista que os novos produtores têm entrado no mercado através da estratégia de baixar preços. Estes novos produtores, sem acesso ao mercado, continuarão a enfrentar dificuldades para comercializar o seu produto, uma vez que são oriundos da agricultura tradicional, na qual não adotavam estratégias de vendedores. Esta situação requer uma nova postura não apenas individual, mas essencialmente de organização do setor, sendo que o associativismo apresenta-se como estratégia fundamental para os produtores, em especial, para os que estão ingressando no mercado da floricultura.

Para que o mercado da floricultura seja potencializado, tanto interna quanto externamente é preciso que os produtores invistam na melhoria da qualidade, na padronização dos produtos e das embalagens. Para tal é necessário um intenso e bem definido programa de profissionalização da base produtiva do setor, incluindo produção, transporte, distribuição, armazenamento e organização da produção. Outro desafio do setor é vencer a falta de integração entre todos os elos da cadeia produtiva, formada por empresas de insumos, produtores, mercados, atacadistas, distribuidores, pontos de vendas e consumidores.

*Salete Maria Cardoso Pereira*

# Calendário agrícola

## Calendário agrícola - Plantio, colheita e comercialização dos principais produtos agrícolas -

Produto	Fase	MÊS											
		Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Alho	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Arroz	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Banana	Colheita												
	Comerc.												
Batata	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Cebola	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Feijão 1º Safra	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Feijão 2º Safra	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Fumo	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Mandioca	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Milho	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Soja	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Trigo	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Tomate	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Maçã	Colheita												
	Comerc.												

Fonte: Epagri/Cepa.

■ Maior concentração.  
■ Menor concentração.

Tabela 1/I. Carne bovina - Principais países do mercado - 2006-07<sup>(1)</sup>

(1.000 t/equivalente carcaças)

País	Produtor		Consumidor		Importador		Exportador	
	2006	2007	2006	2007	2006	2007	2006	2007
USA	11.981	12.062	12.830	13.011	1.399	1.497	523	585
Brasil	9.020	9.325	6.939	7.120	-	-	2.109	2.235
U.E.	7.930	7.860	8.270	8.240	560	580	220	200
China	7.492	7.900	7.395	7.800	-	-	99	102
Argentina	3.100	3.125	2.550	2.630	-	-	556	500
Índia	2.375	2.500	1.625	1.700	-	-	750	800
Austrália	2.183	2.290	719	730	-	-	1.459	1.530
México	2.175	2.200	2.509	2.535	372	375	38	40
Canadá	1.425	1.385	1.140	1.130	159	170	440	420
Federação Russa	1.430	1.380	2.370	2.325	955	960	-	-
Nova Zelândia	655	715	-	-	-	-	541	600
Japão	-	-	1.173	1.210	692	700	-	-
Coreia do Sul	-	-	-	-	290	295	-	-
Flipinas	-	-	-	-	142	148	-	-
Egito	-	-	-	-	225	240	-	-
Uruguai	-	-	-	-	-	-	510	520
Hong kong	-	-	-	-	92	93	-	-
Taiwan	-	-	-	-	101	100	-	-
Outros	4.072	4.054	4.205	4.210	228	251	28	39
<b>Total</b>	<b>53.838</b>	<b>54.796</b>	<b>51.725</b>	<b>52.641</b>	<b>5.215</b>	<b>5.409</b>	<b>7.273</b>	<b>7.571</b>

<sup>(1)</sup> Primeiro quadrimestre de 2007 (estimativas).

Fonte: Usda.

Tabela 2/I. Carne bovina – Produção mensal – Brasil - 2002-05

(mil t)

Mês	2002	2003	2004	2005	Evolução % (2005/04)
Janeiro	558,2	630,2	645,1	689,8	6,9
Fevereiro	531,7	615,2	593,2	631,0	6,4
Março	533,0	631,8	712,8	730,2	2,4
Abril	553,9	609,1	663,6	751,9	13,3
Maio	599,3	651,9	709,2	777,8	9,7
Junho	584,5	590,8	743,4	800,9	7,7
Julho	604,3	626,0	726,2	787,1	8,4
Agosto	751,8	613,0	743,6	818,3	10,0
Setembro	590,7	662,0	731,9	742,0	1,4
Outubro	637,3	679,1	678,3	604,2	-10,9
Novembro	642,2	618,8	660,3	684,8	3,7
Dezembro	675,0	714,0	693,7	751,1	8,3
<b>Total</b>	<b>7.261,9</b>	<b>7.641,9</b>	<b>8.301,3</b>	<b>8.769,1</b>	<b>5,6</b>

Fonte: Sindicarnes.

Tabela 3/I. Carne bovina - Balanço de oferta e demanda – Brasil - 2003-07

(mil t/equiv. carcaças)

Situação	2003	2004	2005	2006	2007 <sup>(1)</sup>
Produção	7.568,5	8.673,9	9.455,0	10.421,8	10.630,2
Exportação	1.259,2	1.370,0	1.923,1	2.178,0	2.265,1
Importação	65,5	54,9	52,5	27,2	25,2
Disponibilidade	6.374,8	7.358,8	7.584,4	8.271,0	8.390,3
Kg/habitante/ano	36,0	40,5	41,2	44,1	43,9

<sup>(1)</sup> Estimativa.

Fonte: IBGE e MDIC/Secex.

Tabela 4/I. Carne bovina – Participação percentual dos países nas exportações – Brasil - 2005-06

País	2005-06 (%)	
	2005	2006
Federação da Rússia	30	30
Egito	21	17
Reino Unido	11	11
Chile	8	0
Venezuela	5	3
Hong Kong	5	5
Itália	4	5
USA	4	6
Holanda	4	5
Bulgária	4	9
Outros	4	9
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 5/I. Abate de bovinos - Brasil e Santa Catarina - 2001-06

Ano	Brasil		Santa Catarina		SC/Brasil (%)
	Cab. <sup>(1)</sup>	Cresc.%	Cab. <sup>(2)</sup>	Cresc.%	
2001	33,8	4	544,8	2,5	1,6
2002	35,5	5,9	537,2	-1,4	1,5
2003	37,6	10,1	544,4	1,3	1,4
2004	41,4	10,1	540,1	-0,8	1,3
2005	43,1	4,1	528,3	-2,2	1,2
2006	...	...	479,4	-9,3	-

<sup>(1)</sup>Milhões de cabeças.

<sup>(2)</sup>Mil cabeças.

Fonte: Sidicarnes.

Tabela 6/I. Boi gordo - Preço mensal ao produtor e no atacado - Santa Catarina - 2006-07

Mês	Produtor (R\$/arroba)		Atacado (R\$/kg)	
	Chapecó	Rio do Sul	Dianteiro	Traseiro
fev./06	48,88	53,00	2,65	4,70
mar./06	47,53	53,00	2,57	4,67
abr./06	46,76	52,00	2,45	4,54
maio/06	48,95	51,00	2,56	4,56
jun./06	48,00	51,50	2,52	4,50
jul./06	48,00	51,29	2,60	4,58
ago./06	51,30	53,30	2,78	4,78
set./06	53,79	55,08	2,89	4,88
out./06	56,50	57,83	3,00	5,00
nov./06	52,50	55,44	2,85	4,91
dez./06	53,20	54,40	3,00	4,90
fev./07	54,00	55,77	2,70	4,90
mar./07	54,25	55,00	2,75	4,95
abr./07	53,22	55,00	2,70	4,82
maio/07	54,23	55,00	2,70	4,90
jun./07	55,33	55,53	2,80	4,93
jul./07	57,71	59,95	3,17	5,31

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 7/I. Bovinos de corte - Abate total mensal - Santa Catarina - 2001-07

Mês	(mil cabeças)						
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Janeiro	41,1	42,5	47,0	45,3	42,4	39,6	35,5
Fevereiro	39,6	41,3	44,1	41,3	38,3	34,5	31,3
Março	51,5	48,7	48,8	45,8	42,0	41,1	36,6
Abril	49,4	49,8	49,4	48,7	43,1	41,8	37,0
Maio	46,6	45,2	47,5	49,1	48,8	36,3	36,6
Junho	48,7	45,8	44,5	47,1	47,1	38,2	35,7
Julho	45,1	44,8	44,2	45,2	44,6	35,4	34,5
Agosto	41,8	43,1	43,8	44,6	43,6	38,9	36,8
Setembro	41,8	41,9	42,1	43,9	42,4	41,4	39,3
Outubro	45,7	43,1	42,9	44,5	45,2	44,0	-
Novembro	47,2	45,2	45,2	45,4	46,7	45,2	-
Dezembro	46,4	45,9	44,7	44,2	44,2	43,2	-
<b>Total</b>	<b>544,8</b>	<b>537,2</b>	<b>544,4</b>	<b>545,1</b>	<b>528,3</b>	<b>479,4</b>	<b>323,5</b>

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 8/I. Carne bovina - Exportação brasileira e catarinense - 2000-07

Carne bovina	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>								
(Mil kg)	378.341	593.573	683.398	902.729	1.289.239	1.463.902	1.603.440	1.189.223
(US\$ FOB 1.000)	835.913	1.079.247	1.179.160	1.642.615	2.614.630	3.146.309	4.017.292	3.033.269
Preço médio (US\$/t)	2.209,42	1.818,22	1.725,44	1.819,61	2.028,04	2.149,26	2.505,42	2.550,63
<b>Santa Catarina</b>								
(Mil kg)	702	1.359	1.114	2.331	4.547	9.748	4.110	2.082
(US\$ FOB 1.000)	711	2.258	1.281	2.490	6.538	16.562	7.225	3.731
Preço médio (US\$/t)	1.012,82	1.661,52	1.149,91	1.068,21	1.437,87	1.699,02	1.757,91	1.792,03

<sup>(1)</sup>Até agosto.

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 1/I. Carne de frango - Principais países do mercado <sup>(1)</sup> - 2006-07

(mil t)

País	Produtor		Consumidor		Importador		Exportador	
	2006	2007	2006	2007	2006	2007	2006	2007
USA	16.043	15.964	13.754	13.554	21	22	2.391	2.452
China	10.350	10.520	10.371	10.620	343	430	322	330
Brasil	9.355	9.795	6.853	7.095	-	-	2.502	2.700
U.E.	7.625	7.700	7.380	7.530	525	600	770	770
México	2.576	2.641	3.005	3.100	430	460	-	-
Índia	2.000	2.200	2.000	2.200	-	-	-	-
Argentina	1.210	1.290	1.124	1.184	-	-	90	110
Japão	1.195	1.185	1.908	1.915	740	725	-	-
Federação da Rússia	1.180	1.300	2.382	2.480	1189	1190	-	-
Canadá	970	980	-	-	-	-	95	95
Tailândia	1.100	1.100	-	-	-	-	261	280
Arábia Saudita	-	-	972	1019	434	470	10	10
África do Sul	-	-	1062	1075	225	225	-	-
Emirados Árabes	-	-	-	-	137	165	10	30
Hong Kong	-	-	-	-	234	237	-	-
Venezuela	-	-	-	-	120	150	-	-
Kuwait	-	-	-	-	-	-	38	75
Romênia	-	-	-	-	-	-	3	8
Outros	6.758	6.290	8.141	7.745	661	700	35	22
<b>Total</b>	<b>60.362</b>	<b>60.965</b>	<b>58.952</b>	<b>59.517</b>	<b>5.059</b>	<b>5.374</b>	<b>6.527</b>	<b>6.882</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa (primeiro quadrimestre/07).

Fonte: Usda.

Tabela 2/I. Frango - Cabeças abatidas por estado - Brasil - 2002-05

(milhões de cabeças)

Estado	2002		2003		2004		2005	
	Com SIF	Part. %						
Paraná	751,8	24,0	813,4	25,3	918,5	26,1	1.010,6	26,1
Santa Catarina	687,6	22,0	649,0	20,2	712,6	20,2	741,9	19,2
Rio Grande do Sul	581,9	18,6	602,2	18,7	607,3	17,2	653,4	16,9
São Paulo	476,2	15,2	467,2	14,5	539,1	15,3	638,6	16,5
Minas Gerais	229,1	7,3	233,0	7,3	256,5	7,3	270,9	7,0
Mato grosso do Sul	111,9	3,6	112,1	3,5	116,9	3,3	122,8	3,2
Goiás	109,4	3,5	138,0	4,3	154,7	4,4	172,7	4,5
Subtotal	2.947,9	81,5	3.014,9	81,2	3.305,6	81,8	3.610,9	81,6
Outros SIF	183,1	5,1	198,5	5,3	220,1	5,5	256,1	5,8
<b>Total SIF</b>	<b>3.131,0</b>	<b>86,5</b>	<b>3.213,4</b>	<b>86,5</b>	<b>3.525,7</b>	<b>87,2</b>	<b>3.867,0</b>	<b>87,4</b>
<b>Sem SIF</b>	<b>487,0</b>	<b>13,5</b>	<b>500,3</b>	<b>13,5</b>	<b>516,6</b>	<b>12,8</b>	<b>559,9</b>	<b>12,6</b>
<b>Total Geral</b>	<b>3.618,0</b>	<b>100,0</b>	<b>3.713,7</b>	<b>100,0</b>	<b>4.042,4</b>	<b>100,0</b>	<b>4.427,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Abef.

Tabela 3/I. - Carne de frango - Balanço de oferta e demanda -  
Brasil - 2002-07

Situação	2002	2003	2004	2005	2006	2007 <sup>(1)</sup>
Produção	7.449	7.645	8.409	9.348	9.354	4.970
Exportação	1.625	1.960	2.470	2.846	2.713	3.430
Disponibilidade nacional	5.849	5.723	5.984	6.502	6.641	2.095
Kg per capita	33,7	32,8	33,4	35,5	Falta	Falta

(<sup>1</sup>) Produção e disponibilidade interna até junho; exportação até agosto de 2007.  
Fonte: UBA, ABEF e MDIC/Secex.

Tabela 4/I. Carne de frango - Preços do frango vivo e no atacado - Santa Catarina -  
Fevereiro/2006 a junho/2007

Mês	Frango vivo	Congelado	Coxa/sobrecoxa	Peito c/ osso	Filé de peito cong.
Fev./06	1,21	1,96	2,04	2,63	5,25
Mar./06	1,21	1,69	1,72	2,38	4,77
Abr./06	1,07	1,78	1,94	2,53	4,70
Mai/06	1,00	2,01	2,10	2,59	4,81
Jun./06	1,00	1,92	1,94	2,42	4,61
Jul./06	1,04	1,77	1,81	2,08	4,36
Ago./06	1,04	1,98	2,06	2,43	4,38
Set./06	1,00	2,26	2,26	2,61	4,74
Out./06	1,04	2,65	2,67	3,38	4,90
Nov./06	1,08	2,71	2,58	3,34	5,47
Dez./06	1,11	2,75	2,29	3,23	5,46
Fev./07	1,13	2,51	2,44	3,71	5,95
Mar./07	1,17	2,68	2,68	3,66	6,30
Abr./07	1,19	2,53	2,50	3,59	6,10
Mai/07	1,18	2,57	2,67	3,87	6,28
Jun./07	1,17	2,64	2,72	3,62	6,42
Jul./07	1,17	2,54	2,66	3,40	6,25

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 5/I. Carne de frango - Disponibilidade interna - Brasil -  
2003-07

Mês	2003	2004	2005	2006	2007
Jan.	500,3	517,0	554,8	643,0	619,9
Fev.	404,1	446,4	452,1	556,5	517,6
Mar.	482,9	506,4	518,7	589,3	540,2
Abr.	481,1	546,7	506,5	497,2	571,6
Mai	529,9	494,4	524,5	510,6	585,7
Jun.	465,6	438,2	510,9	532,3	594,3
Jul.	513,5	514,1	535,8	616,4	-
Ago.	429,8	443,0	538,4	465,2	-
Set.	412,1	484,4	531,2	567,7	-
Out.	493,2	509,8	570,3	541,6	-
Nov.	455,4	521,9	620,5	506,9	-
Dez.	555,0	561,3	637,9	613,5	-
<b>Total</b>	<b>5.723,1</b>	<b>5.984,0</b>	<b>6.502,3</b>	<b>6.640,7</b>	<b>3.429,4</b>

Fonte: Apinco.

*Tabela 6/I. Carne de frango - Abate mensal total (SIF, não SIF e auto-consumo) - Santa Catarina - 2001-07*

(milhões cab.)

Mês	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Jan.	55,0	60,3	59,3	55,0	56,6	58,4
Fev.	50,8	53,9	55,3	52,4	50,8	51,8
Mar.	57,5	54,8	58,8	58,0	56,8	59,2
Abr.	51,4	60,0	56,3	53,7	56,7	42,9
Mai	57,4	58,9	53,9	53,7	56,2	48,6
Jun.	53,2	56,0	53,2	55,8	58,8	51,6
Jul.	56,6	60,6	56,5	56,6	57,3	55,5
Ago.	60,6	60,2	53,8	56,3	60,8	56,6
Set.	52,4	54,8	54,6	55,0	56,9	54,1
Out.	57,7	60,6	57,6	53,8	56,7	56,6
Nov.	54,7	54,6	52,5	54,1	55,8	53,5
Dez.	52,4	57,5	54,3	56,3	56,8	54,1
<b>Total</b>	<b>659,8</b>	<b>692,2</b>	<b>666,2</b>	<b>660,7</b>	<b>680,1</b>	<b>642,9</b>

Fonte: Epagri/Cepa.

*Tabela 7/I. Carne de frango - Exportação brasileira e catarinense - 2000-07*

Discriminação	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2007 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>							
(Mil kg)	916.094	1.265.887	1.624.887	1.959.773	2.469.696	2.845.946	2.094.234
(US\$ FOB 1.000)	828.747	1.333.800	1.392.816	1.798.953	2.594.883	3.508.548	2.948.597
<b>Santa Catarina</b>							
(Mil kg)	397.401	494.325	578.944	612.524	718.218	792.822	585.730
(US\$ FOB 1.000)	366.359	557.671	536.513	609.433	844.610	1.062.992	895.315

<sup>(1)</sup> Até agosto.

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 1/I. Carne suína - Principais países do mercado – 2006-2007<sup>(1)</sup>

(mil t)

País	Produtor		Consumidor		Importador		Exportador	
	2006	2007	2006	2007	2006	2007	2006	2007
China	52.261	54.352	51.809	53.878	91	86	543	560
União Européia	21.400	21.450	20.015	20.000	-	-	1.410	1.470
USA	9.559	9.795	8.640	8.701	449	422	1.359	1.515
Brasil	2.830	2.930	2.191	2.280	-	-	639	650
Canadá	1.870	1.810	-	-	145	130	1.080	1.050
Federação da Rússia	1.805	2.000	2.637	2.830	852	850	20	20
Japão	1.247	1.240	2.450	2.508	1.146	1.225	-	-
México	1.200	1.190	1.580	1.580	446	460	66	70
Coreia do Sul	1.000	1.040	1.402	1.450	390	400	12	15
Filipinas	1.215	1.245	1.240	1.272	-	-	-	-
Taiwan	-	-	932	945	-	-	-	-
Chile	-	-	-	-	-	-	124	135
Hong Kong	-	-	-	-	310	317	-	-
Romênia	-	-	-	-	288	275	-	-
Austrália	-	-	-	-	90	99	56	54
Ucrânia	-	-	-	-	45	45	-	-
Vietinã	1.713	1.832	1.698	1.815	-	-	15	18
Outros	2.916	2.983	3.542	3.535	103	117	1	-
<b>Total</b>	<b>99.016</b>	<b>101.867</b>	<b>98.136</b>	<b>100.794</b>	<b>4.355</b>	<b>- 4.426</b>	<b>5.325</b>	<b>5.557</b>

<sup>(1)</sup> Estimativas para os países selecionados.

Fonte: Usda.

Tabela 2/I. Carne suína – Produção brasileira por estado – 2002-06

(mil t/equiv.carcaças)

Estado	2002	2003	2004	2005	2006 <sup>(1)</sup>	Variação %	
						(2005/04)	(2006/05)
Rio Grande do Sul	461,7	446,8	431,0	459,1	485,7	6,5	5,8
Santa Catarina	687,9	640,6	630,2	658,4	743,2	4,5	13
Paraná	497,3	461,3	428,0	441,2	455,9	3,1	3,3
São Paulo	206,4	196,7	190,7	191,0	190,9	0,1	-0,1
Minas Gerais	318,1	263,8	252,5	284,1	324,7	12,5	14
Mato Grosso do Sul	90,0	94,4	93,1	93,6	88,2	0,5	-5,7
Mato Grosso	130,9	134,1	134,3	145,8	151,5	8,6	3,9
Goiás	118,6	130,0	136,0	152,7	158,2	12,3	3,6
Outros	361,2	328,5	324,1	282,0	271,8	-13,0	-3,6
<b>Brasil</b>	<b>2.872,0</b>	<b>2.696,2</b>	<b>2.620,0</b>	<b>2.707,9</b>	<b>2869,9</b>	<b>3,4</b>	<b>6,0</b>

<sup>(1)</sup> Previsão.

Fonte: Abipecs, Sips, Sindicarne-SC, Sindicarne-PR, Abcs, Embrapa.

*Tabela 3/I. Carne suína - Balanço de oferta e demanda -  
Brasil - 2002-05*

(mil t)

Situação	2002	2003	2004	2005
Produção	2.872	2.698	2.620	2.708
Exportação	481	498	512	627
Disponibili. Interna	2.391	2.200	2.108	2.081
Dispon/hab (Kg)	13,5	12,3	11,6	11,3

Fonte: Abipecs, MDIC/Secex e IBGE.

*Tabela 4/I. Carne suína - Balanço de oferta e demanda - Santa  
Catarina - 2002-05*

(mil t)

Situação	2002	2003	2004	2005
Produção	687,9	640,6	630,2	658,4
Exportação	257,8	184,0	233,2	282,6
Venda nacional	301,5	326,0	264,3	240,8
Consumo estadual	128,6	130,6	132,7	135,0

Fonte: Abipecs, MDIC/Secex e Epagri/Cepa.

*Tabela 5/I. Carne suína - Produção brasileira e catarinense  
- 2002-06*

(mil t)

Ano	Brasil	Santa Catarina	SC/BR (%)
2002	2.872	688	23,95
2003	2.696	641	23,76
2004	2.620	630	24,05
2005	2.708	658	24,31
2006 <sup>(1)</sup>	2.825	730	25,85

<sup>(1)</sup> Estimativas.

Fonte: Abipecs e MDIC/Secex.

Tabela 6/I. Suíno vivo - Preços mensais pagos ao produtor - Chapecó/SC - 2006-07

(R\$/kg)

Mês	Não tipificado	Tipificado
Fev./06	1,66	1,78
Mar./06	1,58	1,70
Abr./06	1,50	1,61
Mai/06	1,50	1,61
Jun./06	1,35	1,44
Jul./06	1,20	1,28
Ago./06	1,40	1,50
Set./06	1,40	1,50
Out./06	1,46	1,55
Nov./06	1,52	1,61
Dez./06	1,60	1,70
Fev./07	1,60	1,70
Mar./07	1,54	1,63
Abr./07	1,50	1,59
Mai/07	1,53	1,62
Jun./07	1,55	1,64
Jul./07	1,58	1,68

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 7/I. Suínos - Matrizes suínas alojadas, nascidos e abatidos - Santa Catarina -2004-08

Ano	Produção industrial					Produção de subsistência					Total		
	Matriz (nº)	Abate/Matr. (nº)	Prod. (mil cab.)	Carcaça (kg)	Prod. (mil t)	Matriz (nº)	Abate/Matr. (nº)	Prod. (mil t)	Carcaça (kg)	Matr. (nº)	Matr. (nº)	Prod. (mil t)	Prod. (mil t)
2004	362.616	19,5	7.071	83	587	38.400	16,0	614	76,0	47	401.016	7.685	634
2005	363.781	20,5	7.458	83	619	26.379	18,0	475	76,0	36	390.160	7.932	655
2006	391.682	21,5	8.421	87	733	25.060	17,0	426	74,0	32	416.742	8.847	764
2007 <sup>(1)</sup>	391.783	22,3	8.737	87	760	23.807	16,0	381	73,0	28	415.590	9.118	788
2008 <sup>(1)</sup>	391.783	22,8	8.933	87	777	23.600	15,0	354	71,0	25	415.383	9.287	802

<sup>(1)</sup>Estimativas.

Fonte: Abipecs.

Tabela 8/I. Carne suína - Evolução do plantel e da produção - Santa Catarina - 2002-08

Ano	Matriz (mil cab.)	Varição (%)	Produção (milhões cab.)	Varição (%)	Produção (mil t)	Varição (%)
2002	487,1	-	8,56	-	687,9	-
2003	426,0	-12,5	7,95	-7,1	643,9	-6,4
2004	401,0	-5,9	7,69	-3,3	633,6	-1,6
2005	390,2	-2,7	7,93	3,2	655,1	3,4
2006	416,7	6,8	8,85	11,5	764,2	16,7
2007 <sup>(1)</sup>	415,6	-0,3	9,12	3,1	787,9	3,1
2008 <sup>(1)</sup>	415,4	0,0	9,29	1,9	802,3	1,8

<sup>(1)</sup> Estimativa.

Fonte: Abipecs.

*Tabela 9/I. Suínos - Abate total mensal - Santa Catarina - 2001-07*

(mil cabeças)							
Mês	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Janeiro	675,5	722,0	737,7	613,6	606,5	654,8	713,3
Fevereiro	624,8	678,8	664,0	600,2	602,6	621,1	640,3
Março	694,9	687,7	660,2	671,1	662,1	653,7	695,5
Abril	651,4	741,8	631,2	597,1	636,1	557,9	635,8
Mai	705,3	724,6	661,3	662,9	676,8	698,0	707,2
Junho	649,3	703,0	676,1	658,5	700,9	672,9	641,2
Julho	684,3	768,5	732,1	700,6	681,7	684,9	686,4
Agosto	728,2	758,5	646,4	663,9	729,1	691,8	725,0
Setembro	669,0	742,7	628,9	642,5	706,4	644,9	656,7
Outubro	731,1	770,1	686,7	614,4	713,8	689,0	-
Novembro	669,5	696,5	603,1	646,4	688,6	663,1	-
Dezembro	644,2	638,6	559,3	614,5	645,8	649,0	-
<b>Total</b>	<b>8.127,6</b>	<b>8.632,8</b>	<b>7.886,8</b>	<b>7.685,6</b>	<b>8.050,4</b>	<b>7.881,0</b>	<b>6.101,3</b>

Fonte: Epagri/Cepa.

*Tabela 10/I. Carne suína - Exportação catarinense - 2002-07*

(mil US\$ FOB)						
Discriminação	2002	2003	2004	2005	2006	2007 <sup>(1)</sup>
<b>Total</b>	<b>256.338,1</b>	<b>196.704,7</b>	<b>339.305,7</b>	<b>504.677,0</b>	<b>311.316,8</b>	<b>142.457,9</b>
Suíno fresco/congelado	246.967,3	186.408,3	324.715,4	484.609,8	296.117,4	132.873,3
Miudezas comestíveis de suíno, frescas ou refrigeradas	1,2	3,5	-	-	-	-
Fígados de suíno, congelados	584,8	561,6	1.805,8	2.669,4	100,4	83,3
Outras miudezas comestíveis de suíno, congeladas	4.185,4	3.258,4	4.173,3	6.892,1	5.977,0	3.984,6
Toucinho sem partes magras, fresco/refrigerado/congelado	1.932,3	2.670,1	2.434,9	3.269,7	1.313,7	1.232,0
Gordura de porco, fresca, refrigerada ou congelada	282,3	913,5	1.298,6	1.601,3	552,5	207,9
Barrigas e peitos, entremeados, de suíno, salgados, etc.	30,6	60,4	22,4	30,9	138,6	11,6
Outras carnes de suíno, salgadas ou em salmoura, secas, etc.	156,2	449,9	1.236,2	761,0	803,6	388,2
Tripas de suínos, frescas, refrig. congel. salgad.defumadas	106,2	73,0	0,1	-	5,1	43,9
Outras gorduras suínas	-	5,1	799,8	435,4	676,7	352,7
Prepars.alim.conservas, de pernas, seus pedaços, de suínos	875,0	897,8	1.299,3	1.600,9	2.211,0	1.076,8
Prepars. aliment. conservas, de pas, seus pedaços, de suínos	389,4	353,7	428,7	706,1	1.060,6	668,1
Outras prepar. aliment. e conservas, de suínos e misturas	827,6	1.049,6	1.091,2	2.100,4	2.360,3	1.535,5

<sup>(1)</sup> Até junho.

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 11/I. Carne suína - Exportação brasileira e catarinense - 2000-07

<b>Brasil</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007 <sup>(1)</sup></b>
(Mil kg)	136.037	276.452	481.029	497.571	512.062	627.320	531.385	393.790
(US\$ FOB 1.000)	183.195	375.321	486.577	552.596	777.664	1.168.494	1.038.507	760.975
(Preço médio - US\$/t)	1.346,66	1.357,64	1.011,53	1.110,59	1.518,69	1.862,68	1.954,34	1.932,44
<b>Santa Catarina</b>								
(Mil kg)	75.051	179.120	257.791	184.028	233.157	282.623	187.382	119.725
(US\$ FOB 1.000)	99.940	237.407	256.338	196.705	339.306	504.677	311.317	199.229
(Preço médio - US\$/t)	1.331,63	1.325,41	994,36	1.068,89	1.455,27	1.785,69	1.661,40	1.664,06

<sup>(1)</sup> Até agosto.

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 12/I. Carne suína - Produção brasileira - 2002-06

<b>Estado</b>	<b>(milhões de cabeças)</b>					
	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>Var. % (06/05)</b>
Rio Grande do Sul	5,87	5,68	5,39	5,77	6,07	5,21
Santa Catarina	8,56	7,91	7,47	7,93	8,85	11,57
Paraná	6,22	5,80	5,28	5,41	5,63	4,03
São Paulo	2,79	2,49	2,41	2,42	2,51	3,77
Minas Gerais	4,42	3,34	3,20	3,67	4,33	17,96
Mato Grosso do Sul	1,22	1,19	1,18	1,18	1,12	-5,34
Mato Grosso	1,77	1,70	1,70	1,80	1,87	3,92
Goiás	1,56	1,64	1,72	1,86	1,93	3,70
Demais estados	5,25	4,7	4,62	4,05	4,13	2,08
<b>Brasil</b>	<b>37,66</b>	<b>34,46</b>	<b>32,98</b>	<b>34,10</b>	<b>36,44</b>	<b>6,85</b>

Fonte: Abipecs, Sips, Sindicarne-Sc, Sindicarne-PR e Embrapa.

## **Situação mundial**

No mês de junho de 2007, a FAO divulgou novos dados sobre a atividade leiteira mundial dos anos de 2005, 2006 e 2007. A estimativa é de que em 2006 a produção mundial das diferentes espécies de animais (vaca, búfala, cabra, ovelha e camela) tenha sido de 656,8 bilhões de quilos de leite, 2,3% acima da produção de 2005.

Este crescimento é explicado especialmente pelo comportamento verificado na produção de alguns poucos países: China, Índia e Paquistão, Argentina e Brasil, Nova Zelândia e Estados Unidos. Entre os grandes produtores mundiais, as produções da União Européia (formada por 25 países) e da Rússia permaneceram praticamente estabilizadas.

Os números da FAO mostram ainda que atualmente cerca de 7% da produção mundial de leite é comercializada no mercado internacional.

Os principais continentes compradores são a Ásia e a África, que respondem por 67,5% das importações mundiais de leite, mas também existem países grandes importadores de fora destes continentes. Em 2006, os dez principais importadores responderam por 52% das compras mundiais.

As exportações estão concentradas na Oceania e na União Européia, que em 2006 responderam por 63,6% das vendas mundiais, com destaque para a Nova Zelândia, que respondeu por 25,9% do total mundial. Também ganham destaque nas exportações: Austrália, Estados Unidos, Argentina e Ucrânia.

Os Estados Unidos figuram como importadores e exportadores, mas apresentam uma balança comercial francamente positiva.

## **Situação brasileira**

### **Produção**

Para o Brasil, a última estimativa oficial disponível do IBGE ainda é sobre a produção de 2005, quando alcançou 24,572 bilhões de litros, o que equivale a cerca de 25,3 bilhões de quilos, quantidade acima da indicada pela estimativa da FAO.

Houve um crescimento de 4,7% sobre a produção de 2004, percentual um pouco inferior aos 5,5% verificados de 2003 para 2004. De qualquer forma, foi uma taxa bem superior à mundial, o que significa que aumentou mais uma vez a participação do Brasil na produção do mundo.

Para 2006, considerando o que mostra a Pesquisa Trimestral do Leite do IBGE, que levanta a produção recebida pelas indústrias inspecionadas, é natural esperar que a produção total

tenha sido discretamente superior à de 2005. A produção inspecionada aumentou 2,3%; se este percentual se repetisse sobre a produção total, esta seria de 25,137 bilhões de litros, ou 25,9 bilhões de quilos, quantidade também um pouco acima da estimada pela FAO.

## **Importações e exportações**

Em 2006 as exportações e importações brasileiras de lácteos apresentaram comportamentos semelhantes, com intensidades diferentes. Nos dois casos, quando comparados com o ano de 2005, houve crescimento, mas as exportações apresentaram uma variação bem mais discreta do que as importações.

No caso das exportações, elas atingiram um novo recorde, mas o crescimento foi bem menor se comparado ao inicialmente esperado e ao que vinha sendo alcançado ao longo dos meses. Houve um aumento de apenas 13,6% e 6,5% em toneladas e dólares, respectivamente.

No caso das importações, o crescimento foi bem mais significativo: 29,1% em toneladas e 27,6% em dólares. Foi o maior patamar dos últimos quatro anos, mas ainda está muito aquém dos alcançados em anos mais distantes.

O maior crescimento das importações em relação às exportações acabou revertendo o resultado alcançado nos anos de 2004 e de 2005; a balança comercial de lácteos de 2006 acabou sendo negativa, ainda que a diferença tenha sido relativamente pequena.

## **Produção catarinense**

Para Santa Catarina, o IBGE indica uma produção total em 2005 de 1,556 bilhão de litros, o que significa um crescimento de 4,64% em relação à produção de 2004, muito abaixo dos percentuais que vinham sendo observados nos últimos anos, mas praticamente igual ao da produção brasileira.

Com isto, o Estado continuou respondendo por 6,3% da produção brasileira e se aproximou ainda mais da posição do quinto produtor nacional, São Paulo, que em 2005 teve uma produção de 1,744 bilhão de litros, quase a mesma do ano de 2004, de 1,739 bilhão de litros.

A tendência é de a produção catarinense de leite continuar crescendo sensivelmente ao longo dos próximos anos. Em 2006, aliás, isto só não deve ter acontecido com a intensidade esperada em função da estiagem que atingiu grande parte do Estado em diferentes momentos do ano.

## **Comportamento dos preços em 2006**

Em 2005, os preços aos produtores se comportaram de maneira bem diferente nos dois semestres do ano. No primeiro, seguiram a trajetória de elevação do segundo semestre de 2004, mas, de agosto em diante, decresceram constantemente até o final do ano.

Em 2006, fugindo um pouco do comportamento tradicional, ao longo do segundo semestre, as indústrias mostraram interesse pela compra de matéria-prima maior do que se chegou a esperar, e os preços ficaram mais estáveis.

Isto decorreu especialmente do comportamento da produção recebida pelas indústrias brasileiras, que apresentou um crescimento bem mais discreto que o esperado para o segundo semestre e para o próprio ano.

Ainda assim, os produtores catarinenses receberam um preço médio inferior ao de 2005.

## **Primeiro semestre de 2007 e perspectivas**

O primeiro semestre de 2007 foi um período bastante favorável para a atividade leiteira brasileira e catarinense, especialmente no que diz respeito a preços. Os valores recebidos pelos produtores de praticamente todas as regiões brasileiras sofreram expressiva elevação.

Não parece haver muita dúvida de que as razões fundamentais para este comportamento foram o discreto crescimento da produção inspecionada e uma possível melhora no consumo interno.

Em relação à melhora do comportamento do consumo, como não existem informações atualizadas, é mais uma suposição baseada na melhora da renda de parte da população brasileira, no desempenho das vendas de diferentes segmentos do setor de alimentos e no próprio comportamento das vendas de lácteos, indicado por importantes empresas do setor.

No que diz respeito ao discreto crescimento da produção, os indicativos são mais concretos. No primeiro trimestre, houve, em relação ao mesmo período de 2006, um crescimento de apenas 1,7% na produção recebida pelas indústrias inspecionadas. A título de comparação, quando se compara o primeiro trimestre de 2006 com o de 2005, percebe-se que o crescimento foi de 6%.

Outra importante razão para o crescimento dos preços internos poderia ser um eventual crescimento das exportações. No primeiro semestre, entretanto, o comportamento das exportações foi bastante fraco; embora tenha havido crescimento de 10% no valor, a quantidade de lácteos exportada pelo Brasil foi 12,5% inferior à do mesmo primeiro semestre de 2006.

Ainda assim, com a substancial elevação dos preços internacionais do segundo semestre de 2006 para este primeiro semestre de 2007, não é improvável que, ainda durante o segundo semestre de 2007, as exportações venham a ter um desempenho mais satisfatório e ajudem a evitar a tradicional queda nos preços de alguns lácteos e, conseqüentemente, nos preços recebidos pelos produtores.

Ainda que isto não venha a se confirmar, o ano de 2007 deverá fechar como um dos melhores anos para os produtores de leite, particularmente para aqueles menos dependentes de milho e de soja na alimentação dos seus rebanhos, já que estes dois produtos também tiveram os seus preços sensivelmente aumentados de 2006 para 2007.

A menos que este quadro mude muito e rapidamente, esta situação favorável certamente repercutirá positivamente sobre a produção brasileira e catarinense do segundo semestre de 2007, e de maneira ainda mais significativa sobre a produção de 2008.

Tabela 1/I. Leite - Produção mundial e dos principais países produtores - 2005-07

(bilhões de kg)

País	2005	2006	2007
União Européia	146,9	145,5	154,5
Índia <sup>(1)</sup>	95,1	98,4	101,4
EUA	80,3	82,5	83,5
China	32,3	38,4	45,3
Federação Russa	31,1	31,2	31,4
Paquistão	29,7	30,6	31,8
Brasil	24,7	25,5	26,3
Nova Zelândia <sup>(2)</sup>	14,5	14,9	15,1
Ucrânia	13,7	13,3	13,4
Argentina	10,1	10,8	11,7
Outros países	163,9	165,7	160,2
<b>Mundo</b>	<b>642,3</b>	<b>656,8</b>	<b>674,6</b>

<sup>(1)</sup>Campanha começa em abril do ano indicado.

<sup>(2)</sup>Campanha termina em maio do ano indicado.

Fonte: FAO (Perspectivas Alimentárias - Junho/07).

Tabela 2/I. Leite - Importações mundiais e dos principais países - 2005-07

(bilhões de kg)

País	2005	2006	2007
China	4,4	4,8	5,1
México	2,9	2,9	2,9
Federação Russa	2,2	2,6	2,7
Argélia	2,3	2,5	2,5
Indonésia	1,7	2,0	2,1
Estados Unidos	2,3	2,0	2,0
Arábia Saudita	1,7	1,8	1,8
Malásia	1,5	1,7	1,7
Filipinas	1,6	1,7	1,7
Japão	1,6	1,6	1,5
Outros países	21,4	21,6	21,5
<b>Mundo</b>	<b>43,6</b>	<b>45,2</b>	<b>45,5</b>

Fonte: FAO (Perspectivas Alimentárias - Junho/07).

Tabela 3/I. Leite - Exportações mundiais e dos principais países - 2005-07

(bilhões de kg)

País	2005	2006	2007
União Européia	13,7	12,8	12,7
Nova Zelândia <sup>(1)</sup>	10,5	12,3	12,7
Austrália <sup>(2)</sup>	4,7	5,1	4,7
Estados Unidos	4,6	4,7	4,8
Argentina	1,7	2,2	2,5
Ucrânia	1,4	1,1	1,1
Outros países	8,8	9,3	9,5
<b>Mundo</b>	<b>45,4</b>	<b>47,5</b>	<b>48,0</b>

<sup>(1)</sup>Campanha termina em maio do ano indicado.

<sup>(2)</sup>Campanha termina em junho do ano indicado.

Fonte: FAO (Perspectivas Alimentárias - Junho/07).

*Tabela 4/I. Leite - Produção brasileira, segundo os estados - 1985-2005*

(1.000 litros)

<b>Estado</b>	<b>1985</b>	<b>1995/96<sup>(1)</sup></b>	<b>2000</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>
Minas Gerais	3.772.411	5.499.862	5.865.486	6.628.917	6.908.683
Goiás	1.055.295	1.830.057	2.193.799	2.538.368	2.648.599
Paraná	919.892	1.355.487	1.799.240	2.394.537	2.518.929
Rio Grande do Sul	1.280.804	1.885.640	2.102.018	2.364.936	2.467.630
São Paulo	1.810.408	1.847.069	1.861.425	1.739.397	1.744.179
Santa Catarina	603.704	869.419	1.003.098	1.486.662	1.555.622
Bahia	648.995	633.339	724.897	842.544	890.187
Pará	122.660	287.217	380.319	639.102	697.021
Rondônia	47.279	343.069	422.255	646.437	692.411
Mato Grosso	122.917	375.426	422.743	551.370	596.382
Pernambuco	308.419	406.606	292.130	397.551	526.515
Mato Grosso do Sul	268.014	385.526	427.261	491.098	498.667
Rio de Janeiro	424.191	434.719	468.752	466.927	464.946
Espírito Santo	281.412	308.002	378.068	405.717	417.676
Ceará	354.021	384.836	331.873	363.272	367.975
Maranhão	97.559	139.451	149.976	286.857	321.180
Alagoas	110.022	188.172	217.887	243.430	236.109
Tocantins	88.501	144.921	156.018	214.720	220.465
Rio Grande do Norte	140.735	158.815	144.927	201.266	211.545
Sergipe	92.933	134.392	115.142	156.989	191.306
Paraíba	172.938	154.923	105.843	137.322	148.599
Acre	18.146	32.538	40.804	109.154	79.665
Piauí	62.336	73.459	76.555	75.757	78.713
Amazonas	19.325	27.005	36.680	42.912	43.881
Distrito Federal	14.986	19.716	36.318	38.888	34.842
Roraima	7.426	9.534	9.958	7.290	5.797
Amapá	1.089	2.049	3.735	3.274	4.014
<b>Brasil</b>	<b>12.846.418</b>	<b>17.931.249</b>	<b>19.767.206</b>	<b>23.474.694</b>	<b>24.571.537</b>

<sup>(1)</sup>Período de 1/8/95 a 31/7/96.

Fonte: IBGE. Censos Agropecuários de 1985 e de 1995-96 e Produção Pecuária Municipal.

Tabela 5/I. Leite - Produção destinada à industrialização, segundo os estados  
- Brasil - 2000-06

(1.000 litros)

Estado	2000	2003	2004	2005	2006 <sup>(1)</sup>
Minas Gerais	3.329.695	3.783.602	4.172.142	4.700.926	4.693.154
Rio Grande do Sul	1.556.944	1.540.458	1.663.492	1.979.471	2.252.632
Goias	1.454.712	1.644.656	1.710.585	2.036.941	2.164.527
São Paulo	2.132.671	2.352.901	2.408.591	2.299.857	2.106.656
Paraná	945.927	1.171.409	1.236.680	1.375.676	1.409.554
Santa Catarina	479.279	618.224	682.761	817.053	991.067
Rondônia	384.455	519.639	537.764	568.872	580.303
Rio de Janeiro	438.313	392.047	361.315	421.356	417.134
Mato Grosso	184.897	260.242	277.966	319.858	333.710
Bahia	252.322	212.264	226.323	325.306	284.208
Espírito Santo	147.829	201.556	222.846	250.404	234.675
Pará	137.855	191.831	204.118	215.493	230.497
Mato Grosso do Sul	174.232	202.860	209.654	238.850	220.374
Pernambuco	69.839	90.487	83.642	132.911	152.042
Ceará	94.880	87.039	86.323	119.517	138.753
Alagoas	89.091	89.284	106.790	121.565	103.159
Rio Grande do Norte	74.680	74.070	76.194	77.315	77.347
Tocantins	45.080	80.570	77.614	87.376	70.956
Sergipe	8.817	26.327	33.140	63.129	67.681
Maranhão	22.024	45.766	44.249	46.520	44.721
Paraíba	7.979	9.045	34.093	41.943	42.642
Piauí	11.342	11.378	15.448	17.974	21.378
Distrito Federal	55.574	11.102	11.174	15.568	15.679
Acre	8.167	9.898	10.995	9.818	10.073
Amazonas	-	217	599	405	760
Roraima	1.138	339	294	167	197
<b>Brasil</b>	<b>12.107.741</b>	<b>13.627.205</b>	<b>14.494.797</b>	<b>16.284.267</b>	<b>16.663.872</b>

<sup>(1)</sup>Dados preliminares.

Obs: Diferenças no total são provenientes de arredondamentos.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Tabela 6/I. Leite e derivados - Importações e exportações brasileiras - 1997-06

Ano	Importações		Exportações		Saldo	
	Tonelada	US\$ 1.000	Tonelada	US\$ 1.000	Tonelada	US\$ 1.000
1997	318.747	454.670	4.304	9.410	(314.443)	(445.260)
1998	384.124	508.829	3.000	8.105	(381.124)	(500.724)
1999	383.674	439.951	4.398	7.520	(379.275)	(432.431)
2000	307.116	373.189	8.935	13.401	(298.181)	(359.789)
2001	141.214	178.637	19.375	25.050	(121.838)	(153.587)
2002	215.331	247.557	40.168	40.318	(175.163)	(207.239)
2003	83.557	112.292	44.459	48.532	(39.097)	(63.759)
2004	55.884	83.923	68.255	95.426	12.371	11.503
2005	72.820	121.193	78.376	130.127	5.556	8.934
2006	94.043	154.689	89.058	138.535	(4.985)	(16.155)

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 7/I. Leite e derivados - Importações brasileiras, segundo os principais países - 2004-06

Ano	Importações		Exportações		Saldo	
	Tonelada	US\$ 1.000	Tonelada	US\$ 1.000	Tonelada	US\$ 1.000
Argentina	29.756	48.924	35.292	65.746	44.575	89.036
Uruguai	14.541	22.679	16.052	31.842	28.153	37.706
França	3.889	3.707	5.957	7.210	6.432	9.277
Estados Unidos	1.665	727	6.139	3.862	4.674	2.661
Paraguai	193	50	2.131	637	4.210	1.360
Polônia	1.376	572	2.527	1.634	1.808	1.328
Austrália	3	5	1.186	2.729	1.239	3.311
Nova Zelândia	1.098	2.408	709	2.122	848	3.830
Países Baixos (Holanda)	1.799	1.574	587	1.049	643	2.568
Finlândia	357	230	612	482	459	418
Outros países	1.207	3.048	1.628	3.881	1.002	3.192
<b>Total</b>	<b>55.884</b>	<b>83.923</b>	<b>72.820</b>	<b>121.193</b>	<b>94.043</b>	<b>154.689</b>

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 8/I. Leite - Produção catarinense, segundo as micro e mesorregiões - 1985-2005

(1.000 litros)

Micro e mesorregião	1985	1995/96 <sup>(1)</sup>	2000	2004	2005
Chapecó	75.139	145.240	167.552	333.459	354.900
Concórdia	50.351	90.351	103.500	162.898	169.008
Joaçaba	60.603	83.293	93.362	111.556	114.440
São Miguel do Oeste	61.030	128.612	174.002	326.953	334.188
Xanxerê	23.370	37.655	64.391	112.137	135.419
<b>Oeste Catarinense</b>	<b>270.493</b>	<b>485.151</b>	<b>602.808</b>	<b>1.047.004</b>	<b>1.107.954</b>
Canoinhas	21.609	46.422	46.320	47.268	46.320
Joinville	32.659	22.900	22.512	19.537	18.643
São Bento do Sul	4.401	4.903	5.219	5.577	5.185
<b>Norte Catarinense</b>	<b>58.669</b>	<b>74.225</b>	<b>74.051</b>	<b>72.383</b>	<b>70.149</b>
Florianópolis	6.767	6.392	7.935	10.513	10.523
Tabuleiro	9.219	12.436	15.196	28.324	28.323
Tijucas	9.509	9.315	9.303	10.085	10.655
<b>Grande Florianópolis</b>	<b>25.495</b>	<b>28.143</b>	<b>32.433</b>	<b>48.922</b>	<b>49.501</b>
Campos de Lages	34.315	36.567	40.505	42.483	43.145
Curitibanos	12.838	14.708	13.666	15.768	17.061
<b>Serrana</b>	<b>47.153</b>	<b>51.275</b>	<b>54.171</b>	<b>58.251</b>	<b>60.206</b>
Araranguá	14.526	14.778	11.585	10.506	9.391
Criciúma	14.781	18.004	17.629	18.177	19.076
Tubarão	32.866	48.245	50.279	65.621	68.266
<b>Sul Catarinense</b>	<b>62.173</b>	<b>81.027</b>	<b>79.493</b>	<b>94.304</b>	<b>96.733</b>
Blumenau	48.995	38.971	40.701	32.006	30.863
Itajaí	5.908	6.737	8.870	8.616	9.215
Ituporanga	18.879	22.964	26.205	31.020	30.710
Rio do Sul	65.939	80.925	84.365	94.156	100.291
<b>Vale do Itajaí</b>	<b>139.721</b>	<b>149.597</b>	<b>160.142</b>	<b>165.798</b>	<b>171.079</b>
<b>Santa Catarina</b>	<b>603.704</b>	<b>869.418</b>	<b>1.003.098</b>	<b>1.486.662</b>	<b>1.555.622</b>

<sup>(1)</sup>Período de 1/8/95 a 31/7/96.

Fonte: IBGE.

Tabela 9/I. Leite - Produção inspecionada nas indústrias e postos de resfriamento - Santa Catarina - 2000 - 2003-06

(1.000 litros)

Ano/Mês	2000	2003	2004	2005	2006
Janeiro	44.983	72.084	77.470	86.224	102.533
Fevereiro	42.641	64.163	68.957	76.750	91.266
Março	41.754	63.968	68.747	76.516	90.989
Abril	37.788	58.133	62.476	69.537	82.689
Mai	41.330	61.727	66.339	73.836	87.801
Junho	43.898	65.725	70.635	78.618	93.488
Julho	49.478	73.642	79.144	88.088	104.750
Agosto	54.780	80.783	86.819	96.630	114.907
Setembro	56.115	82.193	88.334	98.316	116.913
Outubro	53.964	82.985	89.185	99.264	118.039
Novembro	53.325	81.098	87.157	97.007	115.355
Dezembro	55.456	83.500	89.739	99.880	118.772
<b>Total</b>	<b>575.513</b>	<b>870.000</b>	<b>935.000</b>	<b>1.040.663</b>	<b>1.237.501</b>

Fonte: Estimativas da Epagri/Cepa.

Tabela 10/I. Leite - Produção destinada à industrialização - Santa Catarina - 2000 - 2003-06

(1.000 litros)

Ano/mês	2000	2003	2004	2005	2006 <sup>(1)</sup>
Janeiro	37.729	57.367	56.812	66.162	81.565
Fevereiro	35.587	47.806	49.742	60.012	73.750
Março	33.657	47.839	48.357	59.752	76.852
Abril	31.437	40.960	46.569	58.471	72.258
Mai	33.723	41.937	49.426	60.516	71.613
Junho	36.344	43.710	53.272	62.814	75.773
Julho	39.798	50.971	56.881	68.546	84.856
Agosto	43.687	54.467	62.906	73.926	92.748
Setembro	46.278	55.907	63.942	73.036	90.408
Outubro	48.298	59.381	65.767	78.681	87.846
Novembro	45.356	57.771	62.956	76.027	87.277
Dezembro	47.385	60.108	66.131	79.110	96.121
<b>Total</b>	<b>479.279</b>	<b>618.224</b>	<b>682.761</b>	<b>817.053</b>	<b>991.067</b>

<sup>(1)</sup>Dados preliminares.

Fonte: IBGE.

*Tabela 11/I. Leite - Preços médios<sup>(1)</sup> recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2002-07*

Ano	(R\$/l)						(US\$/l)					
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Janeiro	0,27	0,41	0,40	0,48	0,37	0,41	0,11	0,12	0,14	0,18	0,16	0,19
Fevereiro	0,27	0,42	0,39	0,48	0,39	0,42	0,11	0,12	0,13	0,18	0,18	0,20
Março	0,28	0,43	0,39	0,49	0,39	0,43	0,12	0,12	0,13	0,18	0,18	0,21
Abril	0,30	0,44	0,40	0,51	0,41	0,45	0,13	0,14	0,14	0,20	0,19	0,22
Mai	0,32	0,43	0,42	0,52	0,42	0,47	0,13	0,15	0,14	0,21	0,19	0,24
Junho	0,33	0,44	0,45	0,52	0,43	0,51	0,12	0,15	0,14	0,22	0,19	0,26
Julho	0,34	0,43	0,47	0,49	0,43		0,12	0,15	0,15	0,21	0,20	
Agosto	0,35	0,43	0,49	0,46	0,42		0,11	0,14	0,16	0,19	0,19	
Setembro	0,35	0,43	0,49	0,43	0,41		0,10	0,15	0,17	0,19	0,19	
Outubro	0,35	0,43	0,47	0,41	0,41		0,09	0,15	0,16	0,18	0,19	
Novembro	0,36	0,43	0,47	0,39	0,41		0,10	0,15	0,17	0,18	0,19	
Dezembro	0,38	0,42	0,48	0,37	0,41		0,10	0,14	0,18	0,16	0,19	
<b>Média</b>	<b>0,33</b>	<b>0,43</b>	<b>0,44</b>	<b>0,46</b>	<b>0,41</b>	<b>0,45</b>	<b>0,11</b>	<b>0,14</b>	<b>0,15</b>	<b>0,19</b>	<b>0,19</b>	<b>0,22</b>

<sup>(1)</sup>Posto na plataforma das indústrias.

Fonte: Epagri/Cepa.

*Tabajara Marcondes*

## Panorama mundial

A atividade apícola mundial, praticada em mais de 130 países, tem mostrado expansão na produção, disponibilizando uma diversidade de produtos e subprodutos nos últimos anos. Em 2005, conforme estimativas da FAO, a produção total de mel alcançou aproximadamente 1,38 milhão de toneladas, gerando um montante financeiro de aproximadamente 1,5 bilhão de dólares. Esta cifra, entretanto, aumenta consideravelmente à medida que são consideradas as produções de própolis, pólen, geléia real e cera, dentre outros, bem como os serviços de polinização utilizados principalmente na agricultura e pecuária.

Em 2005, os países que mais se destacaram na produção de mel foram a China, com 22,1%; os Estados Unidos, com 5,9%; a Argentina, com 5,8%; a Turquia, com 5,4%; a Ucrânia, com 4,4%, o México, com 4,1%; a Federação Russa e a Índia com 3,8%. Estes países são responsáveis por mais da metade do volume mundial produzido, conforme pode ser observado na tabela 1.

*Tabela 1/I. Mel - Quantidade produzida no mundo e nos principais países - 2003-05*

País	Quantidade Produzida (t)		
	2003	2004	2005
<b>Mundo</b>	<b>1.353.696</b>	<b>1.372.142</b>	<b>1.381.404</b>
Alemanha	23.691	16.000	17.000
Angola	23.000	23.000	23.000
Argentina	75.000	80.000	80.000
Brasil	30.022	24.500	24.500
Canadá	34.602	32.755	33.000
China	294.721	304.987	305.000
Coréia do Sul	26.000	28.000	29.000
Espanha	35.279	36.695	37.000
Estados Unidos	82.144	82.000	82.000
Etiópia	37.800	38.100	39.000
Federação Russa	48.048	52.782	53.000
Hungria	21.000	19.504	20.500
Índia	52.000	52.000	52.000
Irã	32.000	35.000	36.000
Quênia	22.000	21.500	21.500
México	57.045	56.808	56.808
Romênia	17.409	19.150	19.200
Tanzânia	27.000	27.000	27.000
Turquia	69.540	73.929	73.929
Ucrânia	53.550	57.878	60.502

Fonte: FAO (jul./07).

Ressalta-se que os serviços de polinização se tornam, cada vez, mais uma prática obrigatória, integrando as atividades agropecuárias na maioria dos países e contribuindo de maneira significativa para o aumento da qualidade e melhoria da produtividade de produtos da horticultura (frutas e verduras), da lavoura (principalmente os grãos) e de pastagens.

O uso de mel *"in natura"* ainda é bastante baixo e pouco difundido junto à população de alguns países, resultando num consumo médio *per capita* mundial de cerca de 300 g/pessoa/ano; nos países da comunidade europeia, tal índice sobe para 700 g/pessoa/ano (FAO, 2005).

Os maiores consumos anuais foram observados nos seguintes países: Áustria - 1.700 gramas; Grécia - 1.600 gramas; Suíça - 1.300 gramas; Alemanha - 1.200 gramas; Eslovênia - 1.100 gramas; Ucrânia 1.000 gramas; Turquia, 800 gramas; Canadá e Espanha - 700 gramas, cada; Estados Unidos e Nova Zelândia - 600 gramas cada; França - 500 gramas; México - 200 gramas (FAO, 2006).

Em 2004, segundo a mesma fonte, foram exportadas para os principais centros consumidores mundiais 384 mil toneladas de mel *"in natura"*, representando um movimento financeiro de 862 milhões de dólares. Os principais mercados vendedores, em volume, foram o chinês, o argentino, o mexicano, o alemão e o brasileiro, com participação de cerca de 56%. Destacam-se, com o melhor preço médio de mercado por quilograma, o mel negociado pela Alemanha (US\$ 4.03), pela Espanha (US\$ 3.52), pela Austrália (US\$ 3.46) e pela Hungria (US\$ 3.36); por sua vez, o Brasil obteve um preço médio de US\$ 2.01, conforme pode ser observado na tabela 2.

Tabela 2/I. Mel - Quantidade e valor das exportações, total mundial e nos principais países - 2002-04

País	2002		2003		2004	
	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)
<b>Mundo</b>	<b>405.598</b>	<b>697.710</b>	<b>403.198</b>	<b>950.197</b>	<b>384.389</b>	<b>862.525</b>
Alemanha	22.222	53.465	21.161	79.291	22.374	90.092
Argentina	79.986	114.170	70.499	159.894	62.536	120.537
Austrália	8.504	16.281	5.160	18.078	6.610	22.845
Brasil	12.640	23.141	19.273	45.545	21.029	42.303
Bulgária	4.071	6.751	6.453	15.670	5.620	14.589
Canadá	22.921	57.155	15.041	47.253	14.021	38.073
Chile	6.228	9.300	12.810	33.186	5.393	13.107
China	77.276	81.910	87.469	110.194	86.207	97.610
Cuba	4.767	6.025	6.244	12.799	7.323	16.147
Espanha	14.834	31.983	11.633	38.385	9.914	34.875
USA	3.546	6.861	5.032	9.455	4.068	7.883
Hungria	15.023	36.605	15.807	52.040	14.962	50.262
Índia	6.647	10.880	6.964	14.626	10.354	14.671
México	34.457	65.013	25.018	67.947	23.374	57.408
Romênia	5.793	12.359	9.643	25.943	8.758	22.050
Turquia	15.294	30.687	14.776	36.421	5.686	16.329
Uruguai	9.471	14.654	9.177	23.701	13.357	28.751
Vietnã	15.876	17.982	10.548	18.917	15.563	20.046

Fonte: FAO (jul./07).

O volume de mel importado em 2004 caiu 2,82% em relação ao ano anterior, acompanhado pelo decréscimo de 5,96% nos desembolsos financeiros. Em valores percentuais, a maior queda foi registrada pelos EUA, com 12,07% no volume e 31,97% nos desembolsos financeiros. Por outro lado, o Reino Unido registrou o maior aumento no volume de mel importado e nos desembolsos financeiros, com 18,41% e 16,95%, respectivamente, em relação a 2003. As maiores aquisições continuam sendo feitas pela Alemanha, representando 22,77% das transações, seguida pelos Estados Unidos, com 20,74%, o Japão, com 12,04% e o Reino Unido, com 6,62%, conforme pode ser observado na tabela 3.

Tabela 3/I. Mel - Quantidade e valor das importações, total mundial e nos principais países - 2002-04

País	2002		2003		2004	
	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)
<b>Mundo</b>	<b>404.883</b>	<b>704.647</b>	<b>401.947</b>	<b>980.274</b>	<b>390.603</b>	<b>921.896</b>
Alemanha	98.909	161.609	93.532	240.851	88.958	230.704
Arábia Saudita	4.920	19.751	8.991	33.325	9.628	26.006
Austrália	4.493	7.840	8.779	24.988	2.576	9.025
Áustria	5.474	11.933	4.297	13.793	4.494	14.600
Bélgica	8.561	17.415	6.652	20.997	6.859	21.751
Canadá	8.144	14.856	8.830	18.135	8.894	17.736
China	4.849	6.496	6.174	10.351	8.050	12.999
Dinamarca	4.410	8.464	5.486	15.185	4.657	14.429
Espanha	10.910	16.919	11.119	27.269	13.759	31.463
Estados Unidos	92.007	165.706	92.151	219.496	81.027	149.550
França	16.836	35.889	15.165	49.532	17.081	54.530
Itália	14.073	27.900	14.449	42.382	15.390	41.621
Japão	45.038	56.362	43.785	62.014	47.033	65.012
Malásia	2.491	3.848	4.896	6.387	2.521	4.631
Holanda	5.495	12.198	9.575	22.794	7.279	23.011
Polônia	4.550	4.860	4.488	4.479	4.089	7.067
Reino Unido	29.901	51.695	21.867	64.229	25.893	75.117
Suiça	6.747	14.401	6.790	21.950	6.129	23.105

Fonte: FAO (jul./07).

Ressalta-se que países com relativa participação na produção e com expressão nas vendas para o mercado externo aparecem nas estatísticas também como importadores expressivos. É o caso da Alemanha e da Espanha, dentre outros, que adquirem o produto *in natura* (a granel), realizam o processamento para, em seguida, disponibilizá-lo novamente no mercado. Esta é uma tática que possibilita uma maior agregação de valor ao produto, bastante usual entre os importadores.

## Panorama nacional

Com uma extensão territorial de 8,513 milhões de quilômetros quadrados, o Brasil possui vegetação e clima diversificados que favorecem a exploração da atividade apícola em

todas as unidades da Federação. No entanto, embora exista um potencial favorável, a produção nacional é ainda pouco expressiva e permite alcançar apenas o 12º lugar no ranking mundial. É preciso melhorar esta posição. Isto será possível à medida que os diversos segmentos da cadeia produtiva da atividade tornarem os produtos apícolas mais competitivos, mediante a melhoria de qualidade, produtividade, preços acessíveis, mais investimentos em desenvolvimento de tecnologia e inovação de processos, marketing e recursos humanos.

É significativa a contribuição do setor apícola nacional na geração de benefícios econômicos e sociais. Movimenta milhares de empregos diretos e indiretos, como, por exemplo, na polinização em pomares, nos trabalhos de manutenção dos apiários, na produção de equipamentos e no manejo de produtos e serviços apícolas, tais como mel, própolis, pólen, cera e geléia real.

Em 2005, segundo o IBGE, o Brasil produziu aproximadamente 34 mil toneladas de mel. Os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Piauí obtiveram as maiores produções e foram responsáveis por 60% do volume total produzido, conforme demonstrado na tabela 4. Dentre as regiões, a Região Sul é líder com um total de 15.816 tonela-

Tabela 4/I. Mel - Produção dos principais estados produtores - Brasil - 2001-05

Ano	2001	2002	2003	2004	2005
<b>Brasil</b>	<b>22.219</b>	<b>24.028</b>	<b>30.022</b>	<b>32.290</b>	<b>33.750</b>
Bahia	688	873	1.419	1.494	1.775
Ceará	672	1.373	1.896	2.933	2.312
Minas Gerais	2.068	2.408	2.194	2.134	2.208
Paraná	2.925	2.843	4.068	4.348	4.462
Piauí	1.741	2.221	3.146	3.894	4.497
Rio Grande do Sul	6.045	5.604	6.777	7.317	7.428
Santa Catarina	3.774	3.828	4.511	3.600	3.926
São Paulo	2.053	2.092	2.454	2.333	2.396
Demais estados	2.253	2.786	3.557	4.237	4.746

Fonte: IBGE.

das, respondendo por 47% da produção nacional de mel. Segundo informações obtidas junto a Confederação Brasileira de Apicultura (CBA), estima-se que em 2007 a produção nacional de mel alcance o patamar das 50.000 toneladas.

Salienta-se, entretanto, que em alguns estados produtores das Regiões do Nordeste (Bahia, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte), Sudeste (Minas Gerais) e Centro-Oeste (Mato Grosso), as condições naturais de clima, com estações mais bem definidas, têm favorecido a exploração da atividade e permitido a obtenção de melhores rendimentos por colméia e o conseqüente aumento da produção nos anos mais recentes.

A apicultura nacional continua carecendo de mais organização, de maior entrosamento entre os diversos agentes da atividade (federações, associações de apicultores, coopera-

tivas, entrepostos de vendas, dentre outros) e da inclusão de elementos de inteligência competitiva, possibilitando uma melhor estruturação de dados e informações, tais como: produção existente, número de apicultores (profissional e amador), entrepostos de vendas (número existente, onde se encontram e qual a sua capacidade, destino das vendas), boas práticas apícolas (BPA), critérios de análise de perigos e pontos críticos de controle (APPCC), incidência de pragas e doenças, monitoramento da qualidade dos produtos apícolas, pesquisas e processos de desenvolvimento de tecnologia e produtos, informações sobre embalagens e rotulagem, mercados incluindo variação de preços, certificadoras e certificação, procedimentos legais, normas e padrões, e outras informações cabíveis e necessárias. Com esses dados e informações, de âmbito local, regional, estadual, nacional e internacional continuamente atualizados, à disposição, o empresário rural dedicado ao agronegócio apícola terá a possibilidade de uma tomada de decisão ágil, melhorando substancialmente a gestão do negócio. Estas mesmas condições também permitem a definição de políticas adequadas para o desenvolvimento do setor. Atento a isso o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) criou e instituiu em 2006 a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Mel e Produtos Apícolas constituída por representantes dos atores ligados ao setor em nível nacional, sendo o principal fórum de discussão e definição de políticas, diretrizes e ações para o desenvolvimento do segmento no país. Está sendo implantado também o Sistema Agropecuário de Produção Integrada da Apicultura (SAPI APIS). Coordenado pela Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) esse sistema leva em consideração os aspectos abordados acima, garantindo sustentabilidade e competitividade ao agronegócio apícola e está sendo desenvolvido, em conjunto com os atores da cadeia produtiva do mel, em forma de Projeto Piloto em Santa Catarina e rapidamente deverá ser expandido para as demais regiões do Brasil. Os Arranjos Produtivos Locais (APL) com foco na apicultura, que vem sendo desenvolvidos em alguns estados da federação pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) são plataformas e pontos de partida importantes para a implantação e expansão do SAPI APIS.

O setor é constituído, além da Confederação Brasileira de Apicultura (CBA), de 18 federações estaduais, cerca de 400 associações ligadas ao sistema CBA, mais de 230 entrepostos, 200 mil apicultores e mais de 2,5 milhões de colméias.

O número de apicultores e de colméias aumenta sensivelmente quando se consideram os agricultores que exploram a atividade apenas como uma fonte de renda complementar da família.

A estimativa de consumo nacional de mel *in natura*, segundo os diversos agentes da cadeia produtiva, está em aproximadamente 100 g/hab/ano – quantidade considerada pouco expressiva se comparada com o consumo de alguns países europeus, como a Áustria, a Grécia, a Suíça, a Alemanha, onde ele se situa acima de 1.000 g/hab/ano.

Nestes e noutros países, já há algum tempo o mel deixou de ser uma prática de uso medicinal (cura de gripe, regulador de intestino, dentre outros), para ser uma fonte complementar de alimento, devido aos diversos componentes existentes nele, como açúcares, vitaminas, aminoácidos e sais minerais - considerados essenciais ao organismo humano.

A divulgação regular pelos diversos órgãos e instituições nacionais ligadas ao setor, mediante a promoção de feiras, exposições, seminários, serviços de marketing, dentre outros, além de propiciar um maior conhecimento sobre os benefícios resultantes do uso do mel e dos outros produtos da colméia, como geléia real, pólen e própolis, contribuirá para um provável aumento do consumo e incremento nas vendas.

No âmbito externo, devido ao cenário europeu, observa-se uma tendência de queda nas exportações brasileiras, sobretudo pelo retorno do mel chinês àquele mercado, o que já ficou exposto claramente com a queda nas exportações de 2005. O embargo ao mel brasileiro pela União Européia<sup>1</sup> no final do primeiro trimestre de 2006 provocou queda nos preços do produto no mercado interno e gerou incertezas no mercado. Contudo, apesar do embargo europeu, o volume de mel exportado em 2006 (14.602 toneladas) foi ligeiramente superior ao volume exportado em 2005 (14.442 toneladas). Com o retorno ao mercado europeu e mantidas as tendências de aumento de vendas aos Estados Unidos em 2007, conforme a tabela 5, infere-se que seja possível expandir consideravelmente o volume exportado.

*Tabela 5/I. Mel - Valor e quantidade das exportações brasileiras, por país de destino - 2004-07*

País	Valor FOB (US\$1.000)				Quantidade (t)			
	2004	2005	2006	2007 <sup>(1)</sup>	2004	2005	2006	2007 <sup>(1)</sup>
<b>Total</b>	<b>42.303</b>	<b>18.940</b>	<b>23.373</b>	<b>10.755</b>	<b>21.029</b>	<b>14.442</b>	<b>14.602</b>	<b>6.870</b>
Alemanha	22.585	8.106	4.077	29	10.746	6.234	2.586	20
Bélgica	969	294	274	0	464	182	165	0
Espanha	2.576	550	82	0	1.206	414	42	0
Estados Unidos	6.576	4.353	17.329	9.749	3.775	3.317	10.785	6.287
Reino Unido	7.660	4.959	1.251	0	3.773	3.780	831	0
Demais países	1.938	678	360	977	1.066	515	193	563

<sup>(1)</sup>Acumulado nos meses de jan. a jun./07.

Fonte: MDIC/Secex (jul./07).

Nos últimos anos, por ordem de importância, os nossos maiores parceiros comerciais foram a Alemanha, o Reino Unido e os Estados Unidos.

Com o embargo europeu, entretanto, boa parte do mel destinado para àquele mercado foi redirecionado para os Estados Unidos, aumentando sensivelmente a participação americana no primeiro semestre de 2006, superando a da Alemanha (Tabela 5).

<sup>1</sup>O embargo ao mel brasileiro foi imposto pela União Européia em março de 2006, motivado pela falta de um programa de monitoramento da qualidade de nosso mel, sobretudo no tocante à análise de resíduos de pesticidas (antibióticos, inseticidas e acaricidas). A questão está sendo resolvida pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, em conjunto com os diferentes atores da cadeia produtiva do mel, com previsão de retorno das exportações à União Européia ainda este ano.

O mercado paulista continua liderando as vendas nacionais (destaca-se como o maior centro receptor de mel do País) para o exterior.

O estado de Santa Catarina, que nos anos de 2003 e 2004 manteve a segunda posição nas vendas de mel, em 2005 cede espaço aos estados do Piauí e Ceará, que assumiram a segunda e a terceira posição, respectivamente. Em 2006 o estado do Ceará assume a segunda posição e Santa Catarina a terceira, destacando-se o estado do Rio Grande do Sul que tem incrementado muito suas exportações nos últimos anos e no primeiro semestre de 2007 já aparece na segunda posição.

Nos últimos anos, por ordem de importância, os nossos maiores parceiros comerciais foram a Alemanha, o Reino Unido e os Estados Unidos.

Com o embargo europeu, entretanto, boa parte do mel destinado para àquele mercado foi redirecionado para os Estados Unidos, aumentando sensivelmente a participação americana no primeiro semestre de 2006, superando a da Alemanha (Tabelas 5 e 6).

Tabela 6/l. Mel - Valor e quantidade das exportações, por estado - Brasil - 2004-07

País	Valor FOB (US\$1.000)				Quantidade (t)			
	2004	2005	2006	2007 <sup>(1)</sup>	2004	2005	2006	2007 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>42.386</b>	<b>18.972</b>	<b>23.373</b>	<b>10.755</b>	<b>21.037</b>	<b>14.442</b>	<b>14.602</b>	<b>6.870</b>
Ceará	4.524	3.442	4.584	1.394	2.385	2.342	2.723	797
Minas Gerais	666	227	309	57	291	157	208	39
Paraná	3.896	541	1.497	761	1.735	333	898	437
Piauí	3.325	3.046	3.005	773	1.748	2.503	1.940	479
Rio Grande do Sul	3.340	760	2.364	2.155	1.691	589	1.484	1.473
Rio Grande do Norte	0	50	632	287	0	40	439	191
Santa Catarina	8.518	2.928	3.110	1.402	4.183	2.262	2.002	949
São Paulo	17.212	7.739	7.629	3.862	8.560	6.052	4.756	2.468
Demais estados	905	239	243	64	444	165	152	37

<sup>(1)</sup>Acumulado nos meses de jan. a jun./07.

Fonte: MDIC/Secex (jul./07).

O valor médio anual por tonelada de produto brasileiro vendido, em 2004, atingiu a cifra de US\$ 2.011,66, proporcionando uma perda financeira de 17,3% em relação aos preços pagos em 2003. Em 2005 caiu ainda mais, atingindo US\$ 1.311,46 a tonelada do produto. Em 2006, observa-se uma gradativa melhora nesses valores, com uma remuneração de US\$ 1.600,83 – crescimento de 22,0% em comparação ao ano de 2005; porém, ficou bem distante de 2004 (decréscimo de 20,4%).

No período analisado, a predominância das maiores cotações médias pertencem aos exportadores paranaenses e mais recentemente soma-se a boa performance dos estados do Ceará e Piauí (Tabela 7).

Tabela 7/I. Mel de abelha – Preço médio das exportações - Média nacional e dos principais estados exportadores - 2004-07

Estado	Preço médio (US\$/t)			
	2004	2005	2006	2007 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>2.011,66</b>	<b>1.311,46</b>	<b>1.600,68</b>	<b>1.565,50</b>
Ceará	1.896,41	1.469,94	1.683,28	1.750,06
Minas Gerais	2.160,64	1.438,13	1.484,67	1.466,98
Paraná	2.245,48	1.608,77	1.666,30	1.742,96
Piauí	1.902,84	1.216,97	1.548,88	1.614,82
Rio Grande do Sul	1.975,17	1.290,08	1.593,20	1.463,21
Santa Catarina	2.036,29	1.293,65	1.553,62	1.476,68
São Paulo	2.007,49	1.275,02	1.604,12	1.564,81

<sup>(1)</sup>Acumulado nos meses de jan. a jun./07.

Fonte: MDIC/Secex.

## Panorama estadual

Santa Catarina possui uma vegetação natural diversificada, considerada de boa qualidade melífera, que propicia boas condições para o desenvolvimento da atividade apícola em toda a sua extensão territorial.

Além da produção de mel, a atividade apícola possibilita obter produtos como cera, própolis, geléia real, pólen e apitoxina, além de oferecer os serviços de polinização que contribuem sensivelmente na melhoria da produtividade e qualidade de produtos agrícolas (frutas, sementes, grãos, dentre outros) e das pastagens no estado. Segundo Kalvelage (2000) somente nos pomares de maçã em Santa Catarina estima-se o emprego de 50 mil colméias no serviço de polinização dirigida, possibilitando um incremento na produção num valor superior a U\$ 70 milhões anuais.

Estima-se que cerca de 400 mil colméias se encontrem distribuídas em praticamente todos os municípios catarinenses e que existam aproximadamente 30 mil apicultores (entre profissionais e amadores). Deste contingente, cerca de três mil são considerados apicultores profissionais e tem na atividade sua principal fonte de renda.

O setor conta com o apoio da Federação das Associações de Apicultores de Santa Catarina (Faasc), de 73 associações de apicultores e de 43 entrepostos de compras e vendas, dos quais apenas 18 disponibilizam regularmente mel *in natura* no mercado.

Segundo o IBGE, as maiores produções encontram-se nas mesorregiões do Oeste Catarinense, Sul Catarinense e Serrana; o rendimento médio oscila entre 14 e 26 quilos por colméia. A variação da produtividade está diretamente relacionada com as condições climáticas (índice pluviométrico e de insolação, temperaturas, umidade relativa), localização geográfica do apiário, disponibilidade e condições de uso de florada, dentre outros fatores, que normalmente influenciam o trabalho das abelhas, a qualidade e o sabor do mel.

Segundo a Faasc a maior densidade de colméias por apicultor encontra-se nas mesorregiões Sul Catarinense e Vale do Itajaí, enquanto as melhores produtividades pertencem aos apicultores das mesorregiões Sul Catarinense, Serrana e Alto Vale.

Quanto ao uso de florada para extração do néctar pelas abelhas, na mesorregião Sul Catarinense predominam as flores de eucalipto; na Serrana e no Norte Catarinense, as flores silvestres com predominância de vassouras e bracatinga (flor e melato); na Alto Vale do Itajaí, as flores silvestres, enquanto na Oeste, as flores silvestres, a uva-do-japão e a laranjeira, conforme demonstrado na tabela 8.

*Tabela 8/I. Mel – Período de colheita, tipo de florada, número de colméia por apicultor e rendimento por colméia, por mesorregião - Santa Catarina - 2007*

Mesorregião	Período de colheita	Tipo de florada predominante	Colméia/apicultor (n°)	Rendimento/colméia (kg)
Oeste Catarinense	Ago. a nov.	silvestre, uva-do-japão e laranjeira	7	13,1
Norte Catarinense	Set. a nov.	silvestre, vassouras e bracatinga	26	14,5
Serrana	Set. a dez.	silvestre, vassouras e bracatinga	23	18,3
Grande Florianópolis	Set. a nov.	silvestre	26	15,8
Vale do Itajaí	Ago. a dez.	silvestre	34	17,0
Sul Catarinense	Mar. a maio	eucalipto	87	25,8

Fonte: Faasc.

Historicamente, o estado de Santa Catarina é um dos maiores produtores nacionais de mel (Tabela 4), figurando até 2003 como o segundo maior produtor com uma produção de 4,5 mil toneladas. Em 2004, no entanto, as condições climáticas desfavoráveis e, sobretudo, o desastre provocado pelo “Furacão Catarina” na região Sul Catarinense fez com que houvesse uma queda representativa da produção naquela região, refletindo-se na redução de toda a produção do estado. O destaque foi para a microrregião geográfica de Criciúma, com uma redução de 71% na produção de mel em relação ao ano anterior (2003), representando cerca de 650 toneladas a menos de mel, conforme pode ser observado na tabela 9. Em 2005, a produção catarinense foi de pouco mais de 3,9 mil toneladas (Tabela 9), apresentando um aumento de 9,05% em relação ao ano anterior. As estimativas para 2006 apontam para um aumento percentual ligeiramente superior ao de 2005, havendo a possibilidade da produção suplantar os patamares do ano de 2003.

Para 2007, se as condições climáticas em Santa Catarina - índice de precipitação, temperatura, índice de insolação, umidade relativa do ar distribuída regularmente durante toda a safra apícola (julho a maio) - continuarem favoráveis, é bastante provável que se atinja uma produção entre 6,5 e 7 mil toneladas.

Tabela 9/I. Mel - Quantidade produzida e participação percentual por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2002-05

Microrregião geográfica	Quantidade produzida (t)				Participação (%) 2005
	2002	2003	2004	2005	
<b>Santa Catarina</b>	<b>3.828</b>	<b>4.511</b>	<b>3.600</b>	<b>3.926</b>	<b>100</b>
Araranguá	76,0	81,0	48,6	67,4	1,72
Blumenau	85,1	107,4	73,3	69,7	1,78
Campos de Lages	561,0	575,6	573,7	607,1	15,47
Canoinhas	359,0	364,0	374,0	357,0	9,09
Chapecó	276,6	276,2	260,7	272,7	6,95
Concórdia	142,0	181,7	204,5	222,6	5,67
Criciúma	684,3	926,0	276,9	585,3	14,91
Curitibanos	125,3	121,6	115,6	102,1	2,60
Florianópolis	47,3	52,1	61,0	58,5	1,49
Itajaí	16,8	16,2	14,8	16,1	0,41
Ituporanga	73,7	105,1	73,0	96,0	2,45
Joaçaba	260,6	296,1	327,8	338,8	8,63
Joinville	28,4	36,4	34,5	38,8	0,99
Rio do Sul	214,6	272,1	240,0	230,7	5,88
São Bento do Sul	47,3	47,7	49,0	48,8	1,24
São Miguel do Oeste	238,8	354,4	319,5	301,0	7,67
Tabuleiro	200,3	209,0	214,0	216,1	5,50
Tijucas	88,0	96,2	45,9	35,4	0,90
Tubarão	199,4	259,9	170,1	148,6	3,79
Xanxerê	103,7	132,0	123,8	112,5	2,86

Fonte: IBGE.

No mercado interno, as vendas da produção catarinense de mel mantêm-se em torno de 20%; os 80% restantes são comercializados principalmente junto aos consumidores de São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, bem como nos Estados Unidos, principal parceiro comercial internacional dos últimos dois anos.

Os preços médios nominais recebidos pelo apicultor, nas principais regiões produtoras do estado, no período de janeiro de 2000 a maio de 2007 oscilaram entre R\$ 3,62 e R\$ 5,67 o quilo do produto. Em 2003 e 2004 atingiu as melhores remunerações, consequência de um mercado mais comprador, influenciado inclusive pelos preços internacionais. Nos anos seguintes mantêm-se praticamente inalterados atingindo a cifra média anual de cerca de R\$ 5,30 o quilo, conforme demonstrado na figura 1.

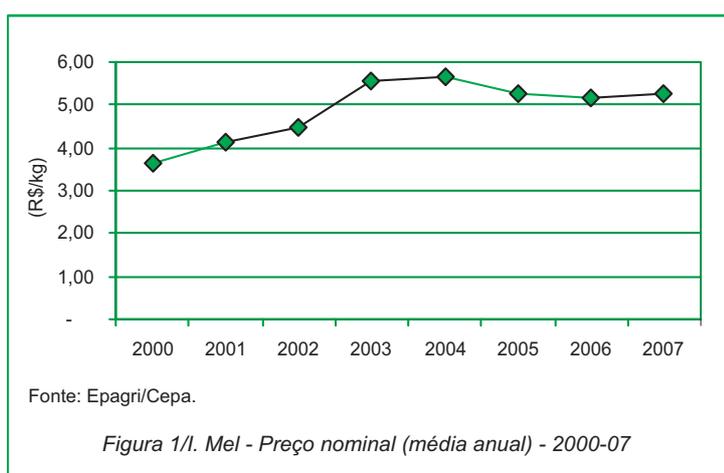


Figura 1/I. Mel - Preço nominal (média anual) - 2000-07

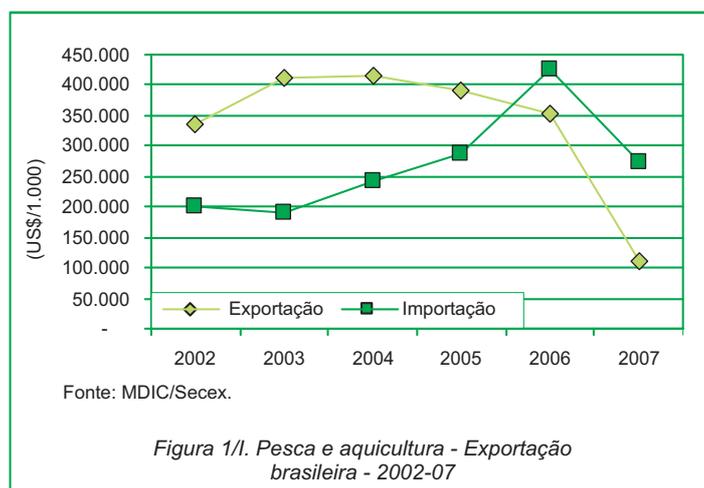
Para o segundo semestre 2007, é bastante provável que se mantenham os mesmos níveis de venda, sendo necessário que a população continue estimulada e cada vez mais consciente da importância do mel como fonte complementar de alimento e de benefício para a saúde.

Para isto, é preciso que sejam mantidos os mecanismos de incentivos junto à sociedade, mediante a realização de seminários, feiras, exposições e quaisquer outras formas de promoção e divulgação dos produtos e subprodutos apícolas, possibilitando o aumento das vendas, esperando-se como resultado uma provável melhora nos preços ao produtor.

*Luiz Marcelino Vieira  
Horst Kalvelage*

O Brasil, como o 24º produtor mundial de pescado, tem uma produção da pesca extrativa estagnada em aproximadamente 547 mil toneladas (FAO). O aumento da produção vem se dando através da aqüicultura, atividade que tem incrementado anualmente as estatísticas do pescado brasileiro (350 mil toneladas, conforme o IBAMA 2004 e Instituto de Pesca 2005).

As exportações brasileiras de pescado, incluindo a pesca (extrativa) e a aqüicultura (cultivos), atingiram os maiores volumes de vendas em 2003 – 107,8 milhões de toneladas; os maiores montantes foram alcançados em 2004 - US\$ Fob 416,2 milhões, enquanto que os melhores preços médios foram registrados em 2006 – US\$ 4.944,99 a tonelada do produto. Ressalta-se, ainda, que no período de 2001 a 2005, a balança comercial brasileira nesse segmento apresenta-se superavitária, conforme demonstrada na figura 1.



O governo brasileiro quer incrementar a produção de pescados. As principais estratégias para isso são:

1. incentivar a maricultura através da produção de crustáceos e moluscos ao longo da costa, auxiliando o pescador artesanal que ano após ano tem visto diminuir os estoques pesqueiros marinhos,
2. apoiar a atividade da pesca através de diversos incentivos tanto para as indústrias quanto para e,
3. aumentar a quantidade de peixes de água doce produzidos no interior do País, para melhorar a renda do produtor rural.

## **Pesca**

A exemplo do que acontece na pesca extrativa nacional, em Santa Catarina a produção também sofreu uma queda em relação aos anos anteriores. O Estado produziu em 2004, 107 mil toneladas contra as 120 mil toneladas de 2003. Para 2005, é bastante provável que o volume estadual produzido continuou caindo. As quedas vêm ocorrendo já há bastante tempo e os principais motivos, são:

1. capturas além da capacidade dos estoques naturais de se recuperarem. A sobrepesca é exercida tanto pela pesca artesanal quanto pela industrial sobre as principais espécies capturadas.
2. Desobediência à legislação vigente.

Existem áreas, distâncias da costa e épocas (defesos) regulamentadas pela legislação onde a pesca é restringida em alguns aspectos, mas muitas vezes, desobedecida. A regulamentação visa proteger o recrutamento dos jovens que viriam repovoar os estoques pesqueiros e reiniciar todo o ciclo natural. Podem ser citados como exemplos de desobediência à legislação as capturas de sardinhas junto aos costões para servir de isca viva à pesca do atum pela frota industrial ou, a captura de camarões nos mangues quando ainda estão em fase de crescimento, pela pesca artesanal.

Conforme o diagnóstico realizado pela Epagri/Cedap no ano de 2004, a produção de pescados de origem artesanal foi de 21.183 toneladas, representando 30% da captura estadual em relação à pesca industrial.

Cerca de 25 mil catarinenses estão envolvidos direta e profissionalmente na pesca extrativa, incluindo os ligados à indústria de processamento e aos da pesca artesanal, e, ainda, aproximadamente 150 mil pessoas ligadas indiretamente à atividade através de toda a cadeia produtiva. Os produtos da pesca artesanal são destinados principalmente ao mercado estadual, enquanto os produtos da pesca industrial chegam a todo território nacional e, também, a outros países.

Os pescadores artesanais estão organizados em entidades denominadas “colônias”, que chegam a 33 nas 186 comunidades pesqueiras dos 531 Km do litoral de Santa Catarina. Já a pesca industrial conta com aproximadamente 15 mil pessoas, trabalhando tanto no interior das fábricas quanto embarcados. Os maiores portos de desembarque e processamento pesqueiro do Estado estão distribuídos entre Navegantes/Itajaí e Florianópolis, com cerca de 50 indústrias processadoras. Atualmente, a frota industrial de Santa Catarina desembarca pescados na cidade de Rio Grande (RS), Itajaí, Navegantes, Florianópolis (SC) e Santos (SP).

O comportamento das exportações catarinenses de pescado durante os anos de 2002 a junho de 2007 é demonstrado na Tabela 1, onde se observa uma diminuição gradativa no volume vendido. Entretanto, uma maior valorização nos preços médios, no período, contribuiu para a manutenção do montante financeiro crescente até 2005.

Tabela 1/I. Pesca e aquicultura – Exportação catarinense – 2002-07<sup>(1)</sup>

Ano	Valor (US\$ 1000,00)	Quantidade (t)	Preço médio (US\$/t)
2002	18.350	14.212	1.291,15
2003	20.969	11.999	1.747,60
2004	24.133	11.477	2.102,71
2005	25.637	9.139	2.805,13
2006	20.458	6.122	3.341,74
2007	11.375	2.825	4.025,97

<sup>(1)</sup>Até jun./07.

Fonte: MDIC/Secex.

### Aquicultura

A aquicultura catarinense engloba cultivos em águas marinhas e em águas doces. Nas águas marinhas (ou maricultura) são cultivados moluscos bivalves (ostras, mexilhões e vieiras) além de camarões, polvos e peixes e, nas águas doces, peixes, camarões e rãs. Alguns destes cultivos vêm se desenvolvendo ano após ano, conferindo ao Estado uma posição de destaque na aquicultura nacional. Outros (rãs e camarões, p. ex.), não se adaptaram às condições climáticas de Santa Catarina e tiveram seus cultivos momentaneamente descontinuados, aguardando novas tecnologias para superar as dificuldades ambientais.

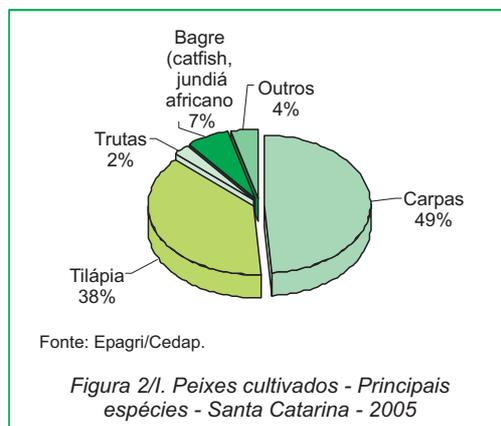
Desde o início das atividades em 1986, a maricultura vem provocando mudanças na economia de vários municípios e aumentado a renda dos pescadores que trocaram a pesca extrativa pelos cultivos. Já a piscicultura de água doce incrementa a renda dos produtores rurais no interior do Estado, além de gerar um aumento no nível de empregos na área rural. Disponibiliza, ainda, a oferta de pescados cultivados para a indústria de beneficiamento e também do entretenimento (pesque-pague). Desta forma, a aquicultura catarinense tem se tornado um fator socioeconômico bastante importante para o desenvolvimento do Estado. A seguir, serão descritas cada atividade separadamente.

### Piscicultura de água-doce

Quanto ao cultivo de peixes de água doce, o Estado de Santa Catarina está incluído entre os principais produtores no cenário nacional (Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo), conforme o IBAMA/2004. Em sua maioria, a piscicultura é praticada em pequena escala nas propriedades de âmbito familiar e exercida como fonte de renda complementar por aproximadamente 16.300 produtores na chamada piscicultura colonial e por, aproximadamente, 3.500 produtores na piscicultura profissional (Epagri/Cedap).

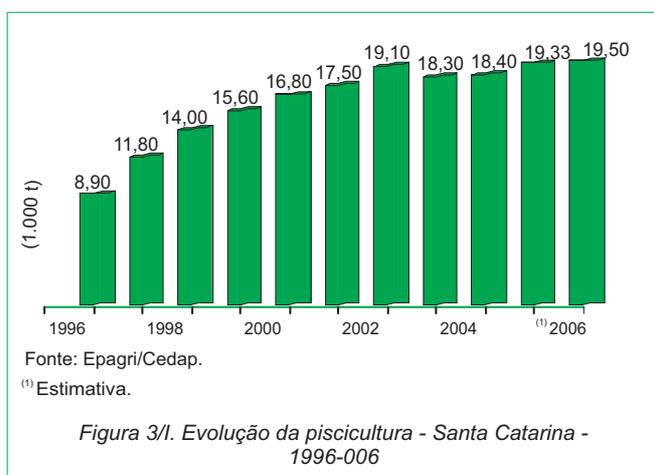
Existe um grande número de produtores que aliam a produção de peixes a empreendimentos turísticos, como os pesque-pague, pousadas rurais e hotéis fazenda, oferecendo uma estrutura de lazer aliada a uma eficiente forma de comercialização.

São aproximadamente vinte espécies de peixes trabalhadas em Santa Catarina, cada uma com maior ou menor expressão na produção (algumas ainda em fase de pesquisas). As principais espécies em produção são as carpas (quatro espécies), a tilápia (nilótica) e o catfish (bagre americano), todos considerados peixes de “águas mornas” (temperaturas de conforto acima de 20°C) e, as trutas, nas “águas frias” (abaixo de 20°C). Esta produção é fonte de renda para uma extensa rede que envolve piscicultores e vários negócios correlatos à cadeia produtiva. Na figura 2, é apresentado o percentual de representatividade das principais espécies na produção estadual.



Em 2005, o número de produtores do Estado era de 19.870, prevendo-se que após o fechamento dos dados de 2006 ocorra uma estabilização em torno deste número e, por conseguinte, da produção, em função de alguns fatores como: as restrições e as exigências da legislação ambiental, que levaram muitos produtores coloniais a suspender o cultivo de peixes e a utilizar os açudes apenas como reservatórios de múltiplos usos (irrigação, dessedentação animal e, principalmente, para minimizar os efeitos das secas). Outros fatores que apontam para a estabilização da produção e no número de produtores, são: a elevação do custo dos insumos; o fato de alguns municípios passarem a informar apenas os produtores comerciais nos levantamentos estatísticos e as estiagens recorrentes nas principais regiões produtoras. Conseqüentemente, a tendência do número de produtores e da produção é estabilizar ou, no máximo, apresentar uma pequena elevação em função da gradativa melhoria da produtividade que a piscicultura profissional vem apresentando.

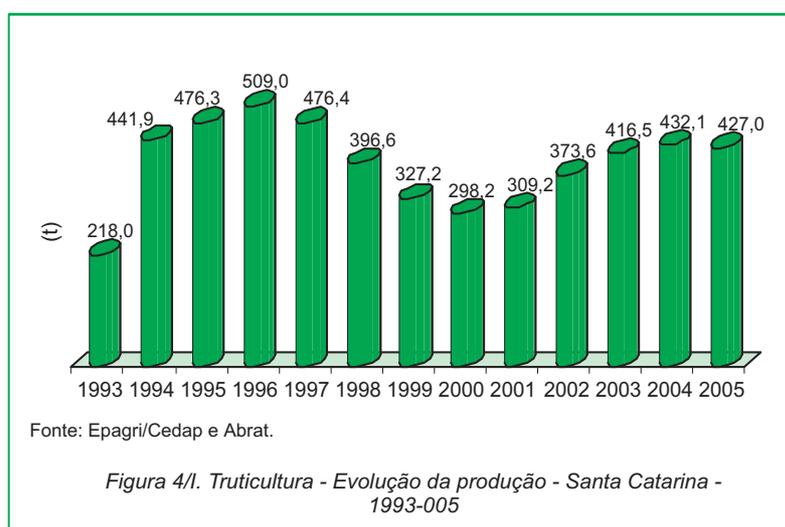
No ano de 2005 foram produzidas 19.133,2 toneladas de peixes de água doce em Santa Catarina, sendo 18.705,5 toneladas de águas mornas (Figura 3) e 427,6 toneladas de águas frias (Figura 4). Esta produção se concentra nas regiões do Vale do Itajaí (Alto, Médio e Baixo), Planalto Serrano, Litoral Norte, Oeste Catarinense e um sensível incremento na região Sul, nos Vales dos Rios Tubarão e Araranguá. A estimativa para 2006 é de uma produção total de 19.500 toneladas, com pequena elevação na produção de peixes de águas mornas (19.100 toneladas) e na de águas frias (432,1 tone-



ladas). De forma geral, a produção de peixes de água doce em Santa Catarina tem se estabilizado entre as 18 e 20 mil toneladas desde o ano de 2002, tendo sido apontados como motivos, os fatores citados acima.

Em Santa Catarina a criação de trutas é conduzida nas regiões onde é possível captar águas limpas, cristalinas e frias (com temperaturas abaixo de 20°C), principalmente no Planalto Serrano onde se concentra o maior número de produtores. A truta, além de ser um peixe benéfico à saúde humana (rico em Omega 3 e baixos teores de gordura), é importante ao inserir-se numa proposta de desenvolvimento turístico do Estado. Em função disso, o governo do Estado investiu na melhoria das estradas que interligam os diversos municípios serranos produtores de trutas, aumentando o fluxo de turistas nas regiões produtoras. Os caminhos que interligam estes municípios tornaram-se oficialmente conhecidos como a “Rota da Truta”.

A produção de trutas sofreu altos e baixos ao longo dos anos (Figura 4). As quedas no final dos anos 90 deveram-se, principalmente, a paridade do dólar em relação ao real (1,00 R\$ = 1,00 \$), o que possibilitou a entrada no mercado brasileiro de trutas de outros países com preços mais baixos e desestimulando os produtores. Com a desvalorização cambial, a produção voltou a crescer. Em 2006, a previsão é de um pequeno aumento para 432,1 toneladas.



Outro peixe que tem se destacado no cenário catarinense é o bagre americano ou catfish. Com pouco mais de dez anos desde o início dos cultivos, vem se transformando em uma alternativa interessante ao produtor, pois é uma das espécies incluídas na pauta de exportação da balança comercial brasileira. Em função dos altos índices de ômega 3, dos baixos níveis de gordura, da carne extremamente branca e do excelente paladar, o catfish se tornou o peixe de água doce mais consumido nos Estados Unidos nos últimos anos, demandando boa

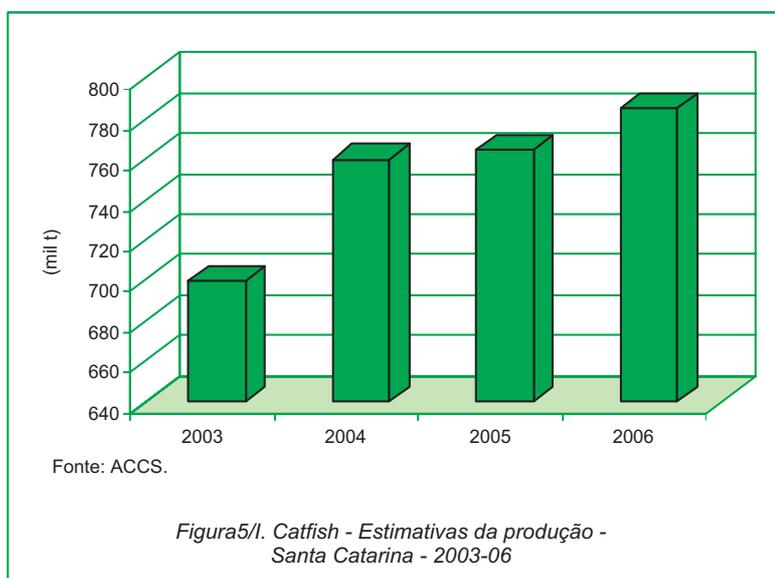
parte da produção de Santa Catarina. O produto exportado em forma de filés é classificado lá fora como do tipo “Premium” devido à qualidade das nossas águas, da forma de cultivo e dos cuidados ao processar. No entanto, uma parte da produção está sendo dirigida ao mercado interno visando obter maiores alternativas mercadológicas. O restante da produção (peixes vivos) atende a pesca desportiva através do pesque-pague.

Conforme levantamento da ACCS (Associação dos Criadores de Catfish do Sul), em 2006 a produção catarinense foi de

785 toneladas, pouco acima das 765 toneladas de 2005.

Ainda assim, mantém Santa Catarina como o maior produtor nacional desta espécie (Figura 5). A ACCS estima o total da produção brasileira entre 1.000 e 1.200 toneladas/ano. O motivo principal para a estabilização da produção que se verifica nas últimas safras, deve-se aos baixos valores do dólar no mercado cambial, fazendo com que vários produtores deixassem de produzir/exportar. Através da figura 4 é

possível verificar uma estabilização no crescimento da produção a partir de 2004, já em função do mercado de câmbio.



## **Maricultura (ostras, vieiras, mexilhões e camarões)**

### **Cultivo de moluscos bivalves**

O cultivo de moluscos bivalves (ostras, vieiras e mexilhões) em Santa Catarina é favorecido pelas características do litoral, recordado por inúmeras baías e enseadas protegidas.

No âmbito da Assistência Técnica e Extensão Pesqueira, os primeiros trabalhos voltados para o cultivo de moluscos marinhos em Santa Catarina, denominado no meio científico de malacocultura, foram iniciados em meados de 1988 a partir de uma parceria entre a Associação de Crédito e Assistência Pesqueira de Santa Catarina – Acarpesc, atual Epagri/Cedap, e o Laboratório de Moluscos Marinho da Universidade Federal de Santa Catarina – LMM/UFSC.

Desde então, com o fortalecimento da parceria entre estas instituições e o ingresso de novos parceiros, o crescimento da atividade e sua consolidação como alternativa de tra-

balho e renda às populações tradicionais das comunidades pesqueiras, elevaram o Estado à condição de referência nacional no setor.

Atualmente, estão diretamente engajados na atividade em torno de 800 maricultores, organizados em uma associação estadual: Associação Catarinense de Aqüicultura – ACAq, 22 associações locais, parte delas congregadas em uma federação estadual das Associações de Maricultores dos Estado de Santa Catarina – Famasc, e cinco cooperativas de produção.

Segundo a Epagri/Cedap (2007), a cadeia produtiva da malacocultura em Santa Catarina, envolve direta e indiretamente cerca de 8.000 pessoas, desde a produção, colheita e beneficiamento, até a comercialização. A região produtora do estado é compreendida por 12 municípios, inseridos na faixa costeira que se estende de São Francisco do Sul, no norte do estado, a Palhoça, na região centro-leste.

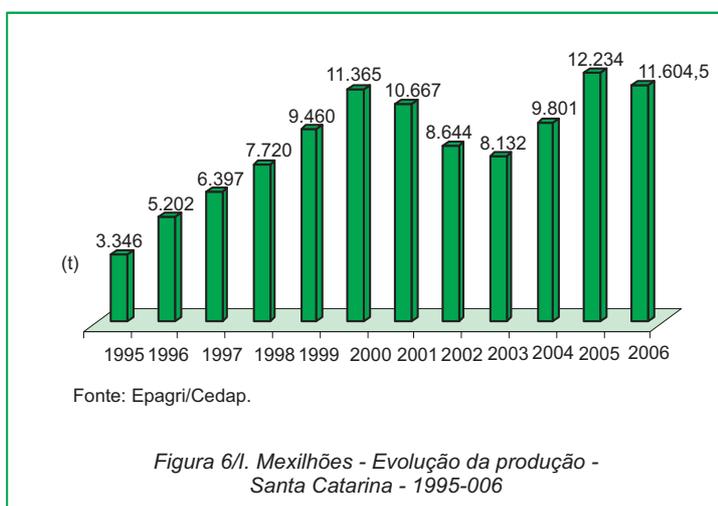
Em 2006, a produção total de moluscos (14.756,9 toneladas) registrou um modesto crescimento da ordem de 3,94 % em relação a 2005. Esse pequeno saldo positivo deve-se ao crescimento na produção de ostras que, mesmo participando com apenas 22,23% da produção total de moluscos, teve um crescimento de 62,36% de 2005 para 2006.

Em 2006, além da produção de mexilhões e ostras, Santa Catarina registrou pela primeira vez a produção comercial de vieiras. Embora os números registrados sejam modestos (23.738 unidades), com o domínio da tecnologia de produção de sementes pelo LMM/UFSC, aliado ao potencial dos ecossistemas costeiros do estado para esta espécie, as perspectivas de crescimento da pectinicultura são excelentes.

Para uma melhor compreensão do desempenho dos produtos da malacocultura catarinense, são apresentadas a seguir as informações sobre cada um deles.

## Mexilhões

A produção de mexilhões em Santa Catarina em 2006 foi de 11.604,5 toneladas, representando uma queda de 5,15% em relação a 2005 (Figura 6). Os municípios que mais contribuíram para este quadro negativo, em valores relativos, foram: São Francisco do Sul com uma queda de 43,75 %, Florianópolis e Governador Celso Ramos com quedas de 33,68 % e 16,08 %, respectivamente.

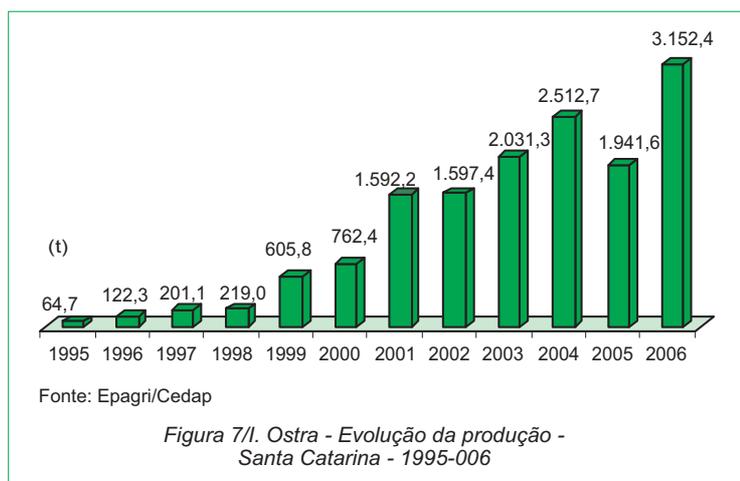


Considerando os volumes de produção total, os destaques em 2006 ficaram por conta dos municípios de Palhoça com 42,05% da produção estadual, seguido de Penha com 18,95% e Governador Celso Ramos com 10,77%.

## Ostras

Ao contrário da mitilicultura (cultivo de mexilhões), a produção de ostras na safra de 2006 apresentou um crescimento de 62,36%, passando das 1.941,6 toneladas registradas em 2005, para 3.152,4 toneladas na última safra (Figura 7). Com este desempenho, a produção de ostras retoma a taxa de crescimento médio de 25%, verificada em 2003 e 2004. Os municípios que mais contribuíram para esse crescimento foram: Florianópolis, com um volume de 559,61 toneladas a mais que o do ano passado, seguido por Palhoça e São José, com aumento nos volumes de produção da ordem de 550 e 85 toneladas, respectivamente.

Em valores relativos, os municípios que mais se destacaram na produção de ostras em 2006 foram: Biguaçu com um crescimento de 343,35%, São José com 130%, Palhoça 78,57% e Porto Belo com um crescimento de 60% em relação a 2005. Os municípios de Florianópolis e Palhoça apresentaram os maiores volumes de produção de ostras, em relação aos demais municípios produtores. Juntos eles produziram 90,91% da produção estadual.

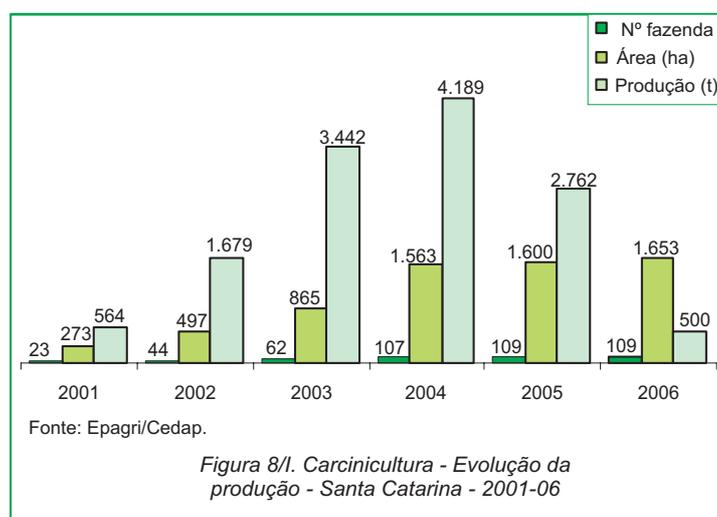


O cultivo de camarões marinhos em cativeiro tem sua origem no Sudeste Asiático onde fazendas de cultivo de peixes a beira mar obtiveram produções acidentais de camarões selvagens em viveiros abastecidos pela maré, transformando-se rapidamente no produto principal. Modernas fazendas de camarões surgiram na década de 70 quando conseguiram o suprimento de grandes quantidades de juvenis de camarões através da reprodução em laboratório.

No Brasil, o Estado de Santa Catarina foi o pioneiro na atividade de cultivo de camarões com a realização de pesquisas no início da década de 70 pela ACARPESCA (Associação de Crédito e Assistência Pesqueira de Santa Catarina). Posteriormente, Estados do nordeste realizaram pesquisas e implantaram empreendimentos privados, tornando-se uma atividade de grande importância sócio-econômica para a região. No início, o setor enfrentou uma série de problemas, principalmente no que se refere a tecnologias de cultivo,

disponibilidade de rações e espécies com baixa produtividade. Com a introdução da espécie exótica *Litopenaeus vannamei* no início dos anos 90, a atividade entra em fase de consolidação em todo o território nacional.

Em Santa Catarina, a produção de camarões vinha em franco crescimento até o ano 2004, quando produziu 4.189 toneladas. A partir de 2005, no entanto, a produção começou a sofrer quedas acentuadas, atingindo 2.762 toneladas neste ano e apenas 500 toneladas no ano de 2006 (Figura 8). O motivo da queda iniciada em 2005 teve como principal causador o surgimento da enfermidade denominada Mancha Branca (vírus WSSV), a mesma que causou prejuízos semelhantes em outros países produtores ao redor do mundo. Apesar dos vários esforços realizados para o combate e controle da enfermidade, em curto prazo, não existem perspectivas para o retorno da produção aos patamares anteriores.



***Fernando Soares Silveira***

***Mauro Roczanski***

***Sérgio Winckler da Costa***

***Francisco Manuel de Oliveira Neto***

***Alfredo Nagib Filomeno***

## Panorama Mundial

### Produção, consumo e comércio internacional de produtos florestais<sup>(1)</sup>

*Mercado mundial de produtos florestais em expansão, com grandes oportunidades para os países do Hemisfério Sul no mercado de celulose*

A cobertura florestal mundial gira é de 13 bilhões de hectares, cerca de 30% da superfície territorial do conjunto dos países (Tabela 1). A Rússia, o Brasil e os EUA destacam-se como os maiores detentores de florestas (40 % do total). A superfície de plantações florestais aumentou 2,5 milhões de hectares entre os anos 2000 e 2005, indicando que uma proporção cada vez maior de produtos passará a ser disponibilizada a partir desta fonte. A área de florestas plantadas para produção continua expandindo-se e sua contribuição no aporte de produtos florestais se aproxima de 50% do total. Esta área representa 4% do total da área florestal mundial e 1,0% da superfície terrestre. O Brasil possui cerca de 5,7 milhões de hectares plantados, representando 1,2% de sua área florestal total e 0,7% do seu território.

Tabela 1/I. Área de florestas naturais e plantadas no mundo - 2005

País	(mil ha)				
	Área do território	Total florestas	% Florestas	Florestas plantadas	% Plantadas
China	932.742	197.290	21	31.369	16
Estados Unidos	915.896	303.089	33	17.061	6
Rússia	1.688.850	808.790	48	16.962	2
Japão	36.450	24.868	68	10.321	42
Sudão	237.600	67.546	28	5.404	8
Brasil	845.942	477.698	56	5.743	1
Indonésia	181.157	88.495	49	3.399	4
Índia	297.319	67.701	23	3.226	5
Tailândia	51.089	14.520	28	3.099	21
Vietnã	32.549	12.931	40	2.695	21
Chile	74.880	16.121	22	2.661	17
Turquia	76.963	10.175	13	2.537	25
Outros	7.695.984	1.862.801	24	35.653	2
<b>Total mundial</b>	<b>13.067.421</b>	<b>3.952.025</b>	<b>30</b>	<b>139.771</b>	<b>4</b>

Fonte: FAO, FRA 2007.

A produção mundial de madeira bruta, em 2005, destinada a todos os usos (papel e celulose, madeira serrada, compensados, painéis reconstituídos, carvão e lenha), alcançou 3,50 bilhões de m<sup>3</sup>, 2,3% a mais que em 2004 (Tabela 2). A maior parte é de espécies não-coníferas tropicais. Os EUA, a Índia, a China, o Brasil, o Canadá e a Rússia são os maiores produtores mundiais - respondem pela metade da produção total. Mais da metade da produção ainda é consumida para produzir energia, em geral sob a forma de lenha, com os maiores volumes na Índia, China e Brasil.

<sup>(1)</sup>Colaboração de Pedro Nicolau Serpa, Epagri-EE Itajaí.

Tabela 2/I. Produção mundial de madeira em toras<sup>(1)</sup>, segundo os principais países  
- 2002-05

País	2002	2003	2004	2005
Estados Unidos	447.999.992	448.513.263	461.739.179	471.862.342
Índia	319.388.747	321.027.107	326.649.344	328.677.293
China	284.168.256	286.106.512	286.104.808	286.103.128
Brasil	230.956.947	256.081.238	243.395.060	255.879.508
Canadá	196.593.000	190.125.000	208.406.000	199.345.000
Rússia	165.000.000	174.000.000	178.400.000	186.500.000
Indonésia	115.552.252	112.004.236	109.060.276	106.216.356
Suécia	66.600.000	67.100.000	67.300.000	98.700.000
Etiópia	92.661.252	94.533.392	95.957.336	97.408.674
Repúb. Democ. do Congo	70.938.264	72.170.264	73.430.400	74.719.400
Nigéria	69.482.328	69.867.216	70.270.440	70.692.260
Alemanha	42.380.000	51.182.000	54.504.000	56.946.000
Finlândia	53.011.000	53.779.000	53.799.662	51.599.241
Demais países	1.143.993.940	1.171.431.799	1.194.020.533	1.218.065.741
<b>Total mundial</b>	<b>3.298.725.978</b>	<b>3.367.921.027</b>	<b>3.423.037.038</b>	<b>3.502.714.943</b>

<sup>(1)</sup>Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para: serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel, produção de carvão vegetal, de lenha e qualquer outra forma de uso da biomassa florestal.

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em junho de 2007.

O volume de madeira bruta beneficiada ou transformada pela indústria mundial em 2005, foi de 1,71 bilhões de m<sup>3</sup>, 3,2% a mais que em 2004. A maior parte (55%) desta transformação ocorreu no Hemisfério Norte. Os quatro maiores produtores (EUA, Canadá, Rússia e Brasil) produzem e transformam em suas indústrias de base florestal mais da metade de toda a matéria-prima colhida anualmente no mundo (Tabela 3).

Em quase todos os países de destaque na produção de madeira para uso industrial, o destino principal das toras é o processamento mecânico, principalmente na produção de madeira serrada. O restante é destinado à produção de papel e celulose, compensados, painéis reconstituídos e outros usos.

A produção e o consumo de painéis de madeira vêm apresentando um crescimento expressivo principalmente de painéis de MDF e de madeira aglomerada. Já a produção e o consumo de compensados têm apresentado um crescimento menos vigoroso, enquanto as chapas de fibra dura vêm perdendo mercado para os demais tipos de painéis.

Os EUA e o Canadá são os grandes produtores mundiais de celulose de mercado (28% e 13%, respectivamente) (Tabela 4). O Brasil e a Rússia são os países, dentre os maiores produtores mundiais, que mais têm conseguido aumentar sua produção ao longo do tempo.

Em 2005 foram produzidas, no mundo, 358 milhões de toneladas de papel e papel-cartão, quantidades semelhantes à do ano de 2004. Os EUA foram responsáveis por 22,7% deste volume. Os cinco maiores produtores mundiais (EUA, China, Japão, Alemanha e Canadá) responderam por quase 60% da produção (Tabela 5).

Tabela 3/1. Produção mundial de madeira em toras<sup>(1)</sup> para uso industrial, segundo os principais países - 2002-05

(m<sup>3</sup>)

País	2002	2003	2004	2005
Estados Unidos	404.957.992	405.613.008	418.131.000	427.970.992
Canadá	193.727.000	187.357.000	205.617.000	196.442.000
Rússia	118.600.000	126.600.000	130.600.000	139.500.000
Brasil	96.483.884	120.538.762	106.758.315	118.123.180
China	93.121.000	95.061.000	95.061.000	95.061.000
Suécia	60.700.000	61.200.000	61.400.000	91.700.000
Alemanha	37.755.000	45.415.000	48.657.000	50.905.000
Finlândia	48.529.000	49.246.000	49.280.858	47.115.984
Chile	25.491.000	24.289.000	29.477.000	32.529.000
Indonésia	32.996.500	32.496.500	32.496.500	32.496.500
França	32.736.000	30.540.000	31.289.000	31.620.000
Polónia	24.995.000	27.204.000	29.337.000	28.531.000
Austrália	23.102.000	26.717.000	27.107.000	27.413.000
Malásia	17.913.000	21.531.000	24.372.000	25.169.000
Índia	18.824.700	18.828.100	22.810.000	23.192.200
África do Sul	18.616.000	21.159.400	21.331.300	21.071.100
Demais países	308.598.739	320.641.175	323.439.376	323.604.447
<b>Total mundial</b>	<b>1.557.146.815</b>	<b>1.614.436.945</b>	<b>1.657.164.349</b>	<b>1.712.444.403</b>

<sup>(1)</sup> Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para: serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel e outros fins industriais.

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2007.

Tabela 4/1. Produção mundial de celulose<sup>(1)</sup>, segundo os principais países - 2002-05

(t)

País	2002	2003	2004	2005
Estados Unidos	52.913.585	52.541.713	53.816.955	53.816.955
Canadá	25.562.000	26.003.000	26.222.000	25.216.000
China	15.606.000	16.211.200	16.211.200	16.211.200
Suécia	11.712.000	12.095.200	12.464.000	12.466.000
Finlândia	11.729.000	11.948.000	12.614.000	11.134.000
Japão	10.664.000	10.572.000	10.703.000	10.805.000
Brasil	7.390.000	9.104.000	9.529.000	9.529.000
Rússia	6.377.000	6.605.000	6.780.000	6.817.000
Indonésia	5.587.000	5.587.000	5.587.000	5.587.000
Demais países	34.391.689	35.311.800	36.765.334	37.387.183
<b>Total mundial</b>	<b>181.932.274</b>	<b>185.978.913</b>	<b>190.692.489</b>	<b>188.969.338</b>

<sup>(1)</sup> Refere-se à celulose de mercado.

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2007.

O comércio mundial de produtos florestais apresentou crescimento expressivo nos últimos anos. As tabelas 6 e 7 mostram os valores envolvidos nas exportações e importações mundiais no período 2002 a 2005 relacionando os países mais importantes neste mercado. Em 2005, o total exportado alcançou quase 190 bilhões de dólares em produtos florestais, sendo a do Canadá a maior participação, com mais de 15 % do total. Os cinco maiores exportadores (Canadá, EUA, Alemanha, Suécia e Finlândia) responderam por cerca da metade do valor total. O Brasil e o Chile, embora continuem com pouca participação, vêm gradativamente conquistando espaço neste mercado.

*Tabela 5/I. Produção mundial de papel e cartões, segundo os principais países – 2002-05*

País	2002	2003	2004	2005
Estados Unidos	81.879.072	80.712.168	82.084.369	81.436.641
China	42.329.002	47.529.003	53.462.999	53.462.999
Japão	30.686.000	30.457.000	29.253.000	29.295.000
Alemanha	18.526.000	19.310.000	20.391.000	21.679.000
Canadá	20.226.000	20.120.000	20.599.000	19.673.000
Finlândia	12.789.000	13.058.000	14.036.000	12.391.000
Suécia	10.724.000	11.061.600	11.589.000	11.736.000
Coreia	9.812.000	10.148.000	10.511.000	10.549.000
França	9.809.000	9.939.000	10.255.000	10.332.000
Itália	9.317.261	9.491.000	9.667.000	9.999.371
Brasil	7.354.000	7.811.000	8.221.000	8.221.000
Demais países	82.611.637	85.979.624	89.291.753	89.844.795
<b>Total mundial</b>	<b>336.062.972</b>	<b>345.616.395</b>	<b>359.361.121</b>	<b>358.619.806</b>

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2007.

Os EUA se destacam como os maiores importadores de produtos florestais, com mais de 16% das importações mundiais em 2005. Além dos EUA, também são grandes importadores a China, a Alemanha, o Japão e o Reino Unido (Tabela 7). Os papéis (diversos tipos), a madeira serrada, os painéis de madeira (aglomerados, compensados, MDF e outros) e a celulose são os produtos mais importantes deste mercado. Nos últimos dez anos, os maiores crescimentos ocorreram no comércio mundial de MDF, aglomerado, papéis serrados (SBS, 2006).

*Tabela 6/I. Valor das exportações mundiais de produtos florestais, segundo os principais países - 2002-05*

País	2002	2003	2004	2005
Canadá	23.300.503	24.029.930	29.511.116	29.501.038
Estados Unidos	13.827.960	14.182.190	15.861.216	16.965.490
Alemanha	11.413.582	13.517.905	15.768.011	16.747.961
Suécia	9.230.227	11.007.472	12.903.858	13.244.473
Finlândia	10.496.466	12.075.099	13.535.583	12.102.394
Rússia	4.316.503	4.981.392	6.404.669	7.633.324
França	5.318.203	6.325.342	7.233.596	7.309.646
China	4.088.147	4.465.318	5.199.360	6.193.360
Áustria	4.622.568	5.517.253	6.211.062	6.018.593
Brasil	2.736.398	3.500.610	4.654.319	5.469.336
Indonésia	4.716.280	4.657.279	4.925.499	5.357.544
Bélgica	3.305.387	4.065.429	4.623.436	4.892.905
Países Baixos	2.570.406	3.294.131	3.400.270	3.745.629
Malásia	2.697.648	2.937.718	3.312.186	3.723.010
Espanha	2.138.761	2.560.084	2.529.401	3.399.846
Demais países	32.688.640	37.301.457	44.769.999	46.041.523
<b>Total mundial</b>	<b>137.467.679</b>	<b>154.418.609</b>	<b>180.843.581</b>	<b>188.346.072</b>

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2007.

Os quantitativos e valores do comércio internacional de produtos florestais mostram que os EUA são os grandes produtores, importadores e, principalmente, consumidores dos produtos de origem florestal. A Rússia e o Brasil também são grandes produtores e consumidores, mas com baixa participação no comércio mundial. Já o Canadá, a Finlândia e a Suécia são grandes produtores e exportadores. Por outro lado, a China é grande produtora e importadora, enquanto o Japão, o Reino Unido e a Itália são grandes importadores líquidos desses produtos.

Tabela 7/I. Valor das importações mundiais de produtos florestais, segundo os principais países - 2002-05

País	(US\$ 1,000.00)			
	2002	2003	2004	2005
Estados Unidos	23.407.106	24.535.277	31.446.274	31.997.857
China	15.360.651	17.162.885	19.387.473	20.302.010
Alemanha	11.786.485	13.735.804	15.309.290	14.375.252
Japão	10.464.067	10.983.238	12.903.704	11.997.220
Reino Unido	8.705.097	9.960.599	11.312.497	10.901.830
França	7.030.906	8.175.126	9.085.384	8.986.973
Itália	7.415.539	8.605.126	9.507.381	8.870.641
Espanha	4.195.928	5.083.557	4.941.905	5.945.169
Países Baixos	4.262.491	5.056.066	5.288.968	5.756.012
Bélgica	3.950.427	4.693.439	4.678.458	5.322.148
Canadá	3.986.744	4.278.632	4.730.672	4.920.936
Coréia	3.545.587	3.619.199	3.937.312	3.991.211
Demais países	44.303.011	51.272.619	60.693.917	65.151.110
<b>Total mundial</b>	<b>148.414.039</b>	<b>167.161.567</b>	<b>193.223.235</b>	<b>198.518.369</b>

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2007.

O mercado internacional tem se mostrado fundamental para o crescimento do setor florestal dos países em desenvolvimento. O comportamento da economia mundial vem afetando cada vez mais o desenvolvimento do setor. O aumento dos preços do petróleo e a crescente preocupação com as mudanças climáticas acarretarão aumento na utilização da madeira como combustível tanto nos países desenvolvidos como naqueles em desenvolvimento.

Devido à preocupação ambiental, diversas práticas passam a ser adotadas como a formulação de políticas de compras públicas promovendo a utilização de produtos obtidos e elaborados de forma legal e sustentável. Vários países estão aderindo à iniciativa da “construção verde”, privilegiando produtos produzidos de forma sustentável, concedendo “pontos” pela utilização de madeira certificada. Recentemente, algumas grandes empresas papeleiras da Europa começaram a incorporar a verificação da cadeia de custódia e de selo de certificação florestal em seus projetos nos países em desenvolvimento. Em reunião mundial em Roma, em 2006, 54 empresas internacionais da indústria florestal firmaram um compromisso para a sustentabilidade mundial. Outrossim, está em vigor a norma internacional para medidas fitossanitárias Nº. 15 (NIFM 15) objetivando regulamentar ma-

teriais de embalagens de madeira utilizados no comércio internacional, com vistas a controlar a propagação de organismos invasores (pragas e doenças).

A crescente demanda e o fechamento de plantas industriais pouco competitivas nos países do Hemisfério Norte, deverão provocar mudanças substanciais no mercado mundial de celulose nos próximos anos. Até 2020, o mercado global de celulose está estimado entre 70 milhões e 80 milhões de toneladas, o que exigirá um acréscimo de 50% a 80% na produção de celulose para o comércio internacional, atualmente de pouco mais de 45 milhões de toneladas.

Por apresentarem algumas vantagens comparativas na produção de matérias-primas com base na silvicultura, as regiões tropicais e subtropicais vêm aumentando sua importância no mercado mundial de celulose, com redução da participação dos países do Hemisfério Norte. A expectativa é de que até 2020 o Hemisfério Sul contribua com 25% da oferta internacional de celulose de mercado. Países como o Chile, a Indonésia e os do Mercosul dispõem de áreas de terras, de condições edafoclimáticas favoráveis, de menor custo da terra e da mão-de-obra e de adequado aporte tecnológico na produção florestal. Estas vantagens comparativas lhes permitem encurtar o ciclo de corte e reduzir de maneira expressiva o custo da madeira, dando a estes países vantagens competitivas em relação aos do Norte, particularmente nas fases iniciais da cadeia produtiva: a de produção florestal e de pastas celulósicas.

Devido a estas vantagens, está em curso um processo de deslocamento dos grandes fabricantes mundiais de celulose e papel em direção à instalação de novos projetos florestais nos países do Sul. Este movimento de desativação de plantas do Norte e construção de novas unidades no Sul, chamado pelo mercado de “desconstrução”, já é uma realidade na produção de celulose e tende a prosseguir nos próximos anos.

O Brasil, pela disponibilidade de novas áreas para plantio e pelo grau de desenvolvimento alcançado na tecnologia florestal, está sendo um ator privilegiado neste cenário, atraindo vários projetos de produção de celulose, com a abertura de novas regiões produtoras. O Brasil já é o maior exportador mundial de celulose de fibra curta, produzida a partir do eucalipto.

Os preços internacionais da celulose, em elevação desde o último trimestre de 2005, estão em patamares elevados. Na Europa, a celulose de fibra longa, tipo NBSK (de coníferas), foi cotada a US\$ 800.00/t na última semana de agosto de 2007, um crescimento de quase 10% em relação ao início do ano, quando estava cotada a US\$ 730.00/t (Foex: [www.foex.fi](http://www.foex.fi)).

A celulose de fibra curta tipo BHKP (de eucalipto), da qual o Brasil é o maior produtor e exportador mundial, também vem apresentando nos últimos anos aumentos sistemáticos de preços no mercado internacional, porém com ritmo menor que o apresentado pela

celulose de fibra longa. Em 2007, o preço CIF na Europa subiu de US\$ 670.00/t no início de janeiro para US\$ 715.66/t na última semana de agosto. A expectativa dos produtores é de que os preços internacionais da *commodity* se mantenham em patamares elevados. O mercado continua muito bom para o setor, a despeito do câmbio pouco favorável.

## **Produção e mercado dos produtos florestais no Brasil**

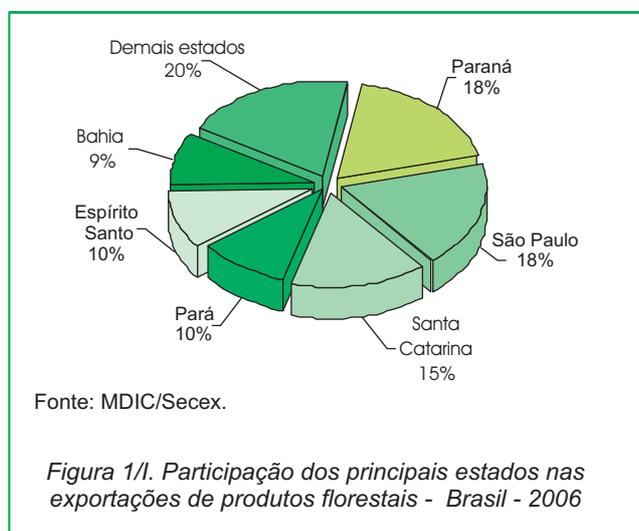
*Valorização do real interrompe a trajetória de crescimento das exportações de madeira e móveis*

O Brasil possui a segunda maior área de florestas do Planeta. São 477,6 milhões de hectares cobertos com florestas, dos quais apenas 5,7 milhões de hectares são de Florestas plantadas para fins comerciais. As áreas protegidas, compostas por unidades de conservação e terras indígenas somam mais de 150 milhões de hectares.

As florestas plantadas são responsáveis pela totalidade do fornecimento de matéria-prima ao setor de papel e celulose e pela maior parte da matéria-prima consumida pela indústria de madeira e de móveis no Brasil. A competitividade da indústria brasileira de base florestal no mercado internacional é determinada pela apurada tecnologia e produtividade da silvicultura. Em que pese a elevada capacidade gerencial desenvolvida em vários segmentos da cadeia produtiva florestal, a reconhecida capacidade competitiva da indústria brasileira no mercado mundial não ocorre em bases sistêmicas, mas sim, está fortemente vinculada à vantagem comparativa que apresenta na produção das matérias-primas.

O Produto Interno Bruto (PIB) do setor florestal brasileiro em 2006 foi estimado em 37,3 bilhões de dólares, correspondendo a cerca de 3,5% do PIB de toda a economia nacional (Abimci e STCP, 2006). O Brasil é o maior produtor florestal da América Latina e sua indústria processa quase 150 milhões de m<sup>3</sup> de madeira por ano. O setor envolve 8,7% da população economicamente ativa e arrecada anualmente, em impostos, 5,2 bilhões de dólares (Abimci e STCP, 2006).

Em 2006, as exportações do setor florestal brasileiro somaram 7,9 bilhões de dólares, contribuindo com quase 6% do total das exportações brasileiras. Os estados do Paraná, de São Paulo e de Santa Catarina são os mais importantes, contribuindo com mais da metade do valor total exportado de produtos florestais (Figura 1). Enquanto, o setor de papel e celulose, ajudado pela melhoria dos preços internacionais, apresentou um crescimento expressivo no valor das exportações, a indústria de processamento mecânico da madeira teve um fraco desempenho e o segmento de móveis, viu o valor de suas exportações em 2006 se reduzirem em mais de 6%, em comparação com 2005.



As perspectivas para 2007 são de que o setor venha a apresentar crescimento nas exportações, porém em níveis menores que o ocorrido no conjunto dos demais setores. A exceção será novamente a do segmento de papel e celulose, que será beneficiado pela crescente demanda internacional destas *commodities* e pelo aumento dos preços internacionais da celulose e dos papéis, o que deverá incrementar as exportações. As estimativas são de o Brasil vir a exportar, em 2007, cerca de 9 bilhões de dólares em produtos florestais. Segundo lideranças do setor, o País tem potencial para dobrar as exportações florestais nos próximos dez anos, o que aumentaria sua participação neste mercado para algo como 6%, o dobro da participação atual.

O aumento dos custos das matérias-primas e a contínua valorização do real frente ao dólar estão dificultando as exportações de compensados, de produtos de madeira sólida e de móveis. Além do câmbio desfavorável, as incertezas quanto ao comportamento da evolução da construção civil nos EUA põem dúvidas sobre o desempenho futuro das exportações brasileiras de madeira e derivados. A indústria de compensados, móveis e molduras de pinus tem a maior de sua produção exportada e os EUA são os grandes compradores desses produtos.

Em que pesem as dificuldades conjunturais do momento o Brasil vem se consolidando como um País de grande capacidade de atração de investimentos industriais no setor. Os projetos em andamento e os planos de expansão industrial do setor no Brasil<sup>2</sup>, envolvendo grandes grupos nacionais e internacionais, evidenciam a atratividade do País para a indústria de base florestal.

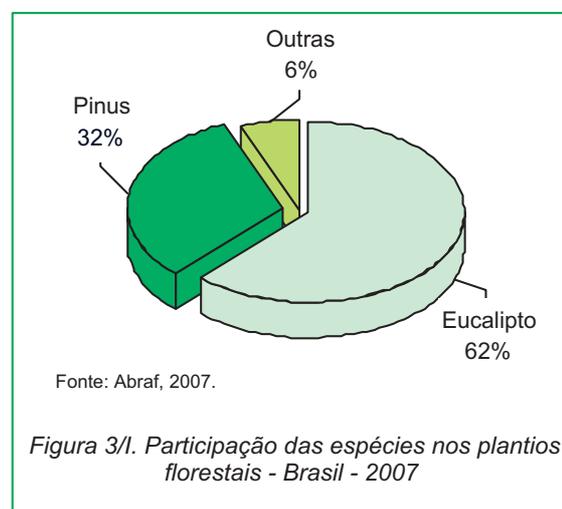
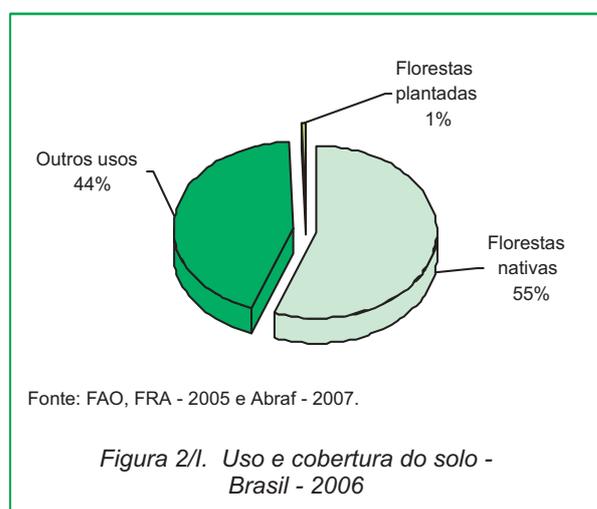
<sup>(2)</sup> Segundo a Bracelpa e a Abimci, os investimentos previstos nos setores de papel e celulose e de processamento mecânico da madeira até 2014 somam mais de 18 bilhões de dólares.

A alta produtividade das florestas plantadas no Brasil associada aos baixos custos operacionais, alta qualidade e homogeneidade das matérias-primas produzidas, constituem a chave do sucesso da indústria de base florestal no Brasil. O País tem potencial de duplicar a área plantada com florestas até 2020 e manter sua competitividade e liderança no comércio mundial de celulose.

## Produção e consumo de matéria-prima florestal

*Os plantios de pinus e de eucalipto no Brasil em 2006 ultrapassaram os 600 mil hectares e os ganhos de produtividade avançam em passos largos*

As florestas nativas cobrem 55% do território brasileiro; apenas 1% do total é ocupado com florestas plantadas (Figura 2). Mesmo assim, a silvicultura fornece toda madeira transformada em celulose, papel e painéis reconstituídos no Brasil e a maior parte da matéria-prima para a indústria de compensados, portas, molduras e outros produtos de maior valor agregado. Em 2006, a área plantada com pinus e eucalipto no Brasil somava 5,4 milhões de hectares plantados (Tabela 8). Os cinco estados com as maiores áreas cultivadas (MG, SP, PR, SC e BA) detém quase 80% da área plantada com florestas comerciais no Brasil (Abraf, 2006). A eucaliptocultura é responsável por 62% dos plantios comerciais de florestas (Figura 3).



Em 2006, segundo levantamentos do Serviço Florestal Brasileiro, entre reformas e novas áreas, foram plantados 627 mil hectares de florestas comerciais no País, a maior parte com eucalipto. Em 2007, as estimativas são de que o plantio de florestas comerciais no Brasil ultrapasse o montante de 2006. Para 2020, estima-se que o montante de área plantada com espécies florestais comerciais alcance 10 milhões de hectares. A maior parte do incremento deverá ser de plantações de eucalipto para abastecer o setor de celulose e papel e para a produção de energia, inclusive carvão.

Tabela 8/1. Área plantada com pinus e eucalipto por estado e área total dos plantios existentes - Brasil - 2006

Estado	Área plantada(ha)			
	Pínus	Eucalipto	Total	Plantios em 2006
Minas Gerais	152.000	1.083.744	1.235.744	145.000
São Paulo	146.474	816.880	963.354	98.000
Paraná	686.453	121.908	808.361	40.000
Santa Catarina	530.992	70.341	601.333	45.000
Bahia	54.820	540.172	594.992	81.000
Rio Grande do Sul	181.378	184.245	365.623	90.000
Espírito Santo	4.408	207.800	212.208	30.000
Mato Grosso do Sul	28.500	119.319	147.819	33.000
Pará	149	115.806	115.955	13.000
Amapá	20.490	58.473	78.963	10.000
Goiás	14.409	49.637	64.045	5.000
Maranhão	0	93.285	93.285	11.000
Mato Grosso	7	46.146	46.153	10.000
Demais estados	4.189	41.392	45.582	16.000
<b>Brasil</b>	<b>1.824.269</b>	<b>3.549.148</b>	<b>5.373.417</b>	<b>627.000</b>

Fonte: Abraf, 2007 – Anuário Estatístico da Abraf – 2007, ano base 2006 e MMA, Serviço Florestal Brasileiro.

Nos últimos anos, vem mudando bastante o perfil produtivo da silvicultura no Brasil. Depois de décadas de concentração dos plantios em grandes e médias empresas verticalizadas, que produziam e consumiam toda a matéria-prima florestal, vem crescendo bastante a participação dos pequenos e médios produtores rurais e de outros plantadores independentes no cultivo de florestas comerciais. Estima-se que em 2006, 25% dos plantios de eucalipto e pínus tenham sido realizados pelos produtores rurais. Há cinco anos atrás esta participação não chegava a 8%.

Diversas forças vêm atuando para que cada vez mais o plantio de florestas comerciais no Brasil seja uma atividade de um grande e diversificado número de produtores rurais, agricultores e investidores individuais. A rentabilidade auferida nos plantios florestais, os programas de fomento florestal das grandes empresas (especialmente as de papel e celulose) e os programas federais de financiamento florestal (Pronaf Florestal e Propflora) vêm atraindo um grande número de empreendedores para esta atividade. O Pronaf Florestal e o Propflora aplicaram, juntos, mais de 60 milhões de reais no financiamento de projetos florestais no Brasil em 2006 (70% nos estados do RS, PR e MG – Tabela 9).

A perspectiva de médio prazo é de que pelo menos 30% da matéria-prima florestal será produzida por silvicultores não industriais. Isto implica numa redução da concentração de terras, ampliação do número de produtores e surgimento de novas redes de empreendedores e de agregação de valores na cadeia florestal.

A produção de madeira proveniente de florestas plantadas para transformação industrial no Brasil foi estimada em 100,6 milhões de m<sup>3</sup> em 2005, um crescimento de 15,0% em

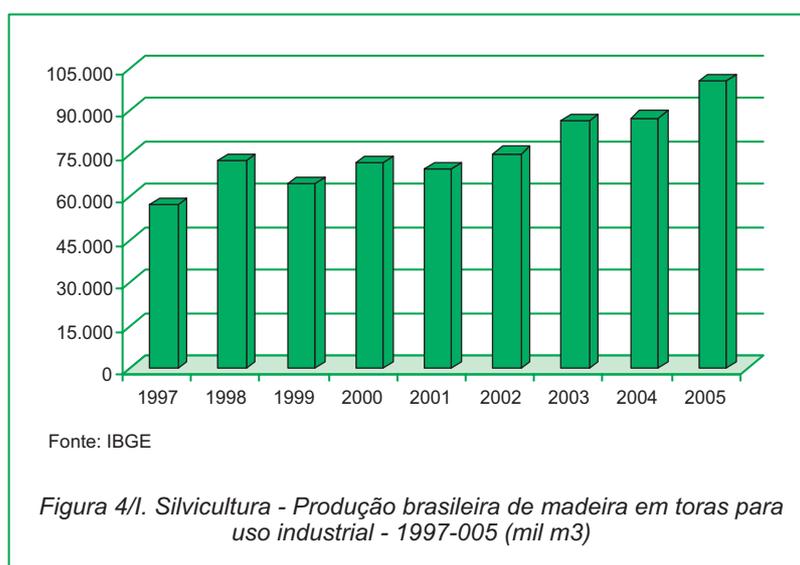
relação a 2004 (Figura 4). Mais da metade desta produção se destina à fabricação de celulose, papel e painéis reconstituídos, um volume de 54,7 milhões de m<sup>3</sup> em 2005, 18% superior ao de 2004 (Tabela 10). São Paulo é o maior produtor nacional, com quase uma terça parte do total produzido, seguido pelos estados da Bahia, do Paraná, de Santa Catarina, e do Espírito Santo (Figura 5).

Tabela 9/I. Valor financiado pelos programas Pronaf Florestal e Propflora - Brasil - 2006

(R\$ 1.000)

Estado	Pronaf		Propflora		Total	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Bahia	1.069	7	113	0	1.182	2
Espírito Santo	2.738	17	3.901	9	6.639	11
Goiás	73	0	4	0	77	0
Mato Grosso	46	0	85	0	131	0
Minas Gerais	2.579	16	7.087	16	9.666	16
Paraná	1.449	9	8.920	20	10.369	17
Rio Grande do Sul	4.358	27	17.613	40	21.971	36
Santa Catarina	2.415	15	4.136	9	6.551	11
São Paulo	1.176	7	2.134	5	3.310	5
Demais estados	481	3	143	0	624	1
<b>Brasil</b>	<b>16.384</b>	<b>100</b>	<b>44.136</b>	<b>100</b>	<b>60.519</b>	<b>100</b>

Fonte: Abraf, 2007 – Anuário Estatístico da Abraf – 2007.



As empresas de papel e celulose são detentoras de 1,7 milhão de hectares plantados, dos quais 75% com eucalipto (Bracelpa, 2006), As toras de eucalipto constituem 86% da matéria-prima utilizada para celulose e papel (o restante é de pinus). A Abraf estima para 2006 um consumo de 46,7 milhões de m<sup>3</sup> de madeira fina em toras pelo setor de papel e celulose e que mais 7,2 milhões de m<sup>3</sup> de madeira bruta tenham sido processados pelo setor de painéis reconstituídos (Tabela 11).

Tabela 10/I. Produção das principais matérias-primas de origem florestal - Brasil - 2002-05

Produto	Medida	2002	2003	2004	2005
<b>Extração vegetal</b>					
Carvão vegetal	mil t	1.955	2.227	2.186	2.972
Erva-mate	t	229.701	220.189	246.837	238.869
Lenha	mil m <sup>3</sup>	49.503	47.232	47.168	45.422
Madeira em tora	mil m <sup>3</sup>	21.375	20.663	19.103	17.372
Palmito <sup>(1)</sup>	t	14.529	13.704	12.124	7.863
Pinhão	t	4.403	4.396	4.518	4.609
<b>Silvicultura</b>					
Carvão vegetal	mil t	2.000	2.155	2.158	2.526
Erva-mate	t	513.526	501.702	403.281	429.730
Lenha	mil m <sup>3</sup>	46.410	33.827	34.005	35.542
Madeira p/papel e celulose	mil m <sup>3</sup>	43.352	49.532	46.285	54.699
Madeira p/outras finalidades	mil m <sup>3</sup>	31.714	36.829	41.230	45.916
Palmito <sup>(2)</sup>	t	41.119	37.672	37.432	43.967

<sup>(1)</sup> Inclui Palmito Juçara, Açai e Pupunha.

<sup>(2)</sup> Inclui Palmito Juçara, Palmeira Real, Açai e Pupunha.

Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura.

Disponível em < [http:// www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) Sistema Sidra: acesso em maio 2007.

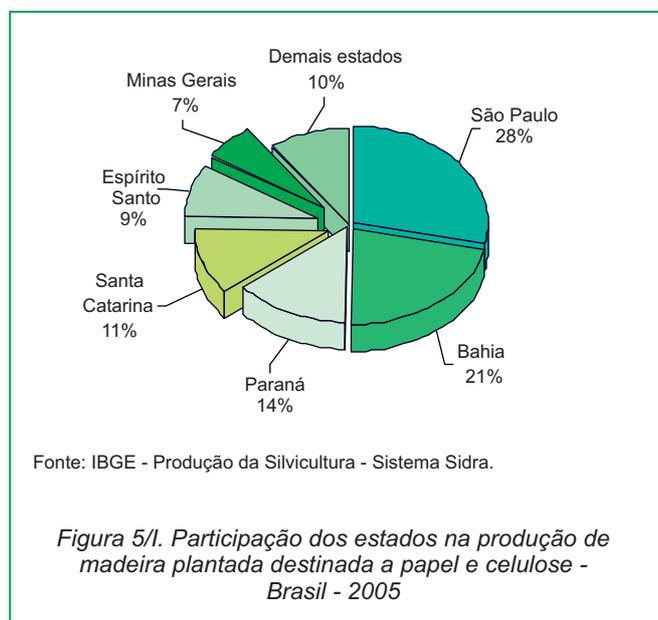


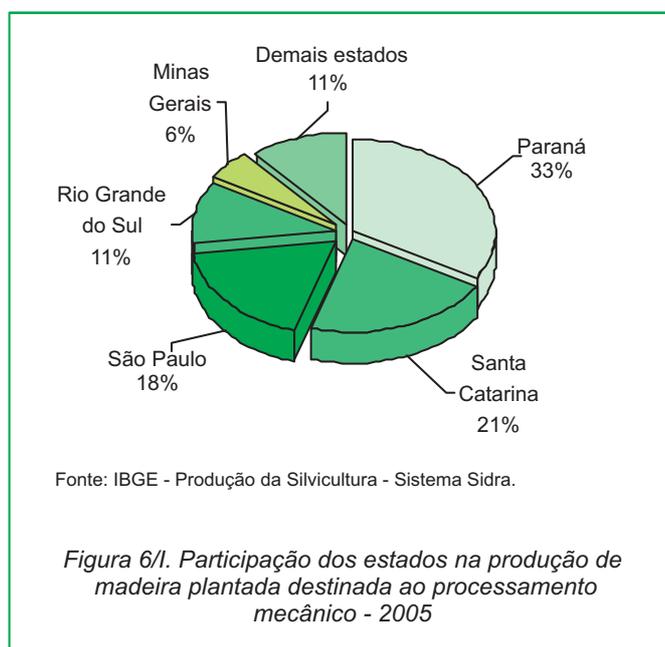
Tabela 11/I. Consumo de madeiras em toras para uso industrial por espécie, segundo os principais segmentos industriais - Brasil - 2005-06

(1.000 m<sup>3</sup>)

Segmento industrial	Pínus		Eucalipto		Total	
	2005	2006	2005	2006	2005	2006
Painéis reconstituídos	5.275	5.509	1.795	1.718	7.070	7.226
Compensado	6.950	7.228	150	178	7.100	7.406
Serrados	25.647	26.545	3.118	3.336	28.765	29.881
Celulose e papel	7.139	7.185	38.893	39.576	46.032	46.761
Carvão	0	0	31.934	34.537	31.934	34.537
Outros	6.358	6.470	23.537	23.988	29.895	30.458
<b>Brasil</b>	<b>51.369</b>	<b>52.937</b>	<b>99.427</b>	<b>103.332</b>	<b>150.796</b>	<b>156.269</b>

Fonte: Abraf - Anuário Estatístico da Abraf - 2007.

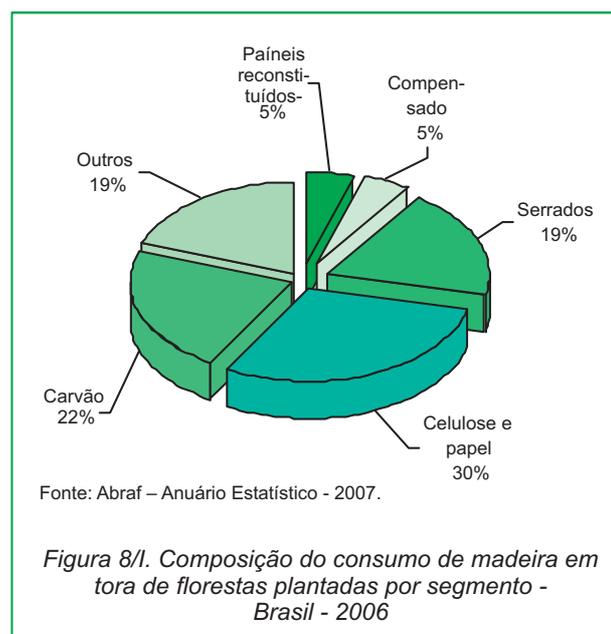
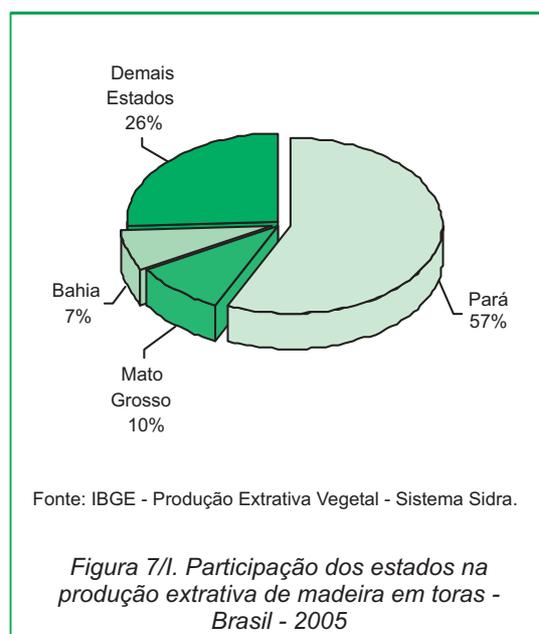
De 2004 para 2005, a produção de madeira de florestas plantadas destinadas para serra-ria ou laminação aumentou 11%, atingindo 45,9 milhões de m<sup>3</sup>, dos quais quase 90% for-mados por toras de pínus. Os estados do Paraná, de Santa Catarina e de São Paulo, com pouco mais de 33 milhões de m<sup>3</sup>, foram responsáveis por 73% da produção nacional de madeira plantada e destinada ao processamento mecânico em 2005 (Figura 6).



As florestas nativas responderam, em 2005, por 56% da produção nacional de lenha, 54% da produção de carvão vegetal<sup>3</sup>, 36% da produção de erva-mate e 27% da produção de madeira para processamento mecânico (tabela 10). A extração de madeira nativa vem se reduzindo gradativamente, sendo o estado do Pará o maior produtor, com 57% do total (Figura 7).

<sup>(3)</sup> A lenha e o carvão vegetal participam com quase 13% da matriz energética brasileira.

Dos cerca de 156 milhões de m<sup>3</sup> de madeira bruta consumida pela indústria brasileira em 2006, os maiores consumidores foram os segmentos de papel e celulose e de serrados, com 30% e 19% do volume total, respectivamente (Figura 8).



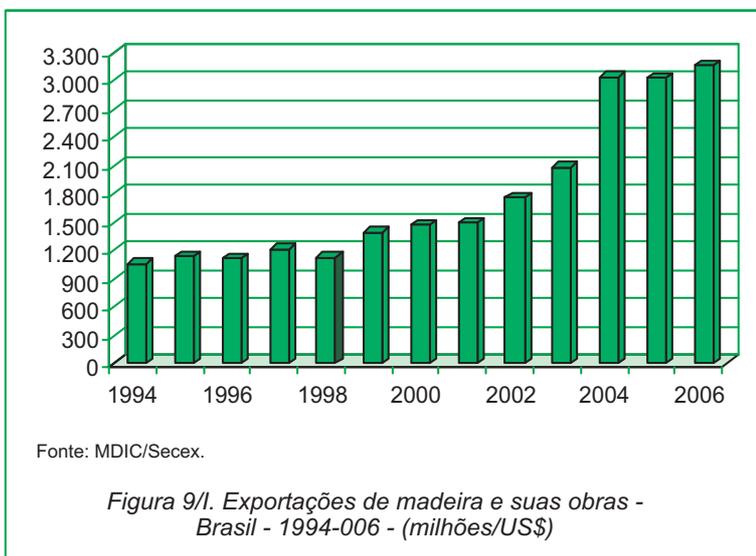
## Desempenho da indústria de processamento mecânico da madeira

*A desvalorização do dólar e a escassez de madeira bruta (toras) devem manter as exportações em 2007 em níveis similares aos de 2006*

Para a fabricação dos produtos de madeira sólida são consumidos anualmente no Brasil quase 70 milhões de m<sup>3</sup> de toras (70% provenientes de florestas plantadas de pinus e eucalipto). Segundo a Associação Brasileira da Indústria da Madeira Processada Mecanicamente (Abimci), existem em operação no Brasil cerca de 10 mil indústrias de serrados, pouco mais de 200 empresas produtoras de compensados e aproximadamente duas mil indústrias de remanufatura de madeira.

Este segmento fatura anualmente cerca de 12 bilhões de dólares americanos e é responsável por quase a metade da arrecadação de impostos e por 25% dos empregos gerados pelo setor de base florestal no Brasil. São 2,1 milhões de empregos gerados e 2,2 bilhões de dólares arrecadados anualmente em impostos. Seu faturamento diminuiu nos últimos dois anos, com redução de postos de trabalho, devido ao fraco desempenho das vendas no mercado interno e o real valorizado no câmbio que prejudicou as exportações.

As exportações brasileiras de madeira e suas obras<sup>4</sup> (exceto móveis) foram de 3,2 bilhões de dólares em 2006, 4,3% superior a 2005. Nos últimos dez anos a taxa média de crescimento das exportações brasileiras de madeira foi de 11% aa. (Figura 9). Os estados do Paraná, Santa Catarina e Pará são os maiores exportadores, respondendo, juntos, por 74% do total exportado com madeiras em 2006. Para 2008 estima-se que as exportações brasileiras de madeira possam apresentar um leve crescimento. A valorização do real, a crise na construção civil americana e o aumento dos custos da madeira bruta apontam dificuldades ao setor madeireiro que depende das exportações.



A indústria brasileira de compensados é composta por mais de 200 fábricas, com capacidade instalada de cerca de quatro milhões de m<sup>3</sup> por ano. A produção de compensados teve um forte crescimento a partir de 1999, impulsionada pela demanda externa. Em 2005 foram produzidos 3,7 milhões de m<sup>3</sup> de chapas de compensados, um ligeiro decréscimo em relação a 2004 (Tabela 12). Nos últimos dez anos vem crescendo bastante a produção de compensados de pinus, vindo a representar 70% do total produzido em 2005.

Tabela 12/I. Produção e destino dos compensados - Brasil - 1995-005

Ano	(mil m <sup>3</sup> )		
	Produção	Consumo	Exportação
1995	1.600	852	748
1996	1.670	1.012	658
1997	1.650	1.000	650
1998	1.600	980	620
1999	2.200	1.020	1.300
2000	2.470	1.000	1.400
2001	2.514	1.024	1.490
2002	2.600	791	1.809
2003	3.230	927	2.387
2004	3.810	919	3.001
2005	3.735	1.071	2.777

Fonte: Abimci, STCP, SBS.

O consumo interno de compensados apresenta tendência de redução devido à substituição do produto pelo aglomerado, MDF, OSB e outras chapas de madeira reconstituída. Os principais segmentos consumidores são a indústria do mobiliário e a construção civil, atingindo, juntos, quase 80% do consumo nacional.

As exportações sustentam o crescimento da indústria brasileira de compensados, absorvendo mais de 70% do volume produzido. Em 2005, foram exportados 2,7 milhões de m<sup>3</sup> do produto, uma redução de 7,5% em relação a 2004. Em 2006, segundo a Abimci, o

<sup>(4)</sup> Inclui madeira processada mecanicamente e painéis da madeira reconstituída.

volume exportado foi 21% inferior ao de 2005 e para 2007 é esperada nova redução nas exportações brasileiras de compensados.

A madeira serrada é o produto da transformação primária da madeira e é o insumo básico para a produção de outros produtos da madeira de maior valor agregado. Estima-se a existência de mais de 10.000 serrarias em operação no País, a maioria de pequeno porte. Nos últimos anos tem diminuído o número de serrarias e aumentado a escala média de operação, com investimentos em modernização do processo fabril.

A produção de serrados em 2005 foi de 23,6 milhões de m<sup>3</sup>, ligeiramente superior à de 2004 (Tabela 13). O mercado interno consome cerca de 86% da produção nacional de madeira serrada. A produção de madeira proveniente de florestas plantadas (principalmente de pinus) vem crescendo sistematicamente e já contribui com quase 40% da produção total.

Há uma tendência de crescimento das empresas brasileiras que buscam reprocessar a madeira serrada (remanufatura) com vistas à agregação de valor. Com isso, crescem de forma sistemática a produção, o consumo e as exportações dos chamados produtos de maior valor agregado (PMVA). Os EGP (*edge glued panel* – painel colado lateral), usados na indústria moveleira, são formados a partir de madeira serrada e colada lateralmente. Sua produção se destina majoritariamente ao mercado interno, que tem apresentado bom crescimento nos últimos anos. As exportações têm capturado parcelas cada vez maiores da produção, tendo absorvido 27% dos 481 mil m<sup>3</sup> produzidos em 2005 (tabela 14).

Merece destaque o grande crescimento da produção de molduras (18,5% aa. no período 2000 a 2005), impulsionado por

Tabela 13//. Produção e destino da madeira serrada – Brasil – 1995-005

(mil m <sup>3</sup> )				
Ano	Produção	Consumo	Exportação	Importação
1995	17.180	16.592	1.295	707
1996	17.700	16.944	1.259	503
1997	18.500	17.400	1.446	346
1998	18.200	17.110	1.327	245
1999	18.900	17.700	1.741	146
2000	23.100	20.300	1.800	159
2001	23.800	21.715	2.235	150
2002	24.910	22.200	2.820	110
2003	23.290	19.987	3.315	150
2004	23.480	20.099	3.657	130
2005	23.607	20.388	3.444	225

Fonte: Abimci, STCP.

Tabela 14//. Produção e destino de produtos de maior valor agregado (pmva) – Brasil – 2000-05

Ano	Produto	Produção	Consumo	Exportação
2000	Pisos(mil m <sup>2</sup> )	15.096	6.832	...
2001		16.668	7.837	...
2002		19.515	9.283	...
2003		21.878	10.754	...
2004		26.302	12.917	...
2005 <sup>(1)</sup>		30.470	15.546	...
2000	EGP(m <sup>3</sup> )	280.000	237.000	43.000
2001		300.000	258.000	43.000
2002		315.000	262.000	63.000
2003		360.000	285.000	95.000
2004		450.000	306.000	144.000
2005 <sup>(1)</sup>		481.000	349.000	132.000
2000	Molduras(m <sup>3</sup> )	300.000	...	300.000
2001		438.000	...	438.000
2002		490.000	...	490.000
2003		600.000	...	600.000
2004		680.000	65.000	615.000
2005 <sup>(1)</sup>		700.000	110.000	590.000
2000	Portas(mil unidades)	4.800	...	...
2001		6.000	...	...
2002		6.300	...	...
2003		6.750	...	...
2004		6.900	...	...
2005 <sup>(1)</sup>		7.450	...	...

<sup>(1)</sup>Estimativas baseadas no Estudo Setorial 2004 da Abimci.  
Fonte: Abimci, STCP.

um correspondente aumento das exportações, que absorvem mais de 80% do volume produzido, tendo os EUA como principal destino. As molduras são perfis obtidos a partir do reprocessamento da madeira serrada ou de *blocks e blanks*, predominantemente de pínus e são utilizadas principalmente em acabamento na construção civil (rodapé, meia-lua, meia-cana, etc.).

A indústria de portas é formada por cerca de duas mil empresas, a maioria pequenas e médias localizadas nos estados do Paraná e Santa Catarina. É um dos segmentos mais representativos dos PMVA. Estimulada pela demanda de exportação, a produção de portas cresceu bastante nos últimos anos. Em 2005, foram produzidos 7,5 milhões de unidades de portas no Brasil.

Outro segmento importante da indústria de produtos de madeira sólida é o de produção de pisos de madeira maciça ou engenheirada (painéis de MDF, HDF, laminados e aglomerados revestidos com lâminas de madeira ou papel melamínico). A produção e o consumo destes pisos no Brasil apresentou expressivo crescimento a partir de 2000. Em 2005, a produção brasileira foi de mais de 30 milhões de m<sup>2</sup> e mais da metade foi exportada.

### Desempenho da indústria de painéis reconstituídos

#### *Crescimento do mercado interno continua estimulando a expansão da capacidade instalada*

A indústria brasileira de painéis de madeira reconstituída vem apresentando crescimento expressivo nos últimos anos. É formada por poucas e grandes empresas, que somam uma capacidade instalada de 5,4 milhões de m<sup>3</sup> por ano. São seis empresas produtoras de aglomerado, cinco empresas produtoras de MDF e duas empresas produtoras de chapas de fibras duras. Juntas, estas empresas faturam quase cinco bilhões de reais por ano e geram mais de 25.000 empregos ao longo da cadeia produtiva (Abipa, 2007; SBS, 2007). Utilizam matéria-prima de florestas plantadas (pínus e eucalipto) e processam quase oito milhões de m<sup>3</sup> de toras por ano.

A produção de painéis (aglomerado, MDP<sup>5</sup>, MDF, OSB e chapas de fibras duras) expandiu-se a uma taxa média anual de 8,5% no período de 2000 a 2006, atingindo 4,4 milhões de m<sup>3</sup> (Tabela 15). A maior parte da produção é consumida no mercado interno e as exportações suplantam com folga as importações, apesar da tendência nos últimos anos de aumento do volume importado (Tabela 15).

<sup>5</sup>Médium Density Particleboard: nova versão do aglomerado, mais resistente.

*Tabela 15/I. Produção e destino dos painéis de madeira reconstituída –  
Brasil – 2000-06*

Ano	Capacidade instalada	Produção	Importação	Exportação	(m <sup>3</sup> )
					Consumo
2000	...	2.702.342	25.908	213.669	2.514.581
2001	...	2.976.524	70.146	192.886	2.853.784
2002	...	3.142.986	68.410	384.254	3.211.396
2003	...	3.415.005	192.631	455.380	3.152.256
2004	5.000.000	3.984.512	265.140	428.748	3.820.904
2005	5.100.000	3.939.383	217.711	410.000	3.747.094
2006	5.400.000	4.400.000	270.000	370.000	4.300.000

Fonte: ABIPA, Abimóvel.

A perspectiva de um expressivo aumento na demanda interna de móveis, especialmente no segmento de móveis populares, vem estimulando a expansão da indústria de painéis de madeira. A associação Brasileira da Indústria de Painéis de Madeira (Abipa) prevê investimentos da ordem de 800 milhões de dólares até 2009 na ampliação da capacidade instalada e na modernização tecnológica do setor. A estimativa é de que a capacidade instalada, atualmente de 5,7 milhões de m<sup>3</sup>, aumente em 40% entre 2006 e 2009, devendo ocorrer principalmente nas produções de MDF e MDP. O setor espera faturar mais de 6,0 bilhões de reais em 2009.

## **Desempenho da indústria de móveis de madeira**

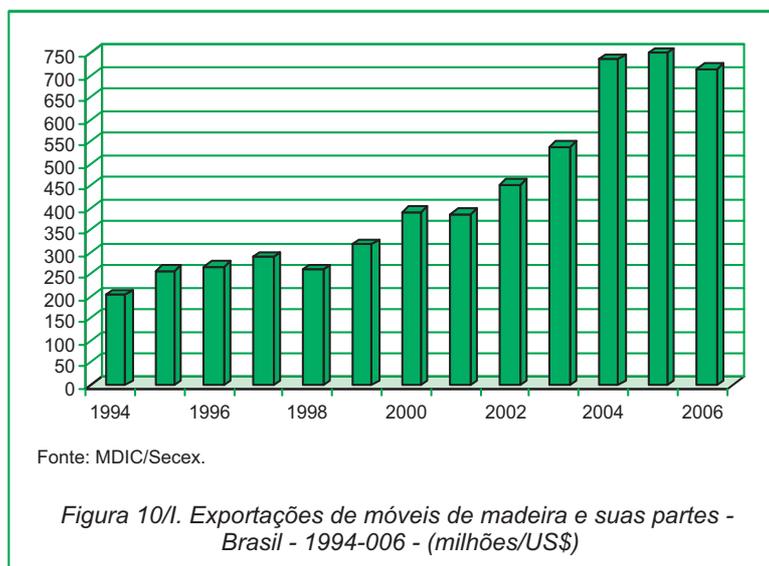
### *Bom crescimento do setor moveleiro em 2006 apesar da redução nas exportações*

A indústria de móveis de madeira no Brasil é formada majoritariamente por micro e pequenas empresas e possui alta capacidade de absorção de mão-de-obra. São mais de 200 mil empregos diretos gerados em 16 mil estabelecimentos produtores de móveis, a maior parte localizada no Sul e no Sudeste do País. O segmento produtor de móveis de madeira é o mais importante, englobando 90% das empresas, 80% da mão-de-obra e 70% do valor da produção de móveis no Brasil (BNDES, 2007).

O setor teve um bom desempenho em 2006. Segundo estimativas da Associação Brasileira das Indústrias de Móveis (Abimóvel), o faturamento da indústria moveleira em 2006 foi de 14 bilhões de reais, um expressivo crescimento de 17% em relação a 2005. Este elevado crescimento foi puxado pelo exuberante desempenho do segmento de móveis populares destinados ao mercado interno, compensando os impactos negativos do segmento exportador de móveis maciços, que teve decréscimo nas vendas.

Nos últimos anos, as exportações brasileiras de móveis de madeira apresentaram um vigoroso crescimento (Figura 10). Após um longo período de forte crescimento, 2006 foi um ano de redução do valor exportado: 6,3% menor do que em 2005, ficando em 714,6 milhões de dólares. As exportações ainda se concentram na Região Sul, responsável por

mais de 90% do valor exportado. Santa Catarina, com quase 50% do total, é o estado brasileiro que mais exporta móveis.

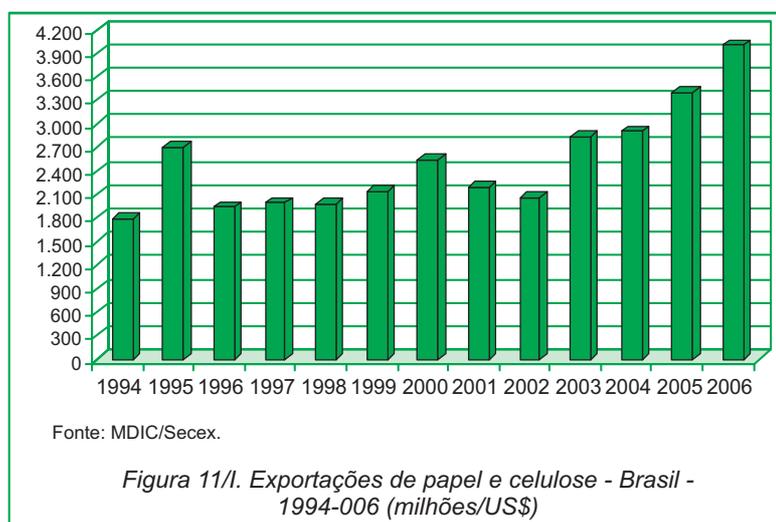


De janeiro a julho de 2007, foram exportados pelo Brasil 413 milhões de dólares em móveis de madeira, um crescimento de 5,3% em relação a igual período do ano anterior. A estimativa para o ano é de que as exportações de móveis recuperem o patamar de 2005, o que implicaria num crescimento de quase 7% em relação a 2006. Persistem as dificuldades nas exportações brasileiras de móveis assim como dos produtos de madeira sólida, pois, além do câmbio ter ficado ainda mais desfavorável ao setor exportador, a crise da construção civil americana faz reduzir os pedidos por parte dos importadores americanos, responsáveis por uma grande parcela dos embarques de móveis brasileiros.

## Desempenho da indústria de celulose e papel

*O Brasil já é um dos importantes atores no mercado internacional de celulose*

A indústria brasileira de papel e celulose é composta por mais de duzentas empresas. Emprega diretamente cerca de 110 mil pessoas, fatura mais de 30 bilhões de reais por ano e gera anualmente mais de 2,2 bilhões de reais em impostos (Bracelpa, 2007). Trata-se de um setor bastante desenvolvido, de capital intensivo e globalizado. Em 2006, o Brasil exportou 4,0 bilhões de dólares em celulose e papel (aumento de 17,7% em relação a 2004), crescimento semelhante ao do ano anterior e novo recorde na história do comércio exterior do setor (Figura 11).



O Brasil já é o sexto produtor mundial de celulose (o primeiro em celulose de fibra curta de mercado<sup>6</sup>) e o décimo primeiro na produção de papel. Toda a produção de papel e celulose provém de florestas plantadas de pínus e eucalipto, a maior parte de propriedade das próprias empresas (mais de 1,7 milhão de hectares). O eucalipto é matéria-prima para 70% da produção total do setor e o pínus, para os 30% restantes.

Em 2006, foram produzidos no Brasil 11,1 milhões de toneladas de celulose de mercado, 7,6% a mais que em 2005 (Tabela 16). Do total produzido, mais de 80% é de celulose de fibra curta, que utiliza o eucalipto como matéria-prima, praticamente o único tipo exportado pelo Brasil. O País é o maior produtor e exportador mundial deste tipo de celulose. A Bracelpa projetava no início deste ano fechar 2007 com um aumento de 5,5% na produção e de 8,6% nas exportações de celulose, ante os resultados de 2006.

Tabela 16/I. Produção brasileira de papel e celulose – 2004-06

		(1.000 t)			
Produto	Discriminação	2004	2005	2006	Variação(%) 2006/2005
Papel	Produção	8.452	8.597	8.744	1,7
	Importação	734	770	967	25,6
	Exportação	1.853	2.039	1.990	-2,4
	Consumo aparente	7.333	7.328	7.721	5,4
	Consumo per cápita (kg/hab)	40,00	39,50	41,1	4,1
Celulose	Produção	9.620	10.352	11.139	7,6
	Importação	323	310	348	12,3
	Exportação	4.889	5.441	6.079	11,7
	Consumo aparente	5.054	5.221	5.408	3,6

Fonte: Bracelpa, Informes anuais, 2005 e 2006.

<sup>6</sup> O termo celulose de mercado se refere à celulose produzida para ser vendida, antes de ser transformada em papel pela própria empresa produtora.

Mais da metade da produção nacional de celulose é exportada. Os preços internacionais do produto, em elevação desde o final de 2005, se encontram em patamares elevados. Na Europa, o preço da celulose de fibra longa (de pinus) teve um crescimento bastante expressivo ao longo de 2006. Na última semana de agosto de 2007 foi cotada a US\$ 800.00/t, um crescimento de quase 10% em relação ao início do ano, quando estava cotada a US\$ 730.00/t (Foex: [www.foex.fi](http://www.foex.fi)). A perspectiva para este segundo semestre é de os preços se manterem em patamares elevados, já que o mercado continua aquecido e os níveis dos estoques mundiais do produto estão baixos.

A celulose de fibra curta (de eucalipto), tem apresentado nos últimos dois anos aumentos sistemáticos de preços no mercado internacional, porém com ritmo menor que o da celulose de fibra longa. Em 2006, o preço na Europa subiu mais de 10% de janeiro a julho, atingindo US\$ 650,00/t. Em 2007, o preço CIF na Europa subiu de US\$ 670.00/t no início de janeiro para US\$ 715.66/t na última semana de agosto. A expectativa dos produtores é de que os preços internacionais da *commodity* se mantenham em patamares elevados.

A produção brasileira de papel em 2006 foi de 8,7 milhões de toneladas, um incremento de apenas 1,7% em relação à de 2005. Do total produzido, mais da metade é destinada produção de embalagens e quase um terço é papel de imprimir e escrever. A produção de papéis reciclados em 2006 foi de 3,5 milhões de toneladas, uma taxa de recuperação de 47%. Cerca de 80% das empresas brasileiras produtoras de papel tem pelo menos 50% das matérias-primas oriundas da reciclagem de papel.

As exportações de papel em 2006 foram de 2,0 milhões de toneladas, a maioria de papéis do tipo Kraft. O Brasil é bastante dependente das importações de papel de imprensa para satisfazer seu consumo doméstico. Estimativas da Bracelpa indicam que o consumo aparente de papel em 2006 tenha apresentado um crescimento de 5,4% em relação ao consumo de 2005, um aumento de 4,1% no consumo per cápita (Tabela 16). As maiores taxas de crescimento do consumo interno de papel ocorreram com o papel *couché*, de imprimir e escrever (90% é *off set*) e do tipo *cut size*.

O setor de papel e celulose no Brasil está passando por um longo ciclo de expansão e de reestruturação empresarial e produtiva. O parque fabril vem sendo fortemente ampliado e modernizado e diversas novas plantas industriais estão sendo implantadas. Como resultado está ocorrendo um aumento de porte e escala de produção das empresas, com ganhos de eficiência e especialização produtiva.

Nos últimos dez anos, a ampliação da capacidade produtiva, em especial de celulose, consumiu 12 bilhões de dólares e levou o Brasil à condição de maior produtor mundial de celulose de fibra curta. Isto permitiu ao setor ganhar competitividade internacional e consolidar o Brasil como um importante ator neste mercado.

O setor programou investimentos superiores a 14 bilhões de dólares no período 2003 – 2012. Segunda a Bracelpa, entre 2003 e 2006 os investimentos somaram 3,5 bilhões de dólares e deverão se intensificar a partir de 2007. Os investimentos previstos para os próximos cinco anos deverão ampliar a produção de celulose em pelo menos 3,5 milhões de toneladas/ano e a de papel em 4,3 milhões de toneladas/ano. Estes acréscimos de capacidade produtiva permitirão elevar substancialmente o valor das exportações brasileiras destas *commodities*.

Países do Hemisfério Sul, particularmente o Brasil, estão ganhando cada vez mais espaço nas etapas iniciais da cadeia produtiva do papel, por apresentarem diversas vantagens comparativas e competitivas na produção florestal e na de pastas celulósicas. A disponibilidade de terras e de mão-de-obra mais baratas, de solo e clima altamente favoráveis, de tecnologias florestais e de capacidade técnica avançadas, de indústria de bens de capital e de cluster de base florestal estabelecidos, dão ao País a condição de se tornar, no médio prazo, um dos mais importantes atores do mercado mundial de celulose.

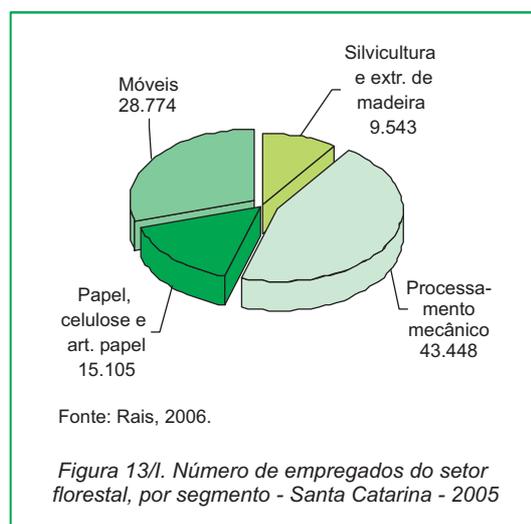
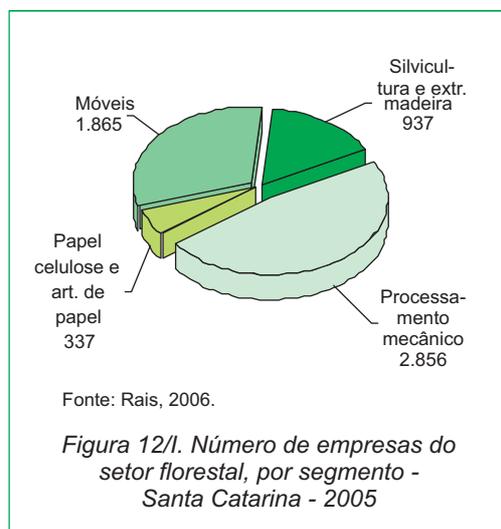
O movimento de fechamento de fábricas de celulose no Hemisfério Norte e a implantação de novas plantas industriais no Hemisfério Sul, por parte das grandes corporações do setor, estão desenhando um cenário de “desconstrução” produtiva; ou seja, um verdadeiro movimento de reestruturação territorial da indústria, no sentido de deslocar boa parte de suas bases do Norte para o Sul, a exemplo do que vem ocorrendo com a produção mundial de *commodities* industriais.

A concentração de investimentos na produção adicional de celulose no Brasil e os recentes movimentos de troca de ativos entre grandes grupos do setor que aqui atuam parecem indicar que o País se prepara para focar-se na produção e exportação de celulose, assumindo o papel de um grande *player* no mercado internacional da *commodity*.

## Produção e mercado de produtos florestais em Santa Catarina

### *Câmbio desfavorável provoca forte recuo nas exportações catarinenses de móveis de madeira*

Santa Catarina é um dos estados mais importantes no setor florestal brasileiro. Detêm mais de 11% da área de florestas plantadas do País e é o terceiro maior exportador de produtos florestais (48% dos móveis de madeira, 20% dos produtos de madeira sólida e 13% do papel, em 2006). São seis mil empresas atuando no setor de base florestal do estado (silvicultura, indústria de processamento mecânico da madeira, indústria de móveis de madeira e indústria de celulose e papéis) gerando cerca de 100 mil empregos diretos. Na indústria de produtos sólidos de madeira atuam quase a metade das empresas e são gerados 45% dos empregos de todo o setor florestal catarinense (Figuras 12 e 13).



Na indústria catarinense de base florestal são processados por ano mais de 15 milhões de m<sup>3</sup> de madeira, produção sustentada pelos mais de 600 mil hectares de florestas plantadas existentes no Estado. A indústria de papel e papelão instalada no estado tem mais de dois terços de sua produção destinada ao mercado interno, especialmente para produção de embalagens. A indústria de móveis e de processamento mecânico, por outro lado, é bastante voltada à exportação, destinando cerca de 75% da produção ao mercado externo.

Em 2006, o valor das exportações de produtos florestais de Santa Catarina foi de 1,2 bilhão de dólares, 3,2% superior ao de 2005. A valorização do câmbio ao longo dos dois últimos anos tem dificultado as exportações da indústria florestal catarinense. As exportações de móveis foram as mais afetadas, com redução de quase 17% do valor exportado em 2006, em relação a 2005.

Além do câmbio, o desempenho do setor florestal catarinense é bastante afetado pelo comportamento da indústria americana de construção civil, tendo em vista que grande parcela das exportações catarinenses de madeira sólida e de móveis de madeira se destina àquele mercado. A crise atual do setor da construção civil nos Estados Unidos deverá aumentar as dificuldades de exportação destes segmentos, uma vez que estão sendo duplamente prejudicados: pela taxa de câmbio desfavorável às exportações e pela redução das encomendas americanas.

## Produção catarinense de matérias-primas e de produtos florestais primários

A redução do consumo de madeira pela indústria catarinense de base florestal nos últimos anos não resultou em queda de preços das matérias-primas.

Levantamentos da Abraf contabilizam 601,3 mil hectares de florestas plantadas para fins comerciais em Santa Catarina, sendo quase 90% da área formada por plantios de pínus. As grandes e médias empresas de base florestal detêm mais de 70% das áreas florestadas do estado. Otacílio Costa, Lages, Santa Cecília, Mafra e Caçador são os municípios que possuem mais áreas com florestas plantadas.

A partir de 2000, se intensificaram os plantios empresariais e muitos produtores rurais e profissionais liberais despertaram para a atividade da silvicultura. As linhas de crédito do Florestal, operadas pelo BRDE e pelo Banco do Brasil, e os programas de fomento florestal das grandes empresas de base florestal estão contribuindo para a ampliação da área de florestas comerciais em Santa Catarina. Estimativas da Abraf indicam o plantio de 45 mil hectares de pínus e eucalipto no Estado em 2006 (entre reforma e novas áreas), parte financiada pelos 6,6 milhões de reais aplicados pelos programas Propflora e Pronaf florestal.

Segundo o IBGE, a produção catarinense de madeira em toros para transformação industrial em 2005 foi de 15,8 milhões de m<sup>3</sup>, uma redução de 5,0% em relação a 2004 (Tabela 17). Em 2006 estima-se ter havido uma pequena redução na produção catarinense de madeira para transformação industrial, ocasionada principalmente pela retração da demanda da indústria moveleira. Já a colheita de madeira fina para a produção de papel e celulose deve ter apresentado um expressivo crescimento, algo como 10%.

*Tabela 17/I. Produção dos principais produtos florestais – Santa Catarina – 2002-06*

Produto	Unid. medida	2002	2003	2004	2005	2006 <sup>(1)</sup>
<b>Extração vegetal</b>						
Carvão vegetal	t	9.050	8.665	8.940	8.500	8.100
Erva-mate	t	71.642	68.393	66.078	70.000	65.400
Lenha	mil m <sup>3</sup>	2.023	2.209	2.344	2.200	2.000
Madeira em tora	mil m <sup>3</sup>	93	167	187	200	76
Araucária (toras)	mil m <sup>3</sup>	8	11	8	4	3
Palmito	t	247	193	132	100	92
Pinhão	t	2.285	2.276	2.275	2.250	2.670
<b>Silvicultura</b>						
Carvão vegetal	t	7.146	7.113	6.987	9.050	10.860
Erva-mate	t	45.600	52.474	37.577	37.629	35.748
Lenha	mil m <sup>3</sup>	4.330	4.440	4.387	4.773	5.490
Madeira p/papel e celulose	mil m <sup>3</sup>	6.203	6.110	6.306	6.044	6.648
Madeira p/outras finalidades	mil m <sup>3</sup>	9.110	9.610	10.319	9.732	8.759
Palmito <sup>(2)</sup>	t	1.012	1.569	2.125	3.254	3.905

<sup>(1)</sup>Estimativa Epagri/Cepa/SC.

<sup>(2)</sup>Inclui Juçara e Palmeira Real.

Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br>> Sistema Sidra: acesso em maio 2007.

Nos últimos anos, têm-se observado em Santa Catarina dificuldades de suprimento de toras para a indústria de processamento mecânico, com reflexos nos preços. A escassez de matéria-prima para a produção de produtos de madeira sólida só não se mostrou mais evidente nos últimos anos devido à retração da demanda, reflexo do menor crescimento das exportações.

## Preços dos insumos e das matérias-primas e produtos florestais

*Retração da demanda de alguns segmentos voltados à exportação faz com que o aumento dos preços das toras de pinus e de eucalipto seja menos intenso*

Os preços das mudas florestais apresentaram importante crescimento ao longo de 2006, porém no primeiro semestre de 2007 se mantiveram estáveis e, em alguns casos, estiveram em queda (Tabela 18). Já as terras agrícolas, inclusive as menos nobres utilizadas para reflorestamento, sofreram aumentos de preço bastante expressivos nos últimos anos, em especial em 2007. Para todos os tipos, qualidade e localização das terras, os preços mais do que duplicaram, em termos reais, nos últimos cinco anos. Os campos degradados e as áreas dobradas, geralmente procuradas para plantios florestais, tiveram um aumento real de preço de 20% aa. neste período. O custo da terra é o principal componente dos custos da silvicultura comercial.

Tabela 18/I. Preço médio de insumos e fatores de produção florestal - Santa Catarina - 2002-07

Produto	Unid. medida	2002	2003	2004	2005	2006	2007 <sup>(1)</sup>
Mudas de eucalipto (R\$)	milheiro	95,00	114,17	131,82	152,73	177,50	180,00
Mudas de eucalipto (R\$ de maio/07)	milheiro	142,72	139,11	145,99	160,47	183,35	180,46
Mudas de pinus (R\$)	milheiro	104,17	126,67	138,18	156,36	197,50	200,00
Mudas de pinus (R\$ de maio/07)	milheiro	156,26	154,36	153,19	164,27	203,98	200,51
Mudas de erva-mate (R\$)	milheiro	172,50	216,67	270,91	286,36	275,00	285,00
Mudas de erva-mate (R\$ de maio/07)	milheiro	258,83	263,92	300,06	300,82	284,01	285,74
Formicida granulado mirex-s (R\$)	500 g	4,06	4,08	4,19	4,11	4,09	4,10
Formicida granulado mirex-s (R\$ de maio/07)	500 g	6,11	4,97	4,64	4,32	4,22	4,11
Mudas de Palmeira Real (R\$)	milheiro	173,33	181,67	170,00	180,91	277,50	255,00
Mudas de Palmeira Real (R\$ de maio/07)	milheiro	259,79	221,57	188,57	190,06	285,71	255,59
Mudas de palmito (R\$)	milheiro	179,17	196,67	184,55	190,00	280,00	255,00
Mudas de palmito (R\$ de maio/07)	milheiro	268,21	239,78	204,77	199,61	288,31	255,59
Terra de campo/reflorest. (R\$)	hectare	1.025,31	1.392,64	2.075,97	2.476,27	2.574,68	3.846,08
Terra de campo/reflorest. (R\$ de maio/07)	hectare	1.540,73	1.696,53	2.302,33	2.589,41	2.659,87	3.855,49
Terra de segunda (R\$)	hectare	2.055,65	2.925,85	4.545,02	5.105,50	5.291,69	6.570,12
Terra de segunda (R\$ de maio/07)	hectare	3.090,28	3.562,05	5.029,84	5.337,97	5.467,15	6.586,74
Terra de primeira (R\$)	hectare	3.693,66	5.330,40	8.473,73	9.340,65	10.179,63	14.367,77
Terra de primeira (R\$ de maio/07)	hectare	5.554,63	6.490,50	9.378,55	9.767,71	10.514,72	14.404,25

<sup>(1)</sup>Média de janeiro a maio.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços dos produtos primários e das matérias-primas florestais em Santa Catarina mostraram crescimento ao longo de 2006 e do primeiro semestre de 2007 (Tabela 19). A erva-mate, que teve seu valor reduzido em 2003 e 2004, apresentou um forte movimento de recuperação de preços nos últimos dois anos.

Os preços das escoras de madeira e da madeira roliça de eucalipto usada para estruturas na construção civil apresentaram uma ligeira melhoria em 2005 em relação a 2004, mas voltaram a declinar ao longo de 2006 e primeiro semestre de 2007.

O carvão vegetal e a lenha de eucalipto mostraram um movimento continuado de crescimento real de preço ao longo de 2005, 2006 e da primeira metade de 2007, tendência que poderá se manter no segundo semestre.

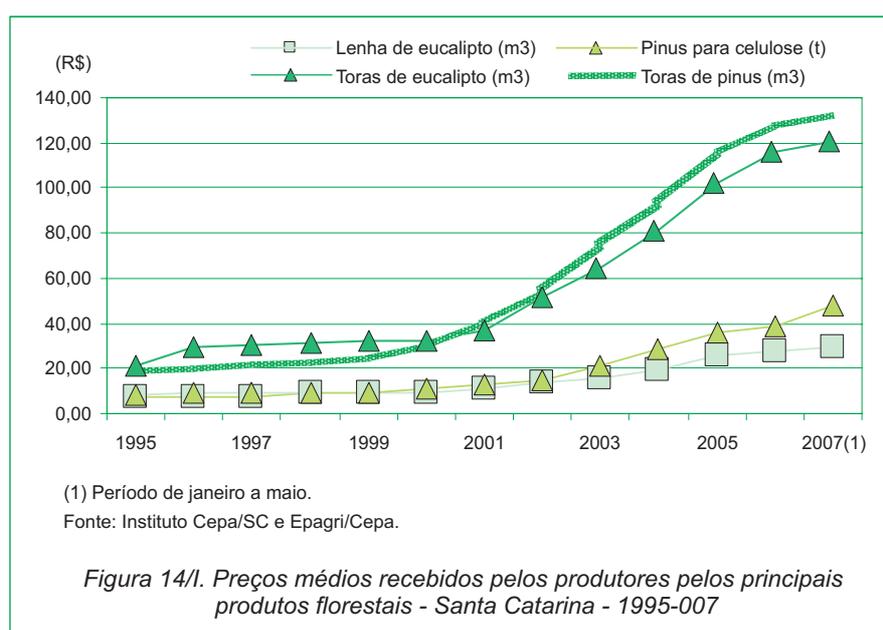
Tabela 19/I. Preço médio dos principais produtos florestais - Santa Catarina - 2002-07

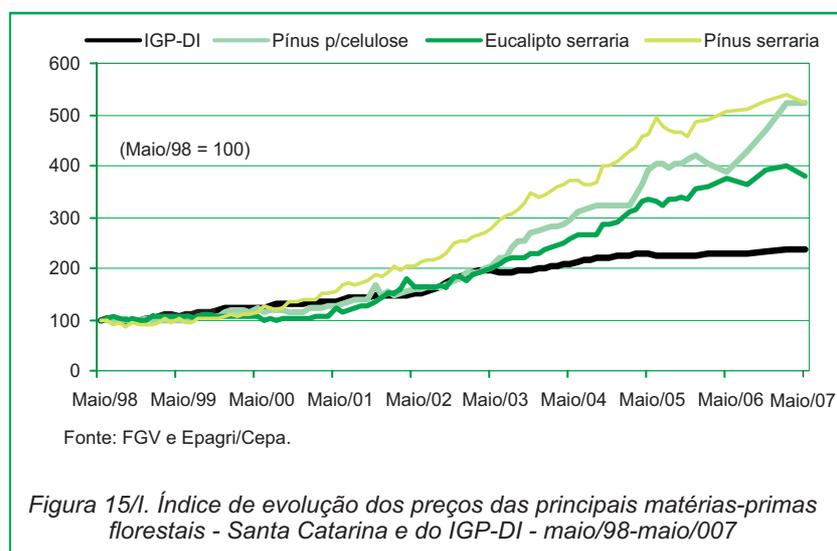
Produto	Unid. medida	2002	2003	2004	2005	2006	2007 <sup>(1)</sup>
Carvão vegetal (R\$)	m <sup>3</sup>	25,11	28,57	36,50	42,59	46,38	48,25
Carvão vegetal (R\$ de maio/07)	m <sup>3</sup>	37,77	34,80	40,62	44,74	47,91	48,37
Erva-mate nativa (R\$)	arroba	3,45	3,57	3,38	3,87	5,03	5,50
Erva-mate nativa (R\$ de maio/07)	arroba	5,17	4,35	3,77	4,06	5,19	5,51
Erva-mate cultivada (R\$)	arroba	2,43	2,47	2,19	2,47	2,93	3,62
Erva-mate cultivada (R\$ de maio/07)	arroba	3,65	3,01	2,42	2,59	3,02	3,63
Lenha de eucalipto (R\$)	m <sup>3</sup>	13,42	15,45	18,98	25,83	27,89	29,13
Lenha de eucalipto (R\$ de maio/07)	m <sup>3</sup>	20,15	18,82	21,12	27,14	28,80	29,20
Lenha de mata nativa (R\$)	m <sup>3</sup>	9,44	11,88	14,20	17,80	20,48	20,50
Lenha de mata nativa (R\$ de maio/07)	m <sup>3</sup>	14,15	14,47	15,82	18,70	21,15	20,55
Pínus para celulose (R\$)	t	14,95	20,95	28,24	35,89	39,08	48,33
Pínus para celulose (R\$ de maio/07)	t	22,42	25,50	31,43	37,70	40,34	48,45
Madeira roliça p/ construção (R\$)	m	1,12	1,23	1,42	1,65	1,55	1,52
Madeira roliça p/ const (R\$ de maio/07)	m	1,68	1,49	1,59	1,73	1,60	1,52
Escora de madeira (R\$)	unid.	2,46	2,44	2,46	2,68	2,55	2,50
Escora de madeira (R\$ de maio/07)	unid.	3,71	2,97	2,74	2,81	2,64	2,51
Madeira em toras de eucalipto (R\$)	m <sup>3</sup>	51,36	64,58	81,33	102,62	115,65	120,29
Madeira em toras de eucalipto (R\$ de maio/07)	m <sup>3</sup>	77,04	78,65	90,51	107,81	119,44	120,60
Madeira em toras de pinus (R\$)	m <sup>3</sup>	54,09	74,32	93,29	116,33	127,57	132,79
Madeira em toras de pinus (R\$ de maio/07)	m <sup>3</sup>	80,94	90,50	103,89	122,21	131,76	133,13

<sup>(1)</sup>Média de janeiro a maio.

Fonte: Epagri/Cepa.

As toras de madeira (de pínus e de eucalipto) para processamento industrial apresentaram aumentos bastante expressivos de preço em 2006, apesar da redução nos níveis de exportação do segmento moveleiro, importante demandante da matéria-prima (Tabela 19). De 1998 a 2007, o preço médio das toras de pínus e de eucalipto tiveram um crescimento bem superior à média dos preços da economia brasileira (Figuras 14 e 15). O maior crescimento foi apresentado pela madeira de pínus (tanto para celulose quanto para serraria), cujos preços subiram 520% no período, mais de duas vezes o índice geral de preços da FGV (IGP-DI).





No segundo semestre de 2005, os preços das toras para serraria de pinus e de eucalipto tiveram uma ligeira queda, mas retomaram a tendência altista ao longo de 2006 e início de 2007. Nos últimos meses foram observadas quedas de preços destas matérias-primas, o que pode estar indicando uma reversão de tendência histórica.

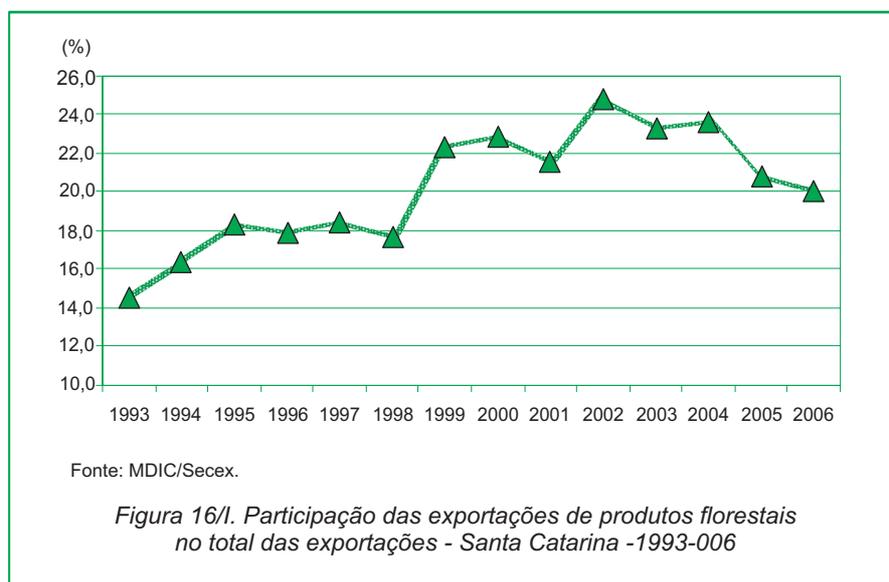
O movimento continuado de subida de preço da madeira utilizada pela indústria de base florestal na última década reflete a relativa escassez de oferta da matéria-prima, devido a pouca elasticidade da oferta, no curto e médio prazo, característica do setor. O desequilíbrio entre a produção e a demanda de madeira em toros em Santa Catarina poderá se manter nos próximos anos, mantendo os preços em patamares elevados.

Se se mantiverem as dificuldades de exportação em alguns segmentos de base florestal, como vem ocorrendo com a indústria de móveis de madeira, a escassez de madeira grossa será menos sentida, muito embora os preços das toras deverão permanecer altos no curto prazo, já que há pouco estoque nas florestas.

## Exportações Catarinenses de Produtos Florestais

*Taxa de câmbio desfavorável resultou em forte redução nas exportações catarinenses de móveis*

As exportações da indústria catarinense de base florestal em 2006 apresentaram um crescimento de 3,2% em relação a 2005, bem inferior aos 7,1% de crescimento das exportações totais do Estado no período. Em 2006, foi exportado pelo setor 1,20 bilhão de dólares, uma participação de 20% no total exportado pelo Estado (Figura 16).



As exportações de madeiras e suas obras (capítulo 44 do código NBM – Nomenclatura Brasileira de Mercadorias) foram 14% superiores em 2006 em relação ao ano anterior. As exportações de madeira perfilada, de molduras e de painéis de madeira reconstituída apresentaram um crescimento bastante significativo em 2006 (64%, 35% e 28%, respectivamente) (Tabela 20).

Nas exportações de papel o melhor desempenho em 2006 foi apresentado no segmento de embalagens (+33%) e de papel e cartão Kraft (+24%), enquanto os papéis sanitários tiveram suas exportações fortemente reduzidas (-44%).

O setor de móveis, por outro lado, teve suas exportações reduzidas em 17% em 2006, em relação a 2005. Com exceção dos móveis para cozinhas, todas as demais linhas de móveis sofreram forte redução no valor exportado.

O prolongamento da crise na construção civil americana deverá reduzir as encomendas daquele mercado e provocar mais dificuldades ao setor, até maiores que as registradas pela valorização do câmbio. Contudo, como o setor vem buscando um processo de adaptação a este novo cenário, com a busca de novos mercados, espera-se uma recuperação das exportações de móveis ao longo de 2007.

Tabela 20/I. Exportação de produtos florestais - Santa Catarina - 2000-06

(US\$ 1.000,00/FOB)

Item	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
<b>Erva-mate e derivados</b>	<b>2.638</b>	<b>2.913</b>	<b>1.935</b>	<b>1.304</b>	<b>1.048</b>	<b>1.100</b>	<b>3.487</b>
<b>Madeira e obras de madeira</b>	<b>298.908</b>	<b>321.959</b>	<b>386.719</b>	<b>401.069</b>	<b>569.538</b>	<b>566.358</b>	<b>647.053</b>
Madeira serrada	85.364	100.468	95.092	88.395	100.502	87.470	89.761
Madeira laminada	2.383	1.765	1.185	2.130	1.330	2.190	1.500
Madeira perfilada	31.197	2.627	13.960	20.908	26.909	33.938	55.806
Painéis de madeira reconstituída (MDF e aglom.)	5.789	10.109	11.946	12.970	14.685	14.074	18.090
Painéis de madeira compensada	52.486	51.884	62.463	77.540	124.193	129.918	126.650
Molduras de madeira	3.936	6.330	15.573	16.362	41.309	18.642	25.192
Caixas, engradados e paletes	4.522	2.089	900	516	613	726	1.051
Ferramentas, armações e cabos	12.104	13.403	18.012	19.070	22.348	28.978	32.794
Portas, janelas, assoalhos e outras							
Obras de marcenaria e carpintaria	86.647	86.776	106.064	110.957	176.999	199.671	245.780
Outras madeiras e obras de madeira	13.504	46.508	61.525	52.222	60.650	50.749	50.428
<b>Papel e celulose</b>	<b>104.221</b>	<b>110.827</b>	<b>121.338</b>	<b>137.999</b>	<b>164.157</b>	<b>176.386</b>	<b>200.912</b>
Pasta de celulose e papel sanitário	9.429	12.284	18.034	21.684	27.091	29.772	16.655
Embalagens e pasta "quate"	4.648	5.939	9.033	16.670	21.218	25.437	34.036
Papel e cartão kraft, kraftliner	87.119	90.115	91.432	95.323	111.464	116.627	143.527
Outros papéis	3.025	2.490	2.840	4.093	4.295	4.549	6.684
<b>Móveis de madeira</b>	<b>214.290</b>	<b>216.655</b>	<b>274.170</b>	<b>319.903</b>	<b>409.510</b>	<b>415.314</b>	<b>345.697</b>
Móveis de madeira p/escritório	4.008	2.577	6.638	10.433	16.389	20.115	14.972
Móveis de madeira p/cozinha	7.524	5.454	10.169	14.916	16.352	15.241	22.791
Móveis de madeira p/quartos	82.546	88.307	102.894	127.835	171.849	171.965	139.632
Outros móveis de madeira	108.857	99.832	130.684	142.129	171.796	170.711	137.079
Componentes p/móveis de madeira	11.355	20.486	23.786	24.578	32.375	36.824	30.532
<b>Total produtos florestais</b>	<b>620.057</b>	<b>652.354</b>	<b>784.186</b>	<b>860.275</b>	<b>1.144.253</b>	<b>1.159.158</b>	<b>1.196.798</b>
<b>Total exportações</b>	<b>2.711.703</b>	<b>3.028.399</b>	<b>3.157.065</b>	<b>3.695.786</b>	<b>4.853.506</b>	<b>5.584.125</b>	<b>5.982.112</b>

Fonte: MDIC/Secex.

**Luiz Toresan**

*Tabela 1/II - Área territorial, segundo os municípios  
- Santa Catarina - 2000*

<b>Município</b>	<b>Área territorial (km²)</b>
Abdon Batista	197,6
Abelardo Luz	1.035,9
Agrolândia	191,9
Agronômica	116,5
Água Doce	1.318,9
Águas de Chapecó	138,9
Águas Frias	76,8
Águas Mornas	327,4
Alfredo Wagner	732,3
Alto Bela Vista	104,0
Anchieta	229,5
Angelina	523,6
Anita Garibaldi	605,1
Anitápolis	575,5
Antônio Carlos	242,4
Apiúna	488,3
Araribá	130,9
Araquari	401,8
Araranguá	298,0
Armazém	138,4
Arroio Trinta	112,1
Arvoredo	91,1
Ascurra	118,9
Atalanta	97,9
Aurora	226,1
Balneário Arroio do Silva	93,6
Balneário Camboriú	46,4
Balneário Barra do Sul	110,4
Balneário Gaivota	150,8
Bandeirante	147,0
Barra Bonita	62,3
Barra Velha	142,2
Bela Vista do Toldo	526,8
Belmonte	92,8
Benedito Novo	385,5
Biguaçu	302,4
Blumenau	509,4
Bocaina do Sul	495,6
Bombinhas	37,4
Bom Jardim da Serra	934,0
Bom Jesus	68,4
Bom Jesus do Oeste	67,1
Bom Retiro	1.063,9
Botuverá	317,2
Braço do Norte	193,9

(Continua)

(Continuação)

<b>Município</b>	<b>Área territorial (km²)</b>
Braço do Trombudo	89,8
Brunópolis	336,1
Brusque	280,2
Caçador	998,6
Caibi	177,9
Calmon	633,7
Camboriú	211,6
Capão Alto	1.349,5
Campo Alegre	501,1
Campo Belo do Sul	1.021,8
Campo Erê	457,5
Campos Novos	1.632,0
Canelinha	151,1
Canoinhas	1.141,5
Capinzal	224,5
Capivari de Baixo	46,9
Catanduvas	196,5
Caxambu do Sul	143,3
Celso Ramos	189,6
Cerro Negro	417,4
Chapadão do Lageado	113,7
Chapecó	624,3
Cocal do Sul	78,4
Concórdia	806,3
Cordilheira Alta	84,5
Coronel Freitas	234,4
Coronel Martins	99,7
Corupá	407,2
Correia Pinto	622,7
Criciúma	209,8
Cunha Porã	217,4
Cunhataí	55,2
Curitibanos	952,0
Descanso	285,6
Dionísio Cerqueira	376,4
Dona Emma	146,4
Doutor Pedrinho	374,4
Entre Rios	105,2
Ermo	64,8
Erval Velho	231,4
Faxinal dos Guedes	279,8
Flor do Sertão	65,1
Florianópolis	435,8
Formosa do Sul	95,3
Forquilha	183,7
Fraiburgo	434,8

(Continua)

## Divisão política do território e informações climáticas

(Continuação)

Município	Área territorial (km <sup>2</sup> )
Frei Rogério	156,9
Galvão	131,0
Garopaba	108,1
Garuva	498,7
Gaspar	369,2
Governador Celso Ramos	104,9
Grão Pará	328,6
Gravatal	194,0
Guabiruba	172,9
Guaraciaba	348,0
Guaramirim	242,7
Guarujá do Sul	99,3
Guatambú	205,9
Herval d'Oeste	212,6
Ibiam	147,0
Ibicaré	166,1
Ibirama	268,1
Içara	315,2
Ilhota	244,8
Imaruí	540,8
Imbituba	185,4
Imbuia	123,9
Indaial	429,2
Iomerê	111,6
Ipirá	150,0
Iporã do Oeste	184,0
Ipuaçu	258,6
Ipumirim	239,5
Iraceminha	158,6
Irani	318,3
Irali	78,8
Irineópolis	580,2
Itá	165,8
Itaiópolis	1.240,4
Itajaí	303,1
Itapema	58,6
Itapiranga	285,6
Itapoá	255,6
Ituporanga	335,1
Jaborá	187,7
Jacinto Machado	416,6
Jaguaruna	327,6
Jaraguá do Sul	539,0
Jardinópolis	67,1
Joaçaba	240,2
Joinville	1.079,7
José Boiteux	358,0
Jupia	91,3
Lacerdópolis	69,0
Lages	2.647,4
Laguna	444,5

(Continua)

(Continuação)

Município	Área territorial (km <sup>2</sup> )
Lajeado Grande	66,8
Laurentino	67,8
Lauro Muller	266,7
Lebon Régis	989,0
Leoberto Leal	297,8
Lindóia do Sul	190,0
Lontras	197,2
Luiz Alves	260,3
Luzerna	116,5
Macieira	235,4
Maíra	1.784,8
Major Gercino	278,1
Major Vieira	543,5
Maracajá	70,5
Maravilha	168,7
Marema	99,6
Massaranduba	393,8
Matos Costa	371,1
Meleiro	185,7
Mirim Doce	333,4
Modelo	95,5
Mondaí	215,1
Monte Carlo	166,4
Monte Castelo	565,2
Morro da Fumaça	82,7
Morro Grande	250,8
Navegantes	119,1
Nova Erechim	62,9
Nova Itaberaba	135,5
Nova Trento	398,3
Nova Veneza	290,2
Novo Horizonte	151,1
Orleans	599,8
Otacílio Costa	922,7
Ouro	209,1
Ouro Verde	201,2
Paial	84,8
Painel	763,7
Palhoça	322,2
Palma Sola	313,8
Palmeira	291,8
Palmitos	347,2
Papanduva	775,9
Paraíso	182,7
Passo de Torres	90,4
Passos Maia	588,6
Paulo Lopes	447,1
Pedras Grandes	152,8
Penha	60,3
Peritiba	96,7

(Continua)

## Divisão política do território e informações climáticas

(Continuação)

Município	Área territorial (km <sup>2</sup> )
Petrolândia	251,2
Piçarras	85,6
Pinhalzinho	134,2
Pinheiro Preto	66,6
Piratuba	148,7
Planalto Alegre	61,0
Pomerode	217,5
Ponte Alta	557,8
Ponte Alta do Norte	383,4
Ponte Serrada	568,8
Porto Belo	92,8
Porto União	923,9
Pouso Redondo	363,3
Praia Grande	285,8
Presidente Castelo Branco	70,1
Presidente Getúlio	321,9
Presidente Nereu	224,6
Princesa	88,4
Quilombo	283,2
Rancho Queimado	269,7
Rio das Antas	342,8
Rio do Campo	496,1
Rio do Oeste	244,3
Rio dos Cedros	555,0
Rio do Sul	260,8
Rio Fortuna	285,8
Rio Negrinho	588,1
Rio Rufino	333,1
Riqueza	191,3
Rodeio	133,7
Romelândia	237,3
Salete	167,1
Saltinho	153,3
Salto Veloso	101,8
Sangão	83,1
Santa Cecília	1.173,8
Santa Helena	80,6
Santa Rosa de Lima	184,3
Santa Rosa do Sul	164,2
Santa Terezinha	720,9
Santa Terezinha do Progresso	113,0
Santiago do Sul	74,1
Santo Amaro da Imperatriz	352,4
São Bernardino	210,0
São Bento do Sul	486,9
São Bonifácio	451,8
São Carlos	157,9
São Cristovão do Sul	350,2
São Domingos	384,2
São Francisco do Sul	540,8
São João do Oeste	161,4

(Continua)

(Continuação)

Município	Área territorial (km <sup>2</sup> )
São João Batista	219,6
São João do Itaperiú	151,1
São João do Sul	175,1
São Joaquim	1.885,4
São José	114,7
São José do Cedro	260,7
São José do Cerrito	967,2
São Lourenço do Oeste	360,7
São Ludgero	120,0
São Martinho	235,7
São Miguel da Boa Vista	71,8
São Miguel do Oeste	235,8
São Pedro de Alcântara	140,8
Saudades	199,8
Schroeder	149,2
Seara	315,8
Serra Alta	91,1
Siderópolis	262,6
Sombrio	151,1
Sul Brasil	113,1
Taió	714,0
Tangará	459,1
Tigrinhos	58,0
Tijucas	278,4
Timbé do Sul	333,8
Timbó	129,8
Timbó Grande	548,8
Três Barras	418,4
Treviso	156,3
Treze de Maio	179,7
Treze Tilias	177,5
Trombudo Central	101,5
Tubarão	283,6
Tunápolis	133,6
Turvo	244,0
União do Oeste	88,2
Urubici	1.017,5
Urupema	278,2
Urussanga	237,1
Vargeão	151,1
Vargem	396,2
Vargem Bonita	306,9
Vidal Ramos	343,3
Videira	377,8
Vitor Meireles	423,1
Witmarsum	129,7
Xanxerê	380,8
Xavantina	211,7
Xaxim	293,4
Zortéa	297,4
<b>Santa Catarina</b>	<b>95.286,1</b>

Fonte: IBGE. Censo Demográfico.



## Divisão política do território e informações climáticas

Tabela 2/II. Média das temperaturas mínimas mensais, segundo as estações agrometeorológicas  
- Santa Catarina - 2006

(°C)

Estação agrometeor.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Caçador	25,95	24,46	23,93	20,11	15,65	17,48	17,90	18,53	18,27	22,77	22,52	25,22
Campos Novos	19,48	18,54	17,62	14,03	9,78	11,46	12,25	11,78	11,77	15,76	16,06	18,90
Chapecó	28,33	26,97	25,97	22,95	18,64	20,41	20,89	20,62	20,85	25,79	25,25	28,32
Indaial	22,27	21,97	21,21	16,80	12,70	14,53	14,77	14,51	15,04	18,71	19,69	22,37
Itajai	23,14	22,78	22,30	18,12	14,02	15,95	15,03	14,88	15,05	18,70	19,81	22,41
Ituporanga	29,05	27,42	26,92	23,24	18,64	18,48	19,11	19,61	19,68	23,29	24,32	27,26
Lages	18,60	17,61	17,00	12,46	8,43	9,68	9,58	9,05	9,93	14,14	14,71	18,04
Ponte Serrada	18,10	17,34	16,43	12,01	7,41	10,17	9,89	9,21	10,65	15,47	15,11	18,12
Rio Negrinho	18,80	18,35	18,02	13,97	9,81	11,94	11,03	10,83	11,31	14,59	15,74	18,13
São Joaquim	15,27	14,60	14,24	10,37	6,83	8,64	9,60	8,79	8,27	11,81	11,75	15,14
São José	23,58	22,54	22,67	18,98	15,01	15,94	15,79	14,95	15,41	18,72	19,49	22,67
São Miguel do Oeste	18,84	17,56	16,99	15,70	11,56	14,20	15,00	13,62	12,81	17,53	17,37	20,85
Urussanga	21,60	20,98	20,06	16,09	12,65	13,20	13,81	12,97	13,35	17,13	17,78	21,01
Videira	19,79	19,02	18,00	13,22	9,13	11,73	11,21	11,17	12,36	17,57	17,06	19,98

Fonte: Epagri/Ciram.

Tabela 3/II. Média das temperaturas máximas mensais, segundo as estações agrometeorológicas  
- Santa Catarina - 2006

(°C)

Estação agrometeor.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Caçador	17,91	17,27	16,68	11,92	8,34	10,83	10,00	11,01	11,32	16,33	16,17	18,90
Campos Novos	26,26	24,62	23,75	20,41	15,81	17,65	18,25	18,25	18,28	22,74	22,85	25,78
Chapecó	21,23	19,87	19,18	15,43	11,12	13,61	13,92	13,22	13,57	18,12	18,19	21,02
Indaial	30,57	29,26	28,96	25,52	21,39	21,15	22,31	22,34	21,99	24,86	25,64	28,89
Itajai	29,99	29,39	29,03	25,83	21,82	21,79	22,48	21,77	21,71	23,83	24,94	28,07
Ituporanga	19,75	19,45	18,71	13,65	9,49	11,94	12,18	11,50	12,56	16,17	16,68	19,26
Lages	26,50	24,95	23,98	20,32	15,84	16,67	17,87	17,93	17,34	21,5	22,04	25,20
Ponte Serrada	26,36	24,70	23,8	20,45	15,92	17,85	18,48	18,56	18,88	23,54	23,07	25,75
Rio Negrinho	26,48	25,00	24,79	20,77	16,74	17,78	18,76	19,11	18,42	21,51	22,36	25,20
São Joaquim	22,03	20,97	20,51	16,82	12,26	13,62	15,31	14,93	14,70	18,95	18,15	21,99
São José	28,97	28,25	28,52	25,43	21,41	20,85	21,61	20,71	21,12	23,33	24,2	27,83
São Miguel do Oeste	28,63	27,54	26,17	23,20	18,61	20,72	21,33	20,82	21,21	25,67	24,98	28,59
Urussanga	29,70	28,04	28,26	24,72	19,89	20,60	21,39	21,31	21,84	24,45	24,18	28,75
Videira	27,95	26,09	25,26	20,94	16,39	18,67	18,63	19,22	19,47	24,58	24,06	26,95

Fonte: Epagri/Ciram.

## Divisão política do território e informações climáticas

*Tabela 4/II. Umidade relativa média mensal, segundo as estações agrometeorológicas  
- Santa Catarina - 2006*

Estação agrometeor.	(%)											
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Caçador	70	76	78	74	79	78	75	67	69	71	71	73
Campos Novos	69	72	75	71	78	79	75	66	70	73	69	70
Chapecó	69	72	74	71	73	71	69	61	65	69	68	68
Florianópolis (São José)	76	78	74	75	73	79	80	75	73	77	79	75
Indaial	85	85	87	85	84	89	85	83	82	84	86	86
Itajaí	77	78	78	76	76	81	82	77	76	79	79	79
Ituporanga	74	78	78	78	80	85	85	76	76	83	78	78
Lages	75	76	77	76	80	84	83	74	76	78	75	75
Ponte Serrada	69	73	73	70	76	76	71	67	67	70	68	76
Rio Negrinho	77	80	80	77	78	79	76	70	74	78	80	80
São Joaquim	82	82	82	80	85	84	80	71	74	80	78	76
São Miguel D'Oeste	70	70	76	69	71	70	66	57	62	70	67	68
Urussanga	79	82	80	80	82	82	84	78	75	79	80	76
Videira	68	71	76	76	79	76	77	68	67	68	69	70

Fonte: Epagri/Ciram.

*Tabela 5/II. Precipitação média mensal, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2006*

Estação agrometeor.	(mm)											
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Caçador	126,40	89,00	160,20	31,30	21,90	35,50	49,30	106,50	112,70	116,30	144,20	221,00
Campos Novos	144,30	112,10	214,30	41,60	33,10	93,30	56,50	159,40	150,10	135,10	186,40	213,40
Chapecó	246,90	88,10	151,10	46,70	15,10	114,30	62,80	125,20	156,50	96,20	223,30	236,30
Florianópolis (São José)	175,00	170,80	67,80	68,10	49,20	35,20	41,40	56,90	43,60	95,60	242,60	83,50
Indaial	187,10	62,00	132,60	12,10	38,30	29,80	51,40	77,70	82,80	102,90	147,90	109,30
Itajaí	138,90	192,10	96,90	57,50	28,50	39,90	75,10	68,90	85,50	164,90	255,80	197,70
Ituporanga	219,30	85,20	105,40	29,60	16,90	43,90	34,30	111,50	94,80	94,30	124,80	118,50
Lages	153,70	127,50	145,10	36,30	8,50	59,10	90,20	158,90	98,90	92,80	288,90	116,30
Ponte Serrada	106,00	90,70	195,60	67,30	30,80	70,30	69,50	160,70	139,00	156,60	211,00	180,00
Rio Negrinho	204,70	143,00	158,10	14,80	18,20	35,00	67,00	85,30	148,00	105,60	172,30	85,50
São Joaquim	151,10	54,20	40,30	53,40	58,70	120,90	129,70	197,60	90,10	122,90	232,00	121,90
São Miguel D'Oeste	147,70	146,00	168,90	171,20	17,30	93,90	51,70	139,00	151,10	220,10	259,60	250,00
Urussanga	288,30	110,90	103,80	136,30	102,20	48,70	110,20	130,30	23,80	81,20	325,60	57,80
Videira	99,60	102,40	246,90	54,00	19,60	51,10	66,40	123,30	115,60	147,50	204,60	176,20

Fonte: Epagri/Ciram.

Tabela 6/II. População residente, segundo a situação de domicílios  
- Brasil e Santa Catarina - 2003-05

(1.000 hab.)

Discriminação	2003	2004	2005
<b>Brasil</b>	<b>175.988</b>	<b>182.060</b>	<b>184.389</b>
Rural	27.549	30.936	31.677
Urbana	148.439	151.124	152.711
<b>Santa Catarina</b>	<b>5.700</b>	<b>5.791</b>	<b>5.874</b>
Rural	1.028	1.065	1.034
Urbana	4.673	4.726	4.840

Fonte: IBGE.

Tabela 7/II. População residente total, urbana e rural, por grupo de idade - Santa Catarina - 2003-05

(mil hab.)

Grupo de idade	Total			Urbana			Rural		
	2003	2004	2005	2003	2004	2005	2003	2004	2005
0 a 4 anos	412	403	423	334	332	353	78	70	70
5 a 9 anos	502	497	477	407	411	384	95	86	93
10 a 14 anos	530	539	542	431	427	429	99	112	112
15 a 17 anos	320	328	324	265	264	260	55	64	64
18 a 19 anos	238	210	228	198	168	191	39	42	37
20 a 24 anos	498	517	506	416	437	428	82	81	78
25 a 29 anos	458	459	485	385	388	413	73	71	72
30 a 34 anos	450	469	457	376	387	390	74	82	67
35 a 39 anos	455	449	478	379	378	392	76	71	86
40 a 44 anos	438	453	446	363	365	374	76	87	71
45 a 49 anos	382	390	398	320	322	330	62	68	68
50 a 54 anos	289	305	301	233	247	248	55	58	53
55 a 59 anos	226	246	268	184	189	217	42	57	52
60 a 64 anos	159	184	190	123	148	151	36	36	39
65 a 69 anos	130	143	127	97	111	101	33	32	26
70 anos ou mais	213	199	222	161	150	177	52	49	45
Idade ignorada	1	2	-	1	2	-	-	1	-

Fonte: IBGE.

Tabela 8/II. População residente total, rural e urbana, segundo os municípios - Santa Catarina - 2000

(hab.)

Município	População residente		
	Total	Rural	Urbana
Abdon Batista	2.775	2.062	713
Abelardo Luz	16.440	9.212	7.228
Agrolândia	7.810	3.176	4.634
Agronômica	4.257	3.385	872
Água Doce	6.843	3.695	3.148
Águas de Chapecó	5.782	3.580	2.202
Águas Frias	2.525	2.008	517
Águas Mornas	5.390	3.675	1.715
Alfredo Wagner	8.857	6.384	2.473
Alto Bela Vista	2.098	1.576	522
Anchieta	7.133	4.690	2.443
Angelina	5.776	4.761	1.015
Anita Garibaldi	10.273	6.085	4.188
Anitápolis	3.234	2.120	1.114
Antônio Carlos	6.434	4.674	1.760
Apiúna	8.520	4.914	3.606
Arabutã	4.160	3.189	971
Araquari	23.645	1.645	22.000
Araranguá	54.706	9.654	45.052
Armazém	6.873	4.248	2.625
Arroio Trinta	3.490	1.393	2.097
Arvoredo	2.305	1.894	411
Ascurra	6.934	815	6.119
Atalanta	3.429	2.296	1.133
Aurora	5.474	3.992	1.482
Balneário Arroio do Silva	6.043	167	5.876
Balneário Camboriú	73.455	-	73.455
Balneário Barra do Sul	6.045	13	6.032
Balneário Gaivota	5.450	2.473	2.977
Bandeirante	3.177	2.436	741
Barra Bonita	2.118	1.862	256
Barra Velha	15.530	964	14.566
Bela Vista do Toldo	5.721	5.151	570
Belmonte	2.588	1.636	952
Benedito Novo	9.071	4.170	4.901
Biguaçu	48.077	5.170	42.907
Blumenau	261.808	19.865	241.943
Bocaina do Sul	2.980	2.565	415
Bombinhas	8.716	-	8.716
Bom Jardim da Serra	4.079	1.956	2.123
Bom Jesus	2.046	1.057	989
Bom Jesus do Oeste	2.150	1.774	376
Bom Retiro	7.967	2.631	5.336
Botuverá	3.756	2.953	803
Braço do Norte	24.802	6.923	17.879
Braço do Trombudo	3.187	1.565	1.622

(Continua)

## Caracterização socioeconômica

(Continuação)

(hab.)

Município	População residente		
	Total	Rural	Urbana
Brunópolis	3.331	2.624	707
Brusque	76.058	2.802	73.256
Caçador	63.322	7.780	55.542
Caibi	6.354	3.294	3.060
Calmon	3.467	2.075	1.392
Camboriú	41.445	2.018	39.427
Capão Alto	3.020	2.416	604
Campo Alegre	11.634	4.763	6.871
Campo Belo do Sul	8.051	3.611	4.440
Campo Erê	10.353	4.597	5.756
Campos Novos	28.729	6.173	22.556
Canelinha	9.004	4.712	4.292
Canoinhas	51.631	13.727	37.904
Capinzal	19.955	4.495	15.460
Capivari de Baixo	18.561	1.125	17.436
Catanduvas	8.291	2.987	5.304
Caxambu do Sul	5.263	3.209	2.054
Celso Ramos	2.844	2.206	638
Cerro Negro	4.098	3.404	694
Chapadão do Lageado	2.561	2.272	289
Chapecó	146.967	12.375	134.592
Cocal do Sul	13.726	2.319	11.407
Concórdia	63.058	17.804	45.254
Cordilheira Alta	3.093	2.790	303
Coronel Freitas	10.535	6.041	4.494
Coronel Martins	2.388	1.930	458
Corupá	11.847	3.120	8.727
Correia Pinto	17.026	4.980	12.046
Criciúma	170.420	17.371	153.049
Cunha Porã	10.229	4.942	5.287
Cunhataí	1.822	1.487	335
Curitibanos	36.061	3.623	32.438
Descanso	9.129	5.244	3.885
Dionísio Cerqueira	14.250	5.640	8.610
Dona Emma	3.309	1.941	1.368
Doutor Pedrinho	3.082	1.413	1.669
Entre Rios	2.857	2.106	751
Ermo	2.057	1.464	593
Erval Velho	4.269	2.109	2.160
Faxinal dos Guedes	10.767	3.723	7.044
Flor do Sertão	1.612	1.417	195
Florianópolis	342.315	10.130	332.185
Formosa do Sul	2.725	1.834	891
Forquilha	18.348	3.792	14.556
Fraiburgo	32.948	5.325	27.623
Frei Rogério	2.971	2.484	487
Galvão	4.235	1.741	2.494
Garopaba	13.164	2.442	10.722

(Continua)

(Continuação)

(hab.)

Município	População residente		
	Total	Rural	Urbana
Garuva	11.378	3.122	8.256
Gaspar	46.414	16.813	29.601
Governador Celso Ramos	11.598	756	10.842
Grão Pará	5.817	3.143	2.674
Gravatal	10.799	6.935	3.864
Guabiruba	12.976	928	12.048
Guaraciaba	11.038	6.673	4.365
Guaramirim	23.794	4.782	19.012
Guarujá do Sul	4.696	2.425	2.271
Guatambú	4.702	3.719	983
Herval d'Oeste	20.044	2.904	17.140
Ibiam	1.955	1.454	501
Ibicaré	3.587	2.347	1.240
Ibirama	15.802	2.687	13.115
Içara	48.634	9.064	39.570
Ilhota	10.574	4.129	6.445
Imaruí	13.404	9.495	3.909
Imbituba	35.700	1.173	34.527
Imbuia	5.246	3.291	1.955
Indaial	40.194	1.812	38.382
Iomerê	2.553	1.870	683
Ipira	4.979	2.765	2.214
Iporá do Oeste	7.877	5.026	2.851
Ipuacu	6.122	5.155	967
Ipumirim	6.907	4.423	2.484
Iraceminha	4.592	3.370	1.222
Irani	8.602	3.544	5.058
Iratí	2.202	1.790	412
Irineópolis	9.734	6.770	2.964
Itá	6.764	3.342	3.422
Itaiópolis	19.086	10.329	8.757
Itajaí	147.494	5.544	141.950
Itapema	25.869	1.088	24.781
Itapiranga	13.998	8.616	5.382
Itapoá	8.839	648	8.191
Ituporanga	19.492	7.828	11.664
Jaborá	4.194	2.832	1.362
Jacinto Machado	10.923	6.385	4.538
Jaguaruna	14.613	4.375	10.238
Jaraguá do Sul	108.489	12.169	96.320
Jardinópolis	1.994	1.179	815
Joaçaba	24.066	2.378	21.688
Joinville	429.604	14.632	414.972
José Boiteux	4.594	3.128	1.466
Jupiá	2.220	1.549	671
Lacerdópolis	2.173	1.190	983
Lages	157.682	4.100	153.582
Laguna	47.568	10.284	37.284

(Continua)

## Caracterização socioeconômica

(Continuação)

(hab.)

Município	População residente		
	Total	Rural	Urbana
Lajeado Grande	1.572	1.096	476
Laurentino	5.062	1.824	3.238
Lauro Müller	13.604	3.681	9.923
Lebon Régis	11.682	4.702	6.980
Leoberto Leal	3.739	3.282	457
Lindóia do Sul	4.877	3.556	1.321
Lontras	8.381	3.072	5.309
Luiz Alves	7.974	5.850	2.124
Luzerna	5.572	1.608	3.964
Macieira	1.900	1.596	304
Mafra	49.940	12.227	37.713
Major Gercino	3.143	2.166	977
Major Vieira	6.906	4.707	2.199
Maracajá	5.541	2.020	3.521
Maravilha	18.521	4.295	14.226
Marema	2.651	1.710	941
Massaranduba	12.562	7.933	4.629
Matos Costa	3.204	1.954	1.250
Meleiro	7.080	3.873	3.207
Mirim Doce	2.753	1.595	1.158
Modelo	3.930	1.729	2.201
Mondaí	8.728	4.679	4.049
Monte Carlo	8.579	1.274	7.305
Monte Castelo	8.350	3.777	4.573
Morro da Fumaça	14.551	3.397	11.154
Morro Grande	2.917	2.180	737
Navegantes	39.317	2.667	36.650
Nova Erechim	3.543	1.823	1.720
Nova Itaberaba	4.256	3.831	425
Nova Trento	9.852	3.179	6.673
Nova Veneza	11.511	4.312	7.199
Novo Horizonte	3.101	2.378	723
Orleans	20.031	7.218	12.813
Otacílio Costa	13.993	1.182	12.811
Ouro	7.419	3.254	4.165
Ouro Verde	2.352	1.727	625
Paial	2.052	1.793	259
Painel	2.384	1.560	824
Palhoça	102.742	4.828	97.914
Palma Sola	8.206	5.014	3.192
Palmeira	2.133	1.362	771
Palmitos	16.034	8.028	8.006
Papanduva	16.822	8.869	7.953
Paraíso	4.796	3.494	1.302
Passo de Torres	4.400	878	3.522
Passos Maia	4.763	4.015	748
Paulo Lopes	5.924	2.370	3.554
Pedras Grandes	4.921	4.056	865
Penha	17.678	1.685	15.993
Peritiba	3.230	1.913	1.317
Petrolândia	6.406	4.595	1.811

(Continua)

## Caracterização socioeconômica

(Continuação)

(hab.)

Município	População residente		
	Total	Rural	Urbana
Piçarras	10.911	2.296	8.615
Pinhalzinho	12.356	3.043	9.313
Pinheiro Preto	2.729	1.588	1.141
Piratuba	5.812	3.102	2.710
Planalto Alegre	2.452	1.713	739
Pomerode	22.127	3.414	18.713
Ponte Alta	5.168	1.385	3.783
Ponte Alta do Norte	3.221	883	2.338
Ponte Serrada	10.561	3.331	7.230
Porto Belo	10.704	731	9.973
Porto União	31.858	5.279	26.579
Pouso Redondo	12.203	5.835	6.368
Praia Grande	7.286	3.349	3.937
Presidente Castelo Branco	2.160	1.703	457
Presidente Getúlio	12.333	4.466	7.867
Presidente Nereu	2.305	1.529	776
Princesa	2.613	2.045	568
Quilombo	10.736	6.039	4.697
Rancho Queimado	2.637	1.534	1.103
Rio das Antas	6.129	3.903	2.226
Rio do Campo	6.522	4.234	2.288
Rio do Oeste	6.730	4.104	2.626
Rio dos Cedros	8.939	5.181	3.758
Rio do Sul	51.650	3.232	48.418
Rio Fortuna	4.320	3.107	1.213
Rio Negrinho	37.707	5.057	32.650
Rio Rufino	2.414	1.861	553
Riqueza	5.166	3.889	1.277
Rodeio	10.380	1.514	8.866
Romelândia	6.491	4.371	2.120
Salete	7.163	2.580	4.583
Saltinho	4.196	3.297	899
Salto Veloso	3.910	1.076	2.834
Sangão	8.128	4.504	3.624
Santa Cecília	14.802	3.185	11.617
Santa Helena	2.588	1.848	740
Santa Rosa de Lima	2.007	1.584	423
Santa Rosa do Sul	7.810	4.768	3.042
Santa Terezinha	8.840	7.698	1.142
Santa Terezinha do Progresso	3.416	2.990	426
Santiago do Sul	1.696	1.175	521
Santo Amaro da Imperatriz	15.708	3.172	12.536
São Bernardino	3.140	2.611	529
São Bento do Sul	65.437	3.611	61.826
São Bonifácio	3.218	2.536	682
São Carlos	9.364	4.017	5.347
São Cristovão do Sul	4.504	1.785	2.719
São Domingos	9.540	4.110	5.430
São Francisco do Sul	32.301	2.371	29.930
São João do Oeste	5.789	4.295	1.494

(Continua)

## Caracterização socioeconômica

(Continuação)

(hab.)

Município	População residente		
	Total	Rural	Urbana
São João Batista	14.861	3.588	11.273
São João do Itaperiú	3.161	1.707	1.454
São João do Sul	6.784	5.641	1.143
São Joaquim	22.836	6.707	16.129
São José	173.559	2.329	171.230
São José do Cedro	13.678	7.019	6.659
São José do Cerrito	10.393	8.241	2.152
São Lourenço do Oeste	19.647	6.240	13.407
São Ludgero	8.587	2.592	5.995
São Martinho	3.274	2.386	888
São Miguel da Boa Vista	2.018	1.687	331
São Miguel do Oeste	32.324	4.932	27.392
São Pedro de Alcântara	3.584	1.488	2.096
Saudades	8.324	5.427	2.897
Schroeder	10.811	1.409	9.402
Seara	16.484	6.221	10.263
Serra Alta	3.330	2.129	1.201
Siderópolis	12.082	2.979	9.103
Sombrio	22.962	7.037	15.925
Sul Brasil	3.116	2.372	744
Taió	16.257	8.370	7.887
Tangará	8.754	4.521	4.233
Tigrinhos	1.878	1.665	213
Tijucas	23.499	4.788	18.711
Timbé do Sul	5.323	3.640	1.683
Timbó	29.358	2.575	26.783
Timbó Grande	6.501	3.726	2.775
Três Barras	17.124	2.901	14.223
Treviso	3.144	1.583	1.561
Treze de Maio	6.716	4.952	1.764
Treze Tilias	4.840	1.933	2.907
Trombudo Central	5.795	2.641	3.154
Tubarão	88.470	18.545	69.925
Tunápolis	4.777	3.560	1.217
Turvo	10.887	5.250	5.637
União do Oeste	3.391	2.397	994
Urubici	10.252	3.591	6.661
Urupema	2.527	1.342	1.185
Urussanga	18.727	8.077	10.650
Vargeão	3.526	2.146	1.380
Vargem	3.225	2.574	651
Vargem Bonita	5.158	2.959	2.199
Vidal Ramos	6.279	4.782	1.497
Videira	41.589	5.802	35.787
Vitor Meireles	5.519	4.421	1.098
Witmarsum	3.251	2.639	612
Xanxerê	37.429	5.044	32.385
Xavantina	4.404	3.458	946
Xaxim	22.857	6.799	16.058
Zortéa	2.633	580	2.053
<b>Santa Catarina</b>	<b>5.356.360</b>	<b>1.138.429</b>	<b>4.217.931</b>

Fonte: IBGE.

*Tabela 9/III. Pessoas ocupadas, por sexo e grupo de atividade - Santa Catarina - 2003-05*

(n°)

Grupos de atividades	2003		2004		2005	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Agrícola	373.514	259.687	395.006	258.316	388.289	269.962
Indústria	404.969	231.080	446.541	283.795	455.035	267.632
Indústria de transformação	392.957	229.936	429.167	281.479	433.368	264.704
Construção	176.746	8.008	179.545	5.791	167.478	5.270
Comércio e reparação	312.884	191.047	322.015	209.658	340.819	225.460
Alojamento e alimentação	47.474	52.052	41.698	44.018	40.987	49.193
Transporte, armazenagem e comunicação	96.668	8.580	108.892	12.164	110.095	19.917
Administração pública	78.936	56.627	75.873	45.179	68.524	53.293
Educação, saúde e serviços sociais	46.903	184.184	46.331	195.183	46.854	204.391
Serviços domésticos	2.860	149.291	5.212	158.695	5.855	156.345
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	39.467	57.199	36.488	59.651	29.279	56.807
Outras atividades	119.543	73.216	123.360	80.505	127.073	79.051
Atividades mal definidas ou não declaradas	3.432	-	1.737	-	1.171	-

Fonte: IBGE.

*Tabela 10/III. Pessoas ocupadas, por situação de domicílio, segundo os grupos de idade - Santa Catarina - 2003-05*

(n°)

Grupos de idade	Total			Urbana			Rural		
	2003	2004	2005	2003	2004	2005	2003	2004	2005
<b>Total</b>	<b>2.974.367</b>	<b>3.135.653</b>	<b>3.168.780</b>	<b>2.322.294</b>	<b>2.445.268</b>	<b>2.518.732</b>	<b>652.073</b>	<b>690.385</b>	<b>650.048</b>
10 a 14 anos	54.912	70.079	61.485	20.020	20.850	16.981	34.892	49.229	44.504
15 a 19 anos	280.849	292.491	292.232	209.352	208.510	221.955	71.497	83.981	70.277
15 a 17 anos	122.406	145.956	135.855	83.512	98.463	94.859	38.894	47.493	40.996
18 a 19 anos	158.443	146.535	156.377	125.840	110.047	127.096	32.603	36.488	29.281
20 a 24 anos	371.221	405.411	401.743	300.294	337.647	334.973	70.927	67.764	66.770
25 a 29 anos	364.932	376.457	401.142	302.584	312.746	339.066	62.348	63.711	62.076
30 a 39 anos	734.442	763.939	787.050	602.311	630.729	652.366	132.131	133.210	134.684
40 a 49 anos	646.925	681.099	676.973	522.801	542.094	548.723	124.124	139.005	128.250
50 a 59 anos	340.909	369.515	364.855	257.970	276.269	280.521	82.939	93.246	84.334
60 anos ou mais	179.605	175.504	183.300	106.390	115.844	124.147	73.215	59.660	59.153
Idade ignorada	572	1.158	-	572	579	-	-	579	-

Fonte: IBGE.

Tabela 11/II. Domicílios particulares permanentes e indicadores de bem-estar, segundo a situação de domicílio - Santa Catarina - 2003-05

(nº)

Discriminação	Total			Urbana			Rural		
	2003	2004	2005	2003	2004	2005	2003	2004	2005
<b>Domicílio particular</b>	<b>1.689.093</b>	<b>1.732.885</b>	<b>1.804.879</b>	<b>1.401.952</b>	<b>1.434.606</b>	<b>1.511.469</b>	<b>287.141</b>	<b>298.279</b>	<b>293.410</b>
Rede de água geral	1.286.557	1.331.518	1.425.971	1.255.511	1.301.977	1.386.735	31.046	29.541	39.236
Lixo coletado diretamente	1.348.187	1.379.583	1.485.710	1.286.984	1.312.394	1.410.745	61.203	67.189	74.965
Luz elétrica	1.678.225	1.723.041	1.797.852	1.397.948	1.429.973	1.509.712	280.277	293.068	288.140
Fogão	1.682.801	1.719.565	1.787.308	1.396.232	1.424.761	1.502.685	286.569	294.804	284.623
Rádio	1.586.137	1.624.575	1.691.266	1.315.584	1.352.938	1.418.946	270.553	271.637	272.320
Televisão	1.611.302	1.661.071	1.734.015	1.345.897	1.379.587	1.466.959	265.405	281.484	267.056
Geladeira	1.646.193	1.696.399	1.766.227	1.375.640	1.412.598	1.488.044	270.553	283.801	278.183
Freezer	785.921	803.894	813.410	584.578	590.178	611.366	201.343	213.716	202.044
Máquina de lavar roupa	881.443	1.022.824	1.058.197	801.363	922.622	959.228	80.080	100.202	98.969

Fonte: IBGE.

Tabela 12/II. Trabalhadores no agronegócio catarinense - 2002-05

Atividade	Ano			
	2002	2003	2004	2005
<b>Produção vegetal e derivados</b>				
<b>Cultivo produtos vegetais</b>	<b>14.248</b>	<b>17.840</b>	<b>19.273</b>	<b>19.665</b>
Cultivo de cereais	1.249	1.517	1.779	1.507
Cultivo de outros produtos temporários	3.106	4.357	4.932	5.119
Cultivo de outros produtos de lavoura permanente	7.481	8.824	9.010	8.946
Cultivo de outras frutas, frutos secos, plantas para preparo de beb...	0	0	0	0
Exploração florestal	1.825	2.213	2.417	2.769
Silvicultura	587	929	1.135	1.324
<b>Produção animal e derivados</b>				
<b>Criação de animais</b>	<b>8.539</b>	<b>10.291</b>	<b>12.758</b>	<b>14.393</b>
Criação de bovinos	854	1.409	1.438	1.567
Criação de suínos	1.817	2.065	2.252	2.696
Criação de aves	5.691	6.605	8.845	9.924
Outros	177	212	223	206
<b>Outras produções</b>	<b>6.658</b>	<b>2.828</b>	<b>4.033</b>	<b>3.792</b>
Pesca	2.686	2.828	2.954	3.016
Produção mista: lavoura e pecuária	3.739	0	664	572
Aqüicultura	233	0	415	204
<b>Derivados de animais</b>	<b>2.216</b>	<b>2.314</b>	<b>2.506</b>	<b>2.819</b>
<b>Produção da indústria agroalimentar</b>				
<b>Preparação produtos vegetais</b>	<b>6.013</b>	<b>5.630</b>	<b>5.313</b>	<b>5.789</b>
<b>Abate animais e preparações</b>	<b>39.989</b>	<b>42.242</b>	<b>47.772</b>	<b>51.411</b>
Abate de reses, preparação de produtos de carne	12.555	12.907	13.756	14.698
Abate de aves e outros pequenos animais e preparação de produtos de...	22.106	23.574	28.007	30.006
Preparação de carne, banha e produtos de salsicharia nao-associada ...	1.942	2.299	2.430	2.758
Preparação e preservação do pescado e fabricação conservas de peixes...	3.386	3.462	3.579	3.949
<b>Indústria de moagem</b>	<b>4.069</b>	<b>2.330</b>	<b>2.201</b>	<b>1.805</b>
<b>Fabricação de biscoitos e massas</b>	<b>3.107</b>	<b>3.473</b>	<b>4.256</b>	<b>4.651</b>
<b>Fabricação de outros produtos alimentícios</b>	<b>9.376</b>	<b>10.215</b>	<b>11.536</b>	<b>12.379</b>
<b>Fabricação de máquinas e insumos</b>				
<b>Fabricação de insumos agrícolas</b>	<b>1.244</b>	<b>1.556</b>	<b>1.927</b>	<b>2.088</b>
<b>Fabricação de máquinas agrícolas</b>	<b>3.036</b>	<b>3.483</b>	<b>4.023</b>	<b>3.822</b>
<b>Fabricação de máquinas para indústria agroalimentar e da madeira</b>	<b>1.520</b>	<b>1.657</b>	<b>1.670</b>	<b>1.834</b>
<b>Indústria do couro</b>	<b>1.335</b>	<b>1.257</b>	<b>1.414</b>	<b>1.414</b>
<b>Indústria da madeira, papel e papelão</b>	<b>82.191</b>	<b>80.925</b>	<b>92.970</b>	<b>87.327</b>
<b>Comércio atacadista produtos agrícolas e agroalimentares</b>	<b>13.685</b>	<b>16.826</b>	<b>16.699</b>	<b>20.281</b>
<b>Comércio atacadista máquinas agrícolas</b>	<b>29</b>	<b>337</b>	<b>11</b>	<b>23</b>
<b>Atividades de serviços relacionados com agricultura</b>	<b>10.470</b>	<b>11.882</b>	<b>13.199</b>	<b>12.111</b>
<b>Total agronegócio</b>	<b>207.725</b>	<b>215.086</b>	<b>241.561</b>	<b>245.604</b>
<b>Total demais atividades</b>	<b>1.030.205</b>	<b>1.077.321</b>	<b>1.164.686</b>	<b>1.241.268</b>
<b>Total Santa Catarina</b>	<b>1.235.612</b>	<b>1.292.407</b>	<b>1.406.247</b>	<b>1.486.969</b>

Nota: As informações da Rais – Relação Anual de Informações Sociais – são devidas através do Decreto 76.900/75, no qual estabelece que todo empregador deve fornecer às entidades governamentais da área social, por meio da Rais, as informações solicitadas de cada um de seus empregados, com os quais manteve relação de emprego durante qualquer período de um determinado ano-base.

Fonte: Ministério do Trabalho (RAIS 2002, 2003, 2004 e 2005).

## Estrutura de produção e comercialização

Tabela 13/II. Cooperativas, segundo o tipo de atividade - Santa Catarina - 2002-06

(nº)

Segmento	2002	2003	2004	2005	2006
Agropecuário	59	56	58	57	54
Consumo	17	14	15	14	14
Crédito	64	65	64	64	65
Educacional	17	17	17	16	13
Especial	2	2	2	2	2
Habitacional	3	3	2	2	2
Infra-estrutura	30	30	29	29	27
Mineral	2	2	2	2	1
Produção	12	9	9	7	5
Saúde	42	43	41	39	36
Trabalho	48	46	35	31	25
Transporte	18	18	18	20	21
<b>Total</b>	<b>314</b>	<b>305</b>	<b>292</b>	<b>283</b>	<b>265</b>

Fonte: Ocesc.

Tabela 14/II. Cooperados, segundo o tipo de cooperativa - Santa Catarina - 2002-06

(nº)

Segmento	2002	2003	2004	2005	2006
Agropecuário	48.923	59.772	62.437	60.305	58.824
Consumo	90.247	98.393	121.156	136.534	142.861
Crédito	131.907	165.302	213.738	251.544	291.230
Educacional	12.375	10.109	13.943	7.002	8.833
Especial	68	71	69	69	71
Habitacional	569	936	1.739	2.211	2.514
Infra-estrutura	157.784	165.528	172.487	180.923	185.860
Mineral	529	529	670	799	146
Produção	403	206	177	117	100
Saúde	8.302	8.687	8.770	8.481	8.720
Trabalho	27.740	26.027	24.919	15.523	13.010
Transporte	3.090	2.983	5.424	6.520	9.480
<b>Total</b>	<b>481.937</b>	<b>538.543</b>	<b>625.529</b>	<b>670.028</b>	<b>721.649</b>

Fonte: Ocesc.

## Estrutura de produção e comercialização

*Tabela 15/II. Recebimento de produtos agropecuários pelas cooperativas, segundo os principais produtos - Santa Catarina - 2002-06*

Produto	2002	2003	2004	2005	2006
Alho	400	202	255	464	340
Ameixa	31	48	14	5	20
Arroz em casca	235.961	260.459	300.658	379.802	392.042
Aveia	877	1.099	6.117	1.053	5.596
Azevém	61	120	608	316	507
Batata-inglesa	...	5	4	200	300
Banana	...	...	...	...	908
Caqui	...	...	...	...	30
Cevada	8.140	...	826	1.000	1.199
Erva-mate	15	9	10	4	15
Ervilhaca	125	23	321	51	97
Feijão	29.929	25.224	37.653	27.467	47.486
Fumo	...	636	...	1.000	408
Laranja	37.638	41.002	67.303	74.910	58.902
Kiwi	...	...	...	...	10
Maçã	42.732	55.537	60.272	56.007	51.011
Maracujá	371	370	350	488	488
Milho	1.055.918	1.660.880	1.126.497	1.076.786	1.584.804
Nectarina	80	133	100	42	60
Pêssego	240	120	208	100	215
Soja	566.250	496.535	488.909	468.483	543.536
Trigo	96.711	159.326	206.543	157.240	235.449
Triticale	1.051	1.057	899	240	970
Uva	4.000	2.500	5.384	415	3.620
Aves (1.000 cab)	86.310	87.526	85.975	91.656	108.944
Suínos (1.000 cab)	2.809	2.930	2.739	3.171	3.926
Leite (1.000 L)	279.176	295.466	298.062	358.877	378.343
Peixes (t)	...	...	329	351	355

Fonte: Ocesc.

*Tabela 16/II. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo - Santa Catarina - 2002-06*

Discriminação	2002	2003	2004	2005	2006
Cultivadores	367	555	774	909	751
Trator de rodas (em cv)	2.068	1.734	2.062	1.614	1.372
Tratores de esteiras	11	34	16	25	7
Colheitadeiras	157	126	192	84	63
Retroescavadeiras	123	57	60	62	66
<b>Total geral</b>	<b>2.726</b>	<b>2.506</b>	<b>3.104</b>	<b>2.694</b>	<b>2.259</b>

Fonte: Anfavea.

## Estrutura de produção e comercialização

Tabela 17/II. Consumo aparente de fertilizantes, segundo o tipo - Santa Catarina - 2002-06

Discriminação	2002	2003	2004	2005	2006
Fertilizantes	597.963	663.950	639.693	612.376	595.197
Nutrientes					
N	96.345	101.369	98.356	100.415	90.709
P2O5	82.003	87.026	78.206	72.844	77.833
K2O	76.322	96.319	87.893	78.696	76.758

Fonte: Anda.

Tabela 18/II. Crédito rural concedido a produtores e cooperativas, segundo a finalidade - Santa Catarina - 2002-06

Discriminação	2002	2003	2004	2005	2006
<b>Custeio</b>					
Número de contratos	169.576	180.791	201.374	208.093	181.641
- Atividade agrícola	162.168	174.247	195.490	200.888	173.643
- Atividade pecuária	7.408	6.544	5.884	7.205	7.998
Valor dos contratos (R\$)	1.128.973.047	1.545.669.778	1.747.904.251	1.879.848.136	2.076.046.162
- Atividade agrícola	746.887.468	1.107.603.610	1.297.672.874	1.422.599.931	1.463.828.616
- Atividade pecuária	382.085.579	438.066.168	450.231.377	457.248.205	612.217.546
<b>Investimento</b>					
Número de contratos	28.440	38.115	37.684	32.787	35.152
- Atividade agrícola	18.849	26.948	28.642	21.177	18.814
- Atividade pecuária	9.591	11.167	9.042	11.610	16.338
Valor dos contratos (R\$)	272.080.528	418.234.822	486.763.752	550.411.676	525.304.404
- Atividade agrícola	242.775.112	282.945.405	375.056.334	394.299.417	365.429.101
- Atividade pecuária	29.305.416	135.289.417	111.707.418	156.112.259	159.875.304
<b>Comercialização</b>					
Número de contratos	198.886	1.076	2.428	3.449	4.466
- Atividade agrícola	181.369	576	1.004	1.344	1.118
- Atividade pecuária	17.517	500	1.424	2.105	3.348
Valor dos contratos (R\$)	1.694.398.952	399.427.242	478.691.636	378.814.924	614.241.062
- Atividade agrícola	1.159.189.429	370.847.650	423.752.726	301.802.014	452.312.448
- Atividade pecuária	535.209.523	28.579.592	54.938.910	77.012.910	161.928.613

Fonte: Banco Central.

## Informações econômicas da agropecuária

Tabela 19/II. Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais - Santa Catarina - Safra 2005/06-2006/07

(1.000 t)

Produto	Oferta	Safra 2005/06						
		Demanda						
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	Saldo
		Animal <i>in natura</i>	Humano <i>in natura</i>	Industrial e saídas				
Alho	12,4	-	5,0	3,0	2,0	0,4	10,4	2,0
Arroz	1.071,6	-	450,0	-	35,0	5,0	490,0	581,6
Banana	641,2	-	113,2	100,0	-	160,0	373,2	268,0
Batata	105,1	-	130,0	-	14,5	1,5	146,0	-40,9
Cebola	395,4	-	31,2	-	-	75,4	106,6	288,8
Feijão	162,3	-	80,0	1,0	3,0	12,0	96,0	66,3
Mandioca	612,1	191,0	37,0	375,0	-	9,1	612,1	0,0
Milho <sup>(1)</sup>	2.950,0	4.616,5	90,0	65,0	3,0	90,0	4.864,5	-1.914,5
Soja	798,8	7,0	4,0	1.090,0	21,0	19,0	1.141,0	-342,2
Trigo	129,7	-	-	375,4	9,4	1,7	386,5	-256,8

(Continua)

(Continuação)

(1.000 t)

Produto	Oferta	Safra 2006/07						
		Demanda						
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	Saldo
		Animal <i>in natura</i>	Humano <i>in natura</i>	Industrial e saídas				
Alho	12,9	-	5,0	3,0	2,0	0,4	10,4	2,5
Arroz	1.038,4	-	450,0	-	35,0	5,0	490,0	548,4
Banana	642,8	-	113,2	100,0	-	160,0	373,2	269,6
Batata	101,5	-	130,0	-	14,5	1,5	146,0	-44,5
Cebola	436,5	-	31,2	-	-	75,4	106,6	329,9
Feijão	216,7	-	80,0	1,0	3,0	12,0	96,0	120,7
Mandioca	639,7	191,0	37,0	375,0	-	9,1	612,1	27,6
Milho <sup>(1)</sup>	3.800,0	4.821,6	90,0	190,0	3,0	110,0	5.214,6	-1.414,6
Soja	1.114,4	7,0	4,0	1.090,0	21,0	19,0	1.141,0	-26,6
Trigo	151,0	-	-	375,4	9,4	1,7	386,5	-235,5

<sup>(1)</sup>Oferta de milho mais substitutos.

Obs: Estimado em jul./07.

Fonte: Epagri/Cepa.

## Informações econômicas da agropecuária

Tabela 20/II. Exportações do agronegócio catarinense - 2002-07

(US\$ FOB 1.000)

Produto exportado	Santa Catarina					
	2002	2003	2004	2005	2006	2007 <sup>(1)</sup>
<b>Produção animal e derivados</b>	<b>906.245</b>	<b>967.024</b>	<b>1.388.391</b>	<b>1.862.084</b>	<b>1.570.003</b>	<b>992.967</b>
Carne suína	256.338	196.705	339.306	504.677	311.317	142.458
Carnes de frangos	536.513	609.433	844.610	1.062.992	966.430	653.666
Outras carnes de aves	48.041	63.701	67.525	74.970	60.507	26.837
Carne bovina	1.281	2.490	6.538	16.562	7.225	2.890
Outras carnes	33.121	57.315	88.497	158.151	182.999	144.900
Pescados e crustáceos	20.647	22.180	28.071	32.242	27.598	15.844
Mel natural	4.634	9.511	8.518	2.926	3.110	1.402
Outros produtos de origem animal	5.671	5.690	5.327	9.564	10.816	4.970
<b>Produção vegetal e derivados</b>	<b>204.553</b>	<b>351.029</b>	<b>326.541</b>	<b>384.361</b>	<b>659.346</b>	<b>509.116</b>
Soja - óleo	39.676	120.799	49.803	34.837	39.393	23.302
Soja - em grão, para semeadura e outros	640	9.877	25.098	32.498	47.110	174.121
Soja - farelos e farinhas	1.476	49.990	13.701	6.201	10.394	24
Milho	959	12.115	6.203	1.302	6.383	13.040
Arroz	215	274	314	282	356	177
Banana	17.155	11.992	10.478	12.111	9.051	5.313
Maçã	16.291	20.392	40.144	29.207	20.526	36.652
Outras frutas frescas ou secas	739	1.071	1.876	2.040	1.465	746
Frutas em conserva e doces	2.462	2.094	2.520	2.045	1.980	850
Sucos de frutas	7.808	10.789	15.007	19.656	17.788	14.485
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	13.798	7.382	7.055	5.921	7.384	3.518
Produtos hortícolas	176	625	1.551	1.137	365	1.395
Fécula de mandioca	1.736	1.836	1.636	698	623	98
Erva-mate	1.935	1.304	1.048	1.100	3.487	3.934
Plantas ornamentais	545	483	825	1.172	1.034	0
Gomas e resinas	1.610	1.050	1.121	1.079	1.353	1.392
Fumo	88.211	88.232	133.424	213.366	465.898	219.794
Bebidas fermentadas e destiladas	782	650	710	731	1.116	542
Outros prod. vegetais e da agroindústria	8.341	10.076	14.028	18.978	23.641	9.733
<b>Indústria da madeira, papel e papelão</b>	<b>782.229</b>	<b>859.036</b>	<b>1.142.562</b>	<b>1.157.663</b>	<b>1.192.464</b>	<b>570.666</b>
Madeira e obras de madeiras	386.719	401.069	569.538	566.358	646.717	302.158
Móveis de madeira	274.172	319.968	408.867	414.919	344.967	167.437
Papel e papelão	121.338	137.999	164.157	176.386	200.779	101.070
<b>Total geral do agronegócio</b>	<b>1.893.027</b>	<b>2.177.089</b>	<b>2.857.494</b>	<b>3.404.108</b>	<b>3.421.812</b>	<b>2.072.749</b>
<b>Santa Catarina</b>	<b>3.157.065</b>	<b>3.695.786</b>	<b>4.853.506</b>	<b>5.584.125</b>	<b>5.965.687</b>	<b>3.374.689</b>

<sup>(1)</sup>Até junho.

Fonte: MDIC/Secex.

## Informações econômicas da agropecuária

Tabela 21/III. Importações do agronegócio catarinense - 2002-07

(US\$ FOB 1.000)

Produto importado	Santa Catarina					
	2002	2003	2004	2005	2006	2007 <sup>(1)</sup>
<b>Produção animal e derivados</b>	<b>29.996</b>	<b>32.899</b>	<b>28.983</b>	<b>30.009</b>	<b>52.773</b>	<b>34.231</b>
Animais vivos	1.881	1.008	79	24	176	39
Carnes de animais	1.661	933	2.677	2.691	4.359	1.340
Pescados e crustáceos	15.417	19.385	17.350	17.054	32.336	23.571
Laticínios e ovos	1.738	1.134	1.427	1.882	2.771	927
Preparações e conservas de carnes e pescados	570	893	659	982	1.697	2.247
Outros produtos origem animal não comestíveis	8.729	9.545	6.791	7.376	11.434	6.107
<b>Produção vegetal e derivados</b>	<b>187.493</b>	<b>235.415</b>	<b>216.933</b>	<b>290.551</b>	<b>423.420</b>	<b>196.613</b>
Soja e derivados	80.657	84.966	56.855	57.533	33.359	11.915
Milho	19.342	38.698	13.861	17.981	35.611	6.186
Trigo	45.654	52.646	18.227	23.813	75.382	46.484
Arroz	390	6.412	5.385	322	1.025	157
Malte	1.508	12.327	44.449	54.822	66.116	21.468
Outros cereais, grãos e prod. de moagem	969	3.521	18.135	20.082	28.352	14.077
Oleos e gorduras vegetais	6.004	7.379	7.742	21.636	28.779	21.396
Fumo	5.048	1.362	1.232	1.214	1.536	592
Uva	333	329	484	3.292	5.850	2.545
Maçã	630	334	608	2.763	4.633	2.257
Pêra	1.373	665	1.311	4.211	10.144	7.112
Ameixa	838	569	645	4.716	7.873	3.435
Outras frutas frescas ou secas	892	440	1.361	5.046	8.253	2.833
Gomas e resinas	1.352	1.480	2.091	5.426	6.952	1.827
Cebola	646	2.391	3.908	2.435	3.078	1.477
Alho	262	866	1.231	3.121	2.687	4.339
Outros produtos hortícolas	1.935	1.768	6.723	8.353	9.060	2.523
Batatas preparadas ou conservadas	3.274	2.100	3.939	5.986	8.034	3.939
Leveduras	2.229	2.147	2.417	2.383	2.221	1.123
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	719	988	1.335	1.465	1.405	872
Outros prod. vegetais e da agroindústria	13.438	14.026	24.994	43.950	83.070	40.054
<b>Indústria da madeira, papel e papelão</b>	<b>10.296</b>	<b>13.328</b>	<b>28.178</b>	<b>44.877</b>	<b>48.711</b>	<b>28.232</b>
Madeira e obras de madeiras	5.051	5.102	7.288	9.182	10.005	8.420
Papel e papelão	5.245	8.226	20.890	35.695	38.706	19.811
<b>Total geral do agronegócio</b>	<b>227.785</b>	<b>281.642</b>	<b>274.093</b>	<b>365.436</b>	<b>524.904</b>	<b>259.075</b>
<b>Santa Catarina</b>	<b>931.430</b>	<b>993.635</b>	<b>1.508.986</b>	<b>2.186.455</b>	<b>3.374.081</b>	<b>2.169.237</b>

<sup>(1)</sup>Até junho.

Fonte: MDIC/Secex.

## Informações econômicas da agropecuária

Tabela 22/II. Valor bruto da produção, consumo intermediário e produto interno bruto, segundo a atividade econômica do setor primário – Santa Catarina - 2002-05<sup>(1)</sup>

(R\$)

Grupo de atividade econômica	Valor bruto da produção			
	2002	2003	2004 <sup>(2)</sup>	2005 <sup>(3)</sup>
Lavouras, horticultura, floricultura	2.926.375.794	4.529.542.719	4.786.528.600	4.127.794.122
Pecuária	4.451.023.506	5.576.550.936	6.410.778.244	6.647.485.153
Indústria rural	424.394.689	514.034.907	556.532.448	561.051.982
Silvicultura	697.011.293	913.500.254	1.042.237.723	1.351.678.394
Extração vegetal	46.205.374	60.165.695	64.695.687	77.485.694
Prod. part. do pessoal residente	8.675.457	12.761.193	14.182.524	14.082.187
<b>Total</b>	<b>8.553.686.112</b>	<b>11.606.555.703</b>	<b>12.874.955.226</b>	<b>12.779.577.530</b>
Consumo intermediário	2.830.751.121	3.564.017.580	4.058.882.883	4.224.133.875
Produto interno bruto	5.722.934.991	8.042.538.123	8.816.072.343	8.555.443.656

<sup>(1)</sup>Não inclui pesca e aqüicultura.

<sup>(2)</sup>Estimativa.

<sup>(3)</sup>Dados preliminares.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 23/II. Valor bruto da produção dos principais produtos da agropecuária catarinense – 2002-05

(R\$ mil)

Produto	Ano			
	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>	2005 <sup>(2)</sup>
Arroz	291.242	606.046	632.749	431.165
Alho	30.321	31.831	43.542	73.873
Batata-inglesa	47.897	60.664	52.164	70.235
Cana-de-açúcar	30.595	45.101	56.523	67.645
Cebola	132.690	161.028	159.576	130.263
Feijão	149.995	223.479	134.697	131.391
Fumo	644.136	812.752	1.176.156	241.992
Mandioca	48.615	84.139	111.089	71.588
Milho	666.548	1.188.931	993.309	798.608
Soja	211.033	403.675	483.912	296.340
Tomate	58.320	82.934	80.664	80.889
Trigo	41.299	52.241	67.989	34.320
Banana	99.501	128.126	176.002	125.069
Laranja	17.429	27.196	17.667	16.417
Maçã	242.222	296.859	252.955	264.701
Uva	20.244	23.814	29.746	19.245
Carvão Vegetal <sup>(3)</sup>	2.282	2.534	2.992	3.297
Erva-mate <sup>(3)</sup>	16.478	15.996	16.122	19.379
Lenha <sup>(3)</sup>	22.719	32.272	35.484	41.480
Madeira em toras <sup>(3)</sup>	4.227	8.713	9.398	12.491
Madeiras para papel <sup>(4)</sup>	112.541	160.153	184.690	248.491
Toras para outras finalidades <sup>(4)</sup>	388.541	503.140	566.845	718.740

(Continua)

## Informações econômicas da agropecuária

(Continuação)

(R\$ mil)

Produto	Ano			
	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>	2005 <sup>(2)</sup>
Lenha <sup>(4)</sup>	59.466	71.359	86.650	119.811
Bovino <sup>(5)</sup>	596.797	684.639	692.476	647.747
Suíno <sup>(5)</sup>	1.480.375	1.776.383	2.272.338	2.508.520
Frango <sup>(5)</sup>	1.732.022	2.128.138	2.353.284	2.309.675
Leite <sup>(5)</sup>	411.741	616.665	718.746	815.663
Lã	311	771	1.269	990
Ovos de galinha	171.096	301.735	303.248	291.421
Mel	24.373	25.906	20.349	22.413
Camarão	18.050	30.886	32.636	18.757
Ostra	6.390	8.745	10.377	6.650
Mexilhão	11.233	11.060	14.211	14.681
Peixes de águas interiores	35.505	34.709	37.064	44.663
<b>Total</b>	<b>7.826.234</b>	<b>10.642.621</b>	<b>11.826.920</b>	<b>11.698.609</b>

(...) Dado desconhecido.

<sup>(1)</sup>Dados preliminares.

<sup>(2)</sup>Estimativa.

<sup>(3)</sup>Produtos da extração vegetal.

<sup>(4)</sup>Produtos da silvicultura.

<sup>(5)</sup>Estimativa Epagri/Cepa (produção de leite e abates totais).

Nota: Para o último ano o valor da produção foi estimado com base nos preços da Epagri/Cepa.

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Tabela 24/II. Índice de produtividade das principais culturas - Santa Catarina - 1986-005

(ano base 1985 = 100)

Ano	Alho	Arroz	Banana	Batata-inglesa	Cebola	Feijão	Fumo em folha	Maçã	Man-dioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Uva
1986	102,63	98,20	100,97	81,29	92,13	52,62	92,25	108,71	107,98	89,10	97,01	83,78	82,98	85,84
1987	108,71	100,73	97,74	94,80	110,95	77,01	89,62	97,28	120,63	104,88	93,77	112,96	96,26	78,73
1988	80,98	113,02	97,53	99,59	108,48	89,76	97,50	106,12	125,55	104,74	93,35	111,36	56,02	106,98
1989	108,65	113,88	91,54	98,43	87,94	92,16	95,99	114,33	129,27	116,54	112,26	127,02	100,13	106,38
1990	94,95	120,43	98,15	107,62	111,47	86,65	101,72	133,38	128,63	115,03	108,22	130,59	77,59	114,85
1991	96,82	130,91	97,35	95,07	110,63	62,60	96,02	108,17	129,84	63,02	69,38	128,31	98,93	78,47
1992	112,64	147,89	115,94	104,60	107,38	126,43	102,53	137,20	134,12	130,88	133,34	115,11	114,29	107,36
1993	122,45	132,44	124,81	118,73	107,42	110,11	100,91	178,47	134,90	136,95	147,25	153,12	98,49	112,82
1994	101,47	143,89	126,93	118,42	114,32	127,54	102,13	128,77	131,78	140,03	148,95	160,23	93,62	103,50
1995	103,98	147,94	103,41	110,54	106,72	108,03	94,23	135,87	135,68	150,09	161,82	152,42	113,37	98,61
1996	88,47	150,56	92,83	114,67	96,43	112,09	90,92	173,76	80,72	132,76	180,24	92,76	112,97	71,26
1997	100,29	160,59	112,82	110,33	108,73	124,45	107,70	189,66	116,73	156,79	179,03	147,69	72,40	92,42
1998	127,54	173,59	122,67	111,67	114,68	87,15	78,87	182,06	121,29	146,79	175,37	154,22	114,17	88,85
1999	135,80	194,26	131,79	110,47	165,39	105,70	109,07	186,87	134,39	150,23	159,31	149,78	141,63	83,04
2000	147,04	191,50	140,53	122,77	194,62	141,20	110,18	144,13	134,31	179,79	184,04	147,80	136,23	102,65
2001	146,75	210,96	137,45	131,84	161,01	150,47	106,97	172,64	139,63	196,20	200,20	154,64	121,33	93,87
2002	101,67	214,18	145,94	135,66	158,42	146,86	112,09	209,09	135,95	162,22	162,04	164,08	137,43	82,64
2003	143,36	233,43	140,55	137,37	163,55	171,04	99,23	203,70	141,88	219,65	206,40	166,20	171,85	86,76
2004	149,84	217,38	147,26	150,29	210,89	142,44	111,94	231,68	137,79	181,39	152,06	174,28	173,52	88,97
2005	161,86	221,54	144,75	149,71	184,30	131,34	108,00	192,08	137,22	147,74	127,58	172,26	137,67	86,72

Fonte: Epagri/Cepa.

## Preços agrícolas

Tabela 25/II. Preços mínimos vigentes, por produto, na Região Centro-Sul - 2004-07

(R\$)										
Ano	Mês	Arroz-irrigado (sc 50 kg)	Arroz-sequeiro (sc 60 kg)	Feijão (sc 60 kg)	Soja (sc 60 kg)	Milho (sc 60 kg)	Trigo (t)	Mandioca (raiz) (t)	Farinha mandioca (50 kg)	Fécula mandioca (kg)
2004	Jan.	20,00	7,95	47,00	11,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Fev.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Mar.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Abr.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Maio	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Jun.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Jul.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Ago.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Set.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Out.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Nov.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Dez.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
2005	Jan.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Fev.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Mar.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Abr.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Maio	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Jun.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Jul.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Ago.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Set.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Out.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Nov.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Dez.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
2006	Jan.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Fev.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Mar.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Abr.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Maio	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Jun.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Jul.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Ago.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Set.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Out.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Nov.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Dez.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
2007	Jan.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Fev.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Mar.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Abr.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Maio	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Jun.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Jul.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Ago.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	-	54,00	15,00	0,44
	Set.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	-	54,00	15,00	0,44
	Out.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	-	54,00	15,00	0,44
	Nov.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	-	54,00	15,00	0,44
	Dez.	22,00	11,13	-	14,00	14,00	-	54,00	15,00	0,44

Fonte: Conab.

## Preços agrícolas

Tabela 26/II. Preços médios mensais dos produtos vegetais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2006-07

Ano	Mês	Milho (sc 60kg) (Chapecó)	Soja (60kg) (Chapecó)	Feijão		Arroz Irrigado (50kg) (média SC)	Trigo		Cebola (20kg) (Rio do Sul)
				Preto (60kg) (Chapecó)	Carioca (60kg) (Chapecó)		Intermed. (60kg) (média SC)	Superior (60kg) (Média SC)	
2006	Jan.	...	...	...	..	...	...	...	...
	Fev.	14,50	26,38	65,00	67,35	17,60	19,41	19,64	8,15
	Mar.	12,29	24,13	78,37	67,63	17,50	19,30	18,00	9,22
	Abril	12,09	22,73	47,47	66,04	17,17	19,15	19,00	9,92
	Maio	12,81	24,00	46,00	49,82	16,25	19,00	19,18	8,63
	Jun.	13,40	24,63	43,55	43,60	18,00	19,00	19,95	9,25
	Jul.	13,00	25,14	40,48	40,48	19,31	19,00	20,29	...
	Ago.	13,14	24,70	42,00	42,00	19,43	19,00	20,50	...
	Set.	13,98	24,68	42,95	42,95	19,38	20,71	22,09	...
	Out.	15,55	26,88	45,00	45,00	20,26	24,25	25,62	...
	Nov.	17,64	29,64	43,67	43,67	22,44	25,42	27,59	4,78
	Dez.	17,43	29,77	41,57	46,36	23,00	25,50	27,71	4,11
2007	Jan.	...	...	...	..	...	...	...	...
	Fev.	17,50	29,53	37,67	37,40	19,27	24,88	26,86	7,32
	Mar.	17,48	28,89	38,00	40,18	19,84	24,50	26,67	8,77
	Abr.	16,12	26,94	36,17	40,56	21,94	24,50	26,67	8,82
	Maio	16,00	26,39	37,00	42,73	21,00	24,27	26,91	12,50
	Jun.	16,00	27,00	38,67	46,00	21,00	25,15	27,58	12,21
	Jul.	15,67	27,55	40,00	46,00	21,00	26,21	28,11	...
	Ago.	17,60	29,85	46,25	49,10	21,00	28,60	29,30	...
	Set.	20,79	33,96	55,00	55,00	21,95	29,38	31,38	...
	Out.	20,64	35,59	55,00	55,00	22,00	28,38	30,12	...

(Continua)

## Preços agrícolas

(Continuação)

Ano	Mês	Batata suja Espec. 1ª (sc 50kg) (média SC)	Alho Tp. 5 (kg) (Curitib.)	Farinha mandioca grossa(kg) (Criciúma)	Mandioca (t) (Média SC)	Tomate Longa Vida AA (Fpolis) (cx 22/25kg)	Banana		Fumo estufa TO2 (kg)
							caturra (cx 20kg) (Norte)	prata (cx 20kg) (Sul)	
2006	Jan.	37,36	...	...	...	...	...	..	...
	Fev.	28,76	2,30	18,00	...	7,88	2,00	6,69	4,67
	Mar.	24,76	...	18,00	...	10,26	2,97	6,68	4,67
	Abril	24,56	3,51	17,12	...	21,88	6,03	8,53	4,67
	Maio	22,82	3,50	17,09	76,59	16,45	5,09	10,15	4,67
	Jun.	22,85	4,02	18,00	80,00	10,50	5,73	10,93	4,67
	Jul.	22,76	4,40	16,57	81,42	10,48	7,47	11,71	4,67
	Ago.	20,24	...	16,91	80,45	10,36	6,00	11,32	4,67
	Set.	20,10	...	17,84	80,00	20,53	6,00	11,00	4,67
	Out.	23,67	...	19,05	80,00	23,75	9,25	11,00	4,67
	Nov.	20,36	...	23,11	...	23,61	7,17	11,00	4,67
	Dez.	17,39	...	25,67	...	17,00	3,33	11,00	4,67
2007	Jan.	37,36	...	...	...	...	...	..	...
	Fev.	11,50	2,56	25,00	...	24,40	2,25	9,87	4,67
	Mar.	13,20	2,90	23,72	115,00	31,36	4,64	10,23	4,67
	Abr.	16,39	3,20	23,06	117,78	21,39	4,88	10,00	4,67
	Maio	20,79	3,04	24,00	113,41	17,77	3,08	10,00	4,67
	Jun.	23,64	3,00	25,00	110,00	15,84	2,67	10,00	4,67
	Jul.	23,86	3,00	24,62	107,38	15,00	4,19	10,00	4,67
	Ago.	25,95	3,00	25,00	102,75	19,78	4,67	10,00	4,67
	Set.	25,65	...	26,37	100,00	22,05	7,08	10,37	4,67
	Out.	36,33	...	28,00	100,00	21,73	6,45	11,00	4,67

Nota: Os preços referem-se a média aritmética simples dos preços mais comuns registrados diariamente nas principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 27/II. Preços médios de insumos e fatores de produção em Santa Catarina - 2006-07

Discriminação	Unidade	(R\$)						
		2006				2007		
		Fevereiro	Mai	Agosto	Novembro	Fevereiro	Mai	Agosto
<b>Alimentos para animais</b>								
Farelo de soja	kg	0,68	0,60	0,60	0,66	0,67	0,60	0,64
Farelo de trigo	sc 30kg	10,23	8,60	8,25	10,16	9,68	9,45	10,32
Núcleo para suínos - crescimento	kg	1,72	1,79	1,89	1,87	1,92	1,96	1,76
Núcleo para suínos - terminação	kg	1,52	1,58	1,57	1,59	1,67	1,67	1,37
Ração para aves (final)	sc 25kg	17,31	16,86	17,41	18,02	18,30	18,51	18,93
Ração para aves (inicial)	sc 25kg	18,67	17,71	17,95	18,40	18,80	19,23	19,38
Ração para bovinos de leite	sc 25kg	15,76	15,30	15,50	16,14	15,83	17,00	15,57
Ração para suínos engorda	sc 25kg	15,70	14,85	15,62	16,46	16,01	15,70	16,11
Ração para suínos inicial	sc 25kg	19,74	18,93	19,32	19,70	19,48	19,65	19,19
<b>Combustíveis</b>								
Diesel	L	1,88	1,90	1,88	1,88	1,88	1,89	1,86
Gás butano	but 13kg	34,25	34,87	35,49	35,14	35,60	35,34	35,15
Gasolina	L	2,58	2,63	2,57	2,58	2,57	2,59	2,55
<b>Defensivos agrícolas - Fungicidas</b>								
Amistar 500wg	100g	47,90	49,40	47,75	48,16	47,98	47,95	45,46
Calda Sulfocalcica	20L	49,78	45,52	45,69	45,12	43,26	52,30	43,06
Captan 50 Pm	kg	22,70	23,10	24,30	24,42	26,69	22,72	22,52
Cercobin 500 Sc	L	41,50	37,15	37,51	35,56	40,16	34,96	32,39
Curzate Br	2kg	82,88	71,13	70,09	68,26	74,73	71,28	71,91
Dacobre Pm	kg	29,67	29,33	29,26	29,72	28,76	28,50	29,14
Daconil Br 750	kg	39,24	38,80	36,17	34,48	34,67	33,12	33,07
Derosal 500 Sc	L	56,02	50,48	39,07	35,42	32,37	32,15	30,47
Dithane M-45	kg	17,48	17,02	16,05	15,45	14,76	14,99	13,82
Folicur 200 Ce	L	111,09	96,27	92,00	79,76	69,67	68,02	66,10
Funguram	kg	14,38	16,66	16,66	17,22	17,34	18,93	15,88
Manzate 800 Br	kg	18,61	17,11	16,00	15,78	15,59	14,72	13,70
Mertin 400	L	91,48	96,66	95,31	96,81	96,64	95,74	92,01
Ridomil Gold	kg	73,19	67,84	66,59	67,46	67,19	66,95	63,97
Rovral Sc	500g	87,69	81,74	79,30	75,89	82,27	79,08	67,93
Sumilex	kg	129,87	126,66	116,79	116,49	113,64	113,48	114,45
Tilt 250 Ce	L	114,04	96,79	93,33	94,34	95,58	91,75	80,82
<b>Defensivos agrícolas - Herbicidas</b>								
Afalon SC	L	81,27	80,30	79,84	78,92	76,65	75,87	72,61
Basagran 600	5L	208,26	221,10	194,27	196,22	197,40	196,54	182,31
Classic	300g	182,49	190,00	140,81	128,38	102,67	89,49	95,70
Cobra	L	82,47	77,79	69,46	67,73	69,40	65,91	68,74
Dma 806	L	18,63	17,53	17,20	16,43	16,51	17,16	16,78
Dual 960 CE Gold	5L	216,21	190,36	181,48	180,77	162,11	172,44	164,67
Facet 50 PM	kg	140,76	184,91	160,15	129,06	115,26	104,95	107,26
Flex	5L	289,36	272,21	264,49	246,52	241,67	235,24	229,01
Fusiflex	5L	292,61	277,04	266,97	258,53	255,70	261,00	245,30
Fusilade 125	L	64,34	61,70	60,92	57,89	57,54	58,80	55,42
Gamit 500 CE Azul	L	88,95	77,48	71,96	72,95	71,74	66,91	68,42
Glifosato Nortox	L	11,71	11,05	10,90	11,04	12,13	13,02	13,69
Gramocil	5L	126,38	114,93	111,93	109,39	111,04	113,08	111,33
Gramoxone 200	5L	141,44	130,01	127,20	123,04	122,09	123,56	116,62

(Continua)

## Preços agrícolas

(Continuação)

(R\$)

Discriminação	Unidade	2006				2007		
		Fevereiro	Mai	Agosto	Novembro	Fevereiro	Mai	Agosto
<b>Defensivos agrícolas</b>								
<b>- Herbicidas</b>								
Herbimix FW SC	5L	54,85	55,21	47,02	47,55	47,42	50,60	47,26
Pivot	5L	270,10	263,77	191,38	225,26	204,05	173,31	161,80
Poast	L	41,81	38,77	43,74	33,11	32,61	31,69	28,59
Podium S	L	61,19	55,61	55,57	44,41	45,88	42,11	40,04
Primatop SC	5L	58,94	56,36	53,37	53,67	51,82	53,49	46,90
Primestra 500 FW Gold	5L	105,42	103,67	100,82	97,53	96,66	97,63	93,46
Robust	500ml	69,19	65,08	63,58	62,54	61,62	62,26	60,45
Ronstar 250 BR SC	L	59,77	51,64	49,04	50,32	52,50	53,55	56,49
Roundup 480	L	12,41	11,48	11,38	11,68	13,52	14,72	14,84
Sanson 40 SC	L	94,32	88,52	82,78	81,16	71,64	70,44	68,15
Select	L	189,36	156,60	147,50	155,26	156,92	148,22	125,13
Sirius	300ml	226,15	222,98	214,57	208,52	209,98	206,53	200,00
Totril	L	108,10	105,93	94,88	93,42	91,11	92,74	89,63
<b>Defensivos agrícolas</b>								
<b>- inseticidas/acaricidas</b>								
Baculovirus Inset.Biológ.	5 doses	15,56	15,46	18,68	18,13	18,66	16,67	16,90
Decis 25 CE	250ml	15,64	14,97	14,15	13,28	11,85	12,56	11,37
Dipel PM (Biológico)	500g	39,63	29,09	30,39	31,56	35,18	39,19	43,21
Furadan 350	L	59,92	56,59	52,88	51,06	49,57	46,59	44,70
Gastoxim B (30 Pastilhas)	tubo	18,31	19,98	18,39	18,90	18,59	19,68	19,72
Karate 50 CS Zeon	L	55,26	50,34	48,31	48,76	48,68	50,61	47,82
K-Obiol OS	kg	15,71	15,93	15,28	15,51	15,61	16,20	15,90
Lebaycid 500	L	67,40	68,02	66,11	67,73	69,00	71,88	72,16
Lorsban 480 BR	L	29,89	28,74	27,55	27,51	26,65	26,26	25,03
Malatol / Malathion 500 CE	250ml	6,20	5,54	5,67	5,64	6,00	5,93	7,04
Mata Lesma	250g	4,93	5,13	5,07	5,45	5,24	5,00	5,37
Orthene 750 BR	500g	32,86	32,40	28,45	28,36	27,19	26,14	24,90
Semevin 350	L	74,89	75,73	63,98	64,26	64,27	70,78	72,22
Sevin 480 SC	5L	118,25	129,62	118,54	122,22	120,49	129,50	125,16
Tamaron	L	26,32	20,62	18,28	18,28	17,54	16,10	15,96
Trigardi 750	15g	18,03	16,08	16,04	15,48	16,58	16,61	16,94
<b>Fertilizantes e correlatos</b>								
Adubo 00-20-30	sc 50kg	36,85	33,13	32,36	33,82	31,70	37,53	37,27
Adubo 02-20-20	sc 50kg	34,71	31,00	29,83	30,91	30,93	36,67	35,64
Adubo 04-14-08	sc 50kg	29,15	26,94	26,52	27,98	27,60	31,59	32,02
Adubo 05-20-10	sc 50kg	31,32	29,24	28,88	30,00	30,56	35,72	35,96
Adubo 05-20-20	sc 50kg	34,09	32,30	31,53	32,42	32,77	37,73	39,43
Adubo 05-25-25	sc 50kg	40,32	37,70	35,56	36,86	37,57	42,27	43,98
Adubo 09-33-12	sc 50kg	42,36	40,23	36,99	38,83	39,79	46,87	47,39
Calcario a granel	t	63,78	59,04	58,08	59,94	60,69	62,67	63,02
Cloreto de potássio	sc 50kg	39,08	35,95	34,87	35,43	34,65	38,33	38,00
Superfosfato simples	sc 50kg	27,90	24,13	23,21	23,84	23,85	28,33	30,18
Superfosfato triplo	sc 50kg	41,72	37,01	37,67	38,83	39,60	46,94	50,54
Uréia	sc 50kg	42,58	39,69	39,54	40,45	43,40	48,99	45,01

(Continua)

## Preços agrícolas

(Continuação)

(R\$)

Discriminação	Unidade	2006				2007		
		Fevereiro	Maior	Agosto	Novembro	Fevereiro	Maior	Agosto
<b>Máquinas e equipamentos</b>								
Carreta 1 eixo 3-4t p/ trator	unidade	2.698,43	2.844,30	2.819,61	2.880,45	2.973,41	3.080,38	3.100,17
Colheitadeira automotriz média	unidade	315.826,19	303.522,22	296.421,11	293.911,11	291.430,66	291.252,39	313.349,58
Distrib. uréia 600kg polilileno	unidade	2.235,15	2.152,52	2.130,33	2.142,00	2.288,28	2.100,06	2.150,09
Eletrificador cerca até 20000	unidade	50,81	49,70	50,45	50,03	51,71	51,79	50,70
Microtrat. Yanmar Tc 14 (14cv) C	unidade	16.964,62	16.898,80	17.064,80	17.665,80	17.873,59	18.299,25	18.950,80
Ordenhadeira 2 baldes	unidade	4.074,86	3.836,75	3.896,97	4.042,66	3.933,71	3.950,00	4.180,47
Plantadeira 2l P. D.	unidade	12.860,61	9.723,57	9.047,38	9.243,81	9.445,11	9.570,00	9.424,38
Plantadeira 5l Pd	unidade	17.438,66	17.389,05	17.132,36	17.027,91	16.613,86	17.023,11	18.694,95
Plantadeira 1l Tracao Animal P.D	unidade	796,93	916,86	933,00	859,37	1.012,50	994,37	965,90
Pulveriz. Pj 600l	unidade	6.520,00	7.803,53	8.074,70	8.113,75	8.372,50	8.229,97	9.091,70
Pulveriz. Costal Manual 20l	unidade	160,25	161,33	161,16	167,92	164,68	163,64	161,63
Resfriador de leite-A granel 300 L	unidade	1.685,21	7.254,55	7.227,33	7.554,66	7.232,33	7.053,06	7.348,86
Saraqua inox c/ cx adubo	unidade	64,60	67,09	68,28	69,03	69,00	70,58	70,58
Trator Médio (75cv) 4x4	unidade	87.605,34	91.251,83	91.340,05	91.002,70	90.287,21	90.782,32	88.256,82
<b>Produtos veterinários</b>								
Ade injetável	10ml	3,76	3,47	3,75	4,63	4,56	4,59	3,77
Agrovet 5000000 UI	15ml	12,07	11,75	11,87	11,90	11,56	11,18	11,63
Aminovit stimovit (soro)	500ml	10,95	10,50	10,31	10,60	11,13	11,39	12,67
Anamastlite (bisnaga)	10ml	4,72	4,86	4,63	4,70	4,71	4,78	4,36
Azium	10ml	9,94	9,48	9,51	9,58	9,78	9,51	9,40
Butox pour-on	L	27,24	27,00	27,06	26,74	28,06	27,43	26,66
Cálcio injetável	200ml	8,34	7,64	7,79	8,04	7,61	7,38	8,32
Calminex	100g	15,58	15,06	14,90	14,90	14,67	15,17	15,33
Creolina pearson	500ml	11,38	10,87	11,49	11,69	11,96	11,93	12,17
D - 500	50ml	10,11	9,36	9,57	9,88	9,81	9,47	9,49
Desinfetante ortozol	L	17,45	27,42	27,42	27,42	29,17	30,17	36,95
Dose de sêmem	palheta	13,00	12,53	12,40	12,62	12,85	11,00	12,60
Ektoban	100ml	18,32	10,42	10,33	11,29	12,00	11,75	11,65
Ferro injetável	50ml	6,23	6,01	6,00	6,06	6,17	5,91	5,48
Ganaseg solução	30ml	25,85	24,96	25,02	24,98	25,15	23,99	24,46
Imisol injetável	15ml	34,07	32,95	33,22	33,22	33,05	33,33	33,44
Iodo glicerinado	200ml	9,49	9,35	9,40	9,54	9,84	9,52	10,19
landic	20ml	9,94	9,89	10,27	10,22	10,30	10,06	10,16
Mata bicheira	500ml	4,73	4,71	4,60	4,70	4,67	4,52	4,50
Mercepton	100ml	11,11	11,04	11,28	11,71	11,88	12,31	12,12
Neguvon	150g	20,40	22,76	22,47	22,36	22,75	23,26	23,62
Neguvon + assuntol	500g	62,43	59,95	62,20	62,32	64,02	63,09	59,17
Pencivet plus	15ml	12,44	12,09	11,96	11,99	11,90	11,90	11,91
Pentabiótico (ampola+diluyente)	7ml	7,79	8,62	8,24	8,16	8,04	7,90	9,92
Sarnicida (neocidol)	100ml	19,24	19,70	20,37	19,60	20,38	19,43	20,26
Solutetra injetável	20ml	5,33	5,42	5,24	5,26	5,42	4,87	4,83
Terramicina la (injetável)	20ml	7,03	6,44	6,62	6,58	6,80	6,35	6,57
Triatox cooper	200ml	15,54	14,97	14,54	14,26	14,17	14,14	14,28
Tribissem	15ml	7,58	7,56	7,58	7,54	7,48	7,28	7,18

(Continua)

## Preços agrícolas

(Continuação)

(R\$)

Discriminação	Unidade	2006				2007		
		Fevereiro	Mai	Agosto	Novembro	Fevereiro	Mai	Agosto
<b>Produtos veterinários</b>								
Vacina anti-rábica raivac	25 doses	9,34	13,88	13,35	13,47	14,31	14,29	15,77
Vacina carbúnculo sintomático	50ml	9,10	12,03	12,42	11,58	13,02	10,57	10,61
Vacina ibr	dose	6,42	6,02	6,10	6,32	7,04	6,85	6,53
Vacina leptospirose (bovinos)	dose	1,10	0,98	1,03	1,06	1,06	1,05	1,04
Vacina paratifo dos leitões	50ml	6,49	8,73	9,78	9,44	10,38	10,07	7,90
Vermífugo dectomax	50ml	18,33	18,13	18,49	18,61	18,25	17,93	18,08
Vermífugo ivomec (injetável)	50ml	17,89	16,74	17,08	17,33	17,22	16,90	17,31
Vermífugo panacur p/bovino 9%	25g	4,01	4,14	4,18	4,14	4,21	4,22	4,32
Vermífugo proverme	28g	1,92	1,80	1,82	1,88	1,85	1,79	1,84
Vermífugo ripercol I	100ml	9,25	9,34	9,19	9,43	9,26	9,04	9,08
Vetalgin	50ml	18,98	21,24	20,75	20,93	21,91	21,97	21,77
Vitagold potenciado	50ml	5,52	5,21	5,27	5,25	5,29	5,23	5,23
<b>Sementes</b>								
Arroz irrigado	sc 40kg	38,05	41,12	43,33	38,11	40,25	41,83	43,49
Cebola crioula	500g	236,77	172,85	184,01	191,86	197,30	174,56	80,97
Feijão carioca	kg	2,97	3,30	2,83	2,85	2,80	2,88	2,80
Feijão preto	kg	3,23	3,25	2,93	3,16	3,01	2,78	2,68
Milho híbrido duplo	60.000 sementes	110,93	107,42	99,81	102,89	99,96	121,33	102,32
Milho híbrido simples	60.000 sementes	173,97	178,20	189,16	188,83	193,55	201,33	206,09
Soja	sc 50kg	75,00	50,00	40,00	42,80	45,37	42,50	51,25
Trigo	sc 50kg		34,28	...	...	...	40,00	42,91
<b>Serviços</b>								
Diária trabalhador rural	unidade	29,11	28,88	32,81	32,95	33,49	33,56	35,26
Hora trator pneu médio aração	hora	58,61	60,19	62,14	64,40	66,78	65,71	69,85
Salário tratorista	mês	708,21	742,38	742,38	761,42	755,47	758,19	788,45

Nota: Os preços são levantados trimestralmente nas praças de Canoinhas, Chapecó, Floroanópolis, Jaraguá do Sul, Joaçaba, Rio do Sul, São Miguel do Oeste e Sul Catarinense.

Fonte: Epagri/Cepa.

## Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, com indicação das Mesorregiões, Microrregiões Geográficas e Municípios

---

### Mesorregião Oeste Catarinense

---

#### MRG São Miguel do Oeste

---

Anchieta  
Bandeirante  
Barra Bonita  
Belmonte  
Descanso  
Dionísio Cerqueira  
Guaraciaba  
Guarujá do Sul  
Iporã do Oeste  
Itapiranga  
Mondaí  
Palma Sola  
Paraíso  
Princesa  
Riqueza  
Romelândia  
Santa Helena  
São João do Oeste  
São José do Cedro  
São Miguel do Oeste  
Tunápolis

---

#### MRG Chapecó

---

Águas de Chapecó  
Águas Frias  
Bom Jesus do Oeste  
Caibi  
Campo Erê  
Caxambú do Sul  
Chapecó  
Cordilheira Alta  
Coronel Freitas  
Cunha Porã  
Cunhataí  
Flor do Sertão  
Formosa do Sul

---

(Continua)

(Continuação)

---

#### MRG Chapecó

---

Guatambu  
Iraceminha  
Iraí  
Jardinópolis  
Maravilha  
Modelo  
Nova Erechim  
Nova Itaberaba  
Novo Horizonte  
Palmitos  
Pinhalzinho  
Planalto Alegre  
Quilombo  
Saltinho  
Santa Terezinha do Progresso  
Santiago do Sul  
São Bernardino  
São Carlos  
São Lourenço do Oeste  
São Miguel da Boa Vista  
Saudades  
Serra Alta  
Sul Brasil  
Tigrinhos  
União do Oeste

---

#### MRG Xanxerê

---

Abelardo Luz  
Bom Jesus  
Coronel Martins  
Entre Rios  
Faxinal dos Guedes  
Galvão  
Ipuaçú  
Jupia  
Lajeado Grande

---

(Continua)

(Continuação)

## MRG Xanxerê

Marema  
Ouro Verde  
Passos Maia  
Ponte Serrada  
São Domingos  
Vargeão  
Xanxerê  
Xaxim

## MRG Joaçaba

Água Doce  
Arroio Trinta  
Caçador  
Calmon  
Capinzal  
Catanduvas  
Erval Velho  
Fraiburgo  
Herval do Oeste  
Ibiam  
Ibicaré  
Iomerê  
Jaborá  
Joaçaba  
Lacerdópolis  
Lebon Régis  
Luzerna  
Macieira  
Matos Costa  
OuroPinheiro Preto  
Rio das Antas  
Salto Veloso  
Tangará  
Treze Tilias  
Vargem Bonita  
Videira

## MRG Concórdia

Alto bela Vista  
Arabutã  
Arvoredo  
Concórdia  
Ipira  
Ipumirim  
Irani  
Itá  
Lindóia do Sul  
Paial  
Peritiba  
Piratuba  
Presidente Castelo Branco  
Seara  
Xavantina

(Continua)

(Continuação)

## Mesorregião Norte Catarinense

### MRG Canoinhas

Bela Vista do Toldo  
Canoinhas  
Irineópolis  
Itaiópolis  
Mafra  
Major Vieira  
Monte Castelo  
Papanduva  
Porto União  
Santa Terezinha  
Timbó Grande  
Três Barras

### MRG São Bento do Sul

Campo Alegre  
Rio Negrinho  
São Bento do Sul

### MRG Joinville

Araquari  
Balneário Barra do Sul  
Corupá  
Garuva  
Guaramirim  
Itapoá  
Jaraquá do Sul  
Joinville  
Massaranduba  
São Francisco do Sul  
Schroeder

## Mesorregião Serrana

### MRG Curitibaanos

Abdon Batista  
Brunópolis  
Campos Novos  
Curitibaanos  
Frei Rogério  
Monte Carlo  
Ponte Alta  
Ponte Alta do Norte  
Santa Cecília  
São Cristovão do Sul  
Vargem  
Zortéa

(Continua)

## Anexo I

(Continuação)

### MRG Campos de Lages

Anita Garibaldi  
Bocaina do Sul  
Bom Jardim da Serra  
Bom Retiro  
Campo Belo do Sul  
Capão Alto  
Celso Ramos  
Cerro Negro  
Correia Pinto  
Lages  
Otacílio Costa  
Painel  
Palmeira  
Rio Rufino  
São Joaquim  
São José do Cerrito  
Urubici  
Urupema

### Mesorregião Vale do Itajaí

### MRG Rio do Sul

Agronômica  
Aurora  
Braço do Trombudo  
Doma Emma  
Ibirama  
José Boiteux  
Laurentino  
Lontras  
Mirim Doce  
Pouso Redondo  
Presidente Getúlio  
Presidente Nereu  
Rio do Campo  
Rio do Oeste  
Rio do Sul  
Salete  
Taió  
Trombudo Central  
Vitor Meireles  
Witmarsum

### MRG Blumenau

Apiuna  
Acurrá  
Benedito Novo  
Blumenau  
Botuverá  
Brusque  
Doutor Pedrinho  
Gaspar

(Continua)

(Continuação)

### MRG Blumenau

Guabiruba  
Indaial  
Luiz Alves  
Pomerode  
Rio dos Cedros  
Rodeio  
Timbó

### MRG Itajaí

Balneário Camboriú  
Barra Velha  
Bombinhas  
Camboriú  
Ilhota  
Itajaí  
Itapema  
Navegantes  
Penha  
Piçarras  
Porto Belo  
São João do Itaperiú

### MRG Ituporanga

Agrolândia  
Atalanta  
Chapadão do Lajeado  
Imbuia  
Ituporanga  
Petrolândia  
Vidal Ramos

### Mesorregião Grande Florianópolis

### MRG Tijucas

Angelina  
Canelinha  
Leoberto Leal  
Major Gercino  
Nova Trento  
São João Batista  
Tijucas  
Antônio Carlos  
Biguaçu  
Florianópolis  
Governador Celso Ramos  
Palhoça  
Paulo Lopes  
Santo Amaro da Imperatriz  
São José  
São Pedro de Alcântara

(Continua)

(Continuação)

**MRG Tabuleiro**

Águas Mornas  
Alfredo Wagner  
Anitápolis  
Rancho Queimado  
São Bonifácio

**Mesorregião Sul Catarinense**

**MRG Tubarão**

Armazém  
Braço do Norte  
Capivari de Baixo  
Garopaba  
Grão Pará  
Gravatal  
Imaruí  
Imbituba  
Jaguaruna  
Laguna  
Orleans  
Pedras Grandes  
Rio Fortuna  
Sangão  
Santa Rosa de Lima  
São Ludgero  
São Martinho  
Treze de Maio  
Tubarão

(Continua)

(Continuação)

**MRG Criciúma**

Cocal do Sul  
Criciúma  
Forquilha  
Içara  
Lauro Müller  
Morro da Fumaça  
Nova Veneza  
Siderópolis  
Treviso  
Urussanga

**MRG Araranguá**

Araranguá  
Balneário Arroio do Silva  
Balneário Gaivota  
Ermo  
Jacinto Machado  
Maracajá  
Meleiro  
Morro Grande  
Passo de Torres  
Praia Grande  
Santa Rosa do Sul  
São João do Sul  
Sombrio  
Timbé do Sul  
Turvo

Fonte: IBGE.

### Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, segundo as Secretarias de Desenvolvimento Rural

<b>Araranguá</b>	Araranguá Balneário Arroio do Silva Balneário Gaivota Ermo Jacinto Machado Maracajá Meleiro Morro Grande Passo de Torres Praia Grande Santa Rosa do Sul São João do Sul Sombrio Timbé do Sul Turvo	<b>Campos Novos</b>	Abdon Batista Brunópolis Campos Novos Celso Ramos Ibiam Monte Carlo Vargem Zortéa
<b>Blumenau</b>	Benedito Novo Blumenau Doutor Pedrinho Gaspar Indaial Pomerode Rio dos Cedros Rodeio Timbó	<b>Canoinhas</b>	Bela Vista do Toldo Canoinhas Irineópolis Major Vieira Porto União Três Barras
<b>Brusque</b>	Botuverá Brusque Canelinha Guabiruba Major Gercino Nova Trento São João Batista Tijucas	<b>Chapecó</b>	Águas Frias Caxambú do Sul Chapecó Cordilheira Alta Coronel Freitas Guatambú Nova Erechim Nova Itaberaba Planalto Alegre Serra Alta Sul Brasil
<b>Caçador</b>	Caçador Calmon Lebon Régis Macieira Matos Costa Rio das Antas Timbó Grande	<b>Concórdia</b>	Alto Bela Vista Arabuta Arvoredo Concórdia Ipira Ipumirim Irani Itá Jaborá Lindóia do Sul Paial Peritiba Piratuba Presidente Castelo Branco Seara Xavantina

(Continua)

(Continua)

(Continuação)

<b>Criciúma</b>	Cocal do Sul Criciúma Forquilha Içara Lauro Müller Morro da Fumaça Nova Veneza Orleans Siderópolis Treviso Urussanga
<b>Curitiba</b>	Curitiba Frei Rogério Ponte Alta do Norte Santa Cecília São Cristovão do Sul
<b>Dionísio Cerqueira</b>	Anchieta Dionísio Cerqueira Guarujá do Sul Palma Sola Princesa São José do Cedro
<b>Grande Florianópolis</b>	Agua Mornas Angelina Anitápolis Antônio Carlos Biguaçu Florianópolis Governador Celso Ramos Palhoça Rancho Queimado Santo Amaro da Imperatriz São Bonifácio São José São Pedro de Alcântara
<b>Ibirama</b>	Apiuna Ascurra Dona Emma Ibirama Jose Boiteux Lontras Presidente Getúlio Presidente Nereu Vitor Meireles Witmarsum

(Continua)

(Continuação)

<b>Itajaí</b>	Balneário Camboriú Bombinhas Camboriú Ilhota Itajaí Itapema Luiz Alves Navegantes Penha Piçarras Porto Belo
<b>Ituporanga</b>	Agrolândia Alfredo Wagner Atalanta Aurora Chapadão do Lajeado Imbuia Ituporanga Leoberto Leal Petrolândia Vidal Ramos
<b>Jaraguá do Sul</b>	Corupá Guaramirim Jaraguá do Sul Massaranduba Schroeder
<b>Joaçaba</b>	Água Doce Capinzal Catanduvas Erval Velho Herval do Oeste Ibicaré Joaçaba Lacerdópolis Luzerna Ouro Treze Tilias Várgem Bonita
<b>Joinville</b>	Araquari Balneário Barra do Sul Barra Velha Garuva Itapoá Joinville São Francisco do Sul São João do Itaperiú

(Continua)

## Anexo II

(Continuação)

Lages	Anita Garibaldi Bocaina do Sul Campo Belo do Sul Capão Alto Cerro Negro Correia Pinto Lages Otacílio Costa Painel Palmeira Ponte Alta São José do Cerrito
Laguna	Garopaba Imarui Imbituba Jaguaruna Laguna Paulo Lopes
Mafra	Campo Alegre Itaiópolis Mafra Monte Castelo Papanduva Rio Negrinho São Bento do Sul
Maravilha	Bom Jesus do Oeste Flor do Sertão Iraceminha Maravilha Modelo Pinhalzinho Romelândia Saltinho Santa Terezinha do Progresso São Miguel da Boa Vista Saudades Tigrinhos
Palmitos	Águas de Chapecó Caibi Cunha Porã Cunhatai Mondai Palmitos Riqueza São Carlos Urupema

(Continua)

(Continuação)

Rio do Sul	Agronômica Braço do Trombudo Laurentino Mirim Doce Pouso Redondo Rio do Campo Rio do Oeste Rio do Sul Salette Santa Terezinha Taio Trombudo Central
São Joaquim	Bom Jardim da Serra Bom Retiro Rio Rufino São Joaquim Urubici
São Lourenço do Oeste	Campo Erê Coronel Martins Formosa do Sul Galvão Iraí Jardinópolis Jupia Novo Horizonte Quilombo Santiago do Sul São Bernardino São Lourenço do Oeste União do Oeste
São Miguel do Oeste	Bandeirante Barra Bonita Belmonte Descanso Guaraciaba Iporã do Oeste Itapiranga Paraiso Santa Helena São João do Oeste São Miguel do Oeste Tunápolis

(Continua)

(Continuação)

Tubarão

Armazém  
Braço do Norte  
Capivari de Baixo  
Grão Pará  
Gravatal  
Pedras Grandes  
Rio Fortuna  
Sangão  
Santa Rosa de Lima  
São Ludgero  
São Martinho  
Treze de Maio  
Tubarão

Videira

Arroio Trinta  
Fraiburgo  
Iomerê  
Pinheiro Preto  
Salto Veloso  
Tangará  
Videira

(Continua)

(Continuação)

Xanxerê

Abelardo Luz  
Bom Jesus  
Entre Rios  
Faxinal dos Guedes  
Ipuacú  
Lajeado Grande  
Marema  
Ouro Verde  
Passos Maia  
Ponte Serrada  
São Domingos  
Vargeão  
Xanxerê  
Xaxim

Fonte: Governo do Estado.

### Associações de municípios do Estado de Santa Catarina

---

#### Associação dos municípios da região da Grande Florianópolis - GRANFPOLIS

---

Águas Mornas  
Alfredo Wagner  
Angelina  
Anitápolis  
Antônio Carlos  
Biguaçu  
Canelinha  
Florianópolis  
Garopaba  
Governador Celso Ramos  
Leoberto Leal  
Major Gercino  
Nova Trento  
Palhoça  
Paulo Lopes  
Rancho Queimado  
Santo Amaro da Imperatriz  
São Bonifácio  
São João Batista  
São José  
São Pedro de Alcântara  
Tijucas

---

#### Associação dos municípios da Foz do Rio Itajaí - AMFRI

---

Balneário Camboriú  
Balneário Piçarras  
Bombinhas  
Camboriú  
Ilhota  
Itajaí  
Itapema  
Luiz Alves  
Navegantes  
Penha  
Porto Belo

---

#### Associação dos municípios do Médio Vale do Itajaí - AMMVI

---

Apiúna  
Ascurra  
Benedito Novo  
Blumenau  
Botuverá  
Brusque  
Doutor Pedrinho  
Gaspar  
Guabiruba

---

(Continua)

(Continuação)

---

#### Associação dos municípios do Médio Vale do Itajaí - AMMVI

---

Indaial  
Pomerode  
Rio dos Cedros  
Rodeio  
Timbó

---

#### Associação dos municípios do Nordeste de Santa Catarina - AMUNESC

---

Araquari  
Balneário Barra do Sul  
Campo Alegre  
Garuva  
Itapoá  
Joinville  
Rio Negrinho  
São Bento do Sul  
São Francisco do Sul

---

#### Associação dos municípios do Oeste de Santa Catarina - AMOSC

---

Águas de Chapecó  
Águas Frias  
Caxambu do Sul  
Chapecó  
Cordilheira Alta  
Coronel Freitas  
Formosa do Sul  
Guatambú  
Iraí  
Jardinópolis  
Nova Erechim  
Nova Itaberaba  
Pinhalzinho  
Planalto Alegre  
Quilombo  
Santiago do Sul  
São Carlos  
Serra Alta  
Sul Brasil  
União do Oeste

---

#### Associação dos municípios do Planalto Norte Catarinense - AMPLA

---

Itaiópolis  
Mafra  
Monte Castelo  
Papanduva

---

(Continua)

(Continuação)

### Associação dos municípios da Região Carbonífera - AMREC

Cocal do Sul  
Criciúma  
Forquilha  
Içara  
Lauro Müller  
Morro da Fumaça  
Nova Veneza  
Orleans  
Siderópolis  
Treviso  
Urussanga

### Associação dos municípios do alto Uruguai Catarinense - AMAUC

Alto Bela Vista  
Arabutã  
Arvoredo  
Concórdia  
Ipira  
Ipumirim  
Irani  
Itá  
Jaborá  
Lindóia do Sul  
Paial  
Peritiba  
Piratuba  
Presidente Castelo Branco  
Seara  
Xavantina

### Associação dos municípios da Região de Laguna - AMUREL

Armazém  
Braço do Norte  
Capivari de Baixo  
Grão Pará  
Gravatal  
Imaruí  
Imbituba  
Jaguaruna  
Laguna  
Pedras Grandes  
Rio Fortuna  
Sangão  
Santa Rosa de Lima  
São Ludgero  
São Martinho  
Treze de Maio  
Tubarão

(Continua)

(Continuação)

### Associação dos municípios da Região Serrana - AMURES

Anita Garibaldi  
Bocaina do Sul  
Bom Jardim da Serra  
Bom Retiro  
Campo Belo do Sul  
Capão Alto  
Cerro Negro  
Correia Pinto  
Lages  
Otacílio Costa  
Painel  
Palmeira  
Ponte Alta  
Rio Rufino  
São Joaquim  
São José do Cerrito  
Urubici  
Urupema

### Associação dos municípios do alto Vale do Rio do Peixe - AMARP

Arroio Trinta  
Caçador  
Calmon  
Curitibanos  
Fraiburgo  
Frei Rogério  
Ibiam  
Iomerê  
Lebon Régis  
Macieira  
Matos Costa  
Pinheiro Preto  
Ponte Alta do Norte  
Rio das Antas  
Salto Veloso  
Santa Cecília  
São Cristóvão do Sul  
Timbó Grande  
Videira

### Associação dos municípios do Alto Vale do Itajaí - AMAVI

Agrolândia  
Agronômica  
Atalanta  
Aurora  
Braço do Trombudo  
Chapadão do Lajeado  
Dona Emma  
Ibirama  
Imbuia

(Continua)

## Anexo III

(Continuação)

### Associação dos municípios do Alto Vale do Itajaí - AMAVI

Ituporanga  
José Boiteux  
Laurentino  
Lontras  
Mirim Doce  
Petrolândia  
Pouso Redondo  
Presidente Getúlio  
Presidente Nereu  
Rio do Campo  
Rio do Oeste  
Rio do Sul  
Salete  
Santa Terezinha  
Taió  
Trombudo Central  
Vidal Ramos  
Vitor Meireles  
Witmarsum

### Associação dos municípios do Meio Oeste Catarinense - AMMOC

Água Doce  
Capinzal  
Catanduvas  
Ercal Velho  
Herval do Oeste  
Ibicaré  
Jaborá  
Joaçaba  
Lacerdópolis  
Luzerna  
Ouro  
Tangará  
Treze Tilias  
Vargem Bonita

### Associação dos municípios do Extremo Oeste Catarinense - AMEOSC

Anchieta  
Bandeirante  
Barra Bonita  
Belmonte  
Descanso  
Dionísio Cerqueira  
Guaraciaba  
Guarujá do Sul  
Iporã do Oeste  
Itapiranga  
Mondai  
Palma Sola  
Paraíso

(Continua)

(Continuação)

### Associação dos municípios do Extremo Oeste Catarinense - AMEOSC

Princesa  
Santa Helena  
São João do Oeste  
São José do Cedro  
São Miguel do Oeste  
Tunápolis

### Associação dos municípios do Alto Irani - AMAI

Abelardo Luz  
Bom Jesus  
Entre Rios  
Faxinal dos Guedes  
Ipuaçú  
Lajeado Grande  
Marema  
Ouro Verde  
Passos Maia  
Ponte Serrada  
São Domingos  
Vargeão  
Xanxerê  
Xaxim

### Associação dos municípios do Vale do Itapocu - AMVALI

Barra Velha  
Corupá  
Guaramirim  
Jaraguá do Sul  
Massaranduba  
São João do Itaperiú  
Schroeder

### Associação dos municípios do Extremo Sul Catarinense - AMESC

Araranguá  
Balneário Arroio do Silva  
Balneário Gaivota  
Ermo  
Jacinto Machado  
Maracajá  
Meleiro  
Morro Grande  
Passo de Torres  
Praia Grande  
Santa Rosa do Sul  
São João do Sul  
Sombrio  
Timbé do Sul  
Turvo

(Continua)

(Continuação)

**Associação dos municípios da Região do Contestado - AMURC**

Bela Vista do Toldo  
Canoinhas  
Irineópolis  
Major Vieira  
Porto União  
Três Barras

**Associação dos municípios do Entre Rios - AMERIOS**

Bom Jesus do Oeste  
Caibi  
Cunha Porã  
Cunhataí  
Flor do Sertão  
Iraceminha  
Maravilha  
Modelo  
Palmitos  
Riqueza  
Romelândia  
Saltinho  
Santa Terezinha do Progresso  
São Miguel da Boa Vista  
Saudades  
Tigrinhos

(Continua)

(Continuação)

**Associação dos municípios do Noroeste Catarinense - AMNOROESTE**

Campo Erê  
Coronel Martins  
Galvão  
Jupia  
Novo Horizonte  
São Bernardino  
São Lourenço do Oeste

**Associação dos municípios do Planalto Sul Catarinense - AMPLASC**

Abdon Batista  
Brunópolis  
Campos Novos  
Celso Ramos  
Monte Carlo  
Vargem  
Zortéa

Fonte: Fecam.

**Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, com indicação das regiões hidrográficas e municípios**

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Município
RH-1 Extremo Oeste	Rio Peperi-Guaçu	Bandeirante Barra Bonita Belmonte Dionísio Cerqueira Guaraciaba Guarujá do Sul Itapiranga Paraíso Princesa Santa Helena São João do Oeste São José do Cedro São Miguel do Oeste Tunápolis
	Rio das Antas	Anchieta Caibi Campo Erê Cunha Porã Descanso Flor do Sertão Iporã do Oeste Iraceminha Maravilha Mondai Palma Sola Palmitos Riqueza Romelândia Santa Terezinha Progresso São Miguel da Boa Vista Tigrinhos

(Continua)

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Município
RH-2 Meio Oeste	Rio Chapecó	Abelardo Luz Águas de Chapecó Águas Frias Bom Jesus do Oeste Caxambu do Sul Cordilheira Alta Coronel Freitas Coronel Martins Cunhataí Entre Rios Formosa do Sul Galvão Guatambu Iguaçu Irati Jardinópolis Jupia Lajeado Grande Marema Modelo Nova Erechim Nova Itaberaba Novo Horizonte Ouro Verde Pinhalzinho Planalto Alegre Quilombo Saltinho Santiago do Sul São Bernadino São Carlos São Domingos São Lourenço do Oeste Saudades Serra Alta Sul Brasil União do Oeste
	Rio Irani	Arvoredo Bom Jesus Chapecó Faxinal dos Guedes Passos Maia Ponte Serrada Vargeão Xanxerê Xavantina Xaxim

(Continua)

## Anexo IV

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Município
RH-3 Vale do Rio do Peixe	Rio do Peixe	Arroio Trinta Caçador Calmon Capinzal Ervil Velho Fraiburgo Herval do Oeste Ibiam Ibicaré Iomerê Ipira Joaçaba Lacerdópolis Luzerna Macieira Ouro Peritiba Pinheiro Preto Piratuba Rio das Antas Salto Veloso Tangará Treze Tílias Videira
	Rio Jacutinga	Água Doce Alto Bela Vista Arabutã Catanduvas Concórdia Ipumirim Irani Itá Jaborá Lindóia do Sul Paial Presidente Castelo Branco Seara Vargem Bonita

(Continua)

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Município
RH-4 Planalto de Lages	Rio Canoas	Abdon Batista Anita Garibaldi Bocaina do Sul Bom Retiro Brunópolis Capão Alto Campo Belo do Sul Campos Novos Celso Ramos Cerro Negro Correa Pinto Curitibanos Frei Rogério Lages Lebon Regis Monte Carlo Otacílio Costa Painel Palmeira Ponte Alta Ponte Alta do Norte Rio Rufino Santa Cecília São Cristóvão do Sul São José do Cerrito Urubici Vargem Zortéa
	Rio Pelotas	Bom Jardim da Serra São Joaquim Urupema
RH-5 Planalto de Canoinhas	Rio Negro	Campo Alegre Mafra Rio Negrinho São Bento do Sul Três Barras
	Rio Canoinhas	Bela Vista do Toldo Canoinhas Itaiópolis Major Vieira Monte Castelo Papanduva
	Rio Iguaçu	Irineópolis Matos Costa Porto União Timbó Grande

(Continua)

## Anexo IV

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Município
RH-6 Baixada Norte	Rio Cubatão	Garuva Itapoá Joinville São Francisco do Sul
	Rio Itapocu	Araquari Balneário Barra do Sul Barra Velha Corupá Guaramirim Jaraguá do Sul Massaranduba São João do Itaperiú Schroeder
RH-7 Vale do Itajaí	Rio Itajaí	Agrolândia Agronômica Alfredo Wagner Atalanta Aurora Apiuna Acurra Balneário Camboriú Benedito Novo Blumenau Botuverá Braço do Trombudo Brusque Camboriú Chapadão do Lajeado Dona Emma Doutor Pedrinho Gaspar Guabiruba Ibirama Ilhota Imbuia Indaial Itajaí Ituporanga José Boiteux Laurentino Lontras Luiz Alves Mirim Doce Navegantes Penha Petrolândia Piçarras Pomerode

(Continua)

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Município
RH-7 Vale do Itajaí	Rio Itajaí	Pouso Redondo Presidente Getúlio Presidente Nereu Rio do Campo Rio do Oeste Rio dos Cedros Rio do Sul Rodeio Salette Santa Terezinha Taió Timbó Trombudo Central Vidal Ramos Vitor Meirelles Witmarsum
RH-8 Litoral Centro	Rio Tijucas	Angelina Bombinhas Canelinha Governador Celso Ramos Itapema Leoberto Leal Major Gercino Nova Trento Porto Belo São João Batista Tijucas
	Rio Biguaçu	Antonio Carlos Biguaçu Florianópolis
	Rio Cubatão do Sul	Águas Mornas Palhoça Rancho Queimado Santo Amaro da Imperatriz São José São Pedro de Alcântara
	Rio da Madre	Garopaba Paulo Lopes
RH-9 Sul Catarinense	Rio D'Una	Imarui Imbituba
	Rio Tubarão	Anitápolis Armazém Braço do Norte Capivari de Baixo Grão Pará Gravatal Jaguaruna

(Continua)

## Anexo IV

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Município
RH-9 Sul Catarinense	Rio Tubarão	Laguna Lauro Müller Orleans Pedras Grandes Rio Fortuna Sangão Santa Rosa de Lima São Bonifácio São Ludgero São Martinho Treze de Maio Tubarão
RH-10 Extremo Sul Catarinense	Rio Urussanga	Cocal do Sul Içara Morro da Fumaça Urussanga
	Rio Araranguá	Araranguá Balneário Arroio do Silva Balneário Gaivota Criciúma Ermo Forquilha Jacinto Machado Maracajá Meleiro Morro Grande Nova Veneza Siderópolis Sombrio Timbé do Sul Treviso Turvo
	Rio Mampituba	Passos de Torres Praia Grande Santa Rosa do Sul São João do Sul

Fonte: IBGE.

**Consumo aparente de fertilizantes** - Quantidade de fertilizantes fornecida pela indústria, ainda que não tenha sido totalmente aplicada na lavoura, uma vez que parte deste volume pode encontrar-se estocada e desperdiçada.

**Cooperativa** - Sociedade ou empresa constituída por membros de determinado grupo econômico ou social, que objetiva desempenhar, em benefício comum, determinada atividade econômica.

**Erva-mate cancheada** - É a erva-mate que já passou pelo processo de sapeco e secagem e já foi triturada na cancha ou malhada; representa de 40% a 50% do peso da erva-mate em folha verde.

**Microrregião geográfica (MRG)** - Regionalização criada mediante a resolução PR nº 51, de 31/7/89, que aprova a divisão do Brasil em meso e microrregiões geográficas. Constituem áreas individualizadas, em cada estado, que apresentam formas de organização do espaço com identidade regional, definidas pelas seguintes dimensões: processo social como determinante, quadro natural como condicionante e rede de comunicação e de lugares como elementos de articulação espacial. O estado de Santa Catarina divide-se em 20 microrregiões e seis mesorregiões.

**Pessoal ocupado** - Pessoas que, em caráter permanente ou eventual, exercem ocupação remunerada ou não, diretamente ligadas a atividades desenvolvidas no estabelecimento.

**População residente** - Constituída pelas pessoas moradoras no domicílio.

**População rural** - População recenseada fora dos limites da área urbana, inclusive nos aglomerados rurais (povoados, arraiais, etc).

**População urbana** - Pessoas recenseadas nas cidades, vilas e áreas urbanas isoladas, conforme delimitação das respectivas prefeituras municipais.

**Precipitação pluviométrica** - Processo pelo qual a água condensada na atmosfera atinge gravitacionalmente a superfície terrestre.

**Preços médios ponderados** - Média dos preços mensais recebidos pelo produtor, ponderados pelas quantidades mensais comercializadas ao longo do ano.

**Produção** - Resultado da atividade econômica desenvolvida pelo estabelecimento em dado período, medida em termos de quantidade.

**Produção extrativa vegetal** - Produção de produtos vegetais obtida de espécies florestais nativas.

**Produto** - Resultado de qualquer atividade específica.

**Produto Interno Bruto (PIB)** - Medida, em unidade monetária, do fluxo total de bens e serviços finais produzidos pelo sistema econômico, em determinado período. Corresponde, portanto, ao Valor Bruto da Produção menos o consumo intermediário.

**Semente fiscalizada** - Resultante da multiplicação da semente básica, produzida em campos específicos, de acordo com as normas estabelecidas pela entidade fiscalizadora e responsável pela qualificação do produto.

**Setor terciário** - Campo de ação que compreende basicamente o comércio de mercadorias, transporte, comunicações, prestação de serviços, atividades sociais e administração pública.

**Situação de domicílio** - Classificação da população segundo a localização do domicílio nas áreas urbanas ou rurais, definidas por lei municipal.

**Temperatura** - Aquecimento ou resfriamento do ar, governado pelo balanço da radiação solar na superfície terrestre.

**Temperatura máxima** - Valor máximo da temperatura que ocorre no período de um dia (24 horas).

**Temperatura mínima** - Valor mínimo da temperatura que ocorre no período de um dia (24 horas).

**Umidade relativa do ar** - Água na fase de vapor que existe na atmosfera.

**Valor Bruto da Produção (VBP)** - Produto resultante da multiplicação da quantidade produzida pelo preço médio ao produtor, independente de terem ou não as mercadorias chegado ao mercado formal.

Fonte: FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Metodologia do censo agropecuário de 1980**. Rio de Janeiro, 1985. 247 p. (IBGE. Relatórios Metodológicos, 5).

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Metodologia das pesquisas agropecuárias anuais - 1981**. Rio de Janeiro, 1983. 230 p. (IBGE. Relatórios Metodológicos, 3).

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas e Inquéritos. **Pesquisas agropecuárias contínuas**. Rio de Janeiro, 1988. v. 1, n. 2, 360 p.

- Anuário Estatístico 2001-2006 [Anfavea]. São Paulo: Anfavea, 2006. Disponível em: <http://www.anfavea.com.br>
- Anuário Estatístico do Crédito Rural – 2000-2004. Brasília: BCB, 2000-2004. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br>
- Anuário Estatístico do Setor de Fertilizantes - 2001 - 2005. São Paulo: Anda, 2001-2006. Disponível em: <http://www.anda.org.br>
- Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas - Abraf. Disponível em: <http://www.abraflor.org.br/>
- Associação dos Fumicultores do Brasil – Afubra. Disponível em: <http://www.afubra.com.br/principal.php>
- Associação Nacional dos Fabricantes de veículos automotores – Anfavea. Anuário da Indústria Automobilística Brasileira. Disponível em: <http://www.anfavea.com.br>
- Associação Nacional para Difusão de Adubos - Anda. Anuário Estatístico do Setor de Fertilizantes. Disponível em: <http://www.anda.org.br>
- Banco Central do Brasil. Anuário Estatístico do Crédito Rural. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br>
- Brasil. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Aliceweb. Disponível em: <Http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br/>
- Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo – Ceagesp. Disponível em: <http://www.ceagesp.gov.br/>
- Companhia Nacional de Abastecimento - Conab. Preços Mínimos. Disponível em: <http://www.conab.gov.br>
- Conab. Preços Mínimos. Disponível em: <http://www.conab.gov.br>
- Fao. Base de Datos Estadísticos. Disponível em: <http://www.fao.org>
- Food and Agriculture Organization of the United Nations - Fao. Base de Datos Estadísticos. Disponível em: <http://www.fao.org>
- IBGE. Banco de Dados Agregados – Sidra. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>
- Instituto Brasileiro de Floricultura – Ibraflor. Disponível em: <http://www.ibraflor.com.br>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Banco de Dados Agregados – Sidra. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>
- MDIC/Secex. Indicadores – Alice web. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/indicadores>
- Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas - Sebrae. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/>
- United States Department of Agricultura - Usda. Disponível em: <www.usda.gov>
- Usda. <www.usda.gov>

### Lista de Figuras - Parte I

#### Desempenho da economia e da comercialização internacional de produtos do agronegócio

1. Exportações, por unidade da Federação - 2006 .....	28
2. Principais países compradores de produtos de agronegócio - Santa Catarina - 2006 .....	31
3. Principais países fornecedores de produtos de agronegócio para Santa Catarina - 2006 .....	33

#### Desempenho da produção vegetal

##### Alho

1. Evolução da produção brasileira - Safras 2000/01-2005/06 .....	35
2. Comportamento das importações brasileiras - 2001/06 .....	36
3. Evolução da produção catarinense - Safras 2000/01-2005/06 .....	37
4. Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2004-06 .....	39

##### Arroz

1. Arroz em casca - Preço médio mensal - Média estadual - Santa Catarina - 2004-06 .....	49
2. Arroz beneficiado - Preço médio mensal - Média estadual - Santa Catarina - 2004-06 .....	49

##### Banana

1. Banana-caturra - Média mensal dos preços - Santa Catarina - 2004-06 .....	60
2. Banana-prata - Média mensal dos preços - Santa Catarina - 2004-06 .....	60

##### Batata

1. Desempenho da produção brasileira - Safra 1999/00 a 2005/06 .....	61
2. Evolução da produtividade média - Brasil - Safra 1999/00 a 2005/06 .....	61
3. Evolução da produção - Santa Catarina - Safra 2001/02 a 2005/06 .....	63
4. Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2004-06 .....	64

##### Cebola

1. Desempenho da produção - Brasil - Safras 2001/02 a 2005/06 .....	66
2. Evolução da produtividade - Brasil - Safras 2001/02 a 2005/06 .....	66
3. Evolução da produção - Santa Catarina - Safras 2001/02 a 2005/06 .....	68
4. Preços médios recebidos pelos produtores - Santa Catarina - Safras 2003/04 a 2004/05 .....	69

##### Feijão

1. Principais produtores mundiais - 2005 .....	71
2. Produção da América do Sul - 2005 .....	71
3. Principais estados produtores - Safra 2005/06 .....	72
4. Feijão-carioca - Atacado de São Paulo - 2005-07 .....	73
5. Feijão-preto - Atacado de São Paulo - 2005-07 .....	73

##### Maçã

1. Preço médio no atacado - Médias - 2000-07 .....	88
2. Exportação - Quantidade e preço médio - Brasil - 2000-07 .....	88

3. Saldo comercial brasileiro - 1996-007 .....	89
4. Importação - Quantidade e preço médio - Brasil - 2000-7 .....	90

### Mandioca

1. Fécula in natura, dextrina e outros amidos modificados - Valor exportado pelo Brasil - 2000-07 .....	95
2. Raiz e derivados - Preços médios anuais - Região Sul Catarinense e Alto Vale do Itajaí - 2000-07 .....	97

### Milho

1. Principais produtores mundiais - Safra 2005/06 .....	100
2. Cotações internacionais - 2005-07 .....	101
3. Produção do Mercosul - Safra 2005/06 .....	102
4. Principais estados produtores - Brasil - Safra 2005/06 .....	103
5. Oferta e demanda - Santa Catarina - 2004-06 .....	103
6. Preços ao produtor de Chapecó - Santa Catarina - 2005-07 .....	104

### Soja

1. Principais países produtores - Safras 2005/06 .....	109
2. Evolução das cotações internacionais - 2005-07 .....	110
3. Produção do Mercosul - Safra 2005/06 .....	111
4. Principais estados produtores - Brasil - 2005 .....	111
5. Preços ao produtor de Chapecó - 2005-07 .....	113

### Uva e vinho

1. Produção de uvas nos principais estados - Percentual médio - Safras 2003/04 a 2006/07 .....	134
--	-----

### Flores e plantas ornamentais

1. Participação por estado/região na produção nacional - 2006 .....	139
2. Distribuição de área cultivada por categoria de produção e técnica de plantio - Brasil - 2002 .....	140
3. Distribuição dos canais de comercialização - Brasil - 2002 .....	143

### Desempenho da produção animal

#### Mel

1. Preço nominal (média anual) - 2000-07 .....	179
--	-----

### Desempenho da pesca e aqüicultura

#### Pesca e aqüicultura

1. Exportação brasileira - 2002-07 .....	181
2. Peixes cultivados - Principais espécies - Santa Catarina - 2005 .....	184
3. Evolução da piscicultura - Santa Catarina - 1996-006 .....	184
4. Truticultura - Evolução da produção - Santa Catarina - 1993-005 .....	185
5. Catfish - Estimativas da produção - Santa Catarina - 2003-06 .....	186
6. Mexilhões - Evolução da produção - Santa Catarina - 1995-006 .....	187
7. Ostra - Evolução da produção - Santa Catarina - 1995-006 .....	188
8. Carcinicultura - Evolução da produção - Santa Catarina - 2001/06 .....	189

## Lista de figuras e tabelas

### Desempenho do setor florestal

#### Florestal

1. Participação dos principais estados nas exportações de produtos florestais - Brasil - 2006 .....	197
2. Uso e cobertura do solo - Brasil - 2006 .....	198
3. Participação das espécies nos plantios florestais - Brasil - 2007 .....	198
4. Silvicultura - Produção brasileira de madeira em toras para uso industrial - 1997-005 .....	200
5. Participação dos estados na produção de madeira plantada destinada a papel e celulose - Brasil - 2005 .....	201
6. Participação dos estados na produção de madeira plantada destinada ao processamento mecânico - 2005 .....	202
7. Participação dos estados na produção extrativa de madeira em toras - Brasil - 2005 .....	203
8. Composição do consumo de madeira em tora de florestas plantadas por segmento - Brasil - 2006 .....	203
9. Exportações de madeira e suas obras - Brasil - 1994-006 .....	204
10. Exportações de móveis de madeiras e suas partes - Brasil - 1994-006 .....	208
11. Exportações de papel e celulose - Brasil - 1994-006 .....	209
12. Número de empresas do setor florestal, por segmento - Santa Catarina - 2005 .....	212
13. Número de empregados do setor florestal, por segmento - Santa Catarina - 2005 .....	212
14. Preços médios recebidos pelos produtores pelos principais produtos florestais - Santa Catarina - 1995-007 .....	215
15. Índice de evolução dos preços das principais matérias-primas florestais - Santa Catarina e do IGP-DI - maio/98-maio/007 .....	216
16. Participação das exportações de produtos florestais no total das exportações - Santa Catarina 1993-006 .....	217

### Lista de tabelas - Parte 1

### Desempenho da economia mundial e brasileira e da comercialização internacional do agronegócio

1. Evolução dos preços de exportação de commodities primárias - 1995-006 .....	14
2. Índices de quantum e de preços das exportações brasileiras segundo os principais mercados de destino - 1996-2006 ...	16
3. Exportações mundiais de mercadorias segundo regiões e países selecionados - 1996-005 .....	17
4. Importações mundiais de mercadorias segundo regiões e países selecionados - 1996-005 .....	19
5. Saldo da balança comercial de países selecionados - 2004-06 .....	20
6. Saldo da balança comercial do agronegócio catarinense - 1996-006 e Brasil - 2003-06 .....	22
7. Exportações - Santa Catarina - 2000-06 e Brasil - 2003-06 .....	23
8. Importações - Santa Catarina - 2000-06 e Brasil - 2003-06 .....	26
9. Exportações por Unidade da Federação - 1998-006 .....	28
10. Principais exportações catarinenses, de produtos do agronegócio, segundo os países de destino - 2006 .....	30
11. Principais importações catarinenses, de produtos do agronegócio, segundo os países de destino - 2006 .....	33

### Desempenho da produção vegetal

#### Alho

1. Área plantada, produção e rendimento obtido - Brasil - Safra 2005/06 .....	37
2. Área plantada, produção e rendimento obtido nas principais microrregiões geográficas - Santa Catarina - Safra 2005/06 .....	38
3. Área plantada, produção e rendimento por estado - Safra 2003/04 a 2005/06 .....	39

### Arroz

1. Evolução mundial da produção, área cultivada e rendimento médio - Safras 1998/99-2004/05 .....	40
2. Quantidade produzida nos dez principais países produtores - Evolução e participação - Safras 2002/03 a 2004/05 .....	40
3. Área plantada nos dez principais países produtores - Safras 2002/03 a 2004/05 .....	41
4. Rendimento médio nos dez principais países produtores - Mundo - Safras 2002/03 a 2004/05 .....	41
5. Quantidade produzida - Mercosul - Safras 2002/03 a 2004/05 .....	42
6. Área cultivada - Mercosul - Safras 2002/03 a 2004/05 .....	43
7. Produtividade - Mercosul - Safras 2002/03 a 2004/05 .....	43
8. Importações brasileiras, por país de origem - Safras 2003/04 a 2005/06 .....	44
9. Evolução da produção, área cultivada e rendimento no Brasil - Safras 2001/02 a 2005/06 .....	44
10. Produção brasileira e nos principais estados - Safras 2003/04 a 2005/06 .....	45
11. Área colhida nos principais estados brasileiros - Safras 2003/04 a 2005/06 .....	45
12. Rendimento médio nos principais estados brasileiros - Safras 2003/04 a 2005/06 .....	46
13. Quantidade produzida nas microrregiões geográficas - Santa Catarina - Safras 2003/04 a 2005/06 .....	46
14. Área colhida nas microrregiões geográficas - Santa Catarina - Safras 2003/04 a 2005/06 .....	47
15. Arroz irrigado - Rendimento médio nas principais microrregiões geográficas - Santa Catarina - Safras 2003/04 a 2005/06 .....	48
16. Arroz irrigado - Produção, área plantada e rendimento médio nos principais municípios - Santa Catarina - Safras 2004/05 a 2005/06 .....	48

### Banana

1. Evolução da cultura no mundo – 2001/05 .....	50
2. Área plantada, produção e rendimento médio nos vinte principais países produtores - 2004-05 .....	51
3. Principais Frutas – Quantidade produzida – Brasil – 2001/05 .....	52
4. Consumo per cápita das frutas mais consumidas no Brasil - 2001-05 .....	52
5. Área plantada e quantidade produzida no Brasil e nos estados – 2005/06 .....	53
6. Área, produção e rendimento médio nas microrregiões geográficas de Santa Catarina – 2004-05 .....	55
7. Área, produção e rendimento médio nos vinte principais municípios produtores de Santa Catarina – 2005-06 .....	55
8. Comportamento das exportações mundiais – 2001-05 .....	56
9. Comportamento das importações mundiais - 2001-05 .....	56
10. Principais países importadores - Comparativo e evolução - 2004-05 .....	57
11. Principais países exportadores – Comparativo e evolução - 2004-05 .....	57
12. Exportações brasileiras – 1998-006 .....	58
13. Evolução das exportações nos principais estados - Valores, quantidades e preços médios - Brasil - 2000-06 .....	58
14. Evolução das importações de banana brasileira pelos principais países compradores - Valores, quantidades e preços médios – 2000-06 .....	59

### Batata

1. Área plantada, produção e rendimento por estado - Brasil – Safra 2005/06 .....	62
2. Área plantada, produção e rendimento médio por microrregião produtora – Santa Catarina – Safra 2005/06 .....	64
3. Área plantada, produção e rendimento por estado - Brasil - Safras 2003/04 a 2005/06 .....	65

### Cebola

1. Área plantada, produção e rendimento obtido – Brasil – Safra 2005/06 .....	67
2. Área plantada, produção e rendimento por estado - Brasil - Safras 2003/04 a 2005/06 .....	70

### Feijão

1. Produção brasileira, por região e por período - Safras 2004/05 a 2005/06 .....	72
---	----

## Lista de figuras e tabelas

2. Balanço de oferta e demanda - Brasil - Safras 2003/04 a 2006/07 .....	72
3. Área, produção e rendimento médio mundial - 2003-05 .....	76
4. Área plantada, produção e rendimento médio por estado - Brasil - Safras 2004/05 a 2006/07 .....	76
5. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras 2004/05 a 2006/07 .....	77

### Fumo

1. Comparativo de safras - Brasil - Safras 1997/98 a 2006/07 .....	80
2. Comparativo de safras, segundo os estados e regiões do Brasil - Safras 2003/04 a 2005/06 .....	80
3. Quantidade produzida e exportada - Brasil - 1997-006 .....	81
4. Exportações brasileiras e catarinenses - 1997-006 .....	81
5. Comparativo de safras da Região Sul - Brasil - Safras 2004/05 a 2006/07 .....	81
6. Preço médio recebido pelos produtores, segundo os estados da Região Sul - Brasil - Safras 1997/98 a 2006/07 .....	82
7. Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul - Brasil - Safras 1997/98 a 2006/07 .....	82
8. Comparativo de safras - Santa Catarina - Safras 1996/97 a 2006/07 .....	82
9. Comparativo de safras, segundo as micro e mesorregiões geográficas - Santa Catarina - Safras 2003/04 a 2005/06 .....	83

### Maçã

1. Área colhida e produção, total e principais países – Safras 2002/03 a 2004/05 .....	84
2. Quantidade e valor das exportações mundiais e principais países – 2003-05 .....	85
3. Quantidade e valor das importações mundiais e principais países – 2003-05 .....	86
4. Área colhida e produção nos principais estados – Brasil – Safras 2003/04 a 2006/07 .....	87

### Mandioca

1. Raiz - Área colhida, produção mundial e principais países produtores – Safras 2002/03 a 2004/05 .....	92
2. Raiz e derivados - Quantidade e valor das exportações mundiais e principais países – 2003-05 .....	93
3. Raiz e derivados - Quantidade e valor das importações mundiais e principais países – 2003-05 .....	93
4. Raiz - Área colhida e produção nos principais estados produtores - Brasil – Safras 2004/05 a 2006/07 .....	94
5. Raiz e derivados - Variação percentual de preços ao produtor - Santa Catarina - 2002-2007 .....	97

### Milho

1. Oferta/demanda mundial e Norte-Americana – Safras 2005/06 a 2007/08 .....	100
2. Oferta/demanda - Argentina – Safras 2004/05 a 2006/07 .....	102
3. Oferta/demanda – Brasil – Safras 2003/04 a 2006/07 .....	103
4. Oferta/demanda - Santa Catarina – 2005-07 .....	106
5. Área, produção e rendimento mundial – Safras 2004/05 a 2006/07 .....	107
6. Área plantada, produção e rendimento por estado - Brasil - Safras 2003/04 a 2005/06 .....	107
7. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica – Santa Catarina - Safras 2004/05 a 2006/07 .....	108

### Soja

1. Soja-grão - Oferta/demanda mundial e Norte americana - Safras 2004/05 a 2006/07 .....	110
2. Complexo soja – Oferta/demanda – Brasil - Safras 2004/05 a 2005/06 .....	112
3. Área, produção e rendimento mundial – Safras 2004/05 a 2006/07 .....	114
4. Área plantada, produção e rendimento por estado - Brasil - Safras 2004/05 a 2006/07 .....	114
5. Área, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras 2004/05 a 2006/07 .....	115

### Tomate

1. Área, produção e rendimento médio nos principais países produtores, no mundo e comparativo das safras 2003/04 a 2004/05 .....	118
2. Exportações mundiais – Quantidade, valor e preço médio – 2001-05 .....	118
3. Área, produção e rendimento médio nos países sul-americanos - Safras 2003/04 a 2004/05 .....	119
4. Área, produção e rendimento médio nos principais estados brasileiros – Safras 2003/04 a 2004/05 .....	121
5. Importações, origem, quantidade e valor – Brasil - 2002-06 .....	121
6. Importações, destino, quantidade e preço médio – Brasil - 2002-06 .....	121
7. Importações, origem, quantidade e preço médio - Brasil - 2002-06 .....	122
8. Exportações, destino, quantidade e preço médio - Brasil – 2002-06 .....	122
9. Área, produção e rendimento médio nas microrregiões geográficas - Santa Catarina – Safras 2004/05 a 2005/06 .....	124
10. Área, produção e rendimento médio nos principais municípios - Santa Catarina – Safras 2003/05 a 2005/06 .....	125
11. Preços médios mensais no atacado, recebido pelos produtores e preços médios anuais– Santa Catarina - 2004-06 ...	125

### Trigo

1. Balanço mundial de oferta e demanda - Safras 2005/06 a 2007/08 .....	129
2. Produção mundial e dos principais países produtores - Safras 2005/06 a 2007/08 .....	129
3. Comparativo das safras - Brasil - Safras 1998/99 a 2007/08 .....	130
4. Comparativo de safras, segundo os estados - Safras 2004/05 a 2006/07 .....	130
5. Oferta e demanda brasileiras - Safras 2002/03 a 2007/08 .....	130
6. Trigo em grão - Quantidade importada - Brasil - 1997-06 .....	131
7. Farinha de trigo - Quantidade importada - Brasil - 1997-06 .....	131
8. Comparativo das safras - Santa Catarina - Safras 1998/99 a 2007/08 .....	131
9. Comparativo de safras, segundo as microrregiões geográficas - Santa Catarina - Safras 2004/05 a 2006/07 .....	132
10. Preços médios aos produtores - Santa Catarina - 2003-07 .....	132
11. Preços mínimos de garantia - Brasil - 2001-2007 .....	132

### Uva e vinho

1. Área destinada à colheita, produção e rendimento por estado - Safras 2004/05 a 2006/07 .....	134
---	-----

### Flores e plantas ornamentais

1. Balança comercial brasileira dos produtos da floricultura - 2005-07 .....	141
2. Balança comercial brasileira - Plantas vivas e produtos da floricultura, por grupo de produto - Brasil - 2006 .....	141
3. Exportação dos produtos da floricultura brasileira, por país de destino - 2005-06 .....	142
4. Evolução da floricultura catarinense - 1997-2007 .....	144
5. Indicadores variados, discriminados por segmento - Santa Catarina - 2004 .....	145
6. Configuração do processo produtivo por segmento - Santa Catarina - 2007 .....	145
7. Exportação de plantas vivas e produtos de floricultura - Brasil, São Paulo e Santa Catarina - 2002-07 .....	146

### Desempenho da produção animal

#### Carne bovina

1. Principais países do mercado - 2006-07 .....	150
2. Produção mensal - Brasil - 2002-05 .....	150
3. Balanço de oferta e demanda - Brasil - 2003-07 .....	150
4. Participação dos países nas exportações - Brasil - 2005-06 .....	151

## Lista de figuras e tabelas

5. Abates de bovinos - Brasil e Santa Catarina - 2001-06 .....	151
6. Boi gordo - Preço mensal ao produtor e no atacado - Santa Catarina - 2006-07 .....	151
7. Bovinos de corte - Abate total mensal - Santa Catarina - 2001-07 .....	152
8. Exportação brasileira e catarinense - 2000-07 .....	152

### Carne de frango

1. Principais países do mercado – 2006-07 .....	153
2. Cabeças abatidas por estado – Brasil - 2002-05 .....	153
3. Balanço de oferta e demanda – Brasil - 2002-07 .....	154
4. Preços do frango vivo e no atacado – Santa Catarina - Fev./2006 a jun./2007 .....	154
5. Disponibilidade interna – Brasil – 2003-07 .....	154
6. Abate mensal total (SIF, não SIF e auto-consumo) - Santa Catarina – 2001-07 .....	155
7. Exportação brasileira e catarinense – 2000-07 .....	155

### Carne suína

1. Principais países do mercado – 2006-07 .....	156
2. Produção brasileira por estado – 2002-06 .....	156
3. Balanço de oferta e demanda - Brasil – 2002-06 .....	157
4. Balanço de oferta e demanda - Santa Catarina – 2002-05 .....	157
5. Produção brasileira e catarinense – 2002-06 .....	157
6. Preços mensais pagos ao produtor - Chapecó/SC – 2006-07 .....	158
7. Matrizes suínas alojadas, nascidos e abatidos - Santa Catarina - 2004-08 .....	158
8. Evolução do plantel e da produção - Santa Catarina - 2002-08 .....	158
9. Abates totais e mensais - Santa Catarina - 2001-07 .....	159
10. Exportação catarinense - 2002-07 .....	159
11. Exportação brasileira e catarinense - 2000-07 .....	160
12. Produção brasileira - 2002-06 .....	160

### Leite

1. Produção mundial e dos principais países produtores - 2005-07 .....	164
2. Importações mundiais e dos principais países - 2005-07 .....	164
3. Exportações mundiais e dos principais países - 2005-07 .....	164
4. Produção brasileira, segundo os estados - 1985-2005 .....	165
5. Produção destinada à industrialização, segundo os estados - Brasil - 2000-06 .....	166
6. Leite e derivados - Importações e exportações brasileiras - 1997-06 .....	166
7. Leite e derivados - Importações brasileiras, segundo os principais países - 2004-06 .....	167
8. Produção catarinense, segundo as micro e mesorregiões – 1985-2005 .....	167
9. Produção inspecionada nas indústrias e postos de resfriamento - Santa Catarina - 2000-2003-006 .....	168
10. Produção destinada à industrialização - Santa Catarina - 2000-2003-06 .....	168
11. Preços médios recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2002-07 .....	169

### Mel

1. Quantidade produzida no mundo e nos principais países – 2003-05 .....	170
2. Quantidade e valor das exportações, total mundial e nos principais países - 2002-04 .....	171
3. Quantidade e valor das importações, total mundial e nos principais países - 2002-04 .....	172
4. Produção dos principais estados produtores - Brasil - 2001-05 .....	173
5. Valor e quantidade das exportações brasileiras, por país de destino - 2004-07 .....	175
6. Valor e quantidade das exportações, por estado - Brasil - 2004-07 .....	176
7. Preço médio das exportações - Média nacional e dos principais estados exportadores - Brasil - 2004-07 .....	177

8. Período de colheita, tipo de florada, número de colméia por apicultor e rendimento por colméia, por mesorregião - Santa Catarina - 2007 ..... 178
9. Quantidade produzida e participação percentual por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2002-05 ..... 179

### Desempenho da pesca e aquicultura

#### Pesca e aquicultura

1. Exportação catarinense - 2002-07 ..... 183

### Desempenho do setor florestal

#### Florestal

1. Área de florestas naturais e plantadas no mundo - 2005 ..... 190
2. Produção mundial de madeira em toras, segundo os principais países - 2002-05 ..... 191
3. Produção mundial de madeira em toras para uso industrial, segundo os principais países - 2002-05 ..... 192
4. Produção mundial de celulose, segundo os principais países - 2002-05 ..... 192
5. Produção mundial de papel e cartões, segundo os principais países - 2002-05 ..... 193
6. Valor das exportações mundiais de produtos florestais, segundo os principais países - 2002-05 ..... 193
7. Valor das importações mundiais de produtos florestais, segundo os principais países - 2002-05 ..... 194
8. Área plantada com pinus e eucalipto, por estado e área total dos plantios existentes - Brasil - 2006 ..... 199
9. Valor financiado pelos programas Pronaf Florestal e Propflora - Brasil - 2006 ..... 200
10. Produção das principais matérias-primas de origem florestal - Brasil - 2002-05 ..... 201
11. Consumo de madeiras em toras para uso industrial por espécie, segundo os principais segmentos industriais - Brasil - 2005-06 ..... 202
12. Produção e destino dos compensados - Brasil - 1995-005 ..... 204
13. Produção e destino da madeira serrada - Brasil - 1995-005 ..... 205
14. Produção e destino de produtos de maior valor agregado (pmva) - Brasil - 2000-05 ..... 205
15. Produção e destino dos painéis de madeira reconstituída - Brasil - 2000-06 ..... 207
16. Produção brasileira de papel e celulose - 2004-06 ..... 209
17. Produção dos principais produtos florestais - Santa Catarina - 2002-06 ..... 213
18. Preço médio de insumos e fatores de produção florestal - Santa Catarina - 2002-07 ..... 214
19. Preço médio dos principais produtos florestais - Santa Catarina - 2002-07 ..... 215
20. Exportação de produtos florestais - Santa Catarina - 2000-06 ..... 218

### Lista de tabelas - Parte II

#### Divisão política do território e informações climáticas

1. Área territorial, segundo os municípios - Santa Catarina - 2000 .....	219
2. Média das temperaturas mínimas mensais, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2006 .....	223
3. Média das temperaturas máximas mensais, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2006 .....	223
4. Umidade relativa média mensal, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2006 .....	224
5. Precipitação média mensal, as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2006 .....	224

#### Caracterização socioeconômica

6. População residente, segundo a situação de domicílios - Brasil e Santa Catarina - 2003-05 .....	225
7. População residente total, urbana e rural, por grupo de idade - Santa Catarina - 2003-05 .....	225
8. População residente total, rural e urbana, segundo os municípios - Santa Catarina - 2002 .....	226
9. Pessoas ocupadas, por sexo e grupo de atividade - Santa Catarina - 2003-05 .....	232
10. Pessoa ocupadas, por situação de domicílio, segundo os grupos de idade - Santa Catarina - 2003-05 .....	232
11. Domicílios particulares permanentes e indicadores de bem-estar, segundo a situação de domicílio - Santa Catarina - 2003-04 .....	233
12. Trabalhadores no agronegócio catarinense - 2002-05 .....	234

#### Estrutura de produção e comercialização

13. Cooperativas, segundo o tipo de atividade - Santa Catarina - 2002-06 .....	235
14. Cooperados, segundo o tipo de cooperativa - Santa Catarina - 2002-06 .....	235
15. Recebimento de produtos agropecuários pelas cooperativas, segundo os principais produtos - Santa Catarina - 2002-06 .....	236
16. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo - Santa Catarina - 2002-06 .....	236
17. Consumo aparente de fertilizantes, segundo o tipo - Santa Catarina - 2002-06 .....	237
18. Crédito rural concedido a produtores e cooperativas, segundo a finalidade - Santa Catarina - 2002-06 .....	237

#### Informações econômicas da agropecuária

19. Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais - Santa Catarina - Safra 2005/06-2006/07 .....	238
20. Exportações do agronegócio catarinense - 2002-07 .....	239
21. Importações do agronegócio catarinense - 2002-07 .....	240
22. Valor bruto da produção, consumo intermediário e produto interno de segundo a atividade econômica do setor primário - Santa Catarina - 2000-05 .....	241
23. Valor bruto da produção dos principais produtos da agropecuária catarinense - 2002-05 .....	241
24. Índice de produtividade das principais culturas - Santa Catarina - 1986-005 .....	242

#### Preços agrícolas

25. Preços mínimos vigentes, na Região Centro-Sul - 2004-07 .....	243
26. Preços médios mensais dos produtos vegetais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2006-07 .....	244
27. Preços médios de insumos e fatores de produção - Santa Catarina - 2006-07 .....	246

Agronegócio, 9-34  
Alho, 35-39  
Área territorial, 219-221  
Arroz, 40-49  
Associação de municípios, 258-261  
Bacias hidrográficas, 262-268  
Balanço de oferta e demanda, 238  
Banana, 50-60  
Batata, 61-65  
Calendário agrícola, 149  
Carne bovina, 150-152  
Carne de frango, 153-155  
Carne suína, 156-160  
Cebola, 66-70  
Commodities, 13-14  
Cooperativas, 235-236  
Crédito rural, 237  
Desempenho da economia, 9-34  
Desempenho do setor florestal, 190-218  
Divisão territorial, 250-268  
Domicílios particulares, 233  
Exportação, 15-34, 239  
Feijão, 71-77  
Fertilizantes, 237  
Flores e plantas ornamentais, 139-148  
Fumo, 78-83  
Importação, 15-34, 240  
Indústria de painéis reconstituídos, 206-207  
Indústria de móveis de madeira, 207-208  
Indústria de celulose e papel, 208-211  
Leite, 161-169

## *Índice remissivo*

---

Maçã, 84-91  
Mandioca, 92-99  
Máquinas agrícolas, 236  
Maricultura, 186-189  
Mel, 170-180  
Mexilhão, 187-188  
Microrregiões geográficas, 250-253  
Milho, 100-108  
Moluscos bivalves, 186-187  
Ostra, 188-189  
Pesca e aquíicultura, 181-186  
Pessoal ocupado, 232  
População residente, 225-231  
População rural, 225-231  
População urbana, 225-231  
Precipitação pluviométrica, 224  
Preços mínimos, 243  
Preços de insumos e fatores de produção, 246-249  
Preços recebidos pelos agricultores, 244-245  
Produção florestal, 190-218  
Produção vegetal, 35-149  
Produtividade agrícola, 242  
Produto interno bruto, 241  
Soja, 109-115  
Temperatura máxima, 223  
Temperatura mínima, 223  
Tomate, 116-125  
Trabalhadores no agronegócio, 234  
Trigo, 126-132  
Umidade relativa, 224  
Uva e vinho, 133-138  
Valor bruto da produção, 241-242